

30



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística
Rua Barão de Geremoabo, nº147; CEP: 40170-290 Campus Universitário - Ondina, Salvador - BA
Tel.: (71) 336-0790 / 8754 Fax: (71) 336-8355 E-mail: pglletba@ufba.br



**PROCESSOS DE INTENSIFICAÇÃO NA NORMA
URBANA CULTA DE SALVADOR**

por

CARLOS ALBERTO GONÇALVES LOPES

Orientador: Profª Drª Iracema Luíza de Souza

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Letras

CONSULTA

**SALVADOR
2000**



UNEB - DEP. IV - JAC

1960
REVISED

... of the ...
... and ...
... of the ...

... of the ...

... of the ...

...

... of the ...



... of the ...
... of the ...
... of the ...

Processos de Intensificação na Norma Urbana Culta de Salvador

Lopes, Carlos Alberto Gonçalves

Processos de intensificação na norma urbana culta de Salvador / Carlos Alberto Gonçalves Lopes. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000

347 f. : il.

Orientador: Iracema Luiza de Souza

Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. Inclui bibliografia

1. Comunicação oral 2. Conversação social 3. Língua portuguesa - Intensificação 4. Semântica I. Souza, Iracema Luiza II. Título.

CDD 469.7

À

Prof.^a Dr.^a **Iracema Luíza de Souza**, cuja competente orientação e constante apoio muito contribuíram para a realização desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não seria possível sem o apoio de instituições e pessoas que, direta ou indiretamente, deixaram sua parcela de contribuição, dentre as quais cabe mencionar, além da UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA e da UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (através do Plano de Ajuda de Custo e do *Campus IV/UNEB*), os professores Arnon Alves Rocha, Ataliba Teixeira de Castilho, Dino Preti, Elisa Guimarães Pinto, Evanildo Bechara, Guiomar Franganiello Calçada, Ingedore Grunfeld Villança Koch, Iracema Luíza de Souza, João Antônio de Santana Neto, José Maria Barbosa Gomes (*in memoriam*), Luiz Antônio Marcuschi, Maria Adélia Ferreira Mauro, Maria de Lourdes Rocha, Ofelia Kovacci, Olmar Guterres da Silveira, Suzana Alice Marcelino Cardoso e Valter Kehdi. A todos, o nosso reconhecimento e a nossa gratidão.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SINAIS	10
RESUMO	11
INTRODUÇÃO	12
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	22
1.1 A INTENSIFICAÇÃO	23
1.2 MODALIDADES DA INTENSIFICAÇÃO	29
1.3 O INTENSIFICADOR	33
1.4 O INTENSIFICADOR NO ÂMBITO DA <i>LÍNGUA</i>	35
1.5 O INTENSIFICADOR NO ÂMBITO DO DISCURSO	40
1.6 O PAPEL DO ELEMENTO MODIFICADO	46
1.7 CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO DOS INTENSIFICADORES....	51
2 LEXEMAS SUBSTANTIVAIS OPERADORES DA INTENSIDADE	54
2.1 POR TRANSFERÊNCIA DE SENTIDO	56
2.2 POR TRANSFERÊNCIA DE CATEGORIA	60
3 LEXEMAS ADJETIVAIS OPERADORES DA INTENSIDADE	63
3.1 POR NATUREZA	64
3.2 POR TRANSFERÊNCIA DE SENTIDO	89
4 LEXEMAS VERBAIS OPERADORES DA INTENSIDADE	93
4.1 POR NATUREZA	95

4.2 POR TRANSFERÊNCIA DE SENTIDO	100
5 GRAMEMAS PRESOS PREFIXAIS	104
5.1 AMPLIFICADORES	108
5.2 ATENUADORES	111
6 GRAMEMAS PRESOS SUFIXAIS COMPARATIVOS	117
6.1 AUMENTATIVOS	124
6.2 DIMINUTIVOS	128
7 GRAMEMAS PRESOS SUFIXAIS SUPERLATIVOS	144
7.1 POR NATUREZA	145
7.2 POR TRANSFERÊNCIA	153
8 GRAMEMAS LIVRES OPERADORES DA INTENSIDADE POR NATUREZA	169
8.1 INDEFINIDOS	171
8.2 COMPARATIVOS	214
9 GRAMEMAS LIVRES OPERADORES DA INTENSIDADE POR TRANSFERÊNCIA DE SENTIDO	221
9.1 ARTIGOS	222
9.2 PRONOMES DEMONSTRATIVOS	226
9.3 PRONOMES INDEFINIDOS	227
9.4 NUMERAIS	232
10 GRAMEMAS LIVRES REFORÇADORES DA INTEN- SIDADE	234
10.1 PROGRESSIVOS	237
10.2 ADITIVOS	242

10.3 PARENTÉTICOS	243
10.4 INVERSORES DE ARGUMENTO	244
10.5 RESTRITIVOS	245
11 CONSTRUÇÕES SINTAGMÁTICAS ENFÁTICAS	
COM CONOTAÇÃO INTENSIVA	249
11.1 POR INVERSÃO	252
11.2 POR INSERÇÃO DE UMA EXPRESSÃO ENFÁTICA	257
11.3 POR REPETIÇÃO	259
12 LEXIAS COMPLEXAS METAFÓRICAS COM CO-	
NOTAÇÃO INTENSIVA	269
12.1 O TIPO DE ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS.....	271
12.2 A IMAGEM ASSOCIADA COMO PRODUTO DE UMA COLETIVIDADE	273
12.3 A IMPLICAÇÃO DO LOCUTOR E DO ALOCUTÁRIO	276
13 ESTRUTURAS COMPARATIVAS COM CONOTA-	
ÇÃO INTENSIVA	279
13.1 POR REPETIÇÃO OU ACUMULAÇÃO DO ELEMENTO COMPARANTE	285
13.2 PELO EMPREGO DO COMPARATIVO DE IGUALDADE ...	286
13.3 PELO EMPREGO DO COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE .	288
13.4 PELO EMPREGO DO SUPERLATIVO RELATIVO	292
14 FRASES INTENSIVAS	298
14.1 CONSECUTIVAS	299
14.2 PROPORCIONAIS	301
14.3 CONCESSIVAS	303

CONCLUSÃO	306
BIBLIOGRAFIA	319
ÍNDICE DE AUTORES CITADOS	341
<i>ABSTRACT</i>	347

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SINAIS

Adj.	Adjetivo
CIRC	Circunstante
DID	Diálogo entre informante e documentador
DOC	Documentador
DOC ₂	Segundo documentador
(inint)	Trecho ininteligível ou inaudível
INQ	Inquérito
INF	Informante
N	Núcleo
NURC	Norma Urbana Culta
OD	Objeto direto
p	Apreciação
p'	Apreciação intensificada
p''	Apreciação intensificada e reforçada
S	Sujeito
SDO.	Significado
SN	Sintagma nominal
SN ₂	Sintagma nominal predicador
STE.	Significante
Subst.	Substantivo
SV	Sintagma verbal
(superp)	Superposição de fala dos dois locutores
VT	Verbo transitivo
*	Formação agramatical
=	Equivalente a
≅	Aproximadamente igual.
≠	Diferente de

RESUMO

Esta pesquisa descreve os processos de intensificação do português falado por informantes cultos de Salvador e, por tomar como objeto de apreciação a intensificação, situa-se no âmbito da *Semântica Argumentativa*. Aqui, os operadores de intensidade são considerados em sua dupla natureza, a *formal* e a *funcional*. O universo de abrangência deste estudo pertence ao *corpus* do Projeto NURC/Salvador, considerado na categoria textual do tipo DID. Abrange doze inquéritos, seis deles com informantes do sexo feminino e os outros seis com informantes do sexo masculino, correspondendo cada inquérito a uma média de 40 min de gravação e tendo sido todos eles realizados no período de 1974 a 1978. A técnica de observação e coleta dos dados consistiu na leitura do material impresso e na identificação e fichamento de todos os intensificadores encontrados no *corpus*. A intensificação em português constitui um mecanismo lingüístico bastante rico e expressivo, dotado de valor conotativo, dentre outros, e tem afinidade com a modalização. Trata-se de matéria cuja pesquisa põe em pauta o seu emprego diretamente relacionado com o grau de emotividade dos usuários da língua. Dentre as hipóteses levantadas, destacam-se a de que, no discurso oral, além de revelar a subjetividade do locutor, a intensificação desempenha uma função predominantemente persuasiva, fazendo parte de um complexo jogo manipulativo que tem por propósito fazer com que o alocutário creia no que o locutor enuncia; e a de que a intensificação, além de funcionar como *recurso modulador da linguagem* (numa perspectiva referencial), pode funcionar também como um dos *operadores pragmáticos da linguagem* (numa perspectiva enunciativa).

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem como problema central o estudo dos *processos de intensificação na norma urbana culta da cidade de Salvador*, tomando como *corpus* o material já disponível do *Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta no Brasil: Salvador* (Projeto NURC/Salvador).

O seu propósito é investigar os processos de intensificação encontrados na norma culta de Salvador a partir das seguintes *hipóteses*:

I – A intensificação na língua falada apresenta peculiaridades não encontráveis na língua escrita descrita pela gramática normativa tradicional.

II – A intensificação, além de funcionar como *recurso modulador da linguagem* (numa perspectiva referencial), pode funcionar também como um dos *operadores pragmáticos da linguagem* (numa perspectiva enunciativa), entendendo-se por *recurso modulador da linguagem* à propriedade semântica do intensificador de aumentar ou diminuir uma noção, similar à do botão de volume de um aparelho de som, *mutatis mutandis*; e, por *operador pragmático da linguagem*, à propriedade interacional desse mecanismo lingüístico que possibilita atuar sobre o alocutário, influenciando-o.

III – No discurso oral, além de revelar a subjetividade do locutor, a intensificação desempenha uma função predominantemente persuasiva, fazendo parte de um complexo jogo manipulativo, que tem por propósito fazer com que o alocutário creia no que o locutor enuncia.

IV – O exame do *corpus* da norma urbana culta de Salvador

pode revelar peculiaridades não documentadas nas gramáticas normativas.

O tema proposto mostra-se relevante não só pela alta frequência de intensificadores existentes na língua falada como também pela importância de tais mecanismos lingüísticos na interlocução. Além disto, no rastreamento feito em teses defendidas no Brasil até recentemente não foi encontrado nenhum trabalho que tivesse recebido o enfoque e a aplicação dados aqui. Outrossim, tal pesquisa visa a contribuir não só para uma melhor compreensão do funcionamento da língua como também para uma possível reformulação da gramática normativa escolar, com o conseqüente aperfeiçoamento do ensino da Língua Portuguesa. E nesse campo, não se pode ignorar a pouca atenção que tem sido dada ao estudo da intensificação. As gramáticas tradicionais abordam apenas superficialmente o assunto, deixando de mencionar a riquíssima gama de recursos intensificadores oferecidos pela língua portuguesa. A não consideração desse fenômeno lingüístico com a propriedade e amplitude merecidas criou uma lacuna na descrição das expressões intensificadoras em português, cujo preenchimento por si só justifica a realização não só deste como também de outros estudos. Além disso, a descrição mais completa e adequada do sistema intensificacional do português fornecerá melhores subsídios à Lingüística Aplicada na elaboração de manuais para o ensino do idioma nacional.

Diversas são as perspectivas de estudo sobre o fenômeno da intensificação, principalmente se forem consideradas as contribuições da Retórica. Provavelmente foi ela quem primeiro fez menção dos recursos intensificadores da linguagem ao tecer considerações a respeito de figuras como a *hipérbole* (intensificação para mais), o *eufemismo* ou a *litotes*

(intensificação para menos). Também a tradição gramatical refere-se à intensificação, embora se limite a uma abordagem superficial do *grau* e do impropriamente denominado *advérbio de intensidade*. Nesta pesquisa, optou-se por tratar os intensificadores numa perspectiva argumentativo-enunciativa, resgatando-se suas funções expressivas e persuasivas.

Dessa forma, os intensificadores são vistos como operadores pragmáticos da linguagem, dentre os quais estão incluídos, inclusive, elementos de natureza não verbal e morfemas supra-segmentais, tais como os gestos e as entonações intensificadoras, respectivamente, que daqui serão excluídos pela necessidade de limitação do campo de análise, dentre outros motivos.

Qualquer discurso, seja ele oral ou escrito, resulta, segundo KOCH (1995), da interação entre interlocutores socialmente organizados, e apresenta em sua estrutura diversos elementos ligados intrinsecamente à interação em processo. Ao se manifestar discursivamente, através da linguagem falada, o enunciador opera com mecanismos verbais asseguradores do desempenho satisfatório da interação na qual está envolvido, sendo o intensificador um desses mecanismos.

ARISTÓTELES [s.d.] já reconhecia que todo ato de linguagem tem um fim persuasivo, fato este também reconhecido recentemente por Ducrot e, baseando-se nele, dentre outros, por FIORIN (1989) e KOCH (1996). Para FIORIN (1989: 52), “a finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas é persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado”, razão pela qual “o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite”. Portanto, todo discurso, consciente ou inconscientemente, se constitui num esforço do enunciador para persuadir o alocutário acerca daquilo que ele diz, mesmo que, para tanto, cometa

exageros de expressão, sendo os intensificadores um dentre outros mecanismos lingüísticos que concorrem para esse fim. A esse propósito, continua Fiorin, “não há sentido na divisão que se costuma fazer entre discursos argumentativos e não argumentativos, pois, na verdade, todos os discursos têm um componente argumentativo, uma vez que todos visam a persuadir”. (*Id.*: 53).

No desenvolvimento da pesquisa, a abordagem seguida foi de natureza pragmático-enunciativa, conhecida também pelo nome de *Semântica Argumentativa*, segundo a qual, conforme teoria desenvolvida por Ducrot e Anscombe, a linguagem não se limita apenas a exteriorizar um pensamento ou transmitir informações. Ao contrário disso, ela serve, principalmente, para realizar ações, atuar sobre o alocutário, persuadir, argumentar, veiculadora que é de ideologias. Na interação, o sujeito se identifica com aquilo que diz, revelando o caráter subjetivo e dialógico da linguagem:

A linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores, interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais (TRAVAGLIA, 1996: 23).

Deduz-se então ser inadmissível separar a *Semântica* da *Pragmática*, uma vez que uma coisa não existe sem a outra, pois “todo sentido é captado durante a enunciação e resulta de um conjunto de relações entre as diversas ocorrências” (BORBA, 1986: 251). É por isso que DUCROT (1972), por exemplo, ao contrário de VOGT (1980: 129-136), “não distingue um componente puramente semântico de um componente

puramente pragmático” (GUIMARÃES, 1983: 24).

Como material de pesquisa, foram utilizados discursos orais pertencentes ao já mencionado *corpus* do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta da cidade de Salvador (Projeto NURC/Salvador), considerado na categoria textual do tipo diálogo entre informante e documentador (DID).

O Projeto NURC, de âmbito nacional, por abranger as cidades de Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, todas elas com uma população estimada de um milhão de habitantes ou mais, possui um extenso arquivo sonoro da linguagem culta, que, como informam MOTA & ROLLEMBERG (1994: 13), corresponde a “um total de 1870 inquéritos – sendo 241 elocuições formais, 1143 diálogos entre informante e documentador e 486 diálogos entre dois informantes –, em que foram registrados 2356 informantes e atinge, aproximadamente, 1570 horas de gravação”.

Para a consecução desta pesquisa foram analisados discursos orais provenientes de doze inquéritos do Projeto NURC/Salvador, seis deles com informantes do sexo feminino e os outros seis com informantes do sexo masculino, correspondendo cada inquérito a uma média de 44 minutos de gravação e tendo sido todos eles realizados no período de 1974 a 1978.

A população alvo compreendeu informantes pertencentes à *faixa etária I* (de 25 a 38 anos), à *faixa etária II* (de 35 a 55 anos) e à *faixa etária III* (de 56 anos em diante).

Cabe observar que a escolha dos referidos inquéritos decorreu do fato de já se encontrarem transcritos e reunidos na obra organizada por MOTA & ROLLEMBERG (1994), que tiveram o cuidado de esclarecer que

os informantes do Projeto NURC são de ambos os sexos, distribuídos por diferentes faixas etárias [...] e preenchem os requisitos de serem nascidos na cidade objeto de estudo ou nela terem residido desde os cinco anos de idade; terem passado nessa cidade três quartas partes de sua vida e aí terem cursado o 1º e o 2º grau; possuírem curso universitário completo e serem filhos de falantes nativos de língua portuguesa, preferentemente nascidos na cidade em exame (*Id.*: 13).

Para que se possa ter uma noção melhor do *corpus* objeto da pesquisa, necessário se faz examinar, além das características acima apontadas, as particularidades do tipo de discurso oral nele representado, isto é, os diálogos entre informante e documentador (DIDs), que são eventos interacionais veiculadores de um objetivo definido, como é o caso das entrevistas realizadas para estudo, e dos diálogos registrados com o mesmo fim. A propósito, ROSA (1992: 12) diz o seguinte:

Nos diálogos entre dois informantes, tipo de discurso oral que mais poderia fugir às restrições da situação ou contexto, a presença dos documentadores e sua interferência nos temas (ou tópicos) conversacionais cria, ainda que de forma atenuada, normas para o começo, a manutenção e o final do intercâmbio verbal, revelando também uma relação de papéis (documentador e informante).

Dessa forma, pode-se dizer que os discursos aqui mencionados, por serem diálogos entre informante e documentador (DIDs), apresentam as características dos encontros institucionalizados, sem possibilidades igualitárias de intervenção, com turnos não só controlados pelo entrevistador, mesmo com as longas intervenções do entrevistado, como também com um tamanho (não definido previamente) restringido pelo entrevistador, em interações verbais assimétricas. E, finalmente, cabe observar que no tipo de discurso oral analisado, não há, a rigor, um discurso tipicamente formal ou informal, mas um grau médio de formalida-

de, se comparado com os discursos do tipo *elocuções formais* e do tipo *diálogos entre dois informantes*.

A escolha de um *corpus* da língua falada se deveu ao caráter específico dessa modalidade de linguagem, rica de recursos expressivos, espontânea, dialógica, intersubjetiva, não sujeita a uma organização prévia ou artificial das unidades lingüísticas, e abundante de intensificadores. Convém sublinhar, todavia, que se trata de marcas da enunciação que funcionam não só como reveladoras de uma informação quantitativa referencial, mas também, e sobretudo, como mecanismos através dos quais o locutor age sobre o alocutário para persuadir, “modificar um estado de coisas preexistentes” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, *apud* CITELLI, 1994: 58). Isto se faz mediante o despertar das emoções, já que “uma das preocupações do discurso persuasivo é a de provocar reações emocionais no receptor” (CITELLI, 1989: 31). A essas ponderações relaciona-se a tese de DUCROT (1973) segundo a qual a argumentatividade não é algo que se acrescenta à linguagem, mas que está inscrito na própria língua.

Ora, se o discurso, que se realiza num ato enunciativo, é constituído por uma intenção por parte do locutor para influir sobre o receptor, conforme afirmam ALBALADEJO MAYORDOMO (1991: 51) e MOSCA (1997: 44), muitas vezes através da comoção; e se for considerado, de acordo com PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA (1976), que inexistente discurso neutro, imparcial, exatamente por haver sempre, subjacente a todo discurso, uma ideologia capaz não só de falsear, escamotear os dados, como também de retratar o mundo de forma enviesada, então procede a hipótese, aqui defendida, segundo a qual a intensificação nada mais é do que uma categoria da linguagem com valor ilocutório, argumentativo, a qual, operando sobre uma *base* (verbo-

nominal, frasal,...), permite *aumentar* (amplificar), *diminuir* (atenuar), ou *manter* a intensidade (graduável ou não) de uma noção numa posição medial aproximativa.

Sendo assim, é possível dizer que a intensificação permite modalizar subjetivamente e, por que não dizer, emotivamente, um determinado enunciado, com o propósito de, exercendo uma dupla função à qual poder-se-ia denominar de função *lingüístico-pragmática*, ou melhor, *referencial* e *emotivo-argumentativa*, servir “de medio de manipulación”¹ (MEYER-HERMANN, 1988: 289).

De fato, a título de exemplificação, tomando-se o enunciado *A casa está **muito** iluminada*, dito por alguém numa determinada situação, não resta dúvida de que seu autor não procedeu de forma gratuita e incosequente ao modificar o enunciado pressuposto *A casa está iluminada*, pois, ao modificá-lo, colocou em relevo um significado (*iluminada*) ao qual foi acrescida uma intenção de quantidade expressa pela noção de grau (**muito**) situável numa escala de valores (*nada iluminada, pouco iluminada, quase iluminada, meio iluminada, bastante iluminada, muito iluminada, iluminada demais*). Agindo assim, o falante revelou, além da noção de grau, a sua subjetividade, influenciando o alocutário com a colocação de uma apreciação de natureza pessoal, subjetiva. Convém observar, todavia, que todo intensificador poderá admitir ou não o envolvimento do conceito de grau, o que significa dizer que pode haver intensificação sem grau.

No que concerne à organização dos dados aqui apresentados, resta explicitar-lhe a seqüência, dizendo que após o desenvolvimento dos pressupostos teóricos, assunto do próximo capítulo, segue-se a descrição

¹ “de meio de manipulação”

analítica dos intensificadores encontrados no *corpus*. A esse respeito, cabe observar que se optou por sistematizá-los agrupando-os, de acordo com as características comuns neles existentes e com os critérios previamente estabelecidos, de modo que a gênese dos capítulos subseqüentes ao primeiro foi resultante da sistematização supracitada, e estão assim dispostos: 2 – Lexemas substantivais operadores da intensidade, 3 – Lexemas adjetivais operadores da intensidade, 4 – Lexemas verbais operadores da intensidade, 5 – Gramemas presos prefixais, 6 – Gramemas presos sufixais comparativos, 7 – Gramemas presos sufixais superlativos, 8 – Gramemas livres operadores da intensidade por natureza, 9 – Gramemas livres operadores da intensidade por transferência de sentido, 10 – Gramemas livres reforçadores da intensidade, 11 – Construções sintagmáticas enfáticas com conotação intensiva, 12 – Lexias complexas metafóricas com conotação intensiva, 13 – Estruturas comparativas com conotação intensiva, e 14 – Frases intensivas.

As dez primeiras subdivisões compreendem principalmente a descrição e análise do morfema como operador de intensidade, enquanto que as demais compreendem sobretudo o efeito de sentido da intensificação na situação de enunciação.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

- 1.1 A INTENSIFICAÇÃO
- 1.2 MODALIDADES DA INTENSIFICAÇÃO
- 1.3 O INTENSIFICADOR
- 1.4 O INTENSIFICADOR NO ÂMBITO DA *LÍNGUA*
- 1.5 O INTENSIFICADOR NO ÂMBITO DO DISCURSO
- 1.6 O PAPEL DO ELEMENTO MODIFICADO
- 1.7 CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO DOS INTENSIFICADORES

1.1 A INTENSIFICAÇÃO

Assunto novo da Lingüística Geral, que não se encontra ainda sistematizado nas gramáticas tradicionais, a intensificação é uma categoria semântica da linguagem com valor ilocutório, argumentativo, e de caráter subjetivo-emocional. Operando sobre uma *base* (verbo-nominal, sintagmática, frasal), pertencente ao domínio sêmico do contínuo, o intensificador permite *aumentar* (intensificar para mais), *diminuir* (intensificar para menos), ou *manter* numa posição medial aproximativa a intensidade de uma noção, com o propósito de não só transmitir uma informação, como também, sobretudo, de persuadir o enunciatário e/ou manifestar a emotividade do enunciador.

Para que a intensificação se efetue, portanto, contribui a existência de dois elementos, que são: o *intensificador* (marcador da intensidade) e a *base* (elemento sobre o qual incide o intensificador), os quais mantêm entre si um relacionamento explícito ou não. No primeiro caso (havendo um relacionamento explícito) o marcador de intensidade não aparece integrado na base e pode ser literal (*fracuíssimo*) ou metafórico (*choveu a cântaros*). No segundo caso (não havendo um relacionamento explícito) o marcador de intensidade aparece integrado na base e pode também ser literal, a exemplo de *A festa foi fantástica* (= muito boa), ou metafórico, como ocorre em *A festa foi jóia* (= muito boa).

Pelo exposto, ficou evidente que a *intensificação* não se confunde com a *quantificação*, apesar de POTTIER *et alii* (1973) admitir a inserção dela no âmbito da quantificação, ao reconhecer que a intensificação é uma formulação quantitativa. Desse ponto de vista, a quantificação seria, então, uma categoria lingüística ampla através da qual se pode expressar a noção semântica de quantidade, servindo-lhe de veículo os

quantificadores. Estes, são signos que atualizam outros, indicando-lhes a quantidade, não só em termos de unidades descontínuas, como também em termos de unidades contínuas não contáveis.

POTTIER (1978) apresenta uma classificação para a formulação quantitativa segundo a qual ela pode ser por *confronto* – caracterizada pelos processos de identificação, ou de distinção coordenativa e comparativa de igualdade/desigualdade; – e por *extensão* – que se bifurca em quantificação interna (ou intensidade) e quantificação externa (ou multiplicidade).

A quantificação interna compreende uma variada gama de processos intensificadores objetivos ou subjetivos, enquanto que a quantificação externa compreende o *não-número* (Ele não tem *casa*), o *dual* (*Ambos* pés estão doentes), o *coletivo* (O *colegiado* está em reunião), o *genérico* (Bebemos *vinho*), os *numerais* (Comprei *três* carros durante o campeonato onde fui *tricampeão*) e os *quantitativos* (pronomes indefinidos).

Sendo assim, não resta dúvida de que a intensificação está inserida naquilo que Pottier chamou de quantificação interna. Todavia, para evitar equívocos, e por razões metodológicas, doravante, sempre que for mencionado o termo *quantificação*, ele referir-se-á apenas à quantificação não-interna, isto é, à quantificação externa.

Isto posto, convém observar a distinção que se pode fazer entre a quantificação e a intensificação a partir do confronto dos seguintes exemplos:

- (1) Alfredo tem **muita** saudade.
- (2) Alfredo come **muito** açúcar.
- (3) Alfredo comprou **muitas** casas.

Na frase (1), o elemento modificado (saúde) possui os semas /contínuo/, /singular/, /não-enumerável/ e /não-material/. Por conseguinte, tem-se aqui um exemplo típico de intensificação, conforme CHARAUDEAU (1992: 239), para quem “si le mot représente une *propriété* [...] ou un *processus* [...] – il appartient dans les deux cas à la classe du *continu, non dénombrable* –, l’opération consiste à *intensifier* la notion de référence: [...] ‘Il dort *profondément*.’ (notion de référence: *dormir*)”¹.

Na frase (2), o elemento modificado (açúcar) possui os semas /contínuo/, /singular/, e /não-enumerável/. Apesar de faltar o sema /não-material/, o enunciado é, mesmo assim, portador de um marcador de intensidade, embora se admita haver quantificação, se considerarmos a possibilidade de se mensurar o açúcar:

(4) Alfredo come **muito** açúcar, pois já ingeriu 200g numa só refeição.

Nesse caso, é difícil estabelecer um limite entre um quantificador e um intensificador, pois o elemento modificado passa a ser mensurável, o que faz aproximar esse caso de intensificação da quantificação.

Na frase (3), o elemento modificado (casa) possui os semas /descontínuo/, /plural/ e /enumerável/. Por essas características, há aqui um exemplo de quantificação, de acordo com CHARAUDEAU (1992:

¹ “se a palavra representa uma *propriété* [...] ou um *processo* [...] – pertencendo ambos os casos à classe do *continu, non contável* –, a operação consiste em intensificar a noção de referência: [...] ‘ele dorme *profundamente*.’ (noção de referência: *dormir*)”.

239), segundo o qual “si le mot représente un *être dénombrable*, qu’on peut compter (CLASSE DU DISCONTINU...), l’opération consiste à *multiplier* l’unité de référence: ‘Il y a *quatre* chaises autour de la table.’ (unité de référence: *une chaise*)”².

Isso leva à conclusão de que a diferença, pois, entre a intensificação e a quantificação está nos semas da base sobre os quais os intensificadores operam, salvo nos casos em que este limite fica difícil de ser identificado. Na intensificação, os semas da base são /contínuo/, /singular/ e /não-enumerável/; e, na quantificação, /descontínuo/, /plural/ e /enumerável/. Como facilmente se percebe, na intensificação tem-se a unicidade, enquanto que na quantificação tem-se, com exceção do numeral *um* e de certos *pronomes indefinidos*, a multiplicidade.

Pode-se dizer ainda que a intensificação, por possuir características intrínsecas, aproxima-se do abstrato e é mais subjetiva, enquanto que a quantificação, por possuir características extrínsecas, aproxima-se do concreto e é mais objetiva. Uma está no domínio *nocional*, enquanto a outra está no domínio *dimensional e numérico* da quantidade.

Levando-se em conta a tese da subjetividade da linguagem defendida por BENVENISTE (1976) – para quem a relação de pessoa está sempre presente no discurso, explícita ou implicitamente – toda enunciação supõe um locutor e um ouvinte onde o primeiro tem a intenção de influenciar o segundo. Assim, pode-se dizer que a intensificação é um processo tipicamente enunciativo em que o locutor se coloca perante aquilo que enuncia. Nesse contexto, é pertinente também o enquadra-

² “se a palavra representa um *ser contável* (CLASSE DO DESCONTÍNUO...), a operação consiste em *multiplicar* a unidade de referência: ‘há quatro cadeiras ao redor da mesa.’ (unidade de referência: *uma cadeira*)”.

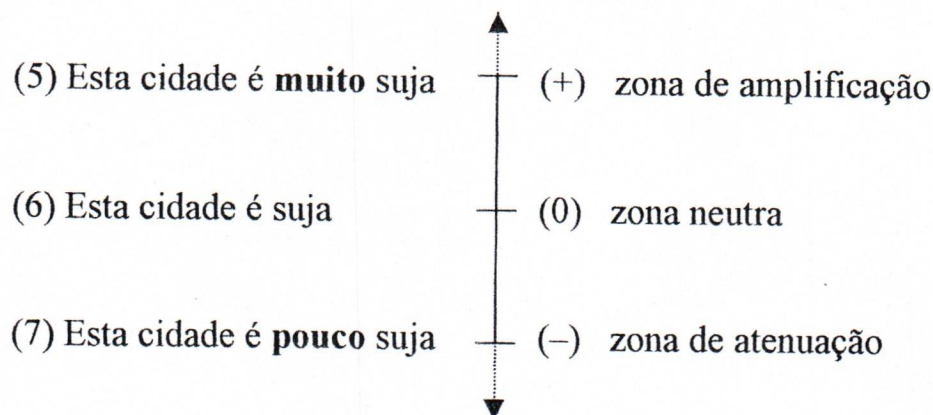
mento da intensificação no âmbito da modalização, partindo-se do princípio de que, conforme PINTO (1994: 28), “todo ato de comunicação é uma atividade cooperativa entre dois sujeitos, orientada para a realização de objetivos”, que são os seguintes:

I – “Criar universos de referência a serem compartilhados com o receptor” (*Ibid.*) mediante operações enunciativas de *atualização*, de *determinação*, de *ancoragem temporal* e de *aspectualização*.

II – “Criar e/ou reproduzir, pelo exercício da linguagem, relações de poder entre emissor e receptor, possibilitando ao emissor (a) agir sobre o receptor, e, por mediação deste, sobre o mundo; (b) tornar públicos seus estados interiores, compromissos e avaliações a respeito dos universos de referência em jogo; e (c) organizar seus enunciados segundo esses interesses, criando um texto” (*Id.*: 29) através das operações enunciativas de “modalização da enunciação” (como é o caso da modalização expressiva, dentre outras), de “modalização do enunciado” e de “modalização da mensagem” (como é o caso da topicalização e da focalização, dentre outras).

De fato, ao se apropriar da língua, o sujeito enunciador pode se revelar através dos operadores de intensidade, uma vez que, para intensificar seu discurso para mais ou para menos, de acordo com a sua vontade, tais recursos funcionam como marcas modalizadoras do enunciado. E dessa forma ele interfere também na referência ao colocar o seu ponto de vista, num movimento pendular de adesão ou distanciamento sobre aquilo que enuncia, influenciando, assim, o enunciatário. A intensificação é, portanto, não só uma estratégia de construção da referência,

como também um processo enunciativo através do qual o enunciador modaliza o seu discurso (DUBOIS, 1978). A título de ilustração vejamos os seguintes exemplos:



Aqui, o falante do texto (5) está assumindo, relativamente, o maior grau de adesão a respeito da veracidade da proposição (6), *Esta cidade é suja*, enquanto o falante do texto (7) assume, relativamente, o menor grau de adesão.

O texto (6), segundo teoria desenvolvida por MEYER-HERMANN (1988: 280), é um operador modal zero, que representa o grau não marcado de intensidade obrigatória e que, juntamente com os textos (5) e (7), corresponde a uma oração assertiva, de modo que, não estando no âmbito da atenuação nem no âmbito da amplificação, não pode funcionar como uma frase atenuadora ou amplificadora. Por outro lado, os textos (5) e (7) são portadores de marcas do enunciador através das quais ele ostenta a sua subjetividade, colocando, sem camuflar, seu ponto de vista acerca do grau de *sujeira da cidade*, ora amplificando (Esta cidade é *muito* suja), ora atenuando (Esta cidade é *pouco* suja).

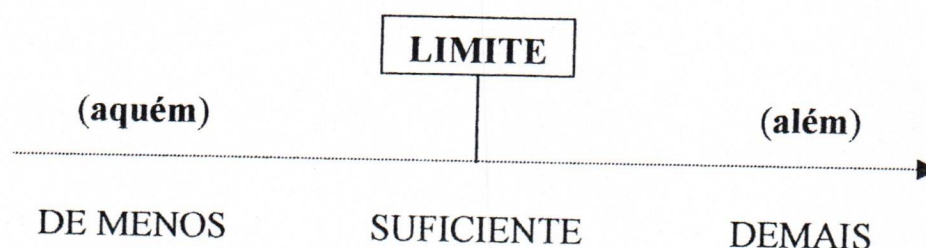
1.2 MODALIDADES DA INTENSIFICAÇÃO

Há, basicamente, duas modalidades de intensificação, que são a *amplificação* e a *atenuação*, sendo a primeira a mais estudada, provavelmente por ser também a mais freqüente na conversação.

Como modalidade de intensificação, a *amplificação* se caracteriza por permitir alterar a intensidade de uma noção para mais mediante amplificadores. Subdivide-se nos seguintes tipos:

(a) *Amplificação absoluta* – aquela, exemplificável em *operário cuidadosíssimo*, que, além de veicular sentido hiperbólico, expressa uma visão global do locutor, um nível elevado e indeterminado de intensidade capaz de ultrapassar os limites de uma escala gradativa (*muito, bastante, meio,...*) sem estabelecer relação com qualquer um dos pontos dessa escala, razão pela qual não seria apropriado, a rigor, se falar da existência de grau nesse caso.

(b) *Amplificação relativa* – aquela, encontrável em *operário muito cuidadoso*, que se caracteriza por marcar o grau de apreciação sempre em relação a uma *escala gradativa*, ou a um *limite de referência* possível, de acordo com CHARAUDEAU (1992: 263), de ser assim representado:



Tomando-se por base as três posições existentes neste *limite de referência* é que se terá uma intensificação *insuficiente*, *adequativa* ou *excessiva*, exemplificável, respectivamente, pelos enunciados *casa insuficientemente limpa*, *casa suficientemente limpa* e *casa demasiadamente limpa*. Deve-se observar, todavia, que “cette limite de référence est la plupart du temps implicite et relative à un consensus social ou à la subjectivité du sujet parlant”³ (CHARAUDEAU, 1992: 263).

É possível se confundir a amplificação *absoluta* com a *relativa*, equívoco este não encontrado, por exemplo, em BECHARA (1999: 149), por ter percebido, quanto ao aspecto semântico, que “*cuidadíssimo* diz mais, é mais enfático do que *muito cuidadoso*”. Todavia, o que distingue uma da outra é que enquanto na amplificação absoluta se expressa diretamente a intensidade sem nada pressupor, na amplificação relativa a intensidade é expressa pressupondo-se, obrigatoriamente, uma escala de valores, a exemplo, respectivamente, de *duríssimo* (= extremamente duro) e *durão* (= bastante duro); observando-se, todavia, que a amplificação pode vir acompanhada de conotações subjetivas atualizáveis contextualmente. Sobre essa distinção, ver RIO-TORTO (1987: 108), que distingue o sufixo *-ão* do sufixo *-íssimo*, considerando que “ao carácter invariante e absoluto de quantificação operada por *-íssimo*, contrapõe-se o carácter relativo de avaliação subjacente a *-ão*”.

Outrossim, convém observar, em relação a *durão* e *duríssimo*, que, além da diferença de grau, tanto *-ÃO* quanto *-ÍSSIMO* podem apresentar diferenças conotativas encontráveis na linguagem familiar. Pode-se comprovar isso nos exemplos que se seguem: “Comprei um

³ “este limite de referência é na maioria das vezes implícito e relativo a um consenso social ou à subjetividade do sujeito falante”

metal *duríssimo*”, onde há intensificação nocional, com *duríssimo* significando *muitíssimo duro*; e “Ele é um homem *durão*”, onde há intensificação afetiva, ou axiológica, de cunho moral, com *durão* significando *inflexível, rigoroso, seco*.

(c) *Amplificação totalizante* – aquela, encontrável num número reduzido de ocorrências, que se caracteriza por assinalar o fato de ser a substância qualificativa apreendida em sua totalidade, a exemplo de *vidro totalmente limpo*, em que a substância do adjetivo *limpo* está inteiramente dentro de *vidro*, sendo este sentido de totalidade que diferencia a amplificação totalizante da amplificação absoluta. Portanto, *vidro extremamente limpo* não significa a mesma coisa que *vidro totalmente limpo*.

Quanto à *atenuação*, ela se caracteriza por alterar a intensidade de uma noção para menos, mediante atenuadores aproximativos ou não. Subdivide-se nos seguintes tipos:

(a) *Atenuação aproximativa* – aquela que expressa um grau de intensidade situado na zona medial difusa da escala gradativa, em que os graus não são indicados com precisão, e cujo atenuador pode ser parafraseado por **um tanto** (em se tratando de uma aproximação de grau médio-superior) e **quase** (em se tratando de uma aproximação de grau médio-inferior) como ocorre nas expressões *um tanto escuro* e *quase escuro*, respectivamente.

(b) *Atenuação minimal* – aquela que expressa um grau de intensidade mínimo situado no extremo inferior da escala gradativa,

como se tem em *pouco cansado*.

Sobre a atenuação, são oportunas as palavras de BRIZ (1996-B: 55), para quem “el uso del atenuante en la conversación coloquial española es, antes que norma de conducta social (cortesía), una estrategia conversacional vinculada a la relación interlocutiva, que mitiga la fuerza ilocutiva de una acción o la fuerza significativa de una palabra, de una expresión”⁴.

Em português, as coisas não ocorrem de modo diferente, se for levado em conta que, ao contrário da amplificação, que coloca o enunciador numa relação de adesão ou aproximação em relação àquilo que enuncia (por se aumentar a força ilocutória), a atenuação coloca o enunciador numa relação de distanciamento em relação àquilo que enuncia (por se enfraquecer a força ilocutória).

Outrossim, convém dizer ainda que a atenuação como um ato de fala indireto visa a atenuar uma atitude, evitar um tabu, encobrir uma agressão, etc., sendo geralmente táticas protetoras na interação social e, muitas vezes, manifestação do princípio de cortesia, de acordo com MAC & MARTÍNEZ (1995: 69).

Concluindo, resta fazer menção a mais duas modalidades de intensidade mencionadas por CHARAUDEAU (1992: 251 e 276), que seriam a *neutra*, a exemplo de *criança educada* (= nem muito nem pouco *educada*); e a *nula*, a exemplo de *criança não (ou nada) educada*. Mas, por *intensidade neutra*, deve-se entender, relativamente falando, ausência de intensificação, correspondente ao *grau médio*; en-

⁴ “O uso do atenuante na conversação coloquial espanhola é, mais do que norma de comportamento social (cortesía) uma estratégia conversacional vinculada à relação interlocutiva, que diminui a força ilocutiva de uma ação ou a força significativa de uma palavra, de uma expressão”.

quanto que, por *intensidade nula*, deve-se entender a negação da intensidade; não havendo, pois, a rigor, intensificação, nesses casos.

1.3 O INTENSIFICADOR

Por *intensificador*, entende-se o operador da intensificação. Mais precisamente, qualquer marcador de intensidade, qualquer mecanismo lingüístico ou discursivo capaz de operar a intensificação.

SEPHIHA (1970: 113), muito apropriadamente, define como intensificador “tout outil linguistique qui permet de tendre vers la limite d’une notion ou de la dépasser”⁵.

MALHEIROS-POULET (1983: 14) tentando definir o intensificador afirma que “l’emploi de l’intensif sert à mettre en relief un signifié en lui ajoutant une intention de quantité, exprimée par la notion de degré”⁶. E, logo em seguida, acrescenta que “cet emploi révèle, en plus de la notion de degré, la présence explicite du locuteur qui se manifeste par l’intensité de l’appréciation qu’il porte”⁷.

De fato, examinando detidamente a natureza do intensificador, constata-se que ele apresenta uma série de características, dentre as quais merece destaque a de, perante uma apreciação dada (O carro é *confortável*), colocar em relevo essa apreciação (O carro é *muito con-*

⁵ “todo mecanismo lingüístico que permite aproximar-se do limite de uma noção ou ultrapassá-lo”.

⁶ “o emprego do intensivo coloca em relevo um significado acrescentando-lhe uma intenção de quantidade, expressa pela noção de grau”.

⁷ “este emprego revela, além da noção de grau, a presença explícita do locutor que se manifesta pela intensidade da apreciação colocada”.

fortável).

Todavia, o intensificador pode ser tanto um modificador que permite expressar o grau de uma apreciação, tomando como referencial uma escala bipolar variável, através da qual se transmite uma idéia de superioridade ou de inferioridade, a partir de um ponto médio de partida, quanto um modificador que permite expressar o grau de uma apreciação de forma absoluta, sem tomar como referência uma escala gradativa. No primeiro caso tem-se intensificação com marcação de grau; e, no segundo, apenas intensificação.

Numa perspectiva discursiva, ROSETTI & MAC (1992: 14) identifica os intensificadores com os *operadores pragmáticos* da linguagem, ao reconhecerem serem eles “señales léxicas morfosintácticas, semánticas, conceptuales (o lógicas), fónicas y gráficas que marcan la relación hablante-oyente”⁸. E, depois, conclui afirmando que a relação *falante-ouvinte* “se manifesta en un acto de lenguaje que contiene la fuerza evolucionaria (*sic*) (acto del emisor) y apunta a un efecto perlocucionario (respuesta del receptor)”⁹. Em síntese, o que se pode inferir de tudo isso é que os intensificadores, mais do que meros instrumentos da língua capazes, por natureza própria, de expressarem uma informação semântica de intensidade, são operadores pragmáticos nas mãos do enunciador que se prestam para atuar sobre o enunciatário, pressionando-o, movendo-o para uma determinada direção.

Mais recentemente, BRIZ (1996-B: 53), percorrendo a mesma trilha de Rosetti & Mac, por reconhecer os intensificadores como

⁸ “sinais léxicos morfosintácticos, semânticos, conceituais (ou lógicos), fônicos e gráficos que marcam a relação falante-ouvinte”.

⁹ “se manifesta num ato de linguagem que contém a força ilocucionária (ato do emissor) e aponta para um efeito perlocucionário (resposta do receptor)”.

uma das categorias pragmáticas da fala, afirma que, na conversação, são “estratégias retóricas de dar (a entender) más de lo que realmente se dice, de manipular realzando los enunciados con finalidades diferentes”¹⁰.

1.4 O INTENSIFICADOR NO ÂMBITO DA *LÍNGUA*

No âmbito da *língua* (sistema) o intensificador opera como revelador do grau, isto é, ele funciona como um modificador que expressa o grau de uma apreciação tomando como referencial uma escala bipolar variável, através da qual se possibilita transmitir uma idéia de superioridade ou de inferioridade, a partir de um ponto médio de partida.

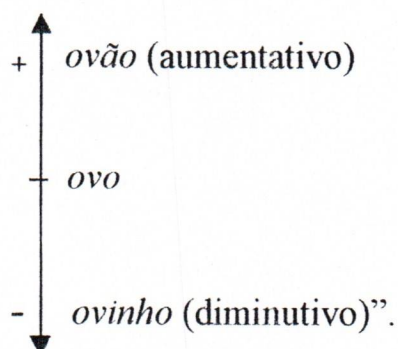
Essa noção de grau é expressa em português pelo intensificador, mediante marcas intralexicais (*jornalzinho*) ou extralexicais (*trabalhou demais*) em relação à base que recebe a marcação do grau, ou mediante a ausência dessas marcas.

Nesse caso, na marcação do grau, há uma oposição formalmente privativa entre as formas marcadas dos graus superior/inferior e o grau médio, e uma oposição equipolente entre as formas marcadas do grau aumentativo e do grau diminutivo.

Esta é uma noção de grau nem sempre coincidente com a da gramática tradicional, responsável por uma série de equívocos, e até por contradições, dentre os quais o de se considerar o *superlativo absoluto sintético* como sendo grau, quando, na realidade, trata-se de um mero

¹⁰ “estratégias retóricas de dar (a entender) mais do que de fato se diz, de manipular realçando os enunciados com finalidades diferentes”.

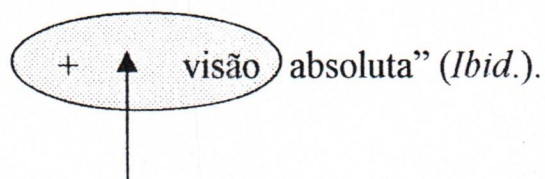
intensificador não graduável. Isso ocorre por não se levar em conta a visão do locutor, que pode ser *relativa* ou *global*, segundo teoria exposta por MALHEIROS-POULET (1986: 25). Para ela, “na visão relativa o locutor situa a sua apreciação numa escala de valores, onde a gradação desta apreciação varia desde o mais alto até o mais baixo grau, passando pelo grau normal:



Nesse caso tem-se um ponto de partida (grau médio) e dois pólos (o pólo positivo e o pólo negativo) situados numa escala de valores, sendo o grau nada mais do que um ponto dessa escala. Disso tudo se deduz que não só há uma interdependência entre os pontos dessa escala como também que um grau só existe em relação com os demais.

“Na visão global o locutor situa sua apreciação no mais alto grau e percebe-a de maneira mais subjetiva.

“A intensidade da apreciação é percebida em si e a escala de valores só serve como negação dela mesma:



Mais adiante, a mesma autora, tecendo considerações sobre o termo *amigo* no aumentativo e diminutivo, respectivamente, diz que “em *amigão* não há uma intenção de comparação com *amiguinho*. Nesse exemplo é o grau de amizade que é posto em evidência” (*Id.*: 25-26).

De fato, o emprego de *amigão* por *amigo* não conota dimensão mas sim intimidade, em tom de brincadeira, através da qual se expressa o afeto, motivo pelo qual, apesar de ser peculiar aos marcadores de grau desempenhar a função referencial, raramente eles desempenham apenas esta função.

Em síntese, o que se pode afirmar é que a superlativação está para o ápice de uma torre ou pirâmide assim como a gradação está para uma escala termométrica. No primeiro caso, tem-se apenas um ponto proeminente que se destaca, enquanto que, no segundo caso, tem-se toda uma escala graduada na qual um ponto dela (o grau) vale pela sua relação com os demais pontos. Tal conclusão já é suficiente para se afirmar, levando em conta os vários tipos de intensificadores encontrados, que a esmagadora maioria deles não são gradativos mas sim superlativos.

Por outro lado, fica claro que o superlativo absoluto sintético da tradição gramatical não se constitui num grau, exatamente por não se relacionar com outros pontos de uma escala que com ele se possam comparar ou estabelecer um vínculo. O que ele é, sem dúvida nenhuma, é um intensificador não graduável. De fato, se alguém diz que o dia hoje está quentíssimo, apenas situa num ponto elevado a intensidade desse calor, mas, por falta de outros referenciais com os quais esse ponto possa se relacionar para ser comparado, fica impossível estabelecer com precisão o grau da sua apreciação.

Fazendo um paralelo, pode-se dizer, então, que o grau está para a intensificação assim como o número está para a quantificação,

stricto sensu.

Ainda sobre o grau, não se pode deixar de reconhecer que a *gradação* sempre vem intimamente associada a uma *escala gradativa*, estando ambas situadas no nível de *língua*.

Por *gradação* entende-se o conjunto de graus de uma escala gradativa que poderá ser constituída de muitos ou de poucos graus, a depender da complexidade dela, numa perspectiva objetiva, referencial, sendo o grau apenas um ponto dessa escala. E o grau, lingüisticamente falando, seria um *taxema*¹¹ que tem por função básica informar (tomando como referencial uma escala graduada) a variação em intensidade ou dimensão, para mais ou para menos, de uma base nominal ou verbal modificada por ela: *sapatão, sapato, sapatinho; triste demais, muito triste, bastante triste, meio triste, triste, pouco triste, quase triste.*

Estando localizada no âmbito da intensificação, segundo RIO-TORTO (1987: 88), “a expressão da categoria de grau compreende valores negativos [...], valores positivos [...] e um grau zero, aparentemente não marcado quanto à existência de intensidade”.

A expressão *grau zero*, todavia, que se aplica a uma representação lexemática não modulada explicitamente, não é adequada, assim como não são adequadas as expressões *grau positivo* e *grau normal* que pretendem substituí-la, já que a noção contida em *zero* é a de nulidade, encontrável na intensificação *nula*. Mais adequada seria, pois, a expressão *grau médio*, que traduz melhor a noção de ponto intermediário entre os pontos extremos de uma escala gradativa.

E por falar em *escala gradativa*, a princípio convém dizer ser

¹¹ A denominação *taxema* é empregada por POTTIER (1978: 68) para designar um “conjunto-em-funcionamento” de signos do tipo lexema ou gramema, sendo cada elemento do conjunto um *taxe*.

ela constituída de graus, dispostos numa ordenação hierárquica de valores, intimamente ligada ao sistema da língua, com dois pólos (positivo e negativo) a fim de situar o grau de intensidade intrínseco ao objeto apreciado. Tal escala se relaciona, portanto, ao sistema de intensificação da língua.

Em português, a escala gradativa básica é constituída de três graus para os quais a melhor designação seria a de grau *superior*, aquele que está situado na posição superior da escala e que traduz uma noção de aumento (ex.: *sapatão*); a de grau *médio*¹², aquele que está situado na posição média da escala e que se opõe aos graus superior e inferior dos pólos da escala (ex.: *sapato*); e a de grau *inferior*, aquele que está situado na posição inferior da escala e que traduz uma noção de diminuição (ex.: *sapatinho*).

MOTTA (1927), percebendo a exposição confusa e incoerente da noção de grau encontrada nas gramáticas, foi quem primeiro propôs uma simplificação e uma sistematização coerente do grau em português. Para ele, “os graus dos adjetivos qualificativos são os mesmos do substantivo, com o qual ele concorda em *número, gênero e grau*¹³: a saber – *positivo* ou *normal*, *augmentativo* e *diminutivo*” (*Id.*: 37). E, mais adiante, conclui: “Não haverá espírito liberto, desprevenido, que não suspire por essa simplificação” (*Id.*: 38). Dessa forma ele admite haver em português apenas três graus. Todavia, isso não significa dizer que a escala gradativa não possa ser ampliada, admitindo o seguinte des-

¹² A simples ausência de morfemas marcadores de intensidade não significa dizer necessariamente que a base esteja no grau médio. SANDMANN (1991: 36), citando a palavra *carro*, diz que “a ausência de *-ão* (carrão) ou *-inho* (carrinho) não é significativa, isto é, não significa necessariamente grau normal ou “carro que não é grande ou pequeno”. Isso ocorre pela facultatividade do morfema de grau.

¹³ Sobre a concordância em grau faltou a MOTTA (1927) a percepção que teve CÂMARA Jr. (1972) para identificar o grau como um caso de derivação e não de flexão.

dobramento: grau *máximo* (demais), grau *superior* (muito), grau *médio-superior* (bastante), grau *aproximativo-superior* (meio), grau *médio*, grau *aproximativo-inferior* (quase), grau *inferior* (pouco).

Cabe observar ainda que os valores expressos pela escala gradativa não podem ser negados, por estarem intimamente ligados ao sistema da língua. Outrossim, MALHEIROS-POULET (1991: 497-498) diz o seguinte:

O processo de intensificação é feito de acordo com parâmetros ligados à experiência de cada um, que são as competências sócio-culturais e as competências psíquicas do locutor (emotividade, motivação diante do objeto apreciado, etc.).

Estes parâmetros permitem estabelecer escalas de valores com dois pólos (positivo e negativo) a fim de situar o grau de intensidade, intrínseco ao objeto apreciado.

1.5 O INTENSIFICADOR NO ÂMBITO DO DISCURSO

Partindo-se do princípio de que toda emissão discursiva deve ser contextualizada, concebe-se o intensificador como uma categoria semântica que, além de ser capaz de revelar o grau, de intensificar uma apreciação, aumentando ou diminuindo a carga sêmica de um signo no nível do sistema, quando então desempenha uma função denotativa, pode também, a depender do contexto e da intenção do enunciador, revelar certos fenômenos lingüísticos, tais como outros significados, além de evidenciar o estado emocional do locutor, no nível do discurso, quando então desempenha uma função conotativa.

Posição semelhante tem MEYER-HERMANN (1988: 277)

ao explicar que *atenuação e intensificação*

son procesos interactivos, es decir, “atenuación” e “intensificación” no son solamente cualidades semánticas inherentes a unas formas, sino son procesos que se realizan en y a través da la interacción de los hablantes¹⁴.

E é por isso que TRAVAGLIA (1996: 94), baseando-se na Teoria do Discurso, concorda com o ponto de vista segundo o qual a fonte de sentido não está no sujeito, ele apenas tem a ilusão de ser a fonte de sentido, mas é resultado de vários fatores, tais como uma situação determinada, uma interação comunicativa entre pessoas, num tempo X, utilizando determinados recursos da *língua*. Isso tudo, conforme PEDRO (1996: 450), “tem apenas como objectivo fundamental reiterar para a linguagem a produção de sentido como função primeira e primordial”, principalmente se for considerado que, ao se falar, não se transmite apenas informações, mas se externa também opiniões sobre tais informações ou se tenta influenciar alguém com tais informações, dentre outras intenções. Outrossim, DUCROT (1972), ao expor sua teoria semântica, defende que o sentido de uma ocorrência particular de um enunciado resulta de um *componente lingüístico* e de um *componente retórico* num *contexto x* (condições de emprego).

Isto posto, pode-se afirmar que, como resultado dos efeitos de sentido possíveis de ocorrer na enunciação, os intensificadores, além do grau, assinalam certos fenômenos lingüísticos, tais como a *pressuposição*, a *subjetividade*, as *escalas gradativas e argumentativas* e o *as-*

¹⁴ “são processos interativos, isto é, ‘atenuação’ e ‘intensificação’ não são apenas qualidades semânticas inerentes a certas formas, mas sim processos que se realizam em e através da interação dos falantes”.

pecto (MALHEIROS-POULET, 1984).

Como revelador da *pressuposição*, o intensificador, a exemplo de *muito* em *prédio muito limpo*, pressupõe uma apreciação (prédio limpo) e põe o grau desta apreciação (*muito*), de forma que a pressuposição é que vem a ser o elemento intensificado pelo intensificador que serve de instrumento nas mãos do enunciador para agir sobre o enunciatário que, por sua vez, deve perceber não só a carga intensiva do operador de intensidade sobre o pressuposto como também as intenções enunciativas do locutor.

Como revelador da *subjetividade*, ocorre que, ao se intensificar uma base, o intensificador revela, mais do que a noção de grau, a presença explícita de um enunciador que se manifesta pelo grau da intensidade que coloca na base intensificada, razão pela qual, muitas vezes, é difícil descobrir com precisão a intenção, o grau dessa apreciação (levando-se em conta, por exemplo, que o que é *muito bonito* para alguém pode não ser para outrem), como também que uma intensificação pressupõe um padrão que é variável e, na maior parte das vezes, subjetivo, por estar na mente do enunciador. Sendo assim, uma mesma camisa, por exemplo, *pequena* para um gigante, pode ser *grande* para um anão, sem falar na gama variadíssima de intensificadores evidenciadores que são da criatividade e da expressividade dos falantes, os quais, muitas vezes, são transitórios, em virtude de estarem diretamente ligados aos modismos de época, como é o caso de *jóia* em *Esta casa é jóia*.

Para MALHEIROS-POULET (1983: 2), “l’expressivité et la créativité sont liées à chaque locuteur (en fonction des contraintes de l’environnement socio-culturel) et à la situation d’énonciation, de sorte que le choix d’une expression d’intensité n’est pas tout à fait arbitrai-

re”¹⁵.

A realidade é que o intensificador revela a implicatura do locutor, que pode ser objetiva (quando se pode medir com um padrão de medida), entendendo o termo implicatura por julgamento de valor.

É razoável dizer, então, que os intensificadores são subjetivos na medida em que o locutor toma uma posição sua acerca de uma qualificação, como é o caso de alguém que diz estar o café quente, quando na realidade estará quente para ele mas não para outra pessoa que gosta de café bem quente, por exemplo.

A subjetividade dos intensificadores remete, desta forma, para a relatividade deles, que está ligada à situação da enunciação, à intenção do locutor e aos traços semânticos do elemento modificado. É por isso que, ao se dizer que *Maria não é muito inteligente* ou que *Maria é tão inteligente quanto Ricardo*, pode-se estar passando a informação de que ela ou é pouco inteligente, ou é burra, ou é muito inteligente, a depender do caso. Também, convém observar que um boi *grande* e uma formiga *grande* não são igualmente grandes, pois nesse caso “a escala de grandeza (suponhamos volumétrica) é diferente de um para outro conjunto” (LOPES, 1972: 188).

“Por último, não pode deixar de ser tido em conta o facto de a variação em grau assentar em critérios de normalidade e de proporcionalidade bastante fluidos, uma vez que eles podem variar em função da esfera referencial a que se aplicam e até do ponto de vista individual de quem os dimensiona. Em consequência, as dificuldades de identificação dos parâmetros de avaliação são tanto maiores quanto esta se processa

¹⁵ “a expressividade e a criatividade se relacionam com cada locutor (em função das influências e das pressões do contexto sócio-cultural) e com a situação de enunciação, de modo que a escolha de uma expressão de intensidade não é um fato arbitrário”.

freqüentemente sem valores objetivos de referência e a partir de padrões não convencionados de dimensionalidade” (RIO-TORTO, 1987: 89).

O intensificador pressupõe parâmetros e revela a relatividade. Por isso, até o grau máximo é relativo, como é o caso da expressão *pra lá de ótimo*. Sempre se pode aumentar e não há limites, salvo em frases negativas ou no caso do grau zero, a exemplo de *Isso não é nada bom*. O zero corresponderia à ausência de apreciação.

Diz MALHEIROS-POULET (1990: 497-498) que é o caráter relativo do operador de intensidade (intimamente ligado à subjetividade) que vai fazer com que a apreciação adquira um valor argumentativo. E, mais adiante, acrescenta que o intensivo serve, pois, para pôr em relevo um elemento do pressuposto ao qual se refere, acrescentando-lhe um valor argumentativo, para concluir reconhecendo que o processo de intensificação é feito de acordo com parâmetros ligados à experiência de cada um, que são as competências sócio-culturais e as competências psíquicas do locutor (emotividade, motivação diante do objeto apreciado etc.).

Como revelador da *escala gradativa* e da *escala argumentativa*, se quer dizer que todo intensificador tem uma orientação positiva (muito) ou negativa (pouco) em relação a uma escala gradativa (*demais – muito – bastante – meio – quase – pouco*) sobre a qual se coloca, paralela a uma escala argumentativa que, ao contrário da escala gradativa, está ligada ao discurso, à intenção argumentativa do locutor, à interpretação do destinatário, a uma situação de enunciação. E é exatamente por isso que a escala argumentativa é não só relativa como também subjetiva.

Quando o médico, para persuadir o paciente a se submeter a

uma cirurgia, diz que vai doer pouco ou que não vai doer nada, ele está empregando uma escala argumentativa. O mesmo ocorre quando se diz que está muito cansado, para dissuadir alguém da intenção de convidar para sair ou para ir ao cinema, por exemplo. O certo é que o locutor diz além daquilo que expressa em seus enunciados, razão pela qual o sentido do discurso só é captado quando o alocutário compreende o sentido daquilo que o locutor quer dizer, isto é, quando o alocutário apreende as intenções do locutor.

A escala argumentativa, contudo, não aparece sozinha. Ela vem acompanhada da escala gradativa, pois “todos os atos de enunciação que contém uma expressão de intensidade possuem, além da função gradativa, uma função argumentativa” (MALHEIROS-POULET, 1991: 490).

“Esta função argumentativa tem por finalidade levar o destinatário a uma certa conclusão, isto é, conduzi-lo a aderir à apreciação do locutor” (*Id.*: 499).

Em outro lugar, a mesma autora observa que

la mise en rapport de l'échelle de valeurs (liée aux intensifs) et de l'échelle argumentative (liée aux intentions du locuteur) montre que, lorsqu'une appréciation est intensifiée (en situation d'énonciation) il y a un choix dans l'orientation de la gradation: dire *très bon* situe, oriente le jugement vers la zone positive de l'échelle de valeurs¹⁶ (MALHEIROS-POULET, 1984: 22-23).

Em síntese, pode-se dizer, segundo MALHEIROS-POULET (1991: 500), que, além do grau e do caráter argumentativo sobre o plano

¹⁶ “a comparação da escala de valores (ligada aos intensivos) em relação com a escala argumentativa (ligada às intenções do locutor) mostra que, quando uma apreciação é intensificada (em situação de enunciação) há uma escolha na orientação da gradação: dizer *très bon* situa, orienta o julgamento para a zona positiva da escala de valores”

denotado, o intensificador conota as competências lingüísticas e sócio-culturais do locutor e do destinatário, e também que, em virtude de o intensificador aparecer em todos os níveis da comunicação, tal fato propicia a criação da isotopia intensiva, que tem por função servir “como reforço argumentativo”.

Sobre a possibilidade de os intensificadores revelarem o *aspecto*, além do grau, pode-se mencionar o intensificador *quase* (portador do aspecto progressivo), *apenas* e *um pouco* (portadores do aspecto estático). A propósito, MALHEIROS-POULET (1986: 24) diz o seguinte:

As expressões circunstanciais temporais estão vinculadas à noção de aspecto. *Agora* e *na hora* possuem um aspecto pontual, o sufixo *-INHO* serve para reforçar este aspecto. *Manhã*, *tarde* e *noite* possuem um aspecto de continuidade, durativo, o sufixo *-INHO* serve para reforçar o início ou o fim do desenvolvimento cronológico, transformando o aspecto durativo em aspecto pontual.

As frases “Estou *quase* molhado”, “Cheguei *agorinha*”, “Cheguei *de manhãzinha*” (= no início da manhã), “Cheguei *de tardezinha*” (= no final da tarde) e “Cheguei *de noitinha*” (= no início da noite) ilustram intensificadores reveladores do aspecto. Neles, enquanto QUASE marca o aspecto cursivo, -INHO reforça o aspecto pontual de *agora* e marca o aspecto inceptivo em *de manhãzinha* / *de noitinha*, e terminativo em *de tardinha*.

1.6 O PAPEL DO ELEMENTO MODIFICADO

O elemento modificado, isto é, a base sobre a qual incide a intensificação, que em português pode ser, por exemplo, *substantiva*

(*pacotinho*), *adjetiva* (*belíssimo*), *adverbial* (*pertinho*), *verbal* (*reforçar*)¹⁷, *frasal* (*Não viajaremos de jeito nenhum*), deve possuir certos traços sêmicos compatíveis com o intensificador para que a intensificação possa se efetivar. A propósito, diz MALHEIROS-POULET (1984: 140): “Le choix de l’image associée est limité par le sens du terme modifié: [...] *magro como um palito* / **gordo como um palito*”¹⁸.

É claro que a compatibilidade referida pode deixar de ser observada sempre que se desejar obter um efeito cômico, como aconteceu no último exemplo citado, mas tal ocorrência pode implicar em alterações semânticas.

A propósito, por falar em compatibilidade e constrangimentos semânticos, é oportuno discorrer sobre o emprego dos intensificadores *POUCO* e *UM POUCO*¹⁹, para melhor ilustrar esse tópico.

O intensificador *POUCO* é usualmente empregado para intensificar bases adjetivas portadoras de uma *conotação positiva*, com o propósito de indicar insuficiência (Ele é pouco *inteligente*, pouco *estudioso* e pouco *modesto*), enquanto o intensificador *UM POUCO* é empregado para intensificar bases adjetivas portadoras de uma *conotação negativa*, com o propósito de atenuar (Ele é um pouco *preguiçoso*, um pouco *burro* e um pouco *orgulhoso*). Todavia, não só há bases adjetivas de sentido intensivo que não se compatibilizam com os intensificadores mencionados, como é o caso de “*Ele é pouco excelente” e “*Ele é um pouco excelente”, como também há bases adjetivas que, apesar de se

¹⁷ Hipoteticamente é possível haver também intensificação *pronominal* (*elezinho*), não incluída aqui por não fazer parte do sistema usual da norma culta, sendo ela de natureza exclusivamente afetiva.

¹⁸ A escolha da imagem associada é limitada pelo sentido do termo modificado: [...] *magro como um palito* / **gordo como um palito*.

¹⁹ Comentário feito com base em opinião emitida oralmente pela Prof^a Dr^a Nilce Sant’Anna Martins em dezembro de 1991.

compatibilizarem, tal compatibilização implica em mudança de sentido quando se troca de intensificador, como acontece em “Ele é *pouco orgulhoso*” (= quase não orgulhoso ou menos orgulhoso do que se espera) e “Ele é *um pouco orgulhoso*” (= de fato orgulhoso ou mais orgulhoso do que se espera)²⁰.

Ainda sobre o papel da base, facilmente se percebe que os traços semânticos dela podem modificar o significado do intensificador ao se tomar as bases *papel/doutor* e acrescentar o intensificador -INHO, obtendo, assim, *papelzinho*, que mais provavelmente irá conotar a noção de *papel pequeno*; e *doutorzinho*, que, dentre outros sentidos possíveis, pode conotar a noção de *doutor de pouco valor*, em virtude da depreciação obtida com a associação de um intensificador minimal a uma base valorativa. Dessa forma, nota-se que enquanto numa base (*papel*) a intensificação pode ser denotativa, em outra (*doutor*) ela pode ser conotativa, a depender da natureza, muitas vezes de ordem afetiva, observada no semantismo da derivada. Por outro lado, ao se acrescentar o intensificador -ÃO às bases *comprido* e *dedo* obtem-se *compridão* (= muito comprido) e *dedão* (= dedo grande), isto é, uma gradação intensiva e uma gradação dimensiva, respectivamente, em virtude da primeira base ser adjetiva (de natureza qualitativa) e da segunda base ser substantiva (de natureza designativa). Dessa forma pode-se dizer que, no substantivo, a gradação exprime a dimensão do ser, enquanto que no adjetivo ela vai exprimir a intensidade de uma qualidade atribuída ao ser. Já numa base verbal, conforme expõe MALHEIROS-POULET (1986: 5), sendo o intensificador um sufixo comparativo aumentativo, ele vai desempenhar

²⁰ Cabe observar que tanto em “Ele é *pouco orgulhoso*” quanto em “Ele é *um pouco orgulhoso*”, se o emprego for irônico, é claro que haverá alteração semântica, passando a significar o contrário, isto é, “Ele é *muito orgulhoso*”.

aí o duplo papel de produzir uma mudança de categoria (ao transformar um verbo em substantivo) acrescentando-lhe uma noção de força (empurrão) e de freqüência ou insistência (comilão). SANDMANN (1989-A: 70), por sua vez, referindo-se aos adjetivos pejorativos (um sujeito *entrao*) diz que nesses casos “o verbo entra com a expressão de uma ação tida como desagradável e *-ão* indica a repetição dessa ação por um agente”.

Ainda sobre o papel da base é importante observar o elemento de base sobre o qual o adjetivo intensificado está incidindo, pois os traços semânticos das bases incidentes podem determinar alterações no semantismo das expressões intensificadoras, como se pode constatar comparando as frases (8) e (9) abaixo transcritas:

(8) Tomei um **café** *bem quente*.

(9) Tomei um **refrigerante** *bem quente*.

Na frase (8), *bem quente* não tem o mesmo significado da frase (9), por ser compatível com o semantismo da sua base incidente (**café**), ao contrário do que acontece com a frase (9), em que *bem quente* é incompatível com o semantismo da sua base incidente (**refrigerante**). Nesse caso, “**café** *bem quente*” pode significar um café que está no ponto, numa temperatura boa, enquanto que “**refrigerante** *bem quente*” não significa necessariamente um refrigerante quente, mas um refrigerante que não está bem frio, que está fora do ponto, que está na temperatura ambiente ou até numa temperatura fria mas não suficientemente fria para quem costuma tomá-lo bem gelado.

Em síntese, tem-se, então, que uma expressão de intensidade “est déterminé, non seulement par le contexte, les conditions d’emploi et

les indices référentiels, mais encore par le comportement sémantique et/ou morphosyntaxique des éléments environnants incidents”²¹ (MALLEIROS-POULET, 1984: 30). É por isso que um mesmo intensificador, como é o caso do sufixo -INHO, pode ter vários significados: *pequeno*, diante de bases substantivas graduáveis (*carrinho*); *pouco*, *um pouco* ou *muito*, diante de bases adjetivas graduáveis (Que garoto *sapequinha!*); *muito*, diante de bases adverbiais que indiquem espaço, tempo ou quantidade (Ele saiu *cedinho*); e *totalidade*, diante de bases adjetivas não graduáveis (Ela estava *nuazinha*).

Tudo isso mostra como o significado lexical do lexema-base condiciona a ocorrência e a especificidade semântica dos intensificadores.

E agora, para encerrar, cumpre dizer ainda que nem toda base, dentre as mencionadas anteriormente, admite a intensificação, como acontece com os adjetivos qualificativos, intensificáveis por excelência, mas passíveis de sofrer algumas restrições, segundo ROCA-PONS (1976: 143), para quem “los hay que expresan cualidades susceptibles de graduación, mientras que a otros les repugna esta particularidad: por ejemplo, se puede decir que una persona es más o menos *buena*, *culta* etc. pero no más o menos *viva* – en sentido propio – o *muerta*”²².

²¹ “é determinada, não apenas pelo contexto, pelas condições de emprego e pelos índices referenciais, como também pelo comportamento semântico e/ou morfossintático dos elementos contextuais incidentes”

²² “há os que expressam qualidades susceptíveis de graduação, enquanto que outros rejeitam tal particularidade: por exemplo, se pode dizer que uma pessoa é mais ou menos *boa*, *culta* etc. mas não mais ou menos *viva* – em sentido próprio – ou *morta*”.

1.7 CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO DOS INTENSIFICADORES.

Para a classificação dos intensificadores adotou-se o critério semântico-morfossintático que permite incluí-los nas seguintes categorias principais: *morfemas*, *sintagmas* e *frases*.

Os intensificadores morfemáticos se subdividem em *lexemas substantivais*, *lexemas adjetivais*, *lexemas verbais*, *gramemas presos prefixais*, *gramemas presos sufixais comparativos*, *gramemas presos sufixais superlativos*, *gramemas livres operadores da intensidade por natureza* e *gramemas livres operadores da intensidade por transferência de sentido*.

Os intensificadores sintagmáticos se subdividem em *construções sintagmáticas enfáticas com conotação intensiva*, *lexias complexas metafóricas com conotação intensiva* e *sintagmas do tipo superlativo relativo*.

Os intensificadores frasais se subdividem, dentre outros, em *frases intensivas comparativas*, *frases intensivas consecutivas*, *frases intensivas proporcionais* e *frases intensivas concessivas*.

O critério adotado prevê a reunião das categorias supracitadas em dois grandes grupos, seguindo proposta apresentada por MALLEIROS-POULET (1984), que seriam o dos intensificadores *por extensão* e o dos intensificadores *por relação*, levando-se em conta a relação do intensificador com a base intensificada ou com outro elemento fora da base.

Os intensificadores por extensão caracterizam-se por serem modificadores capazes de aumentar ou diminuir a intensidade do semantismo de uma base mediante, por exemplo, um *lexema*, um *gramema*

(preso ou livre), um *sintagma do tipo lexia complexa* ou um *sintagma do tipo superlativo relativo*, sem estabelecer relação com qualquer noção estranha a essa base. Nesse caso, a escolha do procedimento corresponde a uma *visão global*²³ ou a uma *visão relativa*²⁴ do locutor. Exemplos:

- (10) Esta cidade é **enorme** (= muito grande)
- (11) Conheço uma cidade **muito** limpa.
- (12) Este homem é **podre de rico** (= muito rico)

Os intensificadores por relação caracterizam-se por serem modificadores capazes de aumentar ou diminuir a intensidade do semantismo de uma base mediante um *sintagma do tipo superlativo relativo* ou mediante uma *frase intensiva* (comparativa, consecutiva, proporcional ou concessiva), mas sempre estabelecendo relação com uma noção estranha a essa base. Nesse caso, a escolha do procedimento corresponde sempre a uma *visão relativa* do locutor. Exemplos:

- (13) Jesus Cristo é **o Rei dos reis**.
- (14) Afinal de contas Pedro é tão bom quanto eu, né Zé?

Além dos procedimentos de intensificação vistos acima, o critério de classificação adotado aqui levou em conta também a distri-

²³ Por *visão global* entende-se a visão do locutor em termos absolutos que interdita toda a possibilidade de estabelecimento de uma escala gradativa, uma vez que ele situa a intensificação sempre nos pontos extremos dessa escala, como ocorre com *belíssimo*.

²⁴ Por *visão relativa* entende-se a visão do locutor que possibilita marcar a intensificação com uma intensidade relativa localizável sobre uma escala gradativa, de forma que a intensificação percorre toda a escala, desde o mais baixo até o mais alto grau, passando pelo grau médio, como acontece com *muito bonito* em relação a *um pouco bonito*, *meio bonito* etc.

buição dos intensificadores em quatro tipos, que seriam o *intensificador por natureza não integrado à lexia*, o *intensificador por natureza integrado à lexia*, o *intensificador por transferência não integrado à lexia* e o *intensificador por transferência integrado à lexia*.

O intensificador por natureza é aquele (correspondente para o locutor a uma visão global ou relativa) que, no nível da *língua*, costuma funcionar como intensificador, podendo ser *integrado à base*, quando vem implícito, isto é, quando o elemento modificado e o intensificador se encontram numa mesma base, a exemplo de *enorme* (= *muito grande*); ou *não-integrado à base*, quando vem explícito (ex.: *boníssimo*). Já o intensificador por transferência (de sentido ou de categoria) é aquele (correspondente para o locutor a uma visão global) que não sendo habitualmente um intensificador no nível da *língua*, passa a sê-lo no nível do discurso, mediante, digamos assim, um processo de metaforização, podendo também ser *integrado à base*, quando implícito (ex.: Ele *adora doce*); ou *não-integrado à base*, quando explícito (ex.: Você está *gordinho*, rapaz!).

Concluindo, resta dizer finalmente que, conforme a classificação apresentada, os intensificadores *morfemáticos* são *lingüísticos* por excelência, enquanto que os intensificadores *sintagmáticos* e os *frasais* são os tipicamente retóricos, discursivos, resultantes de um efeito de sentido manifestado na situação enunciativa.

2 LEXEMAS SUBSTANTIVAIS OPERADORES DA INTENSIDADE

2.1 POR TRANSFERÊNCIA DE SENTIDO

2.2 POR TRANSFERÊNCIA DE CATEGORIA

Ao contrário do que acontece no plano morfosintático, no plano semântico-lexical a gradação é de natureza exclusivamente semântica. Esse tipo de gradação, conhecido também pelo nome de *gradação lexical* ocorre, segundo ALCINA FRANCH & BLECUA (1982: 573), “cuando la lengua ofrece palabras distintas para expresar cada uno o algunos de los grados de intensidad del adjetivo”¹, a exemplo de *bom/mau*, que será objeto de apreciação no Capítulo seguinte, denominado *Lexemas adjetivais operadores da intensidade*. Nesse caso, cabe observar, todavia, que além de expressar uma avaliação axiológica, o locutor manifesta também a sua subjetividade.

Os lexemas substantivais operadores da intensidade são lexias do tipo simples, isto é, uma unidade lexical memorizada constituída por apenas um radical, conforme teoria desenvolvida por POTTIER (1973), pertencente à classe dos nomes substantivos que possuem integridade em si uma base e um intensificador implícitos por transferência (de sentido ou de categoria).

Tais lexias intensificadas constituem, conforme PINILLA (1979: 8), “casos de intensificação inerentes ao conteúdo semântico de entidades do léxico”, e se caracterizam, ainda, por expressarem uma visão global do locutor.

Outrossim, parece ser uma característica das lexias nominais simples, empregadas como operadoras da intensidade, o fato de serem nomes de qualidade. É o que afirma MALHEIROS-POULET (1983: 95), para quem “tous les lexèmes nominaux employés comme opérateurs

¹ “quando a língua apresenta palavras distintas para expressar cada um ou alguns dos graus de intensidade do adjetivo”

d'intensité, (*sic*) sont des noms de qualité"².

Em síntese, pode-se dizer, então, que os lexemas substantivais operadores da intensidade são lexias simples (pertencentes à classe dos nomes substantivos) que possuem, implícito, um intensificador por transferência de sentido (ou de categoria).

2.1 POR TRANSFERÊNCIA DE SENTIDO

O substantivo será intensificado por transferência de sentido em dois casos distintos que serão examinados a seguir.

No primeiro caso, tem-se um substantivo não-material em função predicativa, acompanhado de um artigo indefinido que marca um reforço que tende para a materialização da noção, conforme aparece nos seguintes exemplos:

- (1) INF – Eu devo lembrar a vocês uma coisa interessante, vocês já devem ter provado o doce de tomate. É **uma delícia!**

(INQ081, INF089, p.192, LINHAS 609-611)

- (2) INF Hoje, esta minha irmã, esta minha irmã querida mandou, (rindo) pela manhã, uma... um recipiente com doce de coco mole, em calda, que estava **uma delícia.** (risos)

(INQ081, INF089, p.193, LINHAS 679-682)

² “todos os lexemas nominais empregados como operadores de intensidade são nomes de qualidade”.

- (3) INF – Agora a (superp) biblioteca do Instituto eu achei **uma beleza!** Não é convidativa, é.

(INQ231, INF301, p.162, LINHAS 507-508)

- (4) INF Eu acho válido aquele tipo de trote, não os trotes estúpidos como tem aí, mas o tipo de trote mesmo que eu tomei achei **uma beleza.** Achei ótimo, [...].

(INQ231, INF301, p.175-176, LINHAS 1053-1056)

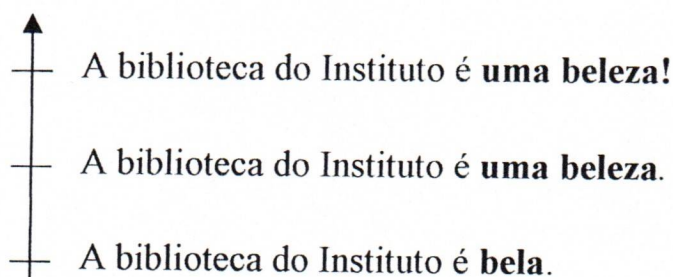
Segundo BIDERMAN (1992: 270 e 142), *delícia* denota “grande prazer causado por alguma coisa”, enquanto que *beleza* denota “qualidade de alguma coisa ou de uma pessoa cuja vista dá prazer aos sentidos ou eleva o espírito”. Trata-se, aqui, de substantivos subjetivos portadores de semas não-materiais que expressam uma sensação percebida pelo locutor.

Enquanto o traço /não-material/ se concilia com a utilização do artigo definido, que remete para uma visão generalizante (a *delícia*, a *beleza*), o emprego do artigo indefinido (*uma*) particulariza a noção abstrata, de forma que o uso desse artigo marca um reforço que tende para a materialização da noção abstrata acima referida.

Nos exemplos (1) e (2), *uma delícia* é equivalente a *muito delicioso*. O emprego de um substantivo subjetivo não-material, determinado por um artigo indefinido (*uma delícia*) tem uma força intensiva maior que a do adjetivo correspondente (*delicioso*), como também reconheceu MALHEIROS-POULET (1983: 100). Por conseguinte, o adjetivo (*delicioso*) caracteriza uma qualidade incidente a um substantivo, ao passo que o substantivo (*uma delícia*) tem a capacidade não só de nomear como também de materializar e intensificar uma noção, observando-se

aqui que essa intensificação é maior no exemplo (1) do que no exemplo (2) por vir reforçada pela entonação exclamativa (*É uma delícia!*).

Nos exemplos (3) e (4), ao se empregar o substantivo *beleza*, derivado do adjetivo *belo*, com a anteposição do artigo indefinido, numa frase de estrutura nominal, constata-se o mesmo fenômeno estudado acima, observando-se de novo que, em (3), o morfema supra-segmental exclamativo aumenta ainda mais a intensidade, como se verifica a seguir:



Nesses exemplos, o que acontece é que se produz um deslizamento semântico, mediante o auxílio do artigo indefinido, numa estrutura de frase nominal em que o adjetivo *belo* sofre uma transformação que lhe acrescenta outros semas além dos seus. Processo similar explica o ocorrido com o substantivo *delícia* nos exemplos (1) e (2).

No segundo caso de transferência de sentido, têm-se substantivos intensivos resultantes de uma metáfora, conforme os seguintes exemplos encontrados:

(5) DOC – E você conhece, assim, expressões exageradas que as pessoas usam para... quando saem na chuva que se molham muito?

INF – Conheço. Eh... bom... A pessoa pode dizer: “Está um temporal” – realmente não é exagerado porque não deixa de ser. “Está um **dilúvio.**”

(INQ135, INF164, p.148-149, LINHAS 848-853)

- (6) INF Então, se eu for fazer um cozido, se puser uma banana-da-terra, um maxixe, dois quiabos, no fim de conta dá pra um **batalhão** comer, entendeu?

(INQ081, INF089, p.188, LINHAS 477-480)

- (7) INF Mas, na verdade, nós preferimos sempre aqueles doces feitos em casa, e não aqueles industrializados; porque realmente os de casa são muito mais saborosos. Então, eu tenho, assim, vou lhe dizer, a sorte de minha mãe ser muito moça e muito prendada e ainda uma irmã que eu tenho que casou-se e foi morar numa fazenda, essa é prendadíssima; em matéria de doce, licores e... e alimento em geral, ela está pronta a qualquer tempo e a qualquer hora. E sempre faz doce de uma **infinidade** de coisas. Por exemplo: doce de figo – ela tem em casa uma figueira –, doce de mamão verde e doce de laranja-da-terra, e doce de banana-da-terra, doce de banana-d'água e... e banana-da-prata, assim, uma **infinidade** de doces... não sei ainda do que ela não... não pegou pra fazer doce. (superp)

(INQ081, INF089, p.191-192, LINHAS 591-607)

- (8) INF Então, a gente vê que é um custo de vida onde o... a pessoa que está numa faixa de salário mínimo, ou abaixo desse mínimo, é um **heroísmo** viver.

(INQ356, INF452, p.273-274, LINHAS 601-604)

A metáfora se explica pela elipse de uma parte dos semas constituintes do lexema empregado, razão pela qual no exemplo (5), “Está um *dilúvio*”, houve neutralização do sema /inundação universal/, mas se conservou o sema denotativo /chovendo muito/, de forma que “Está um *dilúvio*” significa que está *chovendo muito*.

Algo semelhante ocorre em (6), (7) e (8), onde há neutralização dos semas /unidade militar/, em relação ao substantivo *batalhão*; /qualidade de infinito/, em relação ao substantivo *infinidade*; e /ato praticado por um herói/, em relação ao substantivo *heroísmo*. Todavia, conservou-se o sema conotativo intensivo, de forma que, nos trechos su-

praticados, “[...] no fim de conta dá pra um *batalhão* comer”, significa que no fim de conta dá pra *muita gente* comer; “sempre faz doce de uma *infinidade* de coisas”, significa que sempre faz doce de *muitos tipos* de coisas; e “é um *heroísmo* viver”, significa que é *muito difícil* viver.

Nesses casos de lexemas substantivais operadores de intensidade por transferência de sentido, nota-se que, ao se esvaziarem do conteúdo semântico denotativo, eles conservam apenas os semas que caracterizam o objeto percebido com o sema de grau elevado: /chovendo *muito*/, /*muita gente*/, /*muitos tipos*/, /*muito difícil*/.

2.2 POR TRANSFERÊNCIA DE CATEGORIA

O substantivo será intensificado por transferência de categoria quando a intensificação ocorrer pelo emprego de certos adjetivos como substantivos. Nessa perspectiva, foram encontrados dois casos.

O primeiro caso se refere a superlativos e comparativos sintéticos no masculino (forma não marcada), que substituem todo o sintagma nominal, conforme aparece nos seguintes exemplos:

(9) INF – Como eu conduzo a bagagem?

DOC – Sua bagagem.

INF – Bom, normalmente eu levo o **mínimo** indispensável.

(INQ277, INF354, p.27, LINHAS 78-81)

(10) INF Aliás, eu vou lhe dizer uma coisa: ultimamente, eu tenho comido muito mais banana, porque li um... um artigo, onde dizia que se você quer prolongar ao **máximo** sua vida, (risos) se quer chegar àquela fase geriátrica muito mais além do

que se tem que chegar normal... normalmente, que s... consumindo banana-da-prata em grande quantidade, exatamente naquela época que ela está pintadinha, então é o ideal.

(INQ081, INF089, p.192-193, LINHAS 641-649)

No exemplo (9), *mínimo* foi empregado em lugar de *a mínima coisa*; enquanto, no exemplo (10), *máximo* foi empregado em lugar de *a quantidade máxima*. Assim, ambos os termos possuem um operador de intensidade por natureza, integrado à lexia, que, atualizado na frase, opera uma transferência de categoria, uma vez que os adjetivos (mínimo, máximo) são empregados como substantivos.

No segundo caso, a mudança categórica vem acompanhada do aumento da carga sêmica e da redução do sintagma, passando o adjetivo a absorver o conjunto de semas inerentes ao sintagma nominal. Disso resultam maior expressividade e maior intensidade, como ilustra o seguinte exemplo:

(11) INF Ah... muito ampla, com as mesas, cadeiras e os livros suficientes, que é o **principal** numa biblioteca, né, são os livros de consulta, os livros mais atualizados – que é uma coisa que a gente não encontra em biblioteca hoje, né? Difícil!

(INQ231, INF301, p.162, LINHAS 484-489)

Aqui, no exemplo (11), há transferência de categoria gramatical por apagamento do substantivo, porém com o reforço de sua carga sêmica. A caracterização que era dada pelo adjetivo torna-se mais particularizante e mais concreta:

O livro é **a coisa principal** → O livro é **o principal**
(= muito importante)

Fazendo, agora, uma comparação com as expressões infraci-tadas, nota-se que, enquanto a primeira apresenta característica generalizante, a segunda apresenta característica particularizante, aproximando-se, portanto, do primeiro caso analisado:

- a) O livro é **principal**;
- b) O livro é **o principal**.

Em relação aos lexemas substantivais operadores da intensidade, o exame do *corpus* conduz ao reconhecimento da existência de uma acentuada frequência de operadores de intensidade por transferência de sentido, com o predomínio daqueles portadores de sentido hiperbólico. Isso ocorre pela incontestável força ilocutória de tais intensificadores, que não são empregados aleatoriamente, mas com o propósito de atuar sobre o alocutário, persuadindo-o, levando-o a tomar uma atitude, a aderir a um determinado ponto de vista. É o que se observa nos exemplos analisados, a começar pelo primeiro, em que o intensificador manifesto (*É uma delícia!*) visa a persuadir o alocutário acerca da excelência do doce de tomate ao mesmo tempo em que acentua a adesão do enunciador ao objeto referido em seu enunciado. Esta tendência argumentativa será vista igualmente nos lexemas adjetivais operadores da intensidade que serão analisados a seguir, observando-se, todavia, que o locutor, ao modalizar o seu discurso com operadores de intensidade, está também se revelando, deixando pistas sobre o enunciado, expressando sua subjetividade, num processo de construção da referência.

3 LEXEMAS ADJETIVAIS OPERADORES DA INTENSIDADE

3.1 POR NATUREZA

3.2 POR TRANSFERÊNCIA DE SENTIDO

Como os substantivos, certos adjetivos podem funcionar como operadores de intensidade. Aliás, essa é uma atribuição mais apropriada para o adjetivo, pelo seu caráter modificador, o que se confirma com a grande variedade e freqüência deles no discurso. A rigor, são lexias simples que possuem um intensificador integrado (por natureza ou por transferência de sentido). Tais elementos se caracterizam por expressar uma visão global ou relativa do locutor, indicando, então, o alto ou baixo grau.

3.1 POR NATUREZA

O lexema adjetival será operador da intensidade por natureza quando, por si mesmo, for intensivo, sem precisar sofrer nenhum processo de conversão ou metaforização.

Tomando como base os lexemas adjetivais operadores da intensidade por natureza recolhidos do *corpus*, é possível subdividi-los em *adjetivos graduáveis*, *adjetivos que expressam um grau extremo de grandeza (ou tamanho)*, *adjetivos que marcam o grau extremo de uma qualidade ou de uma caracterização* e *adjetivos que colocam em evidência a identificação ou a perfeição de uma qualidade*.

Os *adjetivos graduáveis* expressam uma visão relativa do locutor no que concerne à intensificação, marcando o grau dessa intensidade numa escala gradativa pressuposta, podendo tal escala ser *triádica* ou *complexa*.

Os adjetivos graduáveis pertencentes a uma escala triádica marcam a intensidade numa escala constituída de três graus. Exemplos:

- (1) INF – Há sim. (superp) Há aqueles filmes de **curta** metragem, né? Um documentário, geralmente... Existem pequenos documentários e grandes documentários; aqueles de quinze minutos, tem os de uma hora. Há filmes de desenho animado... geralmente, uma hora, quarenta minutos.
 DOC – Sim. Você classificaria... (superp)
 INF – O normal, duas ho... (superp)
 DOC – ... como de...? Quanto à duração?
 INF – Acho que **média**. Eu não sei se classificam como **média** metragem, mas eu diria que seria um filme de **média** metragem. (rindo)

(INQ138, INF167, p.52, LINHAS 112-123)

- (2) INF – É o **célebre** guarda-chuva.

(INQ159, INF203, p.256, LINHA 802)

- (3) INF – Não sendo em lã, uma fazenda **grossa**, um algodão.

(INQ159, INF203, p.247, LINHAS 437-438)

- (4) INF – A vida noturna é muito **intensa**, [...]

(INQ100, INF118, p. 108, LINHA 51)

- (5) INF – Quando o sol é mui... quando não é muito **forte**, ele não queima a pele, compreendeu?

(INQ135, INF164, p.135, LINHAS 289-290)

- (6) INF De manhã pode dar um... pode dar o que nós chamamos o norte **brando**, que é de lá de Mar Grande pra cá.

(INQ135, INF164, p.133, LINHAS 223-225)

- (7) INF Pelo próprio clima da terra é que geralmente usam muito vinho. [...], nós também fazemos uso, embora você há de convir que é um uso **moderado** [...]

(INQ081, INF089, p.195, LINHAS 746-751)

- (8) INF É, você encontra casas bem mais **simples**, mais **modestas**, né, e casas bem mais... mais **sofisticadas**.

(INQ173, INF224, p.89, LINHAS 99-101)

- (9) INF – Tem, tem diferenças, inclusive de conforto tem diferença, porque o ônibus pra fora da cidade, ele tem bancos melhores, poltronas geralmente reclináveis e não carregam passageiro em pé, que é muito desagradável pra quem vai sentado, e você passa o tempo **todo** sentado meio de banda, porque o pessoal fica pendurado em cima da gente.

(INQ277, INF354, p.32, LINHAS 291-297)

- (10) INF [...] eu tenho uma **certa** prática de... porque quase que fui criada por meus avós; e então, ainda em casa, ainda muito pequena, era meu passatempo apreciar a minha avó cozinhar [...]

(INQ081, INF089, p.185, LINHAS 353-356)

- (11) INF Tinha também... eh... uma espécie de bar... hum... muito... eh... sofisticado, **cheio** de... de espelinhos [...]

(INQ173, INF224, p.99, LINHAS 513-514)

- (12) INF – Principalm... e as pessoas de olhos **claros**. Eu até, talvez, tenha por causa de meus olhos cla... meus olhos **claros**. (rindo)

(INQ135, INF164, p.136, LINHAS 320-322)

- (13) INF [...] nós preferimos mesmo fazer uma refeição mais, digamos assim, **substancial**, pela manhã [...]

(INQ081, INF089, p.178, LINHAS 38-40)

Em todos os exemplos citados constata-se que o lexema adjetival intensificador coloca o grau da intensidade reportando-se para uma escala gradativa triádica composta dos graus *superior*, *médio* e *inferior*.

rior. Em (1), a escala é constituída dos lexemas adjetivais graduados “*longo, médio, curto*”, daí as expressões *longa metragem, média metragem* e *curta metragem*, utilizadas para indicar a duração do filme, todas elas com marca de grau. Em (2), a escala é constituída dos lexemas “*célebre, conhecido, desconhecido*”, daí a expressão “*célebre guarda-chuva*”, significando guarda-chuva *muito conhecido*, com marca de grau superior. Em (3), a escala é constituída dos lexemas “*grossa, média, fina*”, onde *grossa*, na expressão “*fazenda grossa*”, marca o grau superior.

Em (4), (5), (6) e (7), a escala é constituída dos lexemas “*intenso* (ou forte), *brando* (ou moderado) e *fraco*”, em que o adjetivo *intenso* em “*vida noturna [...] intensa*” corresponde, *mutatis mutandis*, ao adjetivo *forte* em “*sol [...] forte*”, ambos no grau superior. O mesmo acontece com o adjetivo *brando* em “*norte brando*”, que corresponde ao adjetivo *moderado* em “*uso moderado (do vinho)*”, ambos no grau médio, desempenhando uma função nitidamente atenuadora. Em (8), a escala é composta dos lexemas “*sofisticado, modesto, simples*”, que aparecem em “*casas [...] sofisticadas*”, “*casas [...] modestas*” e “*casas [...] simples*”, respectivamente nos graus superior, médio e inferior. Em (9), a escala é formada dos lexemas “*todo, algum, nenhum*”, onde, na expressão “*o tempo todo*”, o adjetivo *todo* se opõe ao adjetivo *nenhum* na expressão *tempo nenhum*.

Em (10) e (11), a escala é constituída dos lexemas “*muito* (ou cheio), *pouco* (ou certo), *nenhum*”, onde, na expressão “*uma certa prática*”, o adjetivo *certa*, no grau médio, é um atenuador que, ao expressar a noção intermediária de alguém que não tem nem muita nem nenhuma prática, visa a proteger a face do locutor, enquanto, na expressão “*bar cheio de espelhos*”, o adjetivo *cheio*, no grau superior, tem o sentido de

abundância, razão pela qual seria o mesmo que dizer *bar com muitos espelhos*, o oposto de *bar com nenhum espelho*. Em (12), a escala é composta dos lexemas “*escuro, médio, claro*”, onde o adjetivo *claro*, na expressão “*olhos claros*”, marca o grau da tonalidade cromática dos olhos. Finalmente, em (13), a escala é formada dos lexemas “*substancial, regular (ou normal), leve*”, onde, na expressão “*refeição [...] substancial*”, o adjetivo *substancial*, no grau superior, tem o sentido de *abundante* ou *que alimenta bem*, de forma que uma refeição substancial é uma refeição abundante ou bem nutritiva, em oposição a uma refeição leve, isto é, uma refeição parca, com poucos elementos, diferente de uma refeição regular (ou normal), que é uma refeição nem leve nem substancial.

Por outro lado, os adjetivos graduáveis que marcam o grau de intensidade sobre um escala gradativa complexa são aqueles em que o lexema adjetival operador da intensidade por natureza está inserido em séries ordenadas de lexemas graduáveis que formam escalas complexas, entendido o termo *escala complexa*, aqui, como aquela constituída de mais de três graus, como se verá a seguir:

- (14) INF Eh... na época daquele... daquele grande desastre de abril de setenta e um, daquelas chuvas, a umidade na Bahia chegou a noventa e oito. Quer dizer, chegava até, por brincadeira, a se dizer que se você respirasse **fundo**, morreria afogada.

(INQ135, INF164, p.145, LINHAS 693-698)

- (15) INF – O crepúsculo (superp) aqui de Salvador é um negócio **lindo**, né?

DOC – Uma impressão, por exemplo, **bonita** é o senhor chegar de... de barco ou de navio e ver a cidade...

INF – A cidade, também, é uma beleza. É **bonita**, é **linda**.

(INQ100, INF118, p.117, LINHAS 432-437)

(16) INF – Bom, o Centro Administrativo... ah... o Centro Administrativo de Salvador, eu considero uma obra **espetacular**.

(INQ100, INF118, p.118-119, LINHAS 480-482)

(17) INF O importante do ravióli, por exemplo, que nós nos referimos, é que, quando posto numa panela com água **fervente**, ele desce totalmente ao fundo da panela [...].

(INQ081, INF089, p.184, LINHAS 298-301)

No exemplo (14), essa escala é composta de quatro graus, isto é, dos lexemas adjetivais “*profundo* ← *fundo*, *raso*, *superficial*”, de forma que “respirasse *fundo*” é puxasse o ar para o fundo dos pulmões, numa intensidade intermediária entre *raso*, que seria a respiração normal, e *profundo*, que seria uma respiração muito funda, mais do que funda. Em (15) e em (16), essa escala é mais ampla, composta de vários graus, dentre os quais os marcados pelos lexemas “*divino* ← *deslumbrante*, *espetacular*, *belo*, *lindo*, *gracioso/formoso*, *bonito*, *simpático*¹, *feio* → *horroroso*”, com três deles (*bonito*, *lindo* e *espetacular*) aparecendo em “impressão [...] *bonita*”, “cidade [...] *bonita*”, “o crepúsculo é um negócio *lindo*”, “cidade [...] *linda*” e “obra *espetacular*”, todos expressando uma indiscutível força ilocutória, principalmente o último. *Bonito*, em “impressão [...] *bonita*” e em “cidade [...] *bonita*”, conforme BIDERMAN (1992: 152), significa “agradável à visão ou aos ouvidos, sem chegar a ser propriamente belo”, sendo, por conseguinte, uma beleza

¹ Na Bahia, *simpático* tem a peculiaridade dialetal de servir também para expressar um grau de beleza intermediário entre *bonito* e *feio*.

normal, sem nada de especial. *Lindo*, por outro lado, em “o crepúsculo [...] *lindo*” e “cidade [...] *linda*”, expressa um grau de beleza superior a *bonito*, de modo que tais expressões podem ser parafraseadas, respectivamente, por “o crepúsculo [...] *muito bonito*” e “cidade [...] *muito bonita*”. Já *espetacular*, em “obra *espetacular*”, expressa um grau muito elevado de beleza, superior a *lindo*, tomando-se por base o fato de que o lexema referido qualifica algo (o Centro Administrativo de Salvador) que tem uma beleza que chama a atenção, que atrai, que impressiona à vista. A propósito, para uma apreciação dos demais graus positivos da escala gradativa de *beleza*, ver TRAVAGLIA (1996: 164-166). Por último, em (17), essa escala se torna mais complexa ainda, por ser constituída de seis graus, indicados pelos lexemas “*fervente* ← *quente*, *morno*, *fresco*, *frio* → *gelado*”, com *fervente* e *gelado* extrapolando os limites da escala térmica e servindo para comunicar uma visão global do locutor numa perspectiva absoluta, de forma que “*água fervente*” é uma água mais do que quente, superquente.

Dentre os adjetivos que marcam o grau sobre uma escala gradativa complexa, há os ordenados em *ciclos*, que diferem dos ordenados em *série* por não apresentarem termos extremos:

- (18) INF – Bom, a lua... isto é a lua **nova**. O quarto **crescente**... eh... essa fatia vai se ench... vai enchendo, pouco a pouco, que talvez deixe de ter a forma de fatia pra ter forma... ah... pouco a pouco, de pedaços de um queijo...

DOC – Hum.

INF – ... ou de uma bola, até a lua **cheia**, que é a bola **total**. E o final, que é o quarto **minguante**, esta bola começa a se... a diminuir da mesma forma que cresceu, até tornar-se novamente a talhada, que é o quarto... que é uma **nova** lua... lua **nova**.

(INQ135, INF164, p.138-139, LINHAS 433-443)

Aqui, não resta dúvida quanto à existência de uma escala cíclica composta dos lexemas “*cheia* (ou *total*), *minguante*, *nova*, *crescente*”, que aparece em “*lua cheia*” (ou *bola total*), “*quarto minguante*”, “*lua nova*” e “*quarto crescente*”, cabendo observar ainda que cada lexema, num conjunto cíclico, está ordenado entre dois outros, de forma que um grau é seguido sempre do outro, num movimento contínuo.

No âmbito dos adjetivos graduáveis, resta, ainda, fazer menção aos adjetivos procedentes do antigo superlativo e comparativo latinos, inseridos, nas gramáticas tradicionais, no quadro dos denominados *comparativos e superlativos anômalos* (ou *comparativos e superlativos absolutos sintéticos irregulares*), os quais aparecem nas séries “*ótimo* ← *bom*, *regular*, *sofrível*, *ruim* (ou *mau*) → *péssimo*”, utilizável para a avaliação qualitativa, com *bom* e *ruim* correspondendo, respectivamente, aos comparativos sintéticos *melhor* e *pior*; “*máximo* ← *grande*, *médio*, *pequeno* → *mínimo*”, utilizável para a avaliação quantitativa, com *grande* e *pequeno* correspondendo, respectivamente, aos comparativos sintéticos *maior* e *menor*; e “*sumo/supremo* ← *alto*, *médio*, *baixo* → *ínfimo*”, utilizável para a avaliação de nível, com *alto* e *baixo* correspondendo, respectivamente, aos comparativos sintéticos *superior* e *inferior*.

Tais intensificadores são, dentre os lexemas adjetivais operadores da intensidade por natureza, os que mais aparecem no *corpus*, o que não é de estranhar, se for levada em conta a índole deles, muito semelhante à dos denominados advérbios de intensidade, também muito numerosos, e que existem especialmente para desempenhar tal papel.

Observando, principalmente, a série de adjetivos graduáveis utilizável para a avaliação qualitativa, o *corpus* apresenta o seguinte exemplário:

(19) DOC – Hum, hum. Agora, às vezes se dão nomes, assim, aos filmes, de acordo com a qualidade: **ótimos** filmes e filmes **ruins**, por exemplo; um nome, assim, genérico, que se aplique a qualquer tipo, quando é muito **bom**, ou quando é **péssimo**: “Olha, ontem eu assisti...”

INF – Um **ótimo** filme? Assim?

DOC – Sim. Por exemplo.

INF – Um **bom** filme, um **ótimo** filme.

DOC – Hum. Quando ele não é isso?

INF – É **ruim**; um **péssimo** filme.

DOC – Vê se se lembra de outras expressões que a gente usa nessas situações .

INF – Bom, poderia ser: **péssimo**, **ruim**, **melancólico**; **melancólico** eu não sei bem se usa nes... nessa situação (rindo) aí que se quer a resposta a essa pergunta. Filme **chato**.

(INQ138, INF167, p.52-53, LINHAS 136-152)

(20) INF – Então, cinema de **primeira classe**, **segunda classe** e **terceira classe**, vamos admitir assim. Primeira classe seriam os **melhores**, segunda, **intermediário** e terceira, **inferiores**.

(INQ138, INF167, p.58, LINHAS 371-374)

(21) INF – O navio que vai andar no rio deve ter um calado menor do que o navio que vai andar no mar. Em compensação, o navio que vai andar no mar, ele deve ter um calado maior, inclusive pra maior estabilidade em tempestades, essa coisa, que no mar é **pior** do que no rio.

(INQ277, INF354, p.35, LINHAS 396-401)

(22) INF – Bom, aquele problema (superp) do trote é... (superp)

DOC – Sim. (superp)

INF – ...um... uma brincadeira, não é tanto, como muita gente tacha, uma brincadeira de **mau** gosto. Eu não acho. Eu acho aquilo muito interessante...

(INQ231, INF301, p.175, LINHAS 1040-1045)

(23) DOC Agora, sendo um problema de... digamos, decorrente de um outro problema social muito mais sério, é que a gente pode ver que as perspectivas não são tão **azuis**, não é, dona...

(INQ356, p.277, LINHAS 755-758)

Em (19), tem-se um discurso metalingüístico cujo propósito é elucidar a escala gradativa apreciativa aplicável ao substantivo *filme* (*filme ótimo*, *filme bom*, *filme ruim*, *filme péssimo*), que vai do mais alto ao mais baixo grau, passando pelos graus intermediários. É bom que se diga, todavia, que *ótimo* e *péssimo*, por estarem no superlativo absoluto, exorbitam da escala gradativa básica (*bom*, *regular*, *sufrível*, *ruim*), escala esta enriquecida com uma nomenclatura variante correspondente, no texto objeto de análise, aos adjetivos *chato*, em “filme *chato*”, equivalente a *filme ruim*; e *melancólico*, acerca do qual a informante evidencia ter dúvida, e que talvez possa equivaler a *sufrível*, de forma que um filme melancólico seria um filme *sufrível*, entre regular e ruim.

Em (20), as expressões “*primeira classe*”, “*segunda classe*” e “*terceira classe*”, aplicadas ao substantivo *cinema*, correspondem, respectivamente, a *bom*, *regular* e *ruim*, enquanto que os adjetivos *intermediário* e *inferiores* são formas variantes revestidas do mesmo conteúdo semântico de *regular* e *ruim*, de maneira que cinemas de primeira, segunda e terceira classe são cinemas bons, regulares (ou intermediários) e ruins (ou inferiores), respectivamente. Outrossim, *melhores*, em “Primeira classe seriam os *melhores*”, é um comparativo de superioridade sinté-

tico correspondente ao adjetivo *bom*, exatamente por reconhecer, comparando, a superioridade de uma categoria de cinema em relação às demais.

Em (21), há um comparativo de inferioridade sintético, *pior*, correspondente a *muito mau*, a *mais ruim*, ao grau máximo de *mau*, através do qual se compara a tempestade no rio com o mesmo fenômeno ocorrido no mar, colocando a tempestade marítima no grau máximo de ruindade em comparação com a tempestade fluvial; enquanto que, em (22), aparece o adjetivo *mau* (equivalente a *ruim*) marcando o grau inferior de apreciação da brincadeira, isto é, uma “brincadeira de *mau* gosto”, referindo-se ao trote.

Já, em (23), apesar de não se encontrar, a rigor, adjetivos graduáveis procedentes do antigo superlativo e comparativo latinos, o adjetivo *azul*, em “as perspectivas não são tão *azuis*”, pode muito bem ser reconhecido como um adjetivo correspondente ao adjetivo *ótimo*, se for considerado o fato de que, paralelamente à escala gradativa “*ótimo, bom, regular, ruim*”, há a escala cromática “*azul, verde, amarelo, vermelho*”, sinônima da primeira e usualmente empregada em alguns setores do meio financeiro para avaliar a saúde financeira das empresas, como é o caso, por exemplo, do jornal *Monitor Mercantil*, que comumente emprega essa escala cromática para tal fim. Portanto, perspectivas não tão *azuis* são perspectivas não tão *ótimas*, enquanto que dizer “Está tudo *azul*” e “Esta empresa está no *azul*” significa o mesmo que dizer que está tudo *ótimo*, que esta empresa está *ótima*.

Quanto à série de adjetivos graduáveis utilizável para a avaliação quantitativa, ela aparece nos seguintes trechos:

(24) INF A temperatura **máxima** em Salvador, o **máximo** que eu já

vi aqui foi trinta e três graus [...].

(INQ100, INF118, p.118, LINHAS 447-448)

- (25) INF Há aqueles filmes de curta metragem, né? Um documentário, geralmente... Existem **pequenos** documentários e **grandes** documentários; aqueles de quinze minutos, tem os de uma hora.

(INQ138, INF167, p.52, LINHAS 112-116)

- (26) INF O navio que vai andar no rio deve ter um calado **menor** do que o navio que vai andar no mar. Em compensação, o navio que vai andar no mar, ele deve ter um calado **maior**, inclusive pra **maior** estabilidade em tempestades, essa coisa, que no mar é pior do que no rio.

(INQ277, INF354, p.35, LINHAS 396-401)

- (27) INF – É a simplicidade. A mecânica GM é simples, absolutamente simples. E não quebra. Não tem o que quebrar.

DOC – Hã!

- INF – Muito raro um... um carro desse dar problema. Eu já tive dois e já rodei bastante com os dois que tive e nunca tive a **mínima** dor de cabeça com o carro.

(INQ277, INF354, p.28, LINHAS 121-128)

- (28) INF E a gola, em geral, é uma gola **farta**, que permita, num caso da temperatura baixar mais, ser levantada e agasalhar a... vamos dizer, uma parte do rosto.

(INQ159, INF203, p.247, LINHAS 430-432)

- (29) INF Chapéu de abas grand... **largas**, geralmente; óculos escuros e os óleos, sendo que hoje os óleos são mais usados não como proteção, mas pra queimar ig... de igual...

(INQ135, INF164, p.136, LINHAS 328-331)

Do exemplo (24) ao exemplo (27) tem-se, com exceção do grau médio, adjetivos marcando não só os graus da escala básica quantitativa (*grande, médio, pequeno*), como também os que extrapolam essa escala básica, denominados *superlativo absoluto (máximo, mínimo)* e os respectivos comparativos sintéticos (*maior, menor*) correspondentes a *grande e pequeno*, respectivamente, que se aplicam ao calado do navio, na comparação que se faz, no exemplo (26), do navio de rio com o navio de mar, em que o primeiro deve ter um calado menor do que o segundo; e o segundo, maior do que o primeiro.

Em (24), “temperatura *máxima*” é uma temperatura que ultrapassa (para cima) todos os graus da escala gradativa básica, podendo se dizer o mesmo quanto ao exemplo (27), “*mínima* dor de cabeça”, se forem invertidas as direções, e se for considerado o fato de que houve mudança de sentido, já que, nesse último exemplo, “*mínima* dor de cabeça” é uma dor de cabeça que ultrapassa (para baixo) todos os graus da escala gradativa básica, colocando, em ambos os casos, a visão absoluta e subjetiva do locutor.

Em (25), “*pequenos* documentários” e “*grandes* documentários”, os adjetivos *pequeno* e *grande*, muito freqüentes na conversação, indicam o tamanho do documentário. São marcadores, respectivamente, dos graus inferior e superior, e servem, muitas vezes, para expressar a subjetividade do locutor, uma vez que o que é pequeno ou grande para alguém pode não ser para outrem.

Em (28) e (29), todavia, aparecem os adjetivos *farta* e *larga* em “gola *farta*” e “abas grand... *largas*” que, por serem equivalentes a *grande*, não há como não incluí-los na série dos adjetivos graduáveis utilizável para a avaliação quantitativa. De fato, *gola farta* é uma *gola grande*, da mesma forma que *aba larga* é uma *aba grande*, apesar de ser

mais comum se dizer *aba larga* e não *aba grande*, razão pela qual o informante ia dizer *abas grandes* mas, antes de concluir, corrigiu para “largas”.

E para finalizar a exposição acerca dos adjetivos graduáveis procedentes do antigo superlativo e comparativo latinos, não se poderia deixar de mencionar a série de adjetivos graduáveis utilizável para a avaliação de nível que aparece a seguir:

- (30) INF – Isto nós temos, de madrugada. Sendo que nas partes mais **altas**, ainda mais: Maracás, Santa Inês, Jaguaquara, Itaquare, aí a neblina é forte, não é tão grande como no estado do Rio... ah... Petrópolis, Teresópolis, na... naquela... nas montanhas... onde tem aquele... sempre chamado ruço, chega a parecer algodão mesmo.

(INQ135, INF164, p.144, LINHAS 674-680)

- (31) INF E talvez daí venha muito acidente em **alta** velocidade em estradas, por gente que não está, de maneira nenhuma, preparada pra dirigir em estrada.

(INQ277, INF354, p.38, LINHAS 537-540)

- (32) INF – ... pelos... pelo número de pessoas que nos procuram, então se sente que isso vem aumentando; e com a dominância da classe economicamente mais **baixa**, não é?

(INQ356, INF452, p.278, LINHAS 774-777)

- (33) INF – Os cinemas de classe **inferior** – podia ser assim, talvez – e o de classe **média** e o de classe **superior**, que seriam os cinemas de luxo.

(INQ138, INF167, p.58, LINHAS 366-368)

- (34) INF – Bom, os artistas, não é, de um modo geral, são atores e atrizes. [...] Então, eles... segundo as qualidades, eles podem desempenhar os papéis **principais** ou papéis **secundários**.

(INQ138, INF167, p.61-62, LINHAS 513-520)

De (30) a (34) os adjetivos em destaque ilustram a variação de nível. Em (30), o nível é de altitude, já que “partes mais *altas*” são partes mais elevadas, topograficamente falando; em (31), o nível é da velocidade, que pode ser acompanhado pela elevação dos ponteiros do velocímetro; em (32) e (33), o nível é da classe social, que pode ser “*alta* (ou superior), *média* e *baixa* (ou inferior)”, conforme as condições econômicas de cada um; e em (34), o nível é de qualidade, em que “*principais*” e “*secundários*” estão por *superiores* (ou elevados) e *inferiores* (ou baixos), respectivamente, termos estes que devem ser entendidos como papéis de importância maior ou menor. Daí se poder dizer que os adjetivos graduáveis utilizados para a avaliação de nível se prestam também para se fazer uma avaliação qualitativa, dentre outros tipos de avaliação, como, por exemplo, a avaliação intensiva que se evidencia em “luz *alta*”, significando *luz forte* (ou *intensa*) no seguinte trecho:

- (35) INF Eh... pisca-pisca, lampejador de luz **alta** e... e limpador de pára-brisa na mesma alavanca do... do... do pisca-pisca, na coluna do volante.

(INQ277, INF354, p.29, LINHAS 152-155)

Ainda sobre os adjetivos procedentes do antigo superlativo ou comparativo latinos, isto é, *supremo*, *ínfimo*, *máximo*, *mínimo*, *ótimo*, *péssimo*, *maior*, *pior*, *melhor*, etc..., merece ser dito que o tratamento dado pela gramática a tais adjetivos se constitui uma impropriedade, se for considerada a inexistência, gramaticalmente falando, de qualquer

mecanismo lingüístico no português que forme um comparativo de superioridade sintético a partir de um determinado radical nominal. Isso ocorre apesar de ter havido tal mecanismo no latim, responsável pela formação do comparativo de superioridade sintético através do acréscimo da desinência -IOR, conforme revela CÂMARA Jr. (1975: 90). Para BARRETO (1980: 99),

como a tendência do português e das outras línguas românicas foi sempre para o analitismo, substituindo-se por perífrases ou rodeios as sínteses gramaticais do latim clássico, os comparativos sintéticos em *ior* perderam-se e ficaram sendo representados pelo advérbio *mais* junto ao positivo, havendo apenas relíquias da gradação interna ou orgânica (*melhor, pior, maior, menor...*).

Portanto, *maior, menor, melhor, pior* etc., não são formas derivadas de *grande, pequeno, bom/bem, mau/mal* etc., mas sim outras palavras semanticamente correspondentes a *mais grande, mais pequeno, mais bom, mais mau* etc. O que há aqui são exemplos de intensificação apenas semântica e não de intensificação semântico-gramatical. Trata-se, isso sim, de um processo de lexicalização em que a gradação se faz por antonímia e não por gramemas.

Em relação às formas *máximo, mínimo, ótimo, péssimo* etc., também não se pode falar de flexão de grau pelas mesmas razões, apesar de haver em português o superlativo sintético formado mediante o processo derivacional de formação das palavras, o que não acontece com o comparativo de superioridade, que será sempre analítico. Sendo assim, o que se tem de fato nesses casos são formas semanticamente intensificadas (mas não gramaticalmente) cujos sufixos superlativos foram incorporados na lexia mediante o processo de lexicalização.

Os adjetivos que expressam um grau extremo de grandeza (ou tamanho) são aqueles que extrapolam os pólos opostos de uma escala gradativa dimensiva (*grande, médio, pequeno*) e que podem se confundir com a hipérbole. Conseqüentemente, tais adjetivos transmitem uma noção absoluta de grandeza, tanto em relação ao extremo inferior (*minúsculo, diminuto, etc.*) como em relação ao extremo superior (*enorme, imenso, etc.*), conforme se constata nos seguintes trechos:

- (36) INF E saem aqueles franceses com aquelas... aquelas porções **enormes**, assim, de... de... de queijo e aquele pedaço de... de pão na mão, comendo aquilo ali normalmente, o que para nós seria, assim, uma grande falta de educação, em plena rua, entendeu? (rindo)

(INQ081, INF089, p.188, LINHAS 442-447)

- (37) INF – Então eu tenho a... um número **enorme, considerável** de boates funcionando.

(INQ100, INF118, p.126, LINHAS 792-793)

- (38) DOC – ... o carro (superp) não fica inteiramente guardado ou... ou...

INF – Não, o que existe em Salvador, aliás, em Salvador, só, não, acho que em todo... em toda cidade, em todo o mundo, é a indisciplina... ah... eh... já generalizou-se de uma maneira **tamanha**, que, como eu disse... eh... acho que é difícil, difícil mesmo a gente consertar isso, é muito difícil.

(INQ100, INF118, p.121-122, LINHAS 600-607)

Tanto em (36) como em (37), *enorme* e *considerável* significam muito grande, isto é, mais do que grande, uma noção absoluta que extrapola o grau superior da escala gradativa básica e traduz uma noção

de natureza hiperbólica que, por ultrapassar os limites da normalidade em termos de grau de grandeza, tem um efeito retórico extraordinário. Realmente, ao dizer “porções *enormes* (de queijo)”, em (36), e “número *enorme, considerável* de boates”, em (37), o informante, mais do que se comprometer com uma informação objetiva e imparcial acerca do tamanho exato do pedaço de queijo e do número exato de boates, opta por um tipo de intensificador (*enorme* e *considerável*) que tem o efeito não só de impressionar e comover o documentador como também de persuadi-lo, de convencê-lo a aderir ao seu ponto de vista.

Em (38), *tamanha*, na expressão “generalizou-se de uma maneira *tamanha*”, o adjetivo *tamanha* é, aqui, sinônimo de *enorme* e corresponde a *tão grande*, o que se explica por ser procedente da expressão latina *tam magnus* aglutinada.

Nota-se, em todos esses casos, que os adjetivos comentados não só são portadores de uma força ilocutória de natureza persuasiva como também são reveladores da subjetividade dos enunciadores, porque porções enormes de queijo, número considerável de boates e indisciplina tamanha, pode ser enorme, considerável e tamanha para alguns mas não para outrem, e muito menos para todos.

Os *adjetivos que marcam o alto grau de uma qualidade ou de uma caracterização* são os que exorbitam os pólos (positivo e negativo) da escala gradativa qualitativa (*bom, regular, sofrível, ruim*) e que podem se confundir com a hipérbole. Conseqüentemente, tais adjetivos passam uma noção absoluta de qualidade, tanto em relação ao extremo inferior (horível), que significa *muito feio*, como em relação ao extremo superior (excelente), que significa *muito bom*.

Na maior parte desses lexemas, só os semas que expressam o alto grau é que são atualizados, enquanto que o conjunto de semas origi-

nais ficam em segundo plano, tanto em relação à apreciação positiva extrema (*excelente, formidável, espetacular, fantástico*, etc.), como em relação à apreciação negativa extrema (*horrível, horroroso*, etc.). O juízo de valor qualitativo do locutor vem, muitas vezes, acompanhado de uma entonação exclamativa, e o acento frasal recai sobre tais lexemas:

- (39) INF Então, existem esses efeitos especiais, que são produzidos por máquinas especiais ou, então, por determinados artificios; como desenho animado mesmo, às vezes, um lápis se usa para dar determinado efeito, assim como embolar uma folha de papel celofane na mão, pra produzir um... uma parede caindo... ruindo, tá entendendo? Isso porque eu... certa vez, eu ouvi uma explicação sobre isso, **excelente** no...

(INQ138, INF167, p.54-55, LINHAS 229-237)

- (40) INF [...] era meu passatempo apreciar a minha avó cozinhar, porque era uma **exímia** cozinheira.

(INQ081, INF089, p.185, LINHAS 355-357)

- (41) INF Agora, o gramado é perfeito, né; o gramado é muito... muito bem feito; a... o... o sistema de irrigação também; **formidável**, quer dizer, não há problema de empoçar.

(INQ100, INF118, p.115, LINHAS 343-346)

- (42) INF – Bom, a Bahia antiga eu acho **espetacular**, né, como beleza, como ponto de vista histórico, né?

(INQ100, INF118, p.109, LINHAS 90-91)

- (43) INF – Não conhecia ainda Natal. E vim, e adorei aquela cidade, sabe? [...]

.....
 – Não só (superp) no ponto de vista humano, tá entendendo, até...

DOC – Hum, hum.

INF – ...o povo mesmo, não sabe, a comu... comunicação, o pessoal... **Fantástico!**

(INQ100, INF118, p.107, LINHAS 7-14)

(44) INF – Ah, calor. (superp) “Está um calor **horroroso!**”

(INQ135, INF164, p.142, LINHA 573)

(45) INF Bom, de sorte que a primeira vez que ela pegou o figo e começou a descascá-los para fazer o doce, então queimou-se toda. É uma queimadura **horrível**, porque fica totalmente escurecida.

(INQ081, INF089, p.194, LINHAS 697-701)

Em (39) e (40), *excelente* e *exímia* são intercambiáveis, ambos significando *muitíssimo boa*, ou melhor, *ótima*, visto que uma explicação excelente é uma explicação *ótima* e uma exímia cozinheira é uma *ótima* cozinheira também.

Já em (41), além da noção de *muito bom*, há no lexema *formidável* outros semas capazes de dotá-lo de uma força intensificadora maior, tais como /que desperta admiração/, /assustador/, /cuja força, tamanho e potência é muito grande/, sendo que nesse caso só o primeiro dos semas listados é que é atualizado. Desse modo, um sistema de irrigação formidável é um sistema de irrigação admirável, que desperta admiração, ocorrendo algo semelhante em (42) e (43), com os adjetivos *espetacular* e *fantástico*, que também, além do sema /muito bom/ são portadores de outros semas, tais como /fora do comum/, /notável/, /que espanta, suscita surpresa ou admiração por sua raridade/.

A propósito, é bom que se diga que nesses lexemas se produz um deslizamento de sentido por comparações sucessivas em que a memória popular esquece o significado primitivo do adjetivo.

Quando se diz que qualquer coisa é *formidável*, a conotação é logo a de uma expressão exclamativa elogiosa. O sema original, /assustador/, proveniente do gerundivo latino *formindandus* está apagado. A frequência de utilização da metáfora faz esquecer o sema primitivo e a metáfora aparece totalmente lexicalizada, com *formidável* significando, aqui, *excelente*.

Com *espetacular* e, principalmente, com *fantástico* (proveniente do grego *phantasia* através do latim), há esvaziamento dos semas originais, percepção esta mais evidente no primeiro caso do que no segundo.

Quanto aos lexemas *horroroso* e *horrível* que aparecem em (44) e (45), nas expressões “calor *horroroso*” e “queimadura *horrível*”, a intensificação extrapola os limites da escala gradativa básica e traduz a idéia de algo *muito ruim*, sendo (ambos) adjetivos, através dos quais o locutor (na visão global) situa subjetivamente sua apreciação no mais alto grau. Tais adjetivos se distinguem apenas pelo sentido distinto dos sufixos *-oso* (= cheio de) e *-ível* (= que provoca), de sorte que calor *horroroso* é um calor cheio de horror, enquanto que uma queimadura *horrível* é uma queimadura que provoca horror.

Observando, agora, os adjetivos que marcam o alto grau de uma qualidade ou de uma caracterização, é possível subdividir alguns deles em dois grupos; o primeiro, constituído de adjetivos resultantes de um processo de derivação sufixal, tais como *apavor-ado*, *fenomen-al*, *horror-oso*, *med-onho*, *horrí-vel*, *horr-endo*, etc., dentre os quais os terminados em *-mente*, que serão examinados posteriormente, no Capítulo

7; e, o segundo, constituído de adjetivos resultantes de um processo de derivação prefixal, tais como *in-calculável*, *in-umerável*, *des-medida*, etc.

No primeiro grupo, se encontram adjetivos oriundos de palavras onde os sufixos *-ado* e *-oso* (que significam *cheio de*) e *-al*, *-onho*, *-ível* e *-endo* (que significam *que provoca*), tomam o valor intensivo por contágio com os lexemas aos quais se prendem, já intensificados por si mesmos. Exemplos:

(46) DOC – E você conhece, assim, expressões **exageradas** que as pessoas usam para... quando saem na chuva que se molham muito?

INF – Conheço. Eh... bom... A pessoa pode dizer: “Está um temporal” – realmente não é **exagerado** porque não deixa de ser. “Está um dilúvio.”

DOC – Quanto a (inint)

INF – De suor? “Ah! Estou **encharcado!**”

(INQ135, INF164, p.148-149, LINHAS 848-855)

(47) INF – Bom, eu vou lhe confessar uma coisa, aliás que eu já di... eu digo sempre: eu tenho horror ao ocaso. O ocaso me dá uma tristeza **horrorosa**.

(INQ135, INF164, p.134, LINHAS 273-275)

(48) INF Ah... até agora, eu... agora, digo, nesses dias, eu conheci uma batida de gengibre, que é, não sei se você conhece, é um negócio **delicioso! Delicioso** mesmo.

(INQ081, INF089, p.194, LINHAS 721-724)

A consciência da origem de certos lexemas adjetivais se perde na maioria dos casos. Em (47), tristeza *horrorosa* é uma tristeza

enorme, cheia de horror, em que o sema atado ao lexema (horror), em parte oculto, subsiste sozinho como um sema de alto grau, de carga negativa. Algo parecido acontece no exemplo (48) em que “negócio *delicioso*” é um negócio muito bom, cheio de delícia. Já em (46), *exageradas* e *encharcadas*, que aparecem em “expressões *exageradas*” e “estou *encharcado*”, respectivamente, traduzem a noção de abundância, isto é, *cheio de exagero* e *cheio de água*, com o apagamento do sentido primitivo de *charco*, que é “água estagnada e imunda, de pouca profundidade”, segundo CUNHA (1982: 177).

A propósito, convém verificar a freqüência de emprego de tais palavras em seu sentido primitivo, comparando-a com a freqüência do emprego metafórico. Isto deve revelar o apagamento total ou parcial do sentido primitivo e a atualização do sentido metafórico, fato este, porém, não aplicável a todos os tipos de adjetivo apreciados anteriormente.

No segundo grupo, encontram-se adjetivos oriundos de palavras onde certos prefixos de valor negativo podem também (ligados a certos lexemas) contribuir para a formação de um intensificador, conforme se verá a seguir:

- (49) INF – “Hoje está muito quente!”, “Calor horroroso!” Acred... talvez tenham outras expressões, mas as que... a que eu uso mais é assim: “Está **insuportável**, o calor está **insuportável!**”

(INQ135, INF164, p.142, LINHAS 577-580)

- (50) INF – O enfeste, quando as... o... os homens usavam as calças menos ajustadas, o enfeste era **impecável**, mas, uma vez que as calças são usadas mais justas, o enfeste vai desaparecendo, né, ou melhor, não fica tão marcado, embora a calça seja passada marcando o enfeste.

(INQ159, INF203, p.242, LINHAS 200-205)

(51) INF – Sim. Bom, de batidas alcoólicas, nós falávamos...

DOC – (inint) batidas (superp)

INF – ...anteriormente, nas batidas, (superp) que são **inúmeras** aqui.

(INQ081, INF089, p.194, LINHAS 717-721)

O prefixo negativo acrescenta uma idéia que vai além do limite imaginável. De fato, em (49), “calor *insuportável*” é um calor tão intenso que não pode ser suportado; em (50), “enfeste *impecável*” é um enfeste tão perfeito que não tem nenhum defeito, com apagamento do sentido primitivo *sem pecado*; e em “batidas *inúmeras*”, no exemplo (51), são batidas tão numerosas que não podem ser numeradas, contadas.

Nota-se que o sufixo *-vel*, nos dois primeiros exemplos, indica factibilidade, ou que alguma coisa pode (ou não) ser feita; em *suportável*, que pode ser suportado; e, em *pecável*, encontrado em FERREIRA (1975: 1052), que pode pecar. A negação vem, portanto, dar uma outra dimensão a tais lexemas caracterizadores, uma vez que *insuportável* e *impecável* pressupõem a recusa de admitir a possibilidade de suportar e de pecar, este último termo com o sentido de realizar algo com defeito. Trata-se, pois, da negação da possibilidade de suportar algo e de realizar algo com defeito, com imperfeição, e não da negação de um fato ou de um estado, como ocorre em *satisfeito* ≠ *insatisfeito*, onde há uma relação de oposição entre uma caracterização e seu oposto.

Aqui, percebe-se nitidamente o efeito hiperbólico de tais intensificadores, carregados que são de uma força persuasiva ímpar. Por trás da expressão intensificadora exagerada há a intenção inconfessável da parte do locutor de agir sobre o alocutário.

E agora, para concluir a apreciação dos lexemas adjetivais operadores de intensidade por natureza, resta falar acerca daqueles que *colocam em evidência a identificação ou a perfeição de uma qualidade*, como ilustram os trechos abaixo:

- (52) INF Então, aí, o tempo está seguro, **perfeito**. O sol... ôh... ôh... o céu azul e nuvens brancas, mas brancas mesmo, parecendo algodão e não pardacentas ou meias acinzentadas, quando na época das chuvas ou na época de que poderá vir um temporal.

(INQ135, INF164, p.133, LINHAS 226-230)

- (53) INF Agora, toda vez que há o jogo entre o América e o ABC, há um **verdadeiro** carnaval na cidade, né?

(INQ100, INF118, p.115, LINHAS 346-348)

- (54) INF – Tem aque... é o Alto da Boa Vista, é uma coisa espetacular, ali é **pura** natureza, né?

(INQ100, INF118, p.120, LINHAS 523-524)

- (55) INF – Nas cidades mais populosas... Por exemplo, aqui em Salvador, eles estão esburacando a cidade **inteira**...

(INQ100, INF118, p.120, LINHAS 537-539)

Aplicando-se o teste da paráfrase em (52), (53), (54) e (55), alguém pode muito bem dizer que um “tempo [...] *perfeito*” é um tempo no mais alto grau de perfeição, entendendo *perfeito*, aqui, como um tempo sem chuva, com muito sol, céu azul e nuvens brancas parecendo algodão; que um “*verdadeiro* carnaval” é um carnaval no mais alto grau de autenticidade, entendendo *verdadeiro*, nesse contexto, como sinônimo de autêntico; que “*pura* natureza” é uma natureza no mais alto grau de pureza, sem poluição; e que “cidade *inteira*” é uma cidade no mais alto

pizza, é um negócio muito **sério**.

(INQ081, INF089, p.184, LINHAS 306-309)

Nesse exemplo, a metáfora surge do efeito provocado por uma comparação hiperbólica dentro da qual o sema /fora do comum/ é colocado em evidência. De fato, *sério*, aqui, não é nem sisudo, nem sincero, nem difícil, nem grave, visto que a idéia que se quer transmitir é a de que italiano por *pizza* é um negócio *fora do comum*, com o adjetivo *sério* vindo acompanhado do advérbio *muito*, que lhe reforça a intensidade. Algo semelhante ocorre com o lexema *infernal* no seguinte trecho:

- (57) INF – Bom, (superp) aspecto que eu me lembro do bonde era uma barulheira **infernal**, por que o bonde fazia realmente barulho [...]

(INQ277, INF354, p.33, LINHAS 328-330)

Em “barulheira *infernal*” observa-se que o sema /insuportável/ é atualizado em *infernal*, de forma que uma barulheira infernal não é uma barulheira originária do inferno, mas uma barulheira enorme, insuportável, como insuportável deve ser o inferno. Nesse caso há, pois, um apagamento parcial do sema primitivo, ao contrário, por exemplo, do que acontece com *formidável*, no exemplo (41), onde há um apagamento total do sema original que, no caso, conforme já foi comentado, é /assustador/.

Outro caso digno de ser comentado é a transferência de sentido com mudança de categoria em que um sema específico é atualizado em detrimento dos outros:

- (58) INF – Bom, eu (superp) estudei numa escola que tinha uma **senhora** biblioteca, né?

(INQ231, INF301, p.162, LINHAS 491-492)

No exemplo acima, o sema /importante-excelente/ é atualizado em *senhora*, de forma que “uma *senhora* biblioteca” é uma biblioteca importante, muito boa. Nesse caso, tem-se mudança de categoria do lexema que, sendo originalmente substantivo, passa a funcionar como adjetivo.

Em outro exemplo encontrado, o que se percebe é que há troca com um sema pertencente a um outro classema. A diferença de natureza nesse caso é que vai operar a transformação por analogia ao nível da percepção:

- (59) INF Eu acho válido aquele tipo de trote, não os trotes **estúpidos** como tem aí, mas o tipo de trote mesmo que eu tomei achei uma beleza. Achei ótimo, não... não saí na rua, acabando... foi ali no *hall* da... da Faculdade mesmo; nós depois fizemos um almoço, não é, então, todos participaram; fizemos um piquenique, os veteranos ofereciam jan... um piquenique aos calouros, então, nós fomos até Itaparica, passamos o dia em Itaparica, no navio, todo mundo brincando, dançando.

(INQ231, INF301, p.175-176, LINHAS 1053-1063)

Nesse último caso, *estúpidos*, originalmente significando *sem inteligência, burros, idiotas*, aplicável a seres racionais, passa a significar *violentos*, aplicável a uma brincadeira acadêmica chamada *trote*, por metonímia. Ocorre, então, uma mudança do alvo da modificação do adjetivo, de modo que no lugar de *homens estúpidos* se diz “trotes *estúpidos*”, correspondente a uma mudança sêmica, de /natureza psíquica/ para /natureza física/.

Esta breve análise sêmica dos lexemas adjetivais operadores da intensidade por transferência de sentido revela não só os procedimentos de transformação que possibilitam a atualização dos semas intensivos, que são a *metáfora* (por colocar em evidência um sema marcado, de grau elevado, à custa dos outros) e a *metonímia* (pelo deslizamento da referência do lexema e conseqüente valorização de uma apreciação do locutor), como também o caráter hiperbólico de alguns deles, reveladores que são de uma intenção persuasiva.

Cabe observar ainda que uma mudança de sentido pode vir acompanhada de uma mudança de categoria. Este é o caso dos morfemas de diferentes categorias gramaticais empregados como lexemas adjetivais, a exemplo de certos substantivos (senhora), certos participios passados (exagerado) e certos participios presentes (tremendo) que passam a funcionar como lexemas adjetivais operadores de intensidade.

4 LEXEMAS VERBAIS OPERADORES DA INTENSIDADE

4.1 POR NATUREZA

4.2 POR TRANSFERÊNCIA DE SENTIDO

Lexemas verbais operadores de intensidade são lexias simples pertencentes à categoria dos verbos que possuem um intensificador integrado, ou melhor, um sema intensivo (por natureza ou por transferência de sentido). Tais elementos se caracterizam por expressar uma visão global ou relativa do locutor, indicando, então, o alto ou baixo grau.

A análise dos verbos intensivos encontrados no *corpus* veio reforçar a tese defendida por LAKOFF (1966), *apud* SILVA (1978: 178), de que “adjetivos e verbos constituem uma única categoria gramatical na estrutura profunda”. Também LYONS (1968: 323-325), *apud* SILVA (1978: 179), foi adepto da “idéia da identidade dos verbos e adjetivos na estrutura profunda, lembrando que tal idéia, na realidade, remonta a Platão e Aristóteles, que consideravam os adjetivos como uma subclasse dos verbos”. Outrossim, o verbo e o adjetivo se identificam de tal modo que, ao contrário das demais categorias gramaticais, ocupam a mesma posição na organização estrutural do discurso, isto é, a de termo *secundário*, determinante do termo *primário* (o substantivo), conforme revela GOMES (1994: 3).

De fato, comparando os verbos intensivos com os adjetivos intensivos, nota-se um certo paralelismo entre eles, a começar pela identidade classificatória, já que ambos podem ser por *natureza* e por *transferência de sentido*. Por outro lado, em virtude de poderem ser *graduáveis* e poderem exprimir um *grau extremo superlativizante de natureza absoluta*, os intensificadores verbais têm um comportamento similar ao de seus correspondentes intensificadores adjetivais, sem falar no fato de alguns deles serem derivados de adjetivos.

4.1 POR NATUREZA

O verbo será intensivo por natureza quando for intensivo por si mesmo, sem precisar sofrer nenhum processo de conversão ou metáforização.

Tomando como base os lexemas verbais operadores da intensidade por natureza encontrados, é possível subdividi-los em *verbos graduáveis (dimensivos ou qualitativos)* e em *verbos que exprimem um grau extremo absoluto*.

Os verbos graduáveis expressam uma visão relativa do locutor que possibilita intensificar marcando o grau dessa intensidade sobre uma escala gradativa.

Quanto aos *verbos graduáveis dimensivos*, os casos examinados apontam para uma escala gradativa básica constituída da série triádica “*aumentar, estabilizar (ou manter), diminuir*”, sinonimicamente variável, e que corresponde à série adjetiva “*grande, médio, pequeno (ou diminuto)*”, conforme se verá a seguir:

- (1) INF – E... (superp) e, justamente, o tipo de deficiência que vai **aumentando** cada dia é a deficiência mental, que... (superp)

DOC – Hum. (superp)

INF – ... está muito ligada à subnutrição [...]

(INQ356, INF452, p.274, LINHAS 624-628)

- (2) INF – Bom, a lua... isto é a lua nova. O quarto crescente... eh... essa fatia vai se ench... vai **enchendo**, pouco a pouco, que talvez deixe de ter a forma de fatia pra ter forma... ah... pouco a pouco, de pedaços de um queijo...

DOC – Hum.

INF – ... ou de uma bola, até a lua cheia, que é a bola total. E o final, que é o quarto minguante, esta bola **começa a se... a diminuir** da mesma forma que **cresceu**, até tornar-se novamente a talhada, que é o quarto... que é uma nova lua... lua nova.

(INQ135, INF164, p.138-139, LINHAS 433-443)

(3) INF – E o comércio em Salvador está se **estendendo** agora pra Barra, né? [...]

DOC – É.

INF – A tendência é **crescer**.

(INQ100, INF118, p.125, LINHAS 761-766)

(4) INF – Bom, o custo de vida, principalmente aqui entre nós, que já se considera que é o lugar onde o nível de vida é mais alto, não é, em matéria de custo de vida, a gente sente que os preços **so-bem** dia a dia, não é? Os supermercados, as remarcações são constantes, diárias. Os transportes aumentando os custos, mas sem melhoria.

(INQ356, INF452, p.273, LINHAS 580-586)

(5) INF – Eles reunir... (superp) eh... re... **reduziram** muito, reuniram muitas cli... muitas disciplinas em um departamento só. Aí, tem um chefe do departamento, né; esse chefe do departamento e, dentro de cada área, os seus professores, especializados em Clínica Médica, em Cardiologia.

(INQ231, INF301, p.157-158, LINHAS 313-318)

(6) INF Pluviômetro, o... o barômetro, barô... barômetro é de parede, inclusive aquele clássico do... do bonec... do frade, da freira, compreendeu? Aquele era mais – ao que me lembro, é cabelo – sensível. Com a temperatura, ele... eh... retr... **contraía** ou não.

(INQ135, INF164, p.144, LINHAS 647-652)

No exemplo (1), *aumentando* expressa o grau superior e se refere à deficiência mental, de modo que uma “deficiência que vai *au-*

mentando” se opõe a uma deficiência que vai *diminuindo*, enquanto que ambos se opõem a uma deficiência que vai se *estabilizando*.

Por outro lado, nos exemplos subseqüentes aparecem variações sinonímicas da escala gradativa dimensiva já mencionada constituída da série “*aumentar, estabilizar, diminuir*”. De fato, em (2), uma fatia de lua que vai se *enchendo* e uma bola de lua que começa a diminuir da mesma forma que *creceu*, correspondem, respectivamente, a uma fatia de lua que vai *aumentando* e a uma bola de lua que começa a diminuir da mesma forma que *aumentou*; em (3), o comércio em Salvador que está se *estendendo* agora pra Barra e a tendência é *crescer*, corresponde ao comércio em Salvador que está *aumentando* pra Barra e a tendência é *aumentar*; em (4), preços que *sobem* dia a dia, corresponde a preços que *aumentam* dia a dia; em (5), *reduziram* os departamentos, corresponde a *diminuíram* os departamentos; e, em (6), o barômetro que, com a temperatura, *contraía* ou não, corresponde ao barômetro que, com a temperatura, *diminuía* ou não.

Quanto aos *verbos graduáveis qualitativos*, os casos examinados evidenciam um paralelismo entre adjetivos e verbos, conforme aparecem nos seguintes trechos:

- (7) DOC – Porque, por exemplo, (superp) a cidade estava muito concentrada, né, as avenidas de vale abriram a cidade, mas não só as avenidas, há obras que ajudam a cidade a se expandir, e a... a ficar...

DOC₂ – **Melhorar** o tráfego.

DOC – ...**melhorar** o tráfego, essas coisas, né?

(INQ100, p.118, LINHAS 474-479)

- (8) INF – Então, a gente sente isso, a gente que, realmente, há muito poucos gozando de uma vida... eh... bastante promissora, finan-

ceiramente, e uma grande maioria se **empobrecendo** cada vez mais.

(INQ356, INF452, p.274, LINHAS 606-609)

Em (7), o verbo *melhorar* se relaciona com o adjetivo *melhor*, procedente do antigo comparativo latino, e corresponde ao grau superior da escala gradativa verbal constituída da série “*melhorar, manter, piorar*”, de sorte que *melhorar* o trânsito se opõe a *piorar* o trânsito, enquanto que *manter* o trânsito seria deixá-lo como está, sem melhorá-lo nem piorá-lo.

Quanto ao exemplo (8), o verbo *empobrecer*, no gerúndio, é derivado do adjetivo *pobre*, com o qual se relaciona. Desse modo, pode-se dizer que o referido verbo pressupõe a escala gradativa “*enriquecer, remediar, empobrecer*”, que, por sua vez, corresponde à série adjetiva graduada “*rico, remediado, pobre*”, fato este que vem reforçar a idéia concebida acerca da existência de um íntimo relacionamento entre adjetivos e verbos. Aqui, particularmente, dizer que há “uma grande maioria de pessoas se *empobrecendo*” significa dizer que há um grande número de pessoas ficando pobre, com o verbo *empobrecer* expressando o aspecto imperfectivo cursivo, o que não significa o mesmo que dizer que há um grande número de pessoas se enriquecendo e, muito menos, que há um grande número de pessoas se remediando, isto é, ficando na classe média.

Tratando agora acerca dos *verbos que exprimem um grau extremo*, absoluto, no material objeto de análise foram encontrados os verbos *frisar, esmerar, arrombar e horrorizar*, que aparecem destacados abaixo:

- (9) INF – Há as pessoas que quando se vêem nessa situa... nessas situações, gostam de **frisar**; então, dizem “Meus pêsames”, “Meus sentimentos” ou qualquer coisa desse tipo e há aquelas pessoas que fazem uma visita, comentam, em geral, sobre assuntos fora de... do... da... daquelas circunstâncias e fica subentendido que é uma visita de pêsames.

(INQ125, INF151, p.75, LINHAS 183-189)

- (10) INF Encontramos também aqueles pães, assim, mais sofisticados que levam frutas cristalizadas e... outros com chocolates ou outros sabores, canela, etc., frutas frescas, também, por vezes, nós encontramos desse tipo, e, principalmente no período natalino, quando nós nos **esmeramos**, assim, para fazer aqueles pães muito bonitos, muito saborosos.

(INQ081, INF089, p.187, LINHAS 401-408)

- (11) INF – Bem, a minha casa quando o ladr... (risos) (superp) quando o ladrão **arrombou**, sabe, tinha uma fechadura, uma... assim, uma fechadura comum e tudo; independente disso, tinha um pega-ladrão, né...

(INQ173, INF224, p.97, LINHAS 414-418)

- (12) INF [...] você encontra *pizza* de presunto, *pizza* de galinha, *pizza* de um... uma infinidade de coisas. Até *pizza* de camarão, que alguém fazia... faz aqui na Bahia, e que nós nos **horrorizávamos**...

(INQ081, INF089, p.184-185, LINHAS 314-317)

Em todos esses casos, a intensificação se faz não de forma comparativa, com cada um desses lexemas verbais se relacionando com outros pertencentes a uma escala gradativa equipolente, mas em termos absolutos, expressando uma intensificação enfática que extrapola os limites da própria escala, razão pela qual *frisar*, dizendo “Meus pêsames”,

no exemplo (9), mais do que expressar o sentimento de pesar, o qual poderia ser manifesto, inclusive, com o próprio silêncio, ou de outra maneira, significa expressar com ênfase, empregando o conhecido clichê. Por outro lado, em (10), “nós nos *esmeramos* [...] para fazer aqueles pães muito bonitos” é (mais do que pôr cuidado naquilo que se está fazendo) pôr todo o cuidado para fazer alguma coisa muito bem; em (11), “o ladrão *arrombou* [...] a minha casa” é (mais do que abriu a minha casa) abriu pela força, quebrando; e, finalmente, em (12), “*pizza* de camarão [...] que nós nos *horrorizávamos*” é (mais do que *pizza* de camarão da qual nós tínhamos aversão) *pizza* de camarão da qual nós tínhamos muita aversão.

Observando os intensificadores verbais por natureza, nota-se que, semelhantemente aos intensificadores substantivais e adjetivais, são empregados com um propósito nitidamente argumentativo, sobretudo em se tratando daqueles que expressam uma intensificação hiperbólica, como é o caso dos intensificadores superlativizantes, dentre os quais estão incluídos os lexemas verbais operadores da intensidade por transferência de sentido que serão vistos no próximo item.

4.2 POR TRANSFERÊNCIA DE SENTIDO

O verbo será intensivo por transferência de sentido quando a intensificação ocorrer pela mudança de sentido de um mesmo verbo num contexto diferente. Essa transferência costuma acontecer mediante associações de idéias, sendo a metáfora a figura mais comum de transforma-

ção, conforme se constata com o verbo *adorar* que aparece no seguinte trecho:

(13) INF – Eu **adoro** o sol.

DOC – É, não é?

INF – Bem, eu não digo olhar para o sol... (superp)

DOC – Sim. (superp)

INF – ...eu costumo olhar o tempo bo... bonito, o tempo bom...

DOC – Hum, hum.

INF – ...porque eu **adoro** o... a mar... o mar, **adoro** a praia.

(INQ135, INF164, p.134, LINHAS 262-270)

Nesse trecho, a metáfora surge do efeito provocado por uma comparação hiperbólica dentro da qual o sema /gostar muito de/ é colocado em evidência. Realmente, *adorar*, aqui, não é idolatrar, venerar, reverenciar, e muito menos cultuar, visto que aquilo que o informante quer transmitir é a noção de que ele gosta muito, extremamente, do sol, do mar e da praia, com o verbo *adorar* adquirindo uma natureza hiperbólica que lhe possibilita funcionar como intensificador.

Algo semelhante acontece com o lexema **aprofundar** na seguinte passagem:

(14) INF – Eles exigem que a pessoa passe num teste psicotécnico, [...] e fazem uma prova escrita muito sumária, um ditado muito sumário e um exame de direção. Nessa parte onde eles deviam se **aprofundar** bem, inclusive pra testar reflexos da pessoa... eh... dirigindo em alta velocidade e... e... e



como a pessoa conduz um automóvel em alta velocidade; tudo isso deveria ser testado.

(INQ277, INF354, p.38, LINHAS 521-534)

No segmento “Nessa parte onde eles deviam se *aprofundar* bem”, referindo-se a uma parte do teste psicotécnico, nota-se que a metáfora resulta do efeito provocado por uma comparação dentro da qual o sentido *investigar muito, a fundo ou com minúcia, uma questão* é colocado em evidência, de sorte que aquilo que se deseja transmitir aqui nada tem a ver com buraco ou escavação, mas com a noção de que em determinada parte do teste psicotécnico, isto é, no exame de direção, os examinadores deveriam investigar muito, a fundo ou com minúcia, o domínio dos examinandos no comando do veículo.

Outros casos similares aos comentados acima aparecem nas seguintes transcrições:

- (15) INF [...] quando chega uma pessoa estranha, a gente quer obsequiar, a gente se **desdobra** em gentilezas.

(INQ100, INF118, p.113, LINHAS 239-241)

- (16) INF Esse problema de **puxar** pela criança – “Ah, não deve **puxar** pela criança.” – , eu acho que isso não funciona muito, porque a criança vai à maternal somente pra brincar, ser educada, aprender a fazer coisas que, em casa, a mãe, às vezes, não tem condições de ensinar [...].

(INQ231, INF301, p.152, LINHAS 93-98)

- (17) INF – Bom, o clima mais frio que eu já peguei foi em Londres... eh... [...]. Aí... eh... chega a **arder**, (rindo) principalmente a... as extremidades [...].

(INQ135, INF164, p.145, LINHAS 712-714)

Em (15), *desdobrar* em gentileza não é abrir ou estender algo que esteja dobrado, mas ser muito gentil; em (16), *puxar* pela criança não é arrastar a criança, mas exigir muito dela em termos de aquisição de conhecimentos; e, em (17), clima que chega a *arder* não é um clima no qual se sente muito calor, mas, muito pelo contrário, um clima excessivamente frio, tão frio que se tem a sensação de arder como o fogo.

Em síntese, é cabível se dizer que os verbos *desdobrar*, *puxar* e *arder* ao se relacionarem com os substantivos *gentileza*, *criança* e *clima*, correspondem a adjetivos metafóricos intensivos de caráter não só argumentativo como também subjetivo. Outrossim, convém ainda esclarecer que o processo de metaforização de tais verbos passou pelo apagamento do sema primitivo deles, e que a afinidade existente entre o verbo e o adjetivo é facilmente percebida, como se evidencia no último exemplo mencionado em que clima que “chega a *arder*” corresponde a clima *ardente*.

5 GRAMEMAS PRESOS PREFIXAIS

5.1 AMPLIFICADORES

5.2 ATENUADORES

Por gramema preso entende-se todo morfema gramatical que aparece preso a uma base lexemática. E aqui, particularmente, a um gramema preso do tipo prefixal (posicionado antes da base) que funciona como operador de intensidade por *transferência de sentido* (**hiper**mercado) ou por *natureza* (**micro**filme). Tais intensificadores se caracterizam ainda por expressarem, respectivamente, uma visão global ou relativa do locutor.

A diferença entre os gramemas presos prefixais por *natureza* e os por *transferência de sentido* está em que, enquanto os primeiros *sempre* expressaram a noção de grau, como é o caso do prefixo MICRO-, que tem o sentido de pequeno em *microfilme* (= filme pequeno, reduzido), os últimos, originalmente portadores do sentido de localização, *só posteriormente* é que passaram a expressar a noção de intensidade, como é o caso do prefixo HIPER- (de origem grega, com o sentido de *posição superior*) que, por transferência semântica, toma o sentido figurado de alto grau em *hipermercado* (= mercado enorme).

Cabe esclarecer ainda que, a depender do caso, tais intensificadores podem vir *não-integrados*, a exemplo de *ultra-rápido*, em que o intensificador é o próprio prefixo; ou *integrados* na base, a exemplo de *super-secretária*, como se vê, respectivamente, nos seguintes exemplos:

- (1) Este trem é **ultra-rápido** (= *extremamente* rápido).
- (2) Esta é uma **super-secretária** (= *demasiadamente* boa secretária).

Em (1), o prefixo ULTRA-, com o sentido original de *ultrapassagem* em relação a uma norma, a um limite (de velocidade, nesse

caso), passa a traduzir a noção de intensidade elevada em relação à base (*rápido*) exterior a ele, razão pela qual se diz *não-integrado*.

Por outro lado, em (2), o prefixo SUPER-, com o sentido original de *posição superior*, assume o sentido figurado de alto grau. Todavia, cabe observar que, nele, encontram-se a base (*boa*), como um dos seus semas, e, implícito, o intensificador (*demasiadamente*), razão pela qual se diz *integrado*.

Antes, porém, de prosseguir na apreciação dos gramemas presos prefixais, uma questão deve ser colocada como pré-requisito para a abordagem desse assunto, que é a de ser ou não prefixo o que aqui se denomina prefixo, levando-se em conta o fato de não ser pacífica a posição de se considerar o prefixo um morfema preso capaz de operar a *derivação*, problema esse inexistente em relação aos sufixos e que tem a ver com os processos de formação das palavras. Sobre essa questão, não é sensato concordar com PEREIRA (1926), BUENO (1958) e J. J. NUNES, *apud* ROCHA LIMA (1972), dentre outros, que consideram a prefixação um processo de *composição*. Opinião melhor parece ser a daqueles que consideram a prefixação uma modalidade de *derivação*, dentre os quais se incluem ROCHA LIMA (1972: 173), CUNHA & CINTRA (1985: 83-84) e BECHARA (1999: 357), em razão da ponderação de que, embora os prefixos não sejam capazes de realizar uma mudança de categoria, como ocorre com alguns sufixos em determinados casos (ex.: digno → dignidade), são, por natureza, morfemas presos constituintes das palavras, visto que não sobrevivem fora delas, como é o caso do prefixo HIPER- em *hipertensão*, salvo se vierem a sofrer um processo de lexicalização, a exemplo de *manteiga extra*, o que é algo incomum e bem diferente do que acontece com a esmagadora maioria dos prefixos.

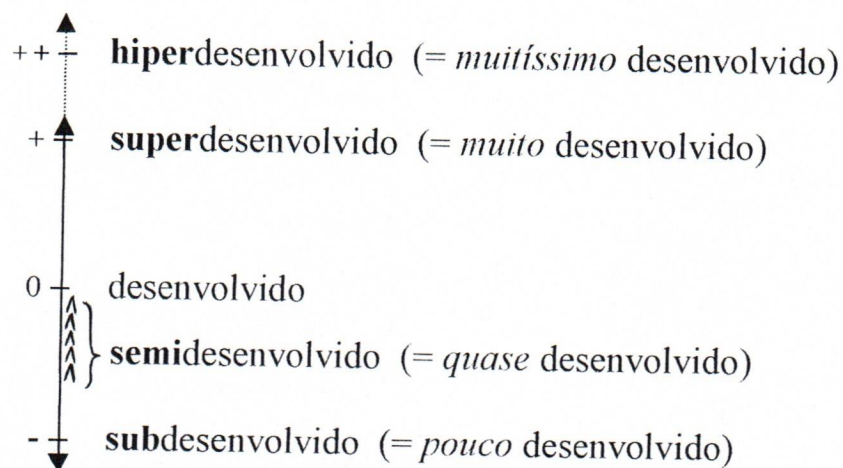
Ainda sobre os prefixos, convém observar que, assim como ocorre com os processos analíticos de intensificação, eles se prestam menos à expressão da emotividade do que os sufixos. Diz SANDMANN (1988: 161) que “o emprego crescente dos prefixos de aumento e diminuição *macro-*, *maxi-*, *mega-*, *micro-* e *mini-* [...] deve-se provavelmente ao fato de serem emocionalmente mais neutros do que os sufixos de grau [...]”.

Por outro lado, RIO-TORTO (1987), *apud* CARREIRA (1997: 182), fazendo um estudo acerca das estruturas morfo-lexicais da intensificação no português contemporâneo, “considère que la suffixation et la préfixation font partie de la sémantique lexicale et envisage différents niveaux d’intensification selon une échelle de gradation”¹. E depois menciona “quatre zones d’évaluation (*diminutive-atténuateive*, *augmentative-intensive*, *superlative*, *excessive*)”² (*Ibid.*).

A reflexão acerca dos prefixos conduz inevitavelmente à conclusão de que eles têm um comportamento similar ao dos adjetivos, de modo que podem, inclusive, se organizar também em séries gradativas através das quais expressam diversos níveis de intensificação, como se verifica na série “HIPER-, SUPER-, SEMI-, SUB-” exemplificada em “*hiperdesenvolvido* ← *superdesenvolvido*, *semidesenvolvido*, *subdesenvolvido*” e que corresponde, respectivamente, aos graus de intensidade *máximo*, *superior*, *aproximativo-inferior* e *inferior*, ilustrados na seguinte escala:

¹ “considera que a sufixação e a prefixação fazem parte da semântica lexical e possibilita diferentes níveis de intensificação de acordo com uma escala gradativa”.

² “quatro zonas de avaliação (*diminutivo-atenuativa*, *augmentativo-intensiva*, *superlativa*, *excessiva*)”



5.1 AMPLIFICADORES

Os prefixos serão amplificadores quando funcionarem como modificadores capazes de aumentar a noção contida na base de forma a direcioná-la para cima; e podem se subdividir, conforme o critério de seleção, em prefixos *amplificadores por natureza* e em prefixos *amplificadores por transferência de sentido*.

Os prefixos *amplificadores por natureza* se caracterizam por expressar uma noção elevada de grau, situável numa escala de valores dimensiva parafraseável pela série gradativa “grande, médio, pequeno”. Dentre eles, são conhecidos os prefixos MACRO-, MAXI- e MEGA-, situáveis no pólo positivo dessa escala, que se opõem aos prefixos MICRO- e MINI-.

Já os prefixos *amplificadores por transferência de sentido* (ARQUI-, EXTRA-, HIPER-, SOBRE-, SUPRA-, SUPER-, ULTRA) se caracterizam por, sendo originalmente portadores do sentido de *localização* (espacial ou hierárquica), traduzirem, por deslizamento semântico,

uma noção hiperbólica de intensidade. De fato, originalmente, ARQUI- (= superior hierárquico, comandante, chefe), EXTRA- (= fora de, ao exterior), HIPER- (= em cima de, em posição superior, o oposto de HIPO-), SOBRE- (= por cima de, em cima de, além de), SUPRA- (= acima de, superior), SUPER- (= por cima de) e ULTRA- (= para além de, além do limite, ultrapassagem) são portadores da noção semântica de *posição*, e, por transferência de sentido, são capazes de intensificar de tal modo a base modificada por eles que o aumento da noção pode ir bem além dos limites da escala gradativa básica, razão pela qual podem ser parafraseados por *muitíssimo, extremamente, excessivamente, extraordinariamente, demasiado*. Assim, fica fácil perceber que tais amplificadores, por marcarem um grau excessivo de intensidade, são também responsáveis pela operação da modalidade de intensidade denominada amplificação absoluta, como ocorre em “*hiperdesenvolvido*”, significando extremamente desenvolvido; e em “*sobretudo*”, “*superpanorâmicas*” e “*super difícil*”, encontráveis, respectivamente, nos seguintes trechos:

- (3) INF – E nós temos uma outra associação de classe também, que nós... eh... pertencemos, que é a Sociedade Brasileira de Química, não é? (superp)

DOC – Hum, Hum. (superp)

INF – Essa congrega, como o próprio nome está dizendo, **sobretudo**, os químicos e os engenheiros químicos, né?

(INQ283, INF360, p.216, LINHAS 18-24)

- (4) INF Então, existem as máquinas de oito milímetros; geralmente essas de oito milímetros são usadas mais em casa, ou naqueles fil... naqueles cinemas antigos, né? Depois, dezesseis milímetros, que há pouco tempo também era usada em cinemas. E agora as mais modernas são setenta milímetros, que muitos até usam para aquelas telas **superpanorâmicas**, pra dar

idéia até do... terceira dimensão, que na realidade não é terceira dimensão, né...

(INQ138, INF167, p.55-56, LINHAS 265-274)

- (5) INF Outro jogo que envolve animais é um quarteto, que pode ser de animais. Eu tive um sobre os compositores e que era **super difícil** nós dizermos aqueles nomes todos, quando nós nem falávamos português correto, imagine dizer os nomes em alemão; mas existe com animais.

(INQ125, INF151, p.84, LINHAS 521-527)

Em (3), o prefixo SOBRE-, aplicável a uma base pronominal (tudo), resulta no intensificador *sobretudo*, sinônimo de *especialmente*, *principalmente*, *acima de tudo*. Sendo assim, dizer que “Essa (a Sociedade Brasileira de Química) congrega, [...], *sobretudo*, os químicos e os engenheiros químicos”, corresponde a dizer que a Sociedade Brasileira de Química congrega, *principalmente*, os químicos e os engenheiros químicos, com o processo intensificacional sendo reforçado por pausa marcada na escrita por vírgula. A propósito, resta ainda esclarecer que “*sobre-* é a forma vernácula proveniente de *super-*” (DUARTE, 1999: 184), sendo *super-* um prefixo latino formador de vocábulos eruditos.

Em (4), o prefixo SUPER-, aplicável a uma base adjetiva (panorâmica), intensifica a noção nela contida, de modo a expressar a idéia de uma tela muito grande. Tal noção intensiva se dá por transferência de sentido, visto que SUPER- possui originalmente o sentido de localização espacial, significando *por cima de*, *em cima de*, *sobre*. Trata-se do intensificador prefixal mais freqüente nos inquéritos analisados, o que sugere a sua vitalidade no português atual. Aqui, particularmente, há uma avaliação subjetiva do informante, com uma inegável intenção ar-

gumentativa de convencer o alocutário acerca do tamanho das telas de cinema.

Em (5), todavia, o mesmo prefixo aparece separado da base, na expressão “*super difícil*”, significando *muito difícil*. Tem-se aqui um intensificador (*super*) modificando outro intensificador (*difícil*) que, por sua vez, modifica a expressão “um (jogo) sobre os compositores” (que tem o núcleo elíptico) com o propósito argumentativo de conduzir o alocutário a crer na grande dificuldade de se pronunciar as palavras em alemão dessa atividade lúdica. Nesse caso, trata-se de uma separação aparente do prefixo, se for considerado o fato de não só ser inviável a colocação de qualquer vocábulo entre *super* e *difícil*, como também de ser impossível a colocação do prefixo em outra posição que não seja imediatamente anterior ao lexema modificado. Portanto, se há alguma diferença entre os exemplos (4) e (5) em relação ao prefixo mencionado, esta deverá ser buscada na prosódia, já que “*superpanorâmicas*” possui apenas um acento prosódico, enquanto “*super difícil*” possui dois.

5.2 ATENUADORES

Os prefixos serão atenuadores quando funcionarem como modificadores capazes de diminuir uma noção contida na base, direcionando-a para baixo. Eles podem ser atenuadores *aproximativos* ou atenuadores *minimais*.

Os prefixos atenuadores aproximativos, dentre os quais SEMI- é o mais conhecido, se caracterizam por expressarem uma noção

imprecisa de intensidade passível de ser parafraseada por *quase*, como se verá a seguir:

- (6) INF O clima é tropical no Brasil. Agora, clima tropical... eh... talvez **semi-úmido**, talvez, não sei, na região amazônica, talvez... eh... úmido, mas úmido não no sentido, vamos dizer, de umidade... – não sei, talvez eu não seja... não... não poss... não... não esteja me expressando bem –, mas úmido no sentido de umidade que dá lugar a suor e tal, no tempo de sol, aqui na área de Nordeste.

(INQ 135, INF164, p.130, LINHAS 81-88)

Em “*semi-úmido*”, percebe-se que o grau de comprometimento do locutor acerca da umidade do clima é atenuado pelo prefixo SEMI-, que traduz a noção de um clima que não é úmido nem seco, mas *quase* úmido. A rigor, o prefixo supracitado (*semi-*) não marca com nitidez o grau de umidade, por estar situado numa zona medial imprecisa da escala gradativa próxima do grau médio. Entende-se aqui por grau médio o ponto intermediário da escala, mais ou menos equidistante dos graus superior e inferior. Outrossim, a imprecisão do sufixo SEMI- é acentuada aqui pela própria vacilação do informante, manifesta na sua insegurança quanto à classificação do clima do Brasil.

Os prefixos *atenuadores minimais* se caracterizam por situarem a intensificação no extremo inferior da escala gradativa básica e poderem se subdividir em prefixos *atenuadores minimais de grandeza* (MICRO-, MINI-), passíveis de serem parafraseados por *pequeno*, e em prefixos *atenuadores minimais de qualidade ou de caracterização* (SUB-, INFRA-, MAL-), passíveis de serem parafraseados por *pouco*, com esse último tipo aparecendo nos seguintes trechos:

(7) DOC Mas, de qualquer forma, quer dizer, uma coisa está, digamos, certa de que muitos desses problemas de deficiência, ou auditiva, ou visual, ou mental, está, digamos, diretamente ligado ao problema da...

INF – Ah... é... (superp)

DOC – ...da **subnutrição**. (superp)

(INQ356, INF452, p.275, LINHAS 648-654)

(8) INF Nós tivemos – foi há dois anos atrás – também uma aluna... eh... a família não tinha realmente habitação, e eles também não podiam comprar o café, que é muito caro, não é, e se alimentavam de infusões, que eles iam... de folhas do mato, que eles iam arrancando, e por aí eles iam se alimentando, não é? Essa criança era um... um problema na escola, mas atrás de tudo isso, do problema que ela apresentava, vinham todas as deficiências que ela vinha sofrendo, né, em todos os níveis...

DOC – Hum, hum. (superp)

INF – ... que era (superp) uma vida **infra-humana** que levava.

(INQ356, INF452, p.275, LINHAS 656-669)

(9) INF [...] mas nós preferimos mesmo fazer uma refeição mais, digamos assim, substancial, pela manhã, incluindo, nesse caso, vamos dizer, bifes, **malpassado**, etc. [...]

(INQ081, INF089, p.178, LINHAS 38-41)

Em (7), o prefixo SUB- intensifica para baixo a base substantiva à qual está preso (nutrição). A noção que se passa é a de uma alimentação muito deficiente (ou precária), abaixo das necessidades do organismo. Trata-se de um prefixo latino que, apesar de admitir outros significados, tais como *transferência* (sublocar) e *derivação* (subprodu-

to), aqui significa, especificamente, *posição inferior*, com valor intensivo por transferência de sentido.

No exemplo (8) aparece o prefixo INFRA- significando também *posição inferior*, com valor intensivo por transferência de sentido. Trata-se, a rigor, de um emprego insólito e, por isso mesmo, muito expressivo de tal prefixo, por ter comumente apenas o sentido de *posição inferior* sem valor intensivo, a exemplo de *infracitado* (= citado abaixo). Portanto, uma vida *infra-humana*, mais do que uma vida abaixo de humana, posicionalmente falando, é uma vida pouco humana, uma vida inferior qualitativamente falando, uma vida ruim, nada humana.

Em (9), finalmente, tem-se o prefixo MAL- que, originalmente significando *de modo ruim*, por transferência de sentido tem nesse caso o sentido de *pouco* e se opõe a BEM-, razão pela qual “bifes *mal*-passados” são bifes *pouco* passados, ou melhor, *pouco* assados ou *pouco* fritos, o oposto de “bifes *bem*-passados”. A propósito, diz SANDMANN (1988: 109) que “os prefixóides *bem* e *mal* (*sic*) têm como correspondentes sinônimos livres os advérbios *bem* e *mal*”; que “eles se prestam a formações em série”; e que “ocorrem principalmente diante do particípio perfeito convertido em adjetivo”.

Acerca do gramema MAL-, cabe observar ainda que, apesar de não ser ele comumente reconhecido pelos gramáticos, dentre os quais BECHARA (1999), CUNHA & CINTRA (1985) e ROCHA LIMA (1972), como um prefixo propriamente dito, recentemente tem surgido estudos defendendo ponto de vista diferente, tais como os realizados por SANDMANN (1988: 109), para quem tal elemento mórfico é um *prefixóide*; e por DUARTE (1999: 166), para quem o gramema MAL- nada mais é do que um *prefixo correspondente a formas livres e dependentes*.

Nos três casos apreciados de atenuação minimal (com os sufixos SUB-, INFRA- e MAL-) nota-se uma intensificação em sentido inverso (para baixo) que conduz à conclusão de que a atenuação admite duas modalidades, a modalidade *aproximativa* (ilustrada com o prefixo SEMI-) e a modalidade *minimal* (ilustrada com os prefixos SUB-, INFRA- e MAL-). No primeiro caso, com o emprego do prefixo SEMI-, há uma vacilação do informante em situar com precisão (consciente ou inconscientemente) o grau de apreciação, enquanto que, no segundo caso, há uma intensificação negativa (direcionada para baixo), movida pelo propósito de atuar sobre o alocutário que, em (7), é sensibilizado acerca da condição humana de *subnutrição*; em (8), acerca da condição de vida *infra-humana*; e, em (9), acerca da preferência do informante por bifes *malpassados*.

De tudo o que foi dito acerca dos gramemas presos prefixais amplificadores e atenuadores, resta mencionar ainda que os prefixos monossilábicos (DES-, RE-, PRE-, TRES-) presentes, por exemplo, em *desinfeliz*, *requeimado*, *prepotente* e *tressuar*, não foram objeto de apreciação, porque, conforme pondera RIO-TORTO (1987: 96),

não são assumidos na linguagem corrente como monemas de intensificação, ou porque fazem parte de vocábulos cultos de cuja estrutura complexa a generalidade dos falantes não tem consciência (*pre claro*, *pre potente*, *pre eminente*, *per feito*, *per seguir*, *tres ler*, *tres suar*), ou porque sofreram um desgaste semântico que absorveu o seu primitivo conteúdo intensificador, apresentando-se hoje em dia como formas mais ou menos lexicalizadas que veiculam outros valores sémicos.

Nesses casos, não são tais prefixos que são, a rigor, formas lexicalizadas, porque, resultado de um processo de aglutinação com suas

respectivas bases, e não isoladamente, é que se lexicalizaram em formas indecomponíveis.

6 GRAMEMAS PRESOS SUFIXAIS COMPARATIVOS

6.1 AUMENTATIVOS

6.2 DIMINUTIVOS

Os sufixos comparativos são morfemas que podem funcionar como modificadores capazes de acrescentar uma conotação subjetiva à base na qual se prendem e/ou como intensificadores cuja estrutura mórfica corresponde à de um gramema preso sufixal que se caracteriza ora por expressar uma visão relativa do locutor (quando funciona como intensificador por natureza não integrado na base), ora por expressar uma visão global do locutor (quando funciona como intensificador por transferência não integrado ou como intensificador por transferência implicitamente integrado na base). Exemplos:

- (1) Comprei um **livrão** (= Comprei um livro *grande*).
 Comprei um **livrinho** (= Comprei um livro *pequeno*).
- (2) Prédio **altão** (= Prédio *muito* alto).
 Prédio **altinho** (= Prédio *um pouco* alto)¹.
- (3) Ela fez um **casamentão** (= casamento *muito avantajado*).

Ao modificarem uma apreciação pressuposta, não resta dúvida de que os sufixos comparativos põem o grau dessa apreciação, o qual, por sua vez, pressupõe a comparação. De fato, ao se dizer *livrinho* se faz, implicitamente, uma comparação do livro designado com outros (maiores ou menores) e, ao mesmo tempo, se estabelece uma oposição à subclasse dos livros grandes.

¹ Cabe observar que esta análise é relativa, pois os morfemas semanticamente valem o que valem dentro de um contexto e de uma situação que só a análise pragmática é capaz de precisar. Dessa forma, a depender da intenção do locutor, *altinho* pode significar até *muito alto*, levando-se em conta o fato de que nesse caso, como o sufixo tem valor atenuativo, deixa ao destinatário uma grande margem de interpretação.

Como tais sufixos não se limitam a funcionar apenas como marcadores de intensidade, são conhecidos ainda pelo nome de *apreciativos*, em virtude de se prestarem mais à expressão da afetividade em termos de apreço (*paizinho*, *paizão*), ou em termos de despreço (*doutorzinho*, *narigão*) do que à expressão daquilo que, para alguns, lhe deveria ser próprio e natural, isto é, a dimensionalidade (*bolinha*, *bolão*). Há ainda quem prefira designá-los sufixos *avaliativos*, como é o caso de ALONSO (1967) e, ultimamente, de ROCHA (1998: 221), para quem, “anteriormente à questão de tamanho dos seres, o grau está relacionado com o aspecto avaliativo”.

Portanto, apesar dos compêndios gramaticais sublinharem o aspecto dimensivo ou intensivo dos sufixos comparativos, o fato é que tais sufixos realmente se prestam muito mais para a expressão de outros aspectos, dentre os quais a subjetividade e a afetividade do locutor, do que para a expressão apenas da intensificação. Isto se dá, em geral, com propósito indubitavelmente argumentativo, conforme se verá adiante e conforme conclusões a que chegaram, dentre outros, JAKOBSON (1971). Segundo ele, o sufixo de grau se presta especialmente ao desempenho das funções expressiva e apelativa, ficando a função referencial para segundo plano. Já ALONSO (1967: 163) diz ser raro atribuir exclusivamente ao diminutivo a noção de tamanho reduzido, enquanto ROSA (1982: 20) declara que “o grau manifesto por um processo morfológico revela necessariamente emotividade”. Finalmente, ROCHA (1998: 198), sublinha que “a afetividade está sempre presente na sufixação gradual, ao passo que a noção de aumento ou diminuição do tamanho pode estar presente ou não”.

Em síntese, o que se quer dizer e o que se pretende demonstrar é que os sufixos comparativos não denotam idéia pura de aumento

ou de diminuição; esta é mais precisamente expressa, dentre outros meios, pelos adjuntos GRANDE/PEQUENO e, atualmente, segundo SANDMANN (1989-A: 74-75), pelos prefixos amplificadores e atenuadores HIPER-, MEGA-, SUPER-, MACRO-, MAXI-, MULTI-, MINI-, MICRO- etc.

A natureza híbrida dos sufixos comparativos os faz propícios para o desempenho de múltiplas funções além da função *referencial*. Dentre estas, se destacam as funções *emotiva* e *persuasiva*, a depender de fatores contextuais, da situação de enunciação, da intenção do locutor etc., observando-se, todavia, que enquanto a função referencial é de caráter denotativo, as outras duas são de caráter conotativo.

É claro que ao se privilegiar o discurso, na análise dos fatos aqui abordados, ele não virá dissociado da *língua*, da mesma forma que as funções da linguagem nunca se manifestam em compartimentos estanques, mas quase sempre superpostos, apesar de uma função poder se destacar sobre a outra como, por exemplo, em *garotinho*, acompanhado do sufixo (-INHO), que, além de poder denotar tamanho (função referencial de grau) conota sobretudo carinho (função emotiva).

Para CRESSOT (1980: 13), “a comunicação pode ser objectiva, puramente intelectual, limitando-se a verificar a existência de um facto. Frequentemente, porém, acrescenta-se-lhe uma intenção, um desejo de impressionar o destinatário”. E é exatamente essa intenção do usuário da língua, de natureza psicológica (ao se utilizar, por exemplo, um sufixo comparativo) que irá determinar as funções não denotativas, atualizáveis num determinado contexto, inclusive social, como muito bem ressaltou COSERIU (1982: 125) ao afirmar que “o valor subjetivo é sempre um valor contextual, uma *acepção* que se realiza na designação, e não um valor opositivo de língua, um *significado*”.

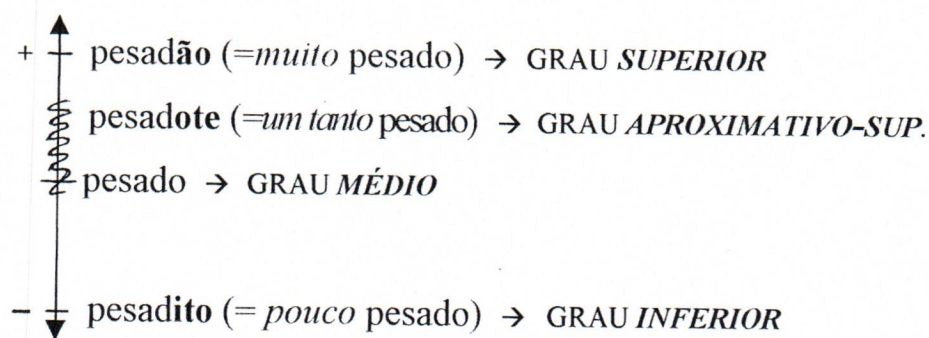
Quem reconheceu isso muito bem foi NÁÑEZ FERNÁNDEZ (1973: 32), para quem a intencionalidade é “el alma del signo, y hasta tal punto que según sea ella así es el signo; de tal manera que si escuchando cinco personas a otra cada una de ellas tuviese distinta intencionalidad, habría seis signos distintos: una entendería algo meramente conceptual, otra un insulto etc.”². Mais adiante cita a ironia, como um exemplo de signo de natureza superlativa, cujo sentido foi modificado pela intencionalidade, e conclui: “Por conseguinte, decir que la ironía consiste en un cambio de sentido no es más que constatar un hecho; pero decir que es debido a la intencionalidad, es ya explicarlo”³ (*Id.*: 34).

Essas considerações levam ao reconhecimento de que os sufixos comparativos podem desempenhar tanto uma função *referencial* ou *representativa* (no âmbito da *língua*) quanto uma função *emotiva* e uma função *persuasiva* (no âmbito do discurso), a primeira centrada no referente e as outras duas centradas no locutor e no alocutário, respectivamente.

Sobre a *função referencial* dos sufixos comparativos, cabe dizer que é de natureza intelectual e pode se manifestar em séries graduadas, *dimensionais* (livrão, livro, livrinho) ou *não-dimensionais* (pesadão, pesadote, pesado, pesadito), ambas acompanhadas de conotações subjetivas, sendo que esta última, mencionada por RIO-TORTO (1987: 110), aparece disposta na seguinte escala:

² “a alma do signo, e de tal maneira que, conforme seja ela, assim é o signo; de modo que admitindo-se a hipótese de se ter cinco pessoas escutando a uma com cada uma delas tendo diferentes intencionalidades, haveria nesse caso seis signos diferentes: uma entenderia algo meramente conceitual, outra um insulto etc.”

³ “Portanto, dizer que a ironia consiste numa mudança de sentido nada mais é do que constatar um fato; mas dizer que é devido à intencionalidade, já é explicá-lo”.



Tais sufixos, todavia, são muito complexos e variáveis, registrando oscilações semânticas das bases às quais se anexam, razão pela qual um mesmo sufixo pode admitir sentido oposto, como se pode constatar em *livrinho* (= livro *pequeno*) e *estreitinho* (= *bem* estreito) ou em *rapazito* (= rapaz *pequeno*) e *pesadito* (= *pouco* pesado). Este último exemplo, todavia, e também o encontrado em *pesadote*, referem-se a uma realidade lingüística distante da brasileira, uma vez que não são comumente encontrados no português do Brasil.

A *função referencial* dos sufixos comparativos, por se referir à intensidade – dimensiva (*dedão*) ou não (*calorão*) – responde pela intensificação no enunciado.

Quanto à *função emotiva*, além de ser peculiar dos sufixos comparativos, tomando-se como fundamento opiniões expressas por ALONSO (1967: 175), MARTINS (1972: 97) e BARROS (1985: 196), vem intimamente acompanhada da *função persuasiva*, isto é, aquela de natureza argumentativa, que está centrada no alocutário e que consiste em atuar sobre ele de forma a convencê-lo a tomar certa posição ou atitude; enfim, a aderir ao sistema de valores do locutor.

Por se considerar a argumentação como sendo o uso da linguagem para provocar uma mudança de comportamento, ela entraria aqui como um processo para se atingir a função persuasiva. Argumentar

é organizar o discurso de tal maneira que consiga atingir o alvo de vencer o outro.

Um bom exemplo para se ilustrar o que foi dito acerca das funções *emotiva* e *persuasiva* encontra-se na fábula *As duas cachorras*, de LOBATO (1990: 37), na qual se emprega a linguagem afetiva para persuadir:

– A dificuldade, Emília, está em conhecermos quem é o mau. Eles sabem disfarçar-se. Apresentam-se como essa cachorra, todos cheios de diminutivos – um “cantinho”, uma “comidinha”, um “dinheirinho...”. E como havemos de advinhar que isso é um disfarce, um preparo de terreno?

– Como? – disse Emília. É boa!... Pelo diminutivo. Assim que um freguês vier com “inhos”, é a gente ir pegando no pau e lascando...

SANDMANN (1989-B: 569), que prefere a nomenclatura *função apelativa* a *função persuasiva*, diz ser característica básica de tal função a de expressar abrandamento e cita o seguinte exemplo: “*Daria para esperar um minutinho só?*”. Nesse caso ele considera como sendo função típica do diminutivo a de abrandar a espera.

Ocorre que o abrandamento, assim como a atenuação ou suavização das bases que veiculam sentido indelicado, grosseiro e vulgar é próprio da função *emotiva* também, havendo nesses casos superposição de pelo menos duas funções (a *emotiva* e a *persuasiva*). Por outro lado, o apelo é apenas um dos aspectos da função *persuasiva* dentro da qual está inserido.

Para concluir esta já longa introdução ao estudo dos sufixos comparativos, resta ainda dizer que a mudança de grau por eles expressa pode implicar em mudança de gênero (a chuva / o chuvisco, a orelha / o orelhão, a mulher / o mulherão). Tal mudança pode ser traduzida ou como marca de lexicalização ou como reforço (no caso do sufixo -ÃO). Também merece destaque o fenômeno da reduplicação sufixal dos sufixos comparativos, responsável por traduzirem, segundo NÁÑEZ FERNÁNDEZ (1973: 41), “um deseo de expressividad semántica, y también fonética”⁴, como acontece em *pequeninho*.

6.1 AUMENTATIVOS

Por sufixos comparativos aumentativos se entende aqueles que funcionam como modificadores capazes de, além de aumentarem uma noção contida na base à qual se fixam, direcionando-a para cima, serem também capazes de acrescentar uma conotação subjetiva.

Em português, os sufixos aumentativos mais freqüentes são -ÃO/-ONA, acompanhados de suas variantes pejorativas (-ARRÃO, -ARÃO, -ALHÃO, -ZARRÃO); os menos freqüentes, -ORRA, -AÇO.

Semanticamente, o aumentativo nem sempre traduz um mero aumento dimensional como é comum acontecer quando ele aparece preso a uma base nominal mensurável (ex.: *livrão* = livro grande). A depender da base à qual se fixa e da situação de enunciação, dentre outros fa-

⁴ “um desejo de expressividade semântica, e também fonética”

tores, pode o aumentativo indicar outras noções.

Preso a certos verbos, o aumentativo não só opera uma mudança de categoria (de verbo para adjetivo) como também acentua a presença do agente, dando à ação uma idéia pejorativa de repetição abusiva da ação verbal (ex.: Ele é *mandão* = Ele vive dando ordens).

Todavia, diante principalmente de certos adjetivos, o aumentativo traduz inclusive uma noção de intensidade equivalente a MUITO, fazendo-o se aproximar do superlativo (ex.: Ele é *bonitão* = Ele é muito bonito).

Por outro lado, em “O meu *paizão* é muito bom”, o sufixo aumentativo expressa afeto, carinho, enquanto que em *carrão* (= carro esporte), *grandão* (= o chefe) e *doidão* (= drogado ou emocionado), citados por MALHEIROS-POULET (1986: 7), as expressões resultantes passaram a ser empregadas com outro valor. De fato, em virtude do fenômeno da lexicalização, o sufixo -ÃO perdeu nesses casos o sentido aumentativo. Quanto a isso, algo semelhante ocorre quando, deixando de expressar intensidade, o sufixo -ÃO se presta para a formação de neologismos com mudança de gênero (ex.: a palavra / o palavrão; a calçada / o calçadão).

Confrontando o aumentativo com o diminutivo, percebe-se que o aumentativo, além de ser de uso menos freqüente em relação ao diminutivo, é, conforme reconhece BARROS (1985: 196), “muito mais usado como pejorativo que o diminutivo, e raramente traduz carinho”. Realmente, tanto é assim que, para expressar a pejoratividade, dispõe o aumentativo de não poucos sufixos: *poetastro*, *corpanzil*, *ladroeira*, *solteirona*, *beijorra*, etc. Nesse último exemplo, a pejoratividade ainda mais se intensifica com a mudança de gênero. E por falar em mudança de gênero, parece ter razão SANDMANN (1988: 33), ao atribuir como motivo

para a mudança do feminino em masculino na formação de certos aumentativos (uma mulher / um mulherão) o fato de o masculino se prestar melhor para a expressão do que é grande e forte.

Outro aspecto relevante nesse confronto do aumentativo com o diminutivo é que o aumentativo é, morfológicamente, mais complexo do que o diminutivo. Isso acontece porque apesar de se poder usar outros sufixos para expressar o diminutivo (*riacho*, *riachuelo*, *corpúsculo*) -INHO e -ZINHO são infalíveis, são sempre sufixos diminutivos, pois sempre se pode usá-los como tal. Com o aumentativo, porém, a coisa é diferente. Ele é expresso mediante o sufixo -ÃO, mas existem outras formas (-AZÃO, -ARRÃO, -ALHÃO etc.). Pode-se dizer *casão*, mas na língua culta só se emprega *casarão*. Portanto, apesar de -INHO e -ZINHO serem universais, isso não ocorre com -ÃO. Além disso, enquanto na língua falada informal a tendência é a da formalização do aumentativo em -ÃO, nos registros formais o usual é diversificar o uso dos sufixos aumentativos.

Investigando a presença de sufixos aumentativos no *corpus* desta pesquisa, de pronto se depara com uma distância abissal entre a quantidade de diminutivos (mais de cem) e o escasso número de aumentativos, o que pode evidenciar uma característica dialetal. Para não dizer que inexistem aumentativos no material objeto de análise, a seguir aparece registrado um dos dois casos similares encontrados:

- (4) INF Melhorou um pouco a linha de ônibus de Federação, mas até hoje ela, por exemplo, não tem o... o ônibus desse tipo, o com ar condicionado, que chamam de **frescão**.

(INQ277, INF354, p.32, LINHAS 285-288)

Todavia, em (4), não há, a rigor, na acepção atual, um processo de intensificação, uma vez que o sufixo -ÃO em *frescão* não traduz mais idéia de aumento ou de intensidade. Nesse caso, o que se tem é um sufixo (-ÃO) que deixou de funcionar como intensificador mediante um processo em que o sufixo aumentativo se integra na base, perdendo a consciência do próprio grau; de forma que *frescão*, ao contrário de, por exemplo, *bonitão* (= muito bonito), não significa aqui *muito fresco* mas sim *ônibus com ar condicionado*. Trata-se do fenômeno da lexicalização (ou idiomatização) resultante do *esvaziamento semântico* do sufixo aumentativo.

Não é raro ocorrer lexicalização por *especialização semântica* com o sufixo aumentativo, como é o caso de *portão*, significando *entrada de um gradil* e não necessariamente *porta grande*, isto é, a somatória de *porta* + *ão*. Nesse caso, *portão* não é aumentativo de *porta*. Trata-se, isto sim, de palavra que, pelo processo de evolução semântica, adquiriu novo significado. O mesmo se deve dizer das seguintes lexicalizações usuais: *mocinho* (= herói de filmes de faroeste), *cartilha*, *camisola*, *violino*, *camiseta*, *cavalete*, *versículo* (com vestígio do sufixo latino *-culus*), *caixão*, *caldeirão*, *macacão*, *calção*, *facão*, *muralha*, etc. A prova mais evidente da lexicalização de tais formas é que não só aceitam o sufixo de semântica contrária como até de mesma função gradativa, verificável nos seguintes casos: *frescãozão/frescãozinho*, *caixãozão/caixãozinho*, *caldeirãozão/caldeirãozinho*, *macacãozão/macacãozinho*, etc. Formações mais recentes de sufixos comparativos lexicalizados, além de *frescão*, são, por exemplo, *cursinho* (preparatório para o vestibular ou concurso) e *calçadão* (rua reservada aos pedestres), ambos esvaziados da noção semântica de diminuição ou de aumento, conforme afirma SANDMANN (1992: 67).

6.2 DIMINUTIVOS

Por sufixos comparativos diminutivos se entende aqueles que funcionam como modificadores capazes de, além de diminuir uma noção contida na base à qual se fixam, direcionando-a para baixo, serem também capazes de acrescentar uma conotação subjetiva.

Em português, o principal sufixo diminutivo é o sufixo -INHO, com sua variante -ZINHO. Além deles, há ainda os sufixos -UCHO, -INO, -ETE, -OTE, -ITO, -MIRIM, -OCA e os diminutivos verbais, dentre outros, de emprego bastante reduzido, conforme comprova o *corpus* objeto de análise.

Sobre os sufixos -ETE e -OTE, diz RIO-TORTO (1987: 110) serem eles aproximativos portadores do conteúdo semântico equivalente a *um pouco*. Ex.: *pequenote*. Outrossim, quando aparece agregado a uma base adjetiva, conotativamente negativa, -OTE funciona como atenuador eufêmico dessa propriedade disfêmica. Ex.: *feiotote* (= um pouco feio). Concordando com RIO-TORTO (1987: 110), diz SKORGE (1958: 24) que a função primária do sufixo -OTE é a da atenuação, e exemplifica com *bonitote* (= um tanto bonito).

Os sufixos -MIRIM (pistamirim) e -OCA (engenhoca) são citados por SANDMANN (1988: 47), que observa haver no último uma coloração emocional, além da noção de pequenez.

Quanto aos diminutivos verbais, tem-se em português os sufixos -IC, -ILH, -ISC e -IT que, ao se combinarem com -AR, resultam nos diminutivos complexos freqüentativos (-ICAR, -ISCAR e -ITAR), indicadores de iteração e não de aspecto verbal, segundo COSTA (1990: 25), para quem a aplicação da categoria de Aspecto deve se restringir a

verbos no Número⁵ singular, porque tem a ver com a constituição temporal interna do verbo e não com fatos verbais que se repetem no tempo. LOPES (1972: 225) cita *bebericar* como exemplo de tais diminutivos verbais que, para ele, significa “beber muito”, “costumar beber”⁶ e, sobretudo, “beber muitas vezes”. Além desses, há ainda o sufixo verbal -EJAR, complexo apenas diacronicamente, que, em *voejar*, significa *dar pequenos vôos repetidos*.

Semanticamente, o diminutivo nem sempre traduz uma mera diminuição dimensional, similar à que acontece, por exemplo, em *florzinha* (= flor pequena). A depender da base na qual se fixa e das condições de emprego ou de outros fatores situacionais de ordem pragmática, pode indicar outras noções, inclusive a de superlativização. Outrossim, assim como acontece com o aumentativo, o diminutivo pode vir semanticamente esvaziado, a exemplo de *lombinho* (= peça muito tenra que se tira da região lombar da rês, do porco, etc.), *esquerdinha* (= nome dado a um satélite), *peitilho* (= parte da blusa ou roupa que fica sobre o peito) e *sozinha* (= só, desacompanhada), que nesses casos não significam, respectivamente, *lombo pequeno*, *esquerda pequena*, *peito pequeno*, nem *muito só*, conforme se pode constatar lendo os seguintes trechos:

(5) INF Bem, entre outros defumados e, assim, bastante usados, nós temos presunto, e salame, e mortadela, **lombinho**.

(INQ081, INF089, p.182, LINHAS 212-214)

⁵ Por *Número* deve ser entendido aqui à repetição ou não do fato verbal e não propriamente ao que se conhece por desinências verbais número-pessoais (do singular e do plural).

⁶ Apesar de LOPES (1972: 225) admitir o sentido “beber muito” e “costumar beber” para *bebericar*, a rigor tal sufixo se caracteriza mais propriamente por uma repetição localizada e contínua, mas não habitual, e muito menos intensiva.

- (6) INF [...] tinha um que nós chamávamos o **esquerdinha**, porque ele vinha... eh... a órbita dele era... era ao contrário, compreendeu, dos satélites que faziam a órbita...

(INQ135, INF164, p.141, LINHAS 547-550)

- (7) INF [...] o **peitilho** era bordado, com rendinhas, fitinhas. (risos)

(INQ159, INF203, p.246, LINHAS 369-370)

- (8) INF [...] eu estou dormindo **sozinha** [...].

(INQ125, INF151, p.71, LINHA 14)

Excluindo os diminutivos que sofreram processo de lexicalização vistos acima e que, por conseguinte, não são intensificadores, a análise do *corpus* revela não só a complexidade deles como também o fato de serem muito frequentes no português culto de Salvador, principalmente nas falas de informantes do sexo feminino, que os empregam numa proporção quatro vezes maior em relação aos informantes do sexo masculino, evidenciando assim uma inquestionável peculiaridade sexual, principalmente se for levado em conta que o diminutivo não só pode ser um, dentre outros instrumentos de polidez na interlocução, de acordo com COULTHARD (1991: 56-57), como principalmente por “su connotación pragmática indicadora de afecto”⁷ em determinados contextos, segundo HAVERKATE (1994: 220).

Os mais de cem sufixos comparativos coletados em apenas doze inquéritos revelam ser o sufixo -INHO/-INHA o mais empregado, e também o mais adaptável às diferentes situações, como se verá nos casos

⁷ “sua conotação pragmática indicadora de afeto”

a seguir estudados.

O sentido original dos diminutivos é comumente concebido como sendo o de diminuir a quantidade da substância sêmica do elemento modificado. Todavia, isso não acontece em todos os casos, visto que, a depender da perspectiva do locutor, tanto se pode ter uma visão relativa (atenuativa) quanto uma visão global (superlativa) da sua apreciação, conforme revelam as seguintes transcrições:

- (9) INF – O estádio é muito **bonitinho**, novo, fizeram... inauguraram acho que ano passado.

(INQ100, INF118, p.115, LINHAS 317-318)

- (10) DOC Agora, e o colarinho? Tem também umas coisinhas, assim, todas especiais que se fazem pra ele ficar **altinho**...

(INQ159, p.245, LINHAS 347-349)

- (11) INF – Bom, o pneu que ele está é um pneu radial, fabricado pela Goodyear. É um pneu que custa um **bocadinho** mais caro, mas que dura quase o dobro do pneu comum.

(INQ277, INF354, p.29, LINHAS 169-172)

Em (9), a base modificada denota uma certa apreciação subjetiva do locutor, o sufixo é empregado com o sentido superlativo, de modo que *bonitinho* corresponde a *muito bonito*, e a visão do locutor parece ser global, como acontece em *bonitíssimo*. Tal intensificação é reforçada ainda pelo intensificador *muito* que incide sobre o adjetivo *bonitinho*, sendo que ambos se referem ao estádio, um estádio *muito (muito bonito)*.

Sobre a incidência do sufixo -INHO no adjetivo *bonito*, merece destaque a observação feita por MALHEIROS-POULET (1986: 3),

para quem “*bonitinho* pode ser interpretado como *pouco bonito*, um *pouco bonito* ou *muito bonito*”, a depender do elemento modificado e das intenções do locutor.

Em (10), a base modificada denota uma certa apreciação subjetiva do locutor, o sufixo funciona como um intensificador aproximativo que desempenha um nítido sentido atenuativo, e a visão do locutor é relativa. Assim, um colarinho *altinho* é um colarinho nem muito nem pouco alto, mas sim um tanto alto.

Em (11), a base modificada denota uma certa apreciação subjetiva do locutor, funciona como um intensificador minimal, e a visão do locutor é relativa, de modo que um pneu custar um *bocadinho* mais caro é custar um bocado diminuto (de dinheiro) mais caro, isto é, pouca coisa mais caro. Aqui, a quantidade de substância sêmica diminui em relação a *bocado* e mais ainda em relação a *bocadão*, além de ter uma evidente força argumentativa capaz de mover o alocutário a aderir ao ponto de vista do locutor que valoriza o pneu radial da Goodyear, principalmente por vir contraposta a outro argumento irresistível, que é o de *durar quase o dobro*.

Por conseguinte, a análise do sufixo -INHO em *bonitinho*, *altinho* e *bocadinho* evidencia que o mesmo sufixo diminutivo, além de ser portador de conotações subjetivas, admite, respectivamente, uma *superlativização*, uma *atenuação* e uma *diminuição*, em decorrência das condições de emprego e/ou do semantismo das base às quais se agrega, sendo que tudo isso ocorre com propósitos argumentativos. Em *bonitinho* e em *altinho*, o propósito é acentuar as virtudes do estádio e do colarinho, respectivamente; enquanto que em *bocadinho*, o propósito é atenuar o preço do pneu Goodyear radial.

Tudo isso remete para a consideração de que, se de fato é difícil encontrar um discurso totalmente neutro, vazio de intenções subjacentes, torna-se praticamente impossível se ter um intensificador desempenhando apenas a função referencial, pois ele acrescenta ao enunciado no qual vem inserido “une orientation argumentative qui sert, non seulement à informer le destinataire du degré d’appréciation du locuteur, mais aussi à le persuader, à le convaincre”⁸ (MALHEIROS-POULET, 1984: 222).

Levando-se em conta a complexidade do sufixo diminutivo -INHO, o que se verá nos parágrafos seguintes é uma análise dos vários casos encontrados, com o propósito de se tentar compreender o porquê de tal sufixo adquirir tantos sentidos.

Em primeiro lugar, será observada a importância dos traços semânticos do elemento modificado, isto é, dos lexemas que fazem referência ao domínio dimensional, antes de se fazer uma abordagem da *situação de enunciação*, da *atitude emotiva* ou do *caráter subjetivo* do locutor.

Quanto à importância dos traços semânticos do elemento modificado como fator determinante da diversidade semântica dos diminutivos, são ilustrativas as construções constituídas de -INHO + SUBSTANTIVO GRADUÁVEL (12), de -INHO + SUBSTANTIVO NÃO-GRADUÁVEL (13), de -INHO + ADJETIVO (14), de -INHO + PALAVRA DENOTATIVA DE INTENSIDADE (15) e de -INHO + ADVÉRBIO DE MODO (16), encontráveis, respectivamente, nos seguintes trechos:

⁸ “uma orientação argumentativa que serve não apenas para informar o destinatário acerca do grau de apreciação do locutor, como também para persuadi-lo, para convencê-lo”

- (12) INF Nós temos uma **maquinazinha** que fecha aquele **pastelzinho** muito rapidamente. Entretanto, quando não lançamos mão daquela pequena máquina, nós até fechamos com garfo, os dentes do garfo, o que é bem interessante.
- (INQ081, INF089, p.184, LINHAS 281-286)
- (13) INF Apenas uma viagem que eu fiz a Maceió e que, no pouso..., no retorno de Maceió, no pouso em Sergipe, nós tomamos um susto, porque estava chovendo e o avião comeu a pista toda, (rindo) foi parar no **finzinho**.
- (INQ277, INF354, p.45, LINHAS 819-823)
- (14) INF – O estádio é muito **bonitinho**, novo, fizeram... inauguraram acho que ano passado.
- (INQ100, INF118, p.115, LINHAS 317-318)
- (15) INF Nadei um **pouquinho** mas não posso dizer propriamente que eu pratiquei esporte.
- (INQ159, INF203, p.241, LINHAS 181-182)
- (16) INF Então, você encontra aquele pão enorme assim e vamos encostar como se fosse um violino e cortando **direitinho** ali. (rindo)
- (INQ081, INF089, p.188, LINHAS 461-464)

Presos a *substantivos graduáveis* (domínio dimensional), os diminutivos podem indicar uma diminuição de tamanho como ocorre em (12), onde o sufixo -INHO funciona como redutor das substâncias sêmicas dos substantivos *máquina* e *pastel*. Neste caso, a função principal do diminutivo é descrever o tamanho dos elementos modificados, de modo que *maquinazinha* e *pastelzinho* são parafraseáveis por *máquina pequena* e *pastel pequeno*, respectivamente. Trata-se de substantivos que pos-

suem os semas genéricos /não contínuo/, /mensurável/ e /material/, compatíveis entre si.

A propósito, COSERIU (1982: 123-124) distingue a minoração *diminutiva* em que o diminutivo apresenta o objeto como intrinsecamente pequeno (maquinazinha) da minoração adjetiva que o apresenta como extrinsecamente pequeno (máquina *pequena*) e, apesar de admitir ser a função *expressiva* (subjativa) a mais freqüente e até mesmo a mais *importante* nos textos, não reconhece ser essa a função básica e constante dos diminutivos. Para ele, “o valor básico do diminutivo é sempre o de *minoração objetiva*” (*Id.*: 123), sendo o valor subjativo “sempre um valor contextual, uma *acepção* que se realiza na designação concreta, e não um valor opositivo de língua, um *significado*” (*Id.*: 124).

Por outro lado, observa MARTINS (1972: 97) que o que é pequeno geralmente desperta um sentimento de simpatia, carinho, comisseração, desdém ou irreverência, por ser raro o diminutivo traduzir uma idéia exclusivamente de tamanho reduzido. Tal ponto de vista é partilhado por ALONSO (1967: 163) ao afirmar que “cuando el sentido central es realmente el de disminución, se suele insistir en la idea de pequeñez con otros recursos (una cajita pequeña, ..., etc.)”⁹.

Os exemplos encontrados no *corpus* corroboram não só a opinião de COSERIU (1982: 123-124), considerando-se o fato de que a maioria das ocorrências apontam para diminutivos funcionando como redutores das substâncias sêmicas de substantivos, como também a opinião de MARTINS (1972: 97) e ALONSO (1967: 163), tendo em vista o fato de que na enunciação é muito difícil o sufixo diminutivo não vir acompanhado de conotações subjativas.

⁹ “quando o sentido central é realmente o de diminuição, se costuma insistir na idéia de pequenez com outros recursos (uma caixinha pequena, ..., etc.)”.

Presos a *substantivos não-graduáveis* (domínio não-dimensional), os diminutivos podem indicar uma intensificação superlativa, como ocorre em (13), onde *finzinho*, referindo-se ao avião que foi parar no *finzinho* da pista, quer dizer *bem no fim* da pista, no limite extremo dela. Neste caso, o sufixo modifica uma base que traduz idéia de espaço e não de tamanho ou grandeza, como no exemplo (12).

Presos a *adjetivos graduáveis* (domínio nocional), os diminutivos, a depender da situação de enunciação, indicam graus variados, sendo, por isso, parafraseáveis pelos metatermos *pouco*, *um pouco* ou *muito*. Em (14), estádio *bonitinho* só pode ser um estádio *muito bonito*, com o sufixo -INHO adquirindo valor de aumento e não de diminuição, como lhe é comum.

Por último, presos, respectivamente, a *palavras denotativas de intensidade* e a *advérbios de modo* (domínio dimensional ou não), os diminutivos expressam uma intensificação parafraseável pelo metatermo *muito*. É o que se pode conferir em (15) e (16), onde aparece *pouquinho* e *direitinho* nos trechos “nadei um *pouquinho*” e “cortando (o pão) *direitinho*”, correspondentes, respectivamente, a *nadei muito pouco* e *cortando (o pão) muito (ou bem) direito*.

Observando-se os exemplos (12), (13), (14), (15) e (16), constata-se que o sentido de orientação do elemento modificado é que permite uma primeira definição do valor de -INHO, de modo que o primeiro caso analisado difere dos demais, pois nele o sufixo descreve o tamanho ou grandeza dos elementos modificados. De fato, em (12), com *maquinazinha* (= máquina pequena) e *pastelzinho* (= pastel pequeno), não se pode aplicar o operador *muito* às bases modificadas (*máquina* e *pastel*) sem mudar o sentido, pois em *muita máquina* e *muito pastel*, é a quantidade, o número de máquinas e pastéis que é percebido. Por outro

lado, em (15), a base modificada (pouco) admite o intensificador *muito* sem nenhum problema, sendo *pouquinho* intercambiável por *muito pouco*.

Além desses valores, deve-se levar em conta também

que o processo de modificação intensificadora envolve não só conteúdos denotativos, convencionais e padronizados, mas também valores subjectivos, axiológicos e conotativos, que podem estar generalizados em toda a comunidade lingüística, ou ser estritamente individuais e inerentes a uma determinada instância de enunciação e/ou a uma determinada situação pragmática (RIO-TORTO, 1987: 102).

Ilustrando o que foi dito no parágrafo anterior, a análise do *corpus* revela as diferentes nuances obtidas pelo sufixo -INHO a partir das intenções do locutor e da situação de emprego afetivo, tais como *conotação de carinho*, *conotação apreciativa*, *conotação depreciativa*, *valor de atenuante* e *valor de reforço superlativo*, conforme aparece, respectivamente, nos seguintes trechos transcritos:

(17) INF E o filho, também, diz “meu pai” ou “**painho**” ou “meu velho”, muitas vezes.

(INQ125, INF151, p.73, LINHAS 79-80)

(18) INF – ... quando nós chegamos (superp) em Roma, encontramos *pizza* de camarão, um negócio que nós achamos, assim, absurdo. [...] Mas – sabe o que ocorre – cada um tem sua maneira, seu **jeitinho** de variar as coisas [...]

(INQ081, INF089, p.185, LINHAS 319-326)

(19) INF [...] eu mesmo desconhecia totalmente, não sabia o que era Natal; pensei que fosse uma **cidadezinha** mais ou menos,

assim, tipo Feira de Santana, que não tivesse atrativo nenhum, turístico, não sabe?

(INQ100, INF118, p.112, LINHAS 222-226)

- (20) INF E sempre uma correntinha, né, ligando. Uma parte, em geral, é assim **compridinha**, lisa, e a outra, então, é que é trabalhada.

(INQ159, INF203, p.245, LINHAS 342-344)

- (21) INF Já a biblioteca aí do Hospital das Clínicas eu não acho uma biblioteca muito boa; é uma biblioteca pequena, a estante... as estantes ficam junto das mesas, então, a gente está sentada, está com aqueles livros bem **agarradinhos** junto da mesa, sabe, eu não acho muito conforto pro doente che... o estudante chegar ali e sentar pra estudar.

(INQ231, INF301, p.162, LINHAS 499-505)

No exemplo (17), a *linguagem infantil* e a *conotação de carinho* se manifestam em *painho*, onde o sufixo -INHO, esvaziado semanticamente da noção de tamanho, expressa afetividade, de modo que *painho* não quer dizer necessariamente um pai pequeno, mas, sim, um pai querido, muito estimado, com propósito argumentativo, já que se visa conquistar a simpatia do alocutário e/ou expressar a subjetividade do falante.

Em (18), a *conotação apreciativa* se manifesta em *jeitinho*, onde a situação discursiva, por ressaltar o inusitado de se fazer *pizza* de camarão, contribui ainda mais para sublinhar o efeito apreciativo do sufixo. *Jeitinho* não pode ser descrito como um jeito pequeno mas como um jeito especial de variar as coisas, de fazer *pizza*. Neste caso, -INHO produz uma transformação no plano nocional (e não no plano dimensional), atualiza os semas /especial/, /fora do comum/, etc., e

da, *pouco comprida*. Por conseguinte, há uma atenuação do tamanho da corrente com a intenção de agir sobre o alocutário. A propósito, além de HAVERKATE (1994), que estabelece uma ponte entre a atenuação e a polidez, CARREIRA (1997: 146), asseverando serem os diminutivos “moyens linguistiques que les locuteurs [...] utilisent abondamment pour exprimer leurs intentions de politesse”¹⁰, deixa claro que a atenuação também pode funcionar como um dos meios de cortesia na interação verbal.

Muito comum ainda é a atenuação ocorrer com o propósito de atenuar um defeito ao se reduzir a carga sêmica inconveniente de certos lexemas, como é o caso de *conversinha*, termo este empregado com o sentido de *conversa rápida*, referindo-se à *cola* ou *pesca* encontrável no ambiente escolar e atualizável na seguinte passagem:

- (22) INF – ... a pesca é só a **conversinha** que... não é... o tipo de conversa que eu acho até mais fácil pra o do... o estudante soprar um pra o outro, não é, que a gente dizia soprar.

(INQ231, INF301, p.171, LINHAS 874-877)

Por último, em (21), tem-se *agarradinhos*, com o sufixo -INHO adquirindo *valor de reforço superlativo* por transferência de sentido. Portanto, “livros bem *agarradinhos*” são livros *muito bem agarrados*. Mais uma vez, as intenções do locutor e a situação de emprego contribuem para a fixação do sentido, e aqui, particularmente, o propósito é de persuadir o alocutário acerca do desconforto de se estudar numa biblioteca sem espaço, com os livros *muito* bem agarrados, juntos da mesa.

¹⁰ “procedimentos lingüísticos que os locutores [...] utilizam abundantemente para exprimirem suas intenções de polidez”

Se não se pode negar que os diminutivos se sobressaem dentre os intensificadores que exercem predominantemente a função emotiva, menos ainda quando adquirem valor superlativo, como observa OLIVEIRA (1962: VIII), para quem a superlativização “é especialmente afetiva. A noção do mais alto grau atingido por uma qualidade, uma acção, um modo de ser, é com dificuldade puramente objectiva. A sua característica permanente é a intensidade da qualidade em si, da visão do observador, da transmissão a outrem”. Essa é também a opinião de PINILLA (1979: 23), segundo a qual “a noção de intensidade, aspecto quantitativo da linguagem, é muito elástica. O espírito tende a exagerar a expressão do pensamento; esta exageração, subjetiva na sua origem, tem um carácter nitidamente afetivo”.

Em síntese, o exame do *corpus* demonstra que o valor original do sufixo -INHO, de natureza dimensional, costuma vir acompanhado por diferentes conotações, significando isso dizer que valem o que valem só dentro de um contexto e de uma situação de emprego; que, segundo a situação e as intenções do locutor, pode ter uma conotação de carinho, apreciativa (positiva) ou depreciativa (negativa); que pode funcionar com valor atenuativo, ao diminuir a substância sêmica do lexema ao qual se prende; que pode assumir um valor superlativo; que, além de manifestar a subjetividade do locutor, tem uma força argumentativa incontestável; e que pode determinar mudanças de sentido da lexia com o esvaziamento semântico da noção de grau nas formas lexicalizadas, como ocorreu em (5) com *lombinho*, significando *peça muito tenra tirada do animal* e não *lombo pequeno*.

A propósito, pela sua riqueza expressiva, o diminutivo merece destaque dentre os intensificadores, fato esse que motivou a realização de pesquisas feitas por SKORGE (1956), ALONSO (1967), NÁÑEZ

FERNÁNDEZ (1973) e CARVALHO (1976). Este último, depois de realizar uma dissertação sobre o assunto, conclui reconhecendo que “é a função *emotiva*, e não a função *empequeenedora*, a predominante nos diminutivos da língua portuguesa” (*Id.*: 95). Dessa forma, o diminutivo se destaca dentre os intensificadores que exercem no discurso a função emotiva, sendo essa função emotiva tão típica dos diminutivos que é a afetividade “que determina o diminutivo, que impõe a redução dos volumes...” (BARROS, 1985: 195), e não o contrário, como se pode pensar. Esse é também o ponto de vista de ALONSO (1967: 161), segundo o qual “la vieja idea de que de la significación empequeñecedora se ha derivado la afectiva – ya que los objetos chicos despiertan en nosotros, por veces, sentimientos de protección y ternura o de desconsideración y menosprecio – va siendo rechazada cada vez con más seguridad”¹¹. Em seguida, o mesmo autor conclui: “El diminutivo, más bien, era el signo de un afecto”¹² (*Ibid.*).

O valor afetivo do diminutivo não foi percebido pela gramática tradicional exatamente por ter se limitado apenas a uma apreciação conceitual. Para NÁÑEZ FERNÁNDEZ (1973: 131), “la reacción purista y la concepción lógica y normativa de la gramática sufocan el estudio del diminutivo como un medio vivo de expresión lingüística hasta que el análisis estilístico rehabilita su importancia axiológica y funcional...”¹³.

¹¹ “a velha idéia de que da significação diminutiva se derivou a afetiva – já que os objetos pequenos despertam em nós, às vezes, sentimentos de proteção e ternura ou de desconsideração e menosprezo – vai sendo rejeitada cada vez com mais firmeza”.

¹² “O diminutivo, mais propriamente, era o signo de um afeto”

¹³ “a reação purista e a concepção lógica e normativa da gramática sufocam o estudo do diminutivo como um meio vivo de expressão lingüística até que a análise estilística reabilita sua importância axiológica e funcional...”

O certo é que, conforme revela SKORGE (1958: 50), “o emprego de sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afectiva no primeiro plano”. Mais adiante, ela reconhece que tal procedimento, exatamente por levar o emissor a exprimir um impulso *positivo* (carinho, saudade, desejo, prazer) ou *negativo* (troça, desprezo, ofensa) faz com que dessa forma se encontre no sufixo diminutivo um meio estilístico capaz de elidir “a objectividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga. O que, por um lado, possibilita a expressão espontânea e adequada de afectos, pode, por outro lado, servir para substituir sentimentos sinceros por fingidos” (*Id.*: 50-51).

7 GRAMEMAS PRESOS SUFIXAIS SUPERLATIVOS

7.1 POR NATUREZA

7.2 POR TRANSFERÊNCIA

Os sufixos superlativos são intensificadores por natureza (**boníssimo**) ou por transferência gramatical (**doidamente**), cuja estrutura mórfica corresponde à de um gramema preso sufixal que se caracteriza, comumente, por expressar uma visão global do locutor, de caráter absoluto, razão pela qual formam o que a gramática tradicional denomina *superlativo absoluto*, que pode ser *sintético* ou *analítico*.

O *superlativo absoluto sintético* se forma quase sempre mediante o sufixo -ÍSSIMO, enquanto que o *analítico* é formado mediante o auxílio de operadores de intensidade do tipo dos encontrados em “*muito cuidadoso*” e “*extremamente cuidadoso*” (BECHARA, 1999: 148).

A seguir serão examinados os casos em que aparece o sufixo -ÍSSIMO (com suas variantes) e os casos em que aparece o sufixo -MENTE, observando-se, todavia, que, neste último sufixo, o efeito superlativizante não é dele mas do lexema no qual se fixa.

Os dois intensificadores referidos (-ÍSSIMO e -MENTE) comumente refletem a natureza global de apreciação do locutor. Tal procedimento é absoluto, visto que a intensidade em si é que é percebida, independente do estabelecimento de qualquer comparação mensurável com outros seres ou com uma escala de valores na qual se possa admitir a noção de grau (superior, médio, inferior,...), posição esta defendida por MALHEIROS-POULET (1983: 163).

7.1 POR NATUREZA

Os gramemas presos sufixais serão superlativos por natureza quando por si mesmos funcionarem como modificadores capazes de au-

mentar uma noção contida na base, de modo a atingir uma modalidade absoluta de intensidade.

Referindo-se a tais intensificadores, a gramática tradicional denomina-os *superlativos absolutos sintéticos*. Divergindo dessa nomenclatura, SAID ALI (1971: 82) propõe designá-los *superlativos intensivos* com a seguinte justificativa: “Pode-se, por comparação, formar conceito de uma série infinita de cambiantes da mesma qualidade, mas é impossível ter noção do limite extremo de cada qualidade em particular”.

A argumentação de Said Ali parece ser convincente, se for considerado o fato de haver intensificadores capazes de intensificar a base para um grau de intensidade possível de ultrapassar a própria escala gradativa. Apesar disso, é de se acreditar que, a depender da conotação dada ao termo *absoluto*, ela pode ser cabível, se for levada em conta a própria relatividade do *absoluto*.

Em português, os sufixos formadores do superlativo sintético são basicamente -ÍSSIMO (proveniente do superlativo latino *-issimus*) e -ÍLIMO, ambos de livre curso nos registros altos da língua, os quais são comumente parafraseados pelo intensificador MUITO, responsável pela formação do superlativo analítico. Ex.: *fortíssimo* (= muito forte). Além deles, há o sufixo -ÉRRIMO que, apesar da sua origem erudita, está se popularizando sobretudo na faixa etária jovem, que prefere “*bacanérrimo, chatérrimo, animadérrimo*” a “*bacaníssimo, chatíssimo, animadíssimo*”. Em consequência de tal novidade e do emprego insólito, é que -ÉRRIMO, traduzível por *máximo*, consegue ser mais expressivo, respondendo por uma força ilocutória maior do que a de -ÍSSIMO/-ÍLIMO.

Os sufixos mencionados acima se aplicam, predominantemente, a bases adjetivas (*saborosíssimo*); com menos frequência, a bases

intensivas ou adverbiais (*multíssimo, pertíssimo*); e, raramente, a outras bases.

A utilização deles não é comum na língua corrente e quase sempre vem associada à linguagem literária, ou pedante. Os poucos casos encontrados revelam que o português culto falado em Salvador emprega o sufixo -ÍSSIMO quando se trata de exagerar uma apreciação com propósitos persuasivos, conforme se comprova com os seguintes exemplos:

- (1) INF Acho que talvez na... no estágio atual fosse mais interessante pra o país, em vez de estar pensando em via férrea, que é de instalação **caríssima**, pensar em incentivar mais ainda a navegação de cabotagem.

(INQ277, INF354, p.34, LINHAS 388-392)

- (2) INF [...] os tipos de casa (superp) são casas acho que coloniais, né, do tempo do Império, principalmente aquela parte do Pelourinho que está sendo restaurada agora, né? Por sinal... eh... eu reputo aquilo uma coisa **belíssima**, né?

(INQ100, INF118, p.110, LINHAS 125-129)

- (3) INF [...] uma irmã que eu tenho que casou-se e foi morar numa fazenda, essa é **prendadíssima** [...]

(INQ081, INF089, p.191, LINHAS 596-598)

- (4) INF Então, lembremos outros licores: licor de passa, licor de jenipapo, licor de leite, licor de... de tangerina, entendeu? E são, assim, licores **saborosíssimos**. Ela tem o máximo cuidado.

(INQ081, INF089, p.194, LINHAS 703-707)

- (5) INF [...] – Não foi em Bogotá? – calçadas de madeira – Não foi (inint) –, as ruas todas de madeira... (superp)

CIRC – Madeira? (superp)

INF – ... quer dizer, todas ruas... algumas ruas com calçamento todo de madeira; achamos, assim, **interessantíssimo**.

(INQ094, INF109, p.200, LINHAS 126-132)

(6) DOC [...] em outras circunstâncias, a gente sabe, não é, que os professores... que os alunos se dirigem aos professores de que maneira? Como? Por exemplo, a você que é **joveníssima**, de que maneira?

(INQ125, p.74, LINHAS 147-151)

(7) DOC – Hoje se a gente... (superp)

INF – Tudo indica, né? (superp)

DOC – ... se queixa aqui em nossa cidade, mas, numa cidade maior... hum... sei lá, Nova Iorque, por exemplo, se diz que... (inint) (superp)

INF – Ah, dev... os problemas devem ser (superp) **multíssimo** maiores do que os nossos, né?

DOC – Pois é.

INF – Hã, hã. Devem ser **multíssimo** maiores do que os nossos... (superp)

(INQ100, INF118, p.122, LINHAS 633-642)

Nesses casos, nota-se que a utilização do sufixo -ÍSSIMO produz uma intensificação superior à de “MUITO + ADJETIVO” em razão não só da raridade de emprego de tal sufixo, uma vez que o superlativo analítico é incomparavelmente mais usado na língua falada, como também pelo impacto maior causado pelo superlativo sintético em comparação com o analítico. De fato, o sufixo -ÍSSIMO, preso às bases adjetivas *cara, bela, prendada, saborosa, interessante e jovem*, assim como

à base intensiva *muito*, em (1), (2), (3), (4), (5), (6) e (7), respectivamente, eleva a noção nelas contida para um nível excessivo de intensidade, e quer dizer mais do que simplesmente *muito cara*, *muito bela*, *muito prendada*, *muito saborosa*, *muito interessante*, *muito jovem* e *muito muito*. Por esta razão, “instalação *caríssima* (da via férrea)”, “uma coisa *belíssima* (que é a parte do Pelourinho em restauração)”, “(uma irmã) *prendadíssima* (da informante)”, “licores *saborosíssimos* (feitos pela irmã da informante)”, “(calçamento de madeira) *interessantíssimo* (visto em ruas de Bogotá)”, “(professora) *joveníssima* (que é a informante)” e “(problemas) *muitíssimo* maiores (de cidades de população superior à de Salvador)” significam, respectivamente, *instalações excessivamente caras da via férrea*, a ponto de justificar a navegação de cabotagem, *uma coisa extremamente bela que é a parte do Pelourinho em restauração*, *uma irmã muitíssimo prendada da informante*, *licores demasiadamente saborosos feitos pela irmã da informante*, *calçamento de madeira extremamente interessante visto em ruas de Bogotá*, *professora excessivamente jovem que é a informante* e *problemas extraordinariamente maiores de cidades de população superior à de Salvador*.

Dentre os casos examinados, *joveníssima* e *muitíssimo* se destacam. O primeiro, em virtude de o sufixo -ÍSSIMO se aplicar ao lexema *jovem* que, por não admitir comumente um sufixo gradativo, produz um efeito expressivo de reforçamento. O segundo, por se tratar de uma dupla intensificação, com o gramema -ÍSSIMO intensificando outro intensificador (MUITO), o que contribui para um aumento significativo da força ilocutória, com o propósito de traduzir a visão do locutor sobre uma dada realidade, bem como, muitas vezes, de persuadir o alocutário.

Aliás, por falar em persuasão, esta é a peculiaridade encontrada nos casos analisados. Em (1), a intensificação foi empregada com o

propósito de fortalecer junto ao alocutário o argumento sustentado pelo locutor acerca da vantagem da navegação de cabotagem sobre a via férrea; em (2), com o propósito de valorizar o conjunto arquitetônico de uma parte do Pelourinho; em (3), de exaltar os dotes da irmã da informante; em (4), de exaltar as virtudes do licor feito pela irmã da informante e, indiretamente, a própria irmã, fabricante do licor; em (5), de acentuar o exotismo do calçamento de madeira visto em ruas de cidade no exterior; em (6), de acentuar a juventude da informante, que é professora; e, em (7), de exagerar os problemas de cidades maiores, como Nova Iorque, para atenuar os de Salvador, na suposição de que os problemas daquela cidade devem ser bem maiores do que os desta, e para evidenciar que os problemas de Salvador não são tão graves como se possa imaginar.

Ainda acerca da base, VANNUCCHI (1976: 24) chama a atenção para o fato de o povo, em linguagem bastante informal, ter dado forma superlativa a certos substantivos; e cita três exemplos, dentre os quais os encontrados em “Aquele sujeito não sabe *coisíssima*¹ nenhuma” e “Você é *cachorríssimo*”. SANDMANN (1988: 64), por sua vez, cita *eletronicíssimo* e *campeoníssimo* (= o campeão dos campeões) para, no final, concluir que “esses superlativos têm uma carga emocional bem grande, principalmente porque o uso de *-íssimo* com base substantiva ainda é um fato não-comum, um meio de expressão ainda pouco usado e por isso mesmo de grande força estilística”. Realmente, se se considera que o superlativo sintético com um simples sufixo intensivo preso a uma base adjetiva impressiona mais o receptor do que o superlativo peri-

¹ O sufixo *-ÍSSIMO* que aparece junto a bases que não aceitam a intensificação (perfeito, mesmo, coisa etc.) funciona como reforçador: *coisíssima* nenhuma (= coisa nenhuma *mesmo*).

frástico, além de imprimir maior força intensiva, então não resta dúvida de que, ao se empregar um sufixo superlativo junto a uma base substantiva, se alcança uma expressividade ainda maior.

Outrossim, o superlativo pode, às vezes, prender-se a uma base latina (*dulcíssimo, amabilíssimo, sapientíssimo* etc.), mas esse emprego é raro e praticamente inexistente na língua falada, por ser resultado de reconstituições artificiais que fazem referência à origem histórica desses adjetivos. Tal raridade de uso ainda mais se acentua ao se considerar que o próprio sufixo superlativo (em razão da sua complexidade) é de emprego bastante limitado na língua falada e praticamente ausente nos registros baixos, onde predominam os processos analíticos de intensificação.

Fazendo agora uma observação acerca do que a gramática tradicional denomina *superlativo absoluto anômalo* (*ótimo, péssimo, máximo,...*) convém esclarecer que, por se tratar de formas lexicalizadas destituídas de sufixo superlativo, elas foram incluídas dentre os lexemas adjetivais operadores da intensidade. Tais intensificadores, por sinal, não devem ser confundidos com “*boníssimo, malíssimo, grandíssimo...*”, como muito bem percebeu MALHEIROS-POULET (1983: 165): Esta senhora é *boníssima* (= muito boa) / Esta senhora é *ótima* (= tem ótimas qualidades). No primeiro exemplo, a intensificação ocorre numa base cujo conteúdo semântico traduz a noção de uma qualidade moral (bom), ao contrário do segundo exemplo, em que a intensificação ocorre numa base cujo conteúdo semântico traduz a noção de um conjunto de qualidades relacionadas com talentos diversos, isto é, virtudes intelectuais, habilidades artísticas etc. Além disso, resta dizer que os componentes dos pares *boníssimo/ótimo, malíssimo/péssimo, grandíssimo/máximo, pequeníssimo/mínimo, altíssimo/supremo e baixíssimo/ínfimo*, corres-

pondentes, respectivamente, aos adjetivos *bom*, *mau*, *grande*, *pequeno*, *alto* e *baixo*, nem sempre são equivalentes quanto à possibilidade de emprego. A utilização de um componente do par pelo outro irá depender ou do nível de língua, ou de constrangimentos determinados pelo uso, razão pela qual se pode dizer “péssima memória” mas não “malíssima memória”.

Além do sufixo -ÍSSIMO que, conforme BARRETO (1980: 98), pode inclusive ser duplicado (*grandíssíssimo* ou *grandessíssimo*) para dar maior força, há em português, dentre outros, os sufixos -OSO (com sentido exclusivo de abundância), -ENTO (com sentido de abundância também) e -EIRO (com sentido de intensidade ou aumento, dentre outros), os quais, apesar de não serem considerados superlativos pela tradição gramatical, o fato é que podem funcionar como operadores da superlativização, conforme ilustram, respectivamente, os seguintes exemplos:

- (8) INF – É um carro pequeno, mas **espaçoso**.

(INQ277, INF354, p.28, LINHA 112)

- (9) DOC – E quan... e a pessoa que sente muito frio?
INF – **Friorenta**.

DOC – E a que sente muito calor?

INF – **Calorenta**. (rindo)

(INQ135, INF164, p.142-143, LINHAS 601-604)

- (10) INF – Bom, (superp) aspecto que eu me lembro do bonde era uma **barulheira** infernal, porque o bonde fazia realmente barulho [...].

(INQ277, INF354, p.33, LINHAS 328-330)

para *palavra denotativa de intensidade* ou *intensificador*, como ilustra *extremamente*, no trecho infracitado:

(11) DOC – Sim. Você pode pensar, assim, numa motocicleta e tentar...

INF – Posso.

DOC – ...descrever?

INF – Posso. [...]

DOC – (risos) Exato. (rindo)

INF – É um meio de transporte que talvez em um país civilizado se possa usar, mas aqui no Brasil, com o nível de educação de motorista nosso, acho que é **extremamente** arriscado. (superp)

(INQ277, INF354, p.35-36, LINHAS 427-439)

Como se verá, os operadores de intensidade em *-MENTE*, por serem provenientes de adjetivos, possuem uma relação muito íntima com os lexemas adjetivais operadores da intensidade vistos anteriormente.

Considerando o exemplo (11), observa-se a transformação do sintagma nominal em sintagma adjetival:

- a) [...] motocicleta [...] é **um risco extremo**.
- b) [...] motocicleta [...] é **extremamente arriscado**.

Em (a), o *sintagma nominal* (um risco extremo) é constituído de um núcleo substantivo não-material (risco) acompanhado de um artigo indefinido (um) e de um adjetivo com valor superlativo (extremo). Em (b), o *sintagma adjetival* (extremamente arriscado) é constituído de um adjetivo (arriscado) acompanhado de um *intensificador em -MENTE*

(extremamente)². Conseqüentemente, há duas transformações em nível de constituintes: a do substantivo (*risco*) que se transforma em adjetivo (*arriscado*) e a do adjetivo (*extremo*) que se transforma em palavra denotativa de intensidade (*extremamente*).

O exemplo acima mostra como um *adjetivo* semanticamente intensivo pode se transformar num denotativo também intensivo através do sufixo -MENTE, responsável pela translação. Percebe-se, então, haver a transferência de categoria de um adjetivo (*extremo*) para uma palavra denotativa (*extremamente*), a qual, associada ao adjetivo *arriscado*, forma o superlativo analítico desse adjetivo. Assim, dizer (acerca da motocicleta) que é um veículo *extremamente* arriscado corresponde a dizer que é mais do que arriscado, ou melhor, muitíssimo arriscado, com uma expressiva força persuasiva resultante do emprego de tal procedimento. Sobre tal processo lingüístico, diz BARROS (1985: 191) que, “além de traduzir a intensidade, acumula uma qualidade expressa na noção da própria forma intensificadora”.

Na realidade, o que ocorre é que o sufixo -MENTE, ao transformar o adjetivo num denotativo, transforma-se, com ele, num intensificador; não por conter em si uma noção de intensidade, mas por ser capaz de operar a transformação.

Semanticamente falando, há, segundo revela LAPA (1965: 111), uma certa equivalência entre os sufixos superlativos por natureza e

² Por *intensificador em -MENTE*, entende-se o que a gramática tradicional denomina *advérbio*. Tal opção terminológica se justifica por terem estudos recentes, como os de BOMFIM (1988: 68) e GOMES (1994: 9), reconhecido que, dentre outros, os chamados *advérbios de intensidade* não são, a rigor, advérbios, mas *palavras denotativas*. Isso se explica pelo fato de tais palavras apresentarem características que as impedem de serem enquadradas dentre os advérbios propriamente ditos (os de lugar, tempo e modo), tais como a impossibilidade de coocorrência diante de adjetivo num dado contexto, exemplificável nos enunciados “Eles vivem *muito* felizes” e “*Eles vivem *cedo* felizes”, em que *muito* (intensificador) não é comutável por *cedo* (advérbio) diante de *felizes* (adjetivo) e, portanto, não pertence à mesma categoria gramatical de *cedo* (advérbio). Daí a razão de tais operadores de intensidade terem merecido nesta pesquisa a classificação de *palavras denotativas*, ou simplesmente, *denotativos*.

os sufixos superlativos por transferência, ao reconhecer que “um homem *prodigiosamente* rico” equivale, mais ou menos, a dizer “um homem *riquíssimo*”. Opinião um tanto semelhante tem OLIVEIRA (1962: 140), para quem “advérbios como *extremamente* e *extraordinariamente* equivalem hoje quase a muito, dele se diferenciando, no entanto, pelo seu maior corpo fonético”.

Sistematizando os intensificadores em -MENTE recolhidos do *corpus*, verifica-se que os gramemas presos sufixais superlativos por transferência podem ser subdivididos em *totalizantes*, *absolutos*, *relativos* e *reforçadores*.

Os intensificadores em -MENTE *totalizantes* se caracterizam por serem portadores de semas específicos passíveis de expressarem uma modalidade de intensidade totalizante, através da qual se assinala que a substância qualificada é apreendida em sua totalidade, conforme se pode constatar nos seguintes trechos:

- (12) INF Então, depois ela filtra com o próprio papel de filtro de... usado em farmácias, em laboratórios, então, aquilo é filtrado pacientemente, gota a gota, e o licor fica lindo, porque fica **totalmente** limpo e não fica tão viscoso quanto outros que nós vemos aí.

(INQ081, INF089, p.194, LINHAS 709-714)

- (13) INF – Bom, (superp) aspecto que eu me lembro do bonde era uma barulheira infernal, porque o bonde fazia realmente barulho e... outra coisa que eu me lembro do bonde, e que hoje a gente pode raciocinar claramente e enxergar, é a parte de tráfego e de engarrafamento.

DOC – É.

- INF – O bonde, realmente, eu acho que nesse aspecto está superado **completamente**.

(INQ277, INF354, p.33, LINHAS 328-336)

- (14) INF As lâmpadas são os instrumentos através as quais a l... a luz chega até nós (risos). Ela pode estar com o fio **plenamente** carregado, mas sem a lâmpada, evidentemente, nós não teríamos condições. (rindo)

(INQ094, INF109, p.209, LINHAS 502-506)

- (15) INF A mecânica GM é simples, **absolutamente** simples. E não quebra. Não tem o que quebrar.

(INQ277, INF354, p.28, LINHAS 121-123)

- (16) INF Nós temos uma seção de educação de excepcionais, onde funcionam classes especiais nas escolas públicas para crianças deficientes mentais e classes... as classes regulares, que são freqüentadas por crianças deficientes visuais, porque elas podem, **perfeitamente**, acompanhar, desde que uma professora, num serviço itinerante, ela transcreva para o Braille a... os... as leituras, os deveres [...].

(INQ356, INF452, p.276, LINHAS 691-698)

- (17) INF Os Salesianos, por exemplo, nós estamos lá com trinta e quatro alunos, a maioria deficientes mentais e outros deficientes auditivos.

DOC – Hum, hum. (superp)

INF – Um trabalho **inteiramente** voluntário, que é feito pelos Salesianos...

(INQ356, INF452, p.279, LINHAS 808-813)

No exemplo (12), licor que “fica *totalmente* limpo” corresponde a licor que tem uma limpeza *total*. Aqui, o adjetivo *total* marca uma noção absoluta, impossível de ultrapassar, que, ao se transformar num denotativo, funciona como operador de intensidade, num processo

de intensificação similar ao do superlativo analítico. Trata-se de uma intensificação totalizante que tem um forte impacto retórico sobre o alocutário, sendo empregada, evidentemente, com o propósito de convencê-lo acerca da excelência do licor referido, mediante a focalização de uma das suas propriedades em termos proporcionais. Daí a designação *advérbios focalizadores* dada por ILARI (1996-B) a tais intensificadores.

O mesmo se pode dizer quanto aos exemplos (13), (14), (15), (16) e (17), referentes a *completamente*, *plenamente*, *absolutamente*, *perfeitamente* e *inteiramente*, que, juntamente com *totalmente* (12), respondem por um grande número de ocorrências, sendo este último caso o mais usado. De certa forma, é bom reconhecer que, se não todos, pelo menos a maioria desses intensificadores traduzem basicamente a noção de *totalidade* e são intercambiáveis, razão pela qual dizer bonde superado *completamente*, em (13), ou bonde *completamente* superado, corresponde a dizer bonde *totalmente* superado, bonde *plenamente* superado, bonde *absolutamente* superado, e assim sucessivamente. Por outro lado, todos esses intensificadores são resultado, respectivamente, das seguintes transformações: “uma superação *completa* (do bonde)” resulta em “(bonde) *completamente* superado”; “um carregamento *pleno* (da energia do fio de luz)” resulta em “(fio de luz) *plenamente* carregado (de energia)”; “uma simplicidade *absoluta* (da mecânica GM)” resulta em “(mecânica GM) *absolutamente* simples”; “(as crianças excepcionais) podem fazer um acompanhamento *perfeito* (do curso)” resulta em “(as crianças excepcionais) podem, *perfeitamente*, acompanhar (o curso)”; e “um trabalho voluntário *inteiro*” resulta em “um trabalho *inteiramente* voluntário”.

Os intensificadores em -MENTE *absolutos* se caracterizam por expressar um nível elevado de intensidade capaz de ultrapassar os

limites de uma escala gradativa básica sem estabelecer relação com qualquer um dos pontos desta escala; daí resultando um efeito de sentido hiperbólico com propósito incontestavelmente persuasivo, como ilustram, além do exemplo (11), *extremamente*, os intensificadores grifados encontrados nas seguintes passagens:

- (18) INF Bem, anteriormente a essa leitura, eu quase não comia banana. [...]. Entretanto, como é, assim, um tipo de alimentação que tem tantas propriedades, eu estou fazendo uso quase que **exageradamente**.

(INQ081, INF089, p.193, LINHAS 649-655)

- (19) INF [...] é usado **enormemente** o... lá na Rússia, a água-de-coco.

(INQ081, INF089, p.193, LINHAS 668-670)

- (20) INF [...] a primeira vez que ela foi, vamos dizer assim, manusear o figo, queimou-se toda, porque o figo, assim, logo tirado, mesmo que ele esteja mais ou menos maduro, mas ele tem uma viscosidade na casca, cuja viscosidade queima **horriavelmente**.

(INQ081, INF089, p.194, LINHAS 688-693)

No exemplo (18), *exageradamente* refere-se ao uso da banana, em razão de suas propriedades, enquanto que, no exemplo (19), *enormemente* se aplica ao uso da água-de-coco na Rússia. Em ambos os casos não há como esconder que o exagero seja um recurso argumentativo utilizado com o propósito de exaltar as virtudes da banana e da água-de-coco.

Em (20), o adjetivo *horrível*, de onde provém *horridamente*, tem o significado original de *feíssimo*, mas nesse caso há transferência de sentido de *feíssimo* para *muitíssimo*, de sorte que “figo cuja viscosidade queima horrivelmente” é aquele que queima muito, muitíssimo. Há, pois, operação da intensidade por transferência de sentido e de categoria.

Segundo MALHEIROS-POULET (1983: 175), os intensificadores em -MENTE por transferência de sentido estão bem próximos dos advérbios de modo. Assim, em (20), por exemplo, seriam possíveis duas interpretações em relação a *horridamente*, isto é, *de maneira horrível* e *muitíssimo*, com as noções de *maneira* e de *intensidade* se confundindo.

Esta ambivalência (intensidade/maneira) pode ser também observada em relação a outros operadores de intensidade apreciados, em razão do próprio semantismo original do sufixo ou por analogia com os advérbios de modo em -MENTE.

Como marca do intensificador, o sufixo -MENTE desempenha, portanto, um duplo papel, isto é, sobre a *forma*, quando então entra na composição de um intensificador de base adjetival (com valor superlativo), na qual o acento cai mais sobre o adjetivo e não sobre -MENTE, a exemplo de *enormemente* (19); e sobre o *sentido*, dando o traço de ambivalência intensidade/maneira.

Algo semelhante ocorre com *principalmente*, derivado de *principal* (= o mais importante), como se vê abaixo:

- (21) INF Muito bonito o que eles estão fazendo, **principalmente** com aquele calçamento. Permaneceu... permanece o mesmo calçamento da época antiga, e a restauração das casas vai embelezar muito aquela... aquela parte ali do Pelourinho.

(INQ100, INF118, p.110, LINHAS 129-134)

Principalmente tem aqui o sentido de *sobretudo*, de forma que muito bonito é, acima de tudo, o que eles estão fazendo com aquele calçamento. Tem-se, portanto, uma absolutização da apreciação feita sobre um determinado tipo de calçamento do Pelourinho, atribuindo-se, nesse caso, valor positivo, com a intenção de convencer o alocutário acerca da excelente qualidade do serviço de restauração do calçamento.

Feitas as devidas adaptações, o mesmo talvez se possa dizer a propósito de *especialmente*, que aparece no seguinte trecho:

(22) DOC – E, então da noite nós falamos **especialmente** em quê?

(INQ135, p.137, LINHAS 380-381)

Os intensificadores em -MENTE *relativos*, ao contrário dos anteriores, não expressam uma visão absoluta do locutor e se caracterizam pela possibilidade de marcar o grau da intensidade numa escala gradativa pressuposta. Exemplo:

(23) INF A coleta de lixo, que, em Salvador, era feita **precaricamente** e que hoje está modernizada com aqueles caminhões coletores.

(INQ100, INF118, p.120, LINHAS 554-556)

Nesse caso, a escala é composta dos lexemas *otimamente*, *satisfatoriamente*, *precaricamente*, onde, no trecho “coleta de lixo feita *precaricamente* em Salvador”, *precaricamente* se opõe a *otimamente*. Trata-se, pois, de uma intensificação *qualitativa* direcionada para o pólo negativo de uma escala de valores em que o intensificador (*precaria-*

mente) marca o grau inferior de uma qualidade e significa *ruim*. Portanto, “coleta de lixo feita *precariamente* em Salvador” quer dizer “coleta de lixo *ruim* feita em Salvador”.

Além desse caso, o *corpus* revela a existência de palavras em -MENTE possíveis de serem confundidas com os *intensificadores em -MENTE relativos* que, a rigor, são mais propriamente *quantificadores* do que *intensificadores*, apesar de não se descartar a hipótese de poderem traduzir uma noção de intensidade *freqüencial*, como se pode constatar nos seguintes enunciados:

- (24) INF – Ah, durante o dia, tem essas lanchonetes e... e inclusive o... os próprios restaurantes funcionam por is... diariamente, né, **ininterruptamente**.

(INQ100, INF118, p.126, LINHAS 774-776)

- (25) INF – Ah... aí nós teríamos as ladeiras, as chamadas... as que têm inclinação tomam o nome de ladeiras, não é, é o nome **freqüentemente** usado [...]

(INQ094, INF109, p.202, LINHAS 205-207)

- (26) INF – Bem, nossos hábitos, por exemplo... eh... da seguinte maneira: a primeira refeição, a refeição matinal, é sempre uma refeição mais variada, nós não fazemos, como **habitualmente** aqui no Brasil se faz; aquela refeição de café e acompanhantes de café e leite, etc. [...].

(INQ081, INF089, p.178, LINHAS 33-38)

- (27) INF [...] a cooperativa é, **geralmente**, um... um... um órgão que visa lucro...

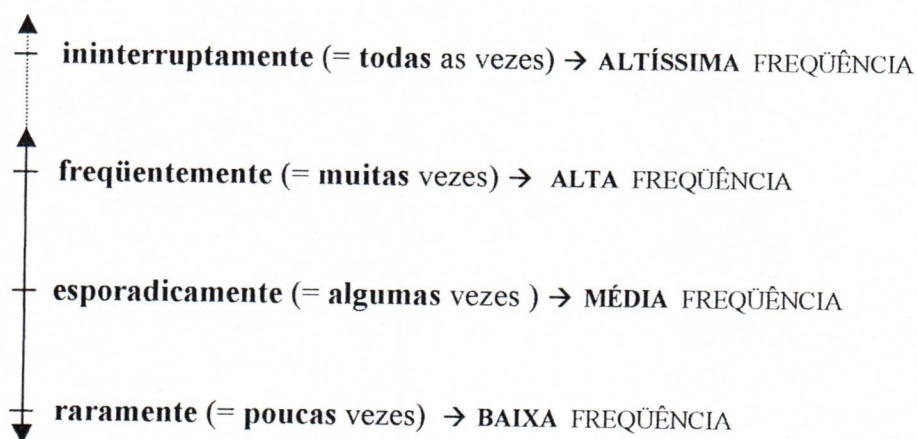
(INQ283, INF360, p.229, LINHAS 541-543)

- (28) INF – Bem, essa... esse tipo de casa, **normalmente**, ela tem aquelas varandinhas em frente...

(INQ173, INF224, p.90, LINHAS 120-121)

Nos trechos citados constata-se que os lexemas destacados marcam o grau da freqüência reportando-se para uma escala gradativa pressuposta.

Em (24), (25), (26), (27) e (28), essa escala é complexa, constituída dos lexemas graduados “*ininterruptamente* ← *freqüentemente* (ou habitualmente ou geralmente ou normalmente), *esporadicamente*, *raramente*”. Nela, o lexema *ininterruptamente* (24), em “restaurantes que funcionam... *ininterruptamente*”, corresponde a restaurantes que funcionam sempre, sem parar, sem interrupção, num grau máximo de freqüência. Por outro lado, em (25), (26), (27) e (28), os lexemas *freqüentemente*, *habitualmente*, *geralmente* e *normalmente* são intercambiáveis, além de expressarem um grau superior de freqüência, diferente de *esporadicamente* e *raramente*, marcadores, respectivamente, dos graus médio e inferior de freqüência. Sendo assim, em (25), “ladeira [...] é o nome *freqüentemente* usado” corresponde a dizer que ladeira é o nome *habitualmente* usado, *geralmente* usado, ou *normalmente* usado, e vice-versa. Nesses exemplos apreciados, cabe observar, além de uma *gradação freqüencial*, numa recorrência ou reiteração cíclica, uma *quantificação indefinida* dessa freqüência, conforme ilustra a seguinte escala graduada:



Opondo-se a tais marcadores da freqüência, a língua portuguesa dispõe do lexema *nunca* (= nenhuma vez) que serve para indicar *freqüência nula* ou, de acordo com BOMFIM (1988: 34), “ausência de freqüência”.

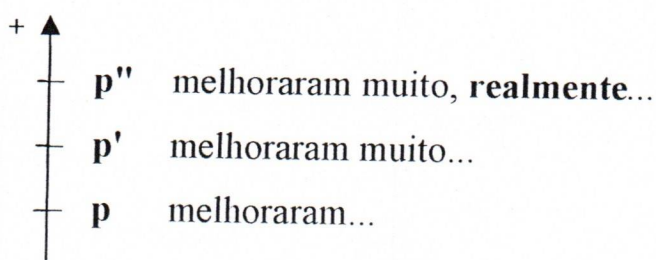
Os marcadores de freqüência em -MENTE apresentam características similares às dos denominados *advérbios de tempo freqüenciais* constituintes da série gradativa “*sempre* ← *muitas vezes*, *às vezes*, *poucas vezes* → *nunca*” que, por serem mencionadas no Capítulo 8, serão omitidas aqui.

Quanto aos intensificadores em -MENTE *reforçadores*, desempenham o papel de asseveradores do *dictum*, mecanismo este que possibilita ao locutor reforçar a intensidade dada a uma apreciação. Exemplo:

- (29) INF – É, gasto de combustível, (superp) ele praticamente não gasta. Eu mesmo estou impressionado, porque melhoraram muito, **realmente**, o setenta-e-sete em termo de combustível.

(INQ277, INF354, p.31, LINHAS 247-250)

A conversa aqui gira em torno de um determinado tipo de carro lançado no ano de 1977. Percebe-se, então, que, ao se afirmar a economia de combustível do veículo, se está dizendo mais do que, simplesmente, *melhoraram*, mais do que *melhoraram muito*, porque *realmente* reforça o *dictum* já intensificado, aumentando o grau de certeza. Isto significa que a economia de combustível do modelo de carro setenta-e-sete, com toda certeza, sem dúvida nenhuma, melhorou mesmo, conforme ilustra a seguinte escala argumentativa:



Nesse caso, *realmente* não funciona como um intensificador propriamente dito, mas sim como um reforçador da intensificação, criando com isso uma isotopia intensiva. Sendo assim, é a noção de intensidade (*melhoraram muito*) que foi reforçada para mais, em direção ao pólo positivo.

A propósito, CASTILHO & CASTILHO (1996: 218), tecendo considerações acerca do lexema *realmente*, classifica-o como advérbio *predicativo modalizador* do tipo *epistêmico asseverativo afirmativo*. O conteúdo de *melhoraram muito o setenta-e-sete em termos de combustível* é apresentado como um conhecimento e o caráter modalizador de *realmente* tem como efeito de sentido uma ênfase de tal conteúdo, além de revelar um grau elevado de adesão do informante em relação a ele.

Além dos intensificadores em -MENTE totalizantes, absolutos, relativos e reforçadores, o exame do *corpus* constatou a existência dos *atenuativos* que, apesar de não serem superlativos, merecem ser incluídos neste capítulo como um adendo. Isso se justifica não só para que não sejam confundidos com outros intensificadores, como também pela importância deles como processos intensificacionais possíveis de operarem as modalidades *aproximativa* e *minimal* de intensidade da atenuação, conforme ilustram os seguintes trechos:

- (30) INF – Não é uma proteção completa, mas, realmente, melhora a situação do operário, porque é uma pedra que cai, uma coisa assim, ele tem a cabeça **relativamente** protegida pelo capacete.

(INQ159, INF203, p.256, LINHAS 792-795)

- (31) INF Nós tínhamos uma vizinha, uma menina **aproximadamente** de uns cinco anos [...]

(INQ081, INF089, p.189, LINHAS 514-516)

- (32) INF – Bom, os paletós... eh... usaram muito tempo o jaquetão, que era aquele paletó transpassado, com quatro ou seis botões; hoje ele está **praticamente** abolido, a não ser que venha uma nova moda.

(INQ159, INF203, p.239, LINHAS 86-89)

- (33) INF [...] estive na Faculdade de Farmácia, no Instituto de Química, na Faculdade de Medicina, que ficam juntos, não mudaram ainda pra o *campus* universitário, né? Só foram pra lá... estão localizadas lá acho que a... Administração, Direito... eh... Economia, acho que **somente** essas três, né?

(INQ100, INF118, p.114, LINHAS 283-289)

- (34) INF Tem as aeromoças, o comissário de bordo, que são elementos que... que são destinados **única e exclusivamente** ao

conforto e tranqüilidade do passageiro, e que, realmente, desempenham bem as funções.

(INQ277, INF354, p.41, LINHAS 654-658)

Em decorrência do semantismo da base na qual se prende o sufixo -MENTE, em (30) há uma atenuação aproximativa imprecisa com *relativamente* adquirindo o sentido de *mais ou menos*, de modo que *cabeça relativamente protegida* é uma *cabeça mais ou menos protegida*. Algo semelhante acontece em (31), em que “*menina aproximadamente de uns cinco anos*” corresponde a “*menina mais ou menos de uns cinco anos*”.

Em (32), porém, há uma atenuação de grau aproximativo-inferior com *praticamente* tendo o sentido de *quase*, de modo que dizer que o jaquetão está *praticamente* abolido significa dizer que ele está *quase* abolido. Nesse caso, ocorre uma delimitação do grau de abolição do jaquetão, o que explica a designação *advérbios modalizadores epistêmicos delimitadores* dada por CASTILHO & CASTILHO (1996) a tais intensificadores. *Praticamente* estabelece os limites dentro dos quais se deve aceitar a abolição do jaquetão. É como se o informante estivesse combinando com o documentador que não se leva em conta os que ainda usam jaquetão.

Já em (33) e (34), *somente*, *unicamente* e *exclusivamente* operam uma atenuação aproximativa minimal, são intercambiáveis e têm o sentido de *apenas*, de forma que em (33) há uma atenuação redutora, isto é, restritiva, do número de faculdades reunidas no *campus* universitário que conta apenas com três unidades, direcionada para o pólo negativo, enquanto que, em (34), há atenuação redutora das atribuições das

aeromoças e do comissário de bordo, limitadas apenas a proporcionar conforto e tranqüilidade aos passageiros.

Assim, não há como negar que, apesar de certos gramemas presos sufixais integrarem intensificadores que, em grande número, expressam uma superlativização e, com isso, a índole global de apreciação do locutor, alguns integram também operadores reforçadores e atenuativos da intensidade, tais como os relacionados atrás.

Esta análise do sufixo -MENTE como intensificador por transferência, além de mostrar o seu caráter claramente persuasivo e o fato de não ser exclusivamente formador de intensificadores superlativizantes de natureza hiperbólica, revela ser ele bem mais numeroso do que os sufixos superlativos por natureza, provavelmente em virtude de a língua falada priorizar a forma analítica sobre a sintética de superlativização.

8 GRAMEMAS LIVRES OPERADORES DA INTENSIDADE POR NATUREZA

8.1 INDEFINIDOS

8.2 COMPARATIVOS

Entende-se por gramema livre todo morfema gramatical com autonomia formal que sempre aparece livre de uma base cujo núcleo é constituído por um lexema. E aqui, particularmente, um gramema livre que (correspondendo ao que a gramática tradicional denomina advérbio de intensidade), por si mesmo, funciona como modificador capaz de aumentar, diminuir ou manter numa posição medial aproximativa uma noção contida numa base, dentre os quais são freqüentemente encontrados na linguagem corrente ou familiar os seguintes: *demais, muito, bem, mesmo, bastante, um pouco, meio, mais ou menos, quase, pouco; mais, menos, tão, tanto*.

Acerca de tais intensificadores, estudos recentes, como os realizados por BOMFIM (1988), GOMES (1994) e ILARI *et alii* (1996), apontam para a inconveniência de enquadrá-los dentre os advérbios, exatamente por não se comportarem como tais, isto é, não se ajustarem com o que comumente se entende por advérbio nos meios escolares, fato este observável ao se traçar um paralelo com os advérbios de tempo, de lugar e de modo.

Por outro lado, para MEILÁN GARCÍA (1998: 47), tais intensificadores “presentan características muy particulares, pues fundamentalmente provienen de adjetivos cuantificadores que, inmovilizados en género y número, pasan a funcionar como adverbios, y como tales, además, pueden subordinarse a los nombres desde la función de *término terciario*”¹, opinião esta de certa forma compartilhada também por ILARI *et alii* (1996: 72-73) ao compará-los com os “pronomes e

¹ “apresentam características bem particulares, pois basicamente são procedentes de adjetivos quantificadores que, neutralizados em gênero e número, passam a funcionar como advérbios, e como tais, também, podem se subordinar aos nomes desempenhando a função de *termo terciário*”

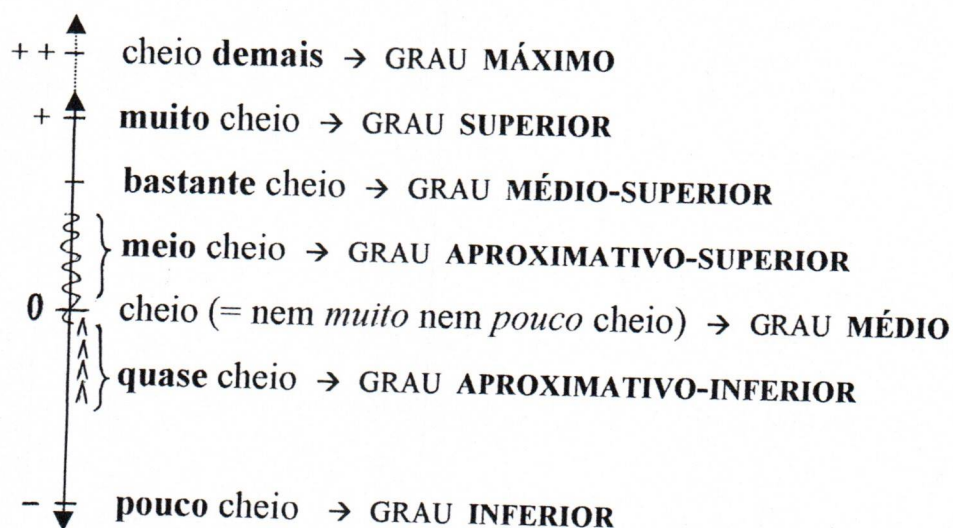
adjetivos indefinidos”.

Na realidade, ocorre que, apesar de os gramemas livres operadores da intensidade por natureza apresentarem características capazes de fazê-los se aproximar dos adjetivos, tal fato não impede reconhecer, como muito bem concluiu BOMFIM (1988: 68), que seria melhor incluí-los dentre “as palavras denotativas, como *intensificadores*” mas não como advérbios. E, como palavras denotativas, funcionam como intensificadores determinantes de adjetivos, de verbos, de advérbios e até de outros intensificadores que, ao se reportarem para uma escala gradativa, expressam uma visão relativa do locutor.

8.1 INDEFINIDOS

Os gramemas livres indefinidos operadores da intensidade por natureza são, dentre outros, os constituintes do seguinte grupo: *de-mais, muito/bem/mesmo, bastante, um pouco/meio/mais ou menos, quase, pouco*.

Observando a quantidade de informações que tais gramemas manifestam durante o uso, é possível estabelecer uma escala gradativa na qual cada um deles irá se situar, a partir de um ponto neutro correspondente, por exemplo, a uma base intensificável (*cheio*), como se ilustra a seguir:



Uma ligeira apreciação da escala acima revela que, relativamente falando, a base (*cheio*) está situada num grau médio de intensidade. A partir daí, para cima, tem-se *cheio demais*, no grau máximo de intensidade; *muito cheio*, no grau superior de intensidade; *bastante cheio*, no grau médio-superior de intensidade; *meio cheio*, no grau aproximativo-superior de intensidade. E, para baixo, tem-se *quase cheio*, no grau aproximativo-inferior de intensidade, e *pouco cheio*, no grau inferior de intensidade.

Ao se organizarem numa escala de valores, pode-se dizer, em síntese, que tais gramemas servem para informar a intensidade da noção semântica encontrável na base à qual se referem; quando, então, se terá uma intensificação que, a partir de um ponto neutro (grau médio) seguirá um dos seguintes caminhos: *para cima*, com uma intensificação para mais (amplificação); ou *para baixo*, com uma intensificação para menos (atenuação). Eles se situarão, por conseguinte, em relação a um grau médio ou ponto neutro, entendendo-se tais termos pela ausência de intensificação para mais ou para menos, similar, figurativamente, ao ponto morto no sistema de câmbio de um veículo motorizado, ou qualquer

elemento susceptível de ser intensificado, a exemplo de *nublado*, que pode ser orientado tanto para o pólo positivo quanto para o pólo negativo de uma escala graduada.

Tal escala, todavia, não é tão simples e objetiva como pode parecer. Conforme se verá, a depender das condições de emprego e de outros fatores, essa escala é relativa, passível de sofrer modificações e capaz de possibilitar o surgimento de diferentes escalas.

No esquema visto anteriormente, percebe-se que o intensificador *muito* desempenha o papel de catalisador a partir do qual os outros se relacionam e a partir do qual, por comparação, se pode definir o grau de cada um deles, isto é, se o grau é máximo, superior, médio-superior, aproximativo-superior, médio, aproximativo-inferior ou inferior.

Outrossim, cabe observar que a base pode ser modificada ainda por *nada*, resultando na expressão *nada cheio*, em que a intensidade é nula, isto é, inexistente, razão pela qual tal gramema não aparece na escala referida. Mas não se pode ignorar, é claro, que, havendo efeito de litotes, *nada* pode até assumir conotação intensiva, como acontece em “Comprei um carro *nada feio*”, para dizer “Comprei um carro *bonito*”, ou “Comprei um carro *muito bonito*”.

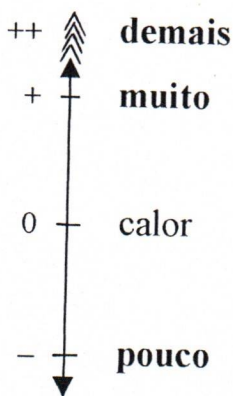
Fazendo uma apreciação da complexa escala graduada mencionada anteriormente, na qual estão situados a maioria dos intensificadores encontrados no *corpus*, a seguir serão analisados cada um deles.

DEMAIS

- (1) INF Eu acho que nós temos um... um... um... uma temperatura relativamente boa, sem som... sem calor **demais**, também sem frio.

(INQ135, INF164, p.129, LINHAS 40-42)

O intensificador *demais* expressa um grau máximo de intensidade que ultrapassa o limite superior da escala gradativa básica assinalado pelo intensificador *muito*, de modo que dizer que se tem uma temperatura sem calor demais corresponde a dizer que se tem uma temperatura sem calor muito intenso, excessivo, conforme ilustra a seguinte escala graduada:



Como se constata, tal intensificador funciona como modificador capaz de aumentar uma noção contida na base, direcionando-a para cima, de forma a atingir uma intensidade muitíssimo elevada, que caracteriza uma modalidade de intensificação amplificada do tipo absoluta.

Outro emprego de *demais* ocorre no seguinte trecho em que o intensificador tem o sentido de muitíssimo:

- (2) DOC – Eu também gosto **demais** (inint) roleta (inint) (rindo) (superp)

(INQ125, p.82, LINHAS 477-478)

Aqui, referindo-se a um tipo de jogo, gostar demais significa mais do que gostar muito, razão pela qual, ao dizer “gosto demais roleta”, o documentador está na realidade confessando que gosta muitíssimo do jogo de roleta. O intensificador *demais* aumenta de tal maneira a noção contida na base (*gosto*) que ultrapassa a escala graduada bipolar básica em cujo extremo superior está situado o marcador de intensidade *muito*.

MUITO

- (3) DOC – Hum. E existem alguns, também, derivados do petróleo... a senhora...

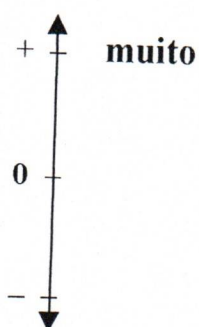
INF – Sim. Eu sei que... muitos derivados, não é, a gasolina e muitos outros derivados. Ouço falar até que nos plásticos, também... que os plásticos também, não sei lhe dizer com certeza – como eu já lhe disse antes, não estou **muito** enfronhada ou nada enfronhada quanto a isso. (rindo)

(INQ356, INF452, p.261, LINHAS 97-104)

- (4) INF – Mas esse tipo de pneu eu não gosto de usar, porque eu vi-ajo **muito** e no interior não tem... não tem quem conserte [...].

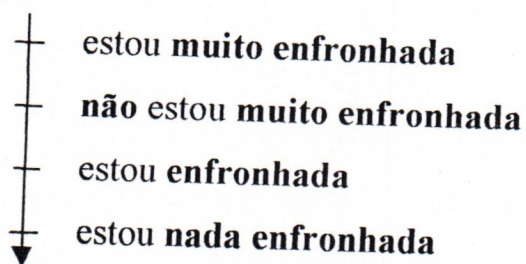
(INQ277, INF354, p.29-30, LINHAS 189-191)

Muito, situado no pólo superior da escala gradativa se opõe a *pouco* e, como intensificador, funciona como modificador capaz de aumentar uma noção contida numa base (constituída de um adjetivo, de um verbo ou de outro intensificador) direcionando-a para cima, de modo a atingir um grau elevado de intensidade, o que caracteriza uma intensificação amplificada de grau superior, conforme ilustra a seguinte escala:



Muito é o intensificador por excelência da língua, o que explica o fato de ter sido o mais freqüente no *corpus* (respondendo sozinho por mais de 15% do número total de ocorrências), razão pela qual desempenha o papel de metatermo identificador da maioria dos processos de intensificação inseridos no âmbito da amplificação. A propósito, a gramática tradicional aponta *muito* como um dos gramemas através do qual se obtém o superlativo absoluto analítico (*muito enfronhada*), tido como correspondente ao superlativo absoluto sintético (*enfronhadíssima*). No entanto, concordando com BECHARA (1999: 149), não se pode ignorar que *enfronhadíssima* (no superlativo sintético) diz mais, isto é, é mais enfático do que *muito enfronhada*, que aparece no exemplo (3).

Em (3), *muito* aparece incidindo sobre um adjetivo (enfronhada), portador do sema /contínuo/, junto ao qual funciona como intensificador (ligado à gradação), de modo que *muito enfronhada* significa estar num grau elevado de informação acerca de um determinado assunto que, nesse caso, tem a ver com os derivados de petróleo. Só que esse grau elevado de informação, a princípio, é negado, ao se dizer “não estar muito enfronhada”, para depois se acrescentar “ou *nada* enfronhada”, corrigindo, assim, o que se disse anteriormente, e, desse modo, reduzindo a nada o grau de enfronhamento da informante sobre o assunto objeto da conversação (derivados de petróleo). Nesse caso, além do *não, nada*, mencionado por UPPENDAHL (1979: 62) como operador da negação em português, expressa uma intensidade nula, ou melhor, em vez de intensificar, tem efeito contrário, como mecanismo apagador da intensificação, levando-se em conta o fato de não haver efeito de litotes. Na realidade, o que se tem aqui, paralelamente a uma escala gradativa, é outra escala, uma escala argumentativa direcionada para a anulação do *dictum*, com propósito nitidamente persuasivo ou retórico, em que, primeiro, nega-se um grau elevado de enfronhamento da informante sem negar que ela esteja de fato enfronhada, para, em seguida, negar totalmente qualquer grau de enfronhamento dela a respeito dos derivados de petróleo, conforme se pode visualizar abaixo:



Continuando a tecer considerações acerca do mesmo trecho apreciado, não se pode deixar ainda de observar que, intencionalmente, se deixou de destacar duas ocorrências de *muito*, isto é, “*muitos* derivados” e “*muitos* outros derivados”, exatamente porque, nesses casos, incidindo sobre substantivos, tem-se, a rigor, um pronome indefinido e não um intensificador, uma vez que, do ponto de vista semântico, tal elemento funciona como quantificador indefinido do adjetivo substantivado (derivados). Por esse motivo, *muitos derivados* não significa, aqui, um, dois, três, quatro ou cinco derivados, mas um número indeterminado deles.

Em (4), *muito* funciona como intensificador de verbo, ao incidir sobre o verbo viajar. Nesse caso, é o processo verbal que é intensificado, razão pela qual “viajo *muito*” tanto pode significar *viajo muitas vezes* como *viajo sem parar* ou *vivo viajando*.

Outro emprego de *muito* ocorre com tal intensificador modificando outro intensificador da mesma natureza num grupo intensivo, conforme se encontra nos seguintes trechos:

- (5) INF Naquele tempo se ia de trem pra... pra visitar meu tio que morava lá, era engenheiro lá da Usina; e me lembro **muito pouco**, a não ser de que pegava o trem aí na Calçada e saltava no meio do caminho e ia um carro da Usina pra buscar a gente.

(INQ277, INF354, p.25, LINHAS 10-15)

- (6) INF Mas o Centro Administrativo, já tive oportunidade de passar lá umas duas ou três vezes. Então, realmente, é uma obra de... foi **muito bem** planejada e que em parte resolveu um pouco o problema de...

(INQ100, INF118, p.119, LINHAS 487-491)

- (7) INF O professor pega uma prova bem redigida, mas que não tem muito conteúdo e pega outra que tem conteúdo, mas **muito mal** redigida, então influi, não é?

(INQ231, INF301, p.169, LINHAS 805-808)

- (8) INF Mas, na verdade, nós preferimos sempre aqueles doces feitos em casa, e não aqueles industrializados; porque realmente os de casa são **muito mais** saborosos.

(INQ081, INF089, p.191, LINHAS 591-594)

- (9) DOC Agora, alguns instrumentos de medir a temperatura, a umidade, etc. são conhecidos...

INF – É.

DOC – ... outros **muito menos**, não é?

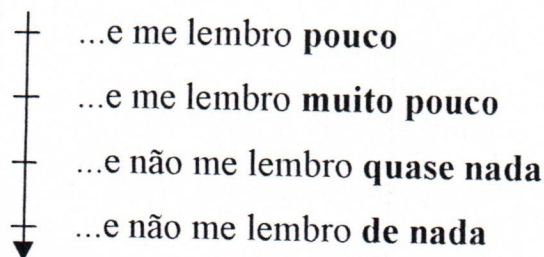
(INQ135, INF164, p.143, LINHAS 613-616)

Em todos esses casos tem-se intensificador de intensificador, isto é, um intensificador que se combina com outro intensificador formando grupos nominais intensivos portadores de uma força argumentativa bastante persuasiva em razão do efeito hiperbólico resultante de tal combinação, capaz de extrapolar os limites da escala gradativa básica.

Em (5), *muito* incide sobre o intensificador *pouco*, reduzindo ainda mais o grau de apreciação da base incidente, uma vez que o grupo intensivo MUITO POUCO expressa um grau de apreciação inferior a *pouco*. Assim, dizer “me lembro *muito pouco*” corresponde a dizer “me lembro *menos do que pouco*”, ou melhor, “me lembro *pouquíssimo*”.

A utilização de *pouco* com o intensificador de grau superior *muito* faz que a noção de pequena quantidade, expressa por *pouco*, cami-

nhe progressivamente em direção ao apagamento de uma noção, à negação dela, como se demonstra na seguinte escala argumentativa:




Já em (6) e (7) acontece que *muito* se combina com *bem* e com *mal*, formando os grupos intensivos qualitativos MUITO BEM e MUITO MAL que se opõem entre si. Tal combinação resulta numa intensificação dirigida, respectivamente, para os pólos *positivo* e *negativo* da escala gradativa, razão pela qual “obra *muito bem* planejada” e “prova *muito mal* redigida” significam *obra mais do que bem planejada* e *prova mais do que mal redigida*.

Por outro lado, em (8) e (9), *muito* se combina com *mais* e com *menos*, formando os grupos intensivos comparativos MUITO MAIS e MUITO MENOS que também se opõem entre si. Essas combinações resultam em aumento da intensidade em direção aos pólos opostos da escala gradativa, o *positivo* e o *negativo*, de modo que “doces feitos em casa [...] são *muito mais* saborosos” e “outros (instrumentos) *muito menos* (conhecidos)” correspondem a dizer “doces feitos em casa são *muito mais* saborosos (do que os outros doces)” e “instrumentos *muito menos* conhecidos (do que os outros instrumentos)”.

No primeiro caso, por exemplo, ao contrário do segundo, que se aproxima do exemplo (5), há uma escala argumentativa direcionada para um grau elevado pelo emprego de um reforço. De *muito* se passa

para *muito mais*. Pode-se mesmo continuar andando em direção à idéia de ultrapassagem mediante o emprego do intensificador *demais*. O informante, que tem o propósito de exaltar o doce caseiro, argumenta dando ao adjetivo intensificado o sentido de um sabor que aumenta:



são saborosos **demais**

são **muito mais** saborosos

são **muito** saborosos

Em síntese, pode-se afirmar que esses grupos intensivos (MUITO POUCO, MUITO BEM, MUITO MAL, MUITO MAIS e MUITO MENOS), conforme ficou claro nos casos apreciados, são resultantes da incidência do intensificador *muito* sobre os intensificadores *pouco, bem, mal, mais e menos*, com o propósito de, reforçando uma intensidade, aumentar mais ainda a intensificação de uma noção e, assim, persuadir o alocutário.

BEM

- (10) INF O professor pega uma prova **bem** redigida, mas que não tem muito conteúdo e pega outra que tem conteúdo, mas muito mal redigida, então influi, não é?

(INQ231, INF301, p.169, LINHAS 805-808)

- (11) INF Tem as aeromoças, o comissário de bordo, que são elementos que... que são destinados única e exclusivamente ao conforto e tranquilidade do passageiro, e que, realmente, desempenham **bem** as funções.

(INQ277, INF354, p.41, LINHAS 654-658)

(12) INF Antigamente, achava me... **bem** melhor o ensino, sabe...

(INQ231, INF301, p.151, LINHAS 53-54)

(13) DOC Às vezes, há certos países que não são **bem** desenvolvidos [...]

(INQ356, p.262, LINHAS 150-151)

Nos casos supracitados, substituindo *bem* por *muito*, observa-se, em (10) e (11), que *bem* é um advérbio qualitativo de modo, no qual nenhuma idéia de intensidade é associada, razão pela qual não é admissível se dizer “prova *muito* redigida” e “elementos que [...] desempenham *muito* as funções” no lugar de “prova *bem* redigida” e “elementos que [...] desempenham *bem* as funções”; em (12), *bem* pode facilmente ser substituído por *muito*, funcionando, então, como um operador de intensidade, razão pela qual “achava [...] *bem* melhor o ensino” pode ser intercambiável por “achava *muito* melhor o ensino”; e, em (13), parece haver uma conotação dupla com um matiz qualitativo de *modo* sendo percebido, ao mesmo tempo que o de *intensidade*, ambos aplicados ao adjetivo. Assim, “ *bem* desenvolvidos” é entendido não só como *muito desenvolvidos* mas também como *muito bem desenvolvidos*. Daí se concluir que, como intensificador, *bem* opera um grau elevado de intensidade similar ao intensificador *muito*, além de admitir outra conotação.

Como substituto de *muito*, o intensificador *bem* marca um grau extremo de intensidade similar ao do intensificador substituído, e pode funcionar como intensificador de intensificador, conforme aparece nos grupos intensivos sublinhados dos seguintes trechos:

(14) DOC – Eh... e para você dirigir, o que é que você precisa... ah... eh... o que é que exigem de você, como indivíduo, pra que você possa...

INF – Bom, realmente, eles exigem inicialmente **bem pouco**, ouviu?

(INQ277, INF354, p.37-38, LINHAS 517-521)

(15) INF Fora da cidade, é a Polícia Rodoviária Federal ou Estadual, que, em nível de policiamento, eles são bem melhores do que o pessoal do DETRAN, na cidade. São **bem mais** preparados.

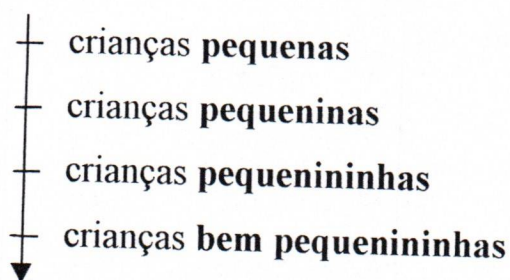
(INQ277, INF354, p.38-39, LINHAS 559-563)

(16) DOC Por exemplo, criancinhas... eh... vão a que tipo de escola, né? Pra gente ver se a gente pega um pouco da... **bem pequenininhos**, qual é o tipo de colégio... (superp)

(INQ231, p.151-152, LINHAS 70-73)

Em (14) e (15) o intensificador *bem* incide sobre os intensificadores *pouco* e *mais*, reforçando o processo intensificacional mediante a formação, respectivamente, dos grupos intensivos BEM POUCO e BEM MAIS, os quais direcionam a intensidade para as extremidades da escala gradativa, de modo que em “eles exigem inicialmente *bem pouco*” se quer dizer que a exigência está situada num grau de apreciação abaixo de *pouco* (no grau inferior). Já em “(Polícia Rodoviária Federal ou Estadual) são *bem mais* preparados (do que o pessoal do DETRAN)” se quer dizer, por comparação implícita, que o grau de preparo de tais policiais é relativamente elevado, acima do preparo do pessoal do DETRAN.

Em (16), tem-se um caso incomum de intensificação, com mais de um intensificador incidindo sobre uma mesma base já intensificada (pequeno). Tal multiplicidade intensificatória constituída pelo intensificador *bem* e pelos sufixos diminutivos -INA e -INHA (oriundos do latim *-imus*), num processo de reduplicação sufixal, funciona como reforçadores condutores da intensificação para um grau negativo mínimo de intensidade, de modo que “criancinhas [...] *bem pequenininhos*” são criancinhas demasiadamente pequenas, como ilustra a seguinte escala:



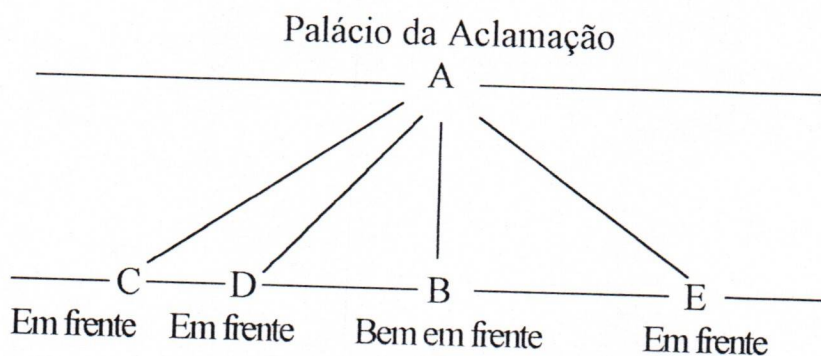
Por último, não se pode deixar de mencionar ainda o fato de que, dentre os casos pesquisados, *bem* pode às vezes marcar uma coincidência perfeita com uma referência local:

(17) INF Nós temos aqui... próximo mesmo, nós temos um, **bem** em frente aqui ao Palácio da Aclamação, temos um obelisco.

(INQ094, INF109, p.208, LINHAS 451-453)

Sem ter valor intensivo, rigorosamente falando, *bem* marca, nesse caso, uma coincidência perfeita em relação a uma referência local, a um ponto determinado, isto é, à localização de um obelisco, contribuindo desse modo para precisar a localização dele. Ao se dizer que o

obelisco fica bem em frente ao Palácio da Aclamação se está sendo mais preciso, em termos posicionais, do que simplesmente dizer que ele fica em frente ao Palácio da Aclamação, sendo inclusive possível localizá-lo, sem erro, aplicando um roteiro de busca segundo o qual, estando de costas para o Palácio da Aclamação, bastaria caminhar perpendicularmente em direção ao lado oposto do palácio. Esse roteiro pode ser ilustrado pelo esquema abaixo em que apenas o objeto **B** (obelisco) fica *bem em frente* ao objeto **A** (Palácio da Aclamação):



Nesse caso, *bem* funciona não como um intensificador, mas como um *focalizador* do tipo “verificação de coincidência com um protótipo”, tomando por base o que a esse respeito diz ILARI (1996-B) e levando-se em conta que o enunciado pressuposto (*em frente aqui ao Palácio da Aclamação, temos um obelisco*) é vago quanto à localização exata do obelisco.

MESMO

Sobre o intensificador *mesmo*, antes de mais nada convém não confundi-lo com os seus homônimos. Além de ser componente de locução conjuntiva introdutora de uma oração concessiva (em “Mesmo que chova, sairemos”), citada por MALHEIROS-POULET (1983: 200), *mesmo*, conforme BIDERMAN (1992: 625-626), é também adjetivo com o significado de *idêntico* (em “As duas ganharam a *mesma* saia”), pronome com o significado de *idêntico* também (em “Que bebida você quer? – A *mesma* de sempre”), substantivo com o significado de *a própria coisa, a própria pessoa* (em “Depois da doença, papai já não é mais o *mesmo*”), denotativo expressivo com o significado de *até* (em “Está tão triste que *mesmo* passear não a distrai”) e intensificador com o significado de *realmente, de fato* (em “Será que há *mesmo* necessidade de operação?”).

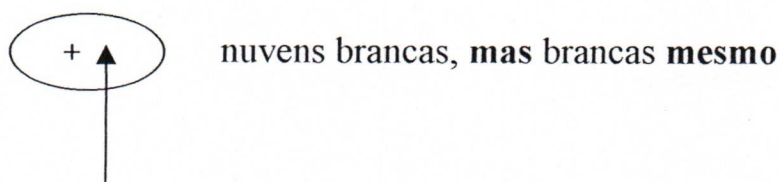
Aqui interessa particularmente a análise de *mesmo* como intensificador, quando então admite a acepção de *realmente*, conforme se constata na seguinte transcrição:

- (18) INF Então, aí, o tempo está seguro, perfeito. O sol... ôh... ôh... o céu azul e nuvens brancas, mas brancas **mesmo**, parecendo algodão e não pardacentas ou meias acinzentadas [...].

(INQ135, INF164, p.133, LINHAS 226-229)

Nesse caso, *mesmo* situa-se numa classe argumentativa diferente de *muito*. *Muito* marca um grau elevado de intensidade sobre uma escala de valores (muito ↔ pouco). A visão do locutor é relativa. Já *mesmo*, conforme aparece em (18), acentua a identificação de uma qua-

lidade (branca), a identidade absoluta da idéia expressa pelo adjetivo *branca*. A visão do locutor é global. Sendo assim, o sentido de *mesmo* se aproxima, em termos intensificacionais, do sentido do superlativo absoluto sintético -ÍSSIMO, onde a visão do locutor é absoluta. Daí o trecho “nuvens brancas, *mas* brancas *mesmo*”, reforçado pela conjunção *mas*, significar, mais do que nuvens brancas, nuvens brancas de fato, realmente, nuvens muito brancas, *branquíssimas*, conforme se ilustra abaixo:



Ao transmitir um argumento suplementar, um reforço em relação a uma base já intensificada, *mesmo* evidencia o seu caráter de operador pragmático da linguagem extraordinariamente persuasivo, conforme aparece a seguir:

- (19) INF [...] eu conheci uma batida de gengibre, que é, não sei se você conhece, é um negócio delicioso! Delicioso **mesmo**.

(INQ081, INF089, p.194, LINHAS 722-724)

Em *delicioso* já há um grau de intensidade dado pelo sufixo -OSO, sem falar no fato de que a própria base (delícia) possui uma intensificação implícita. Além disso, a entonação exclamativa (delicioso!) e a reiteração léxica (delicioso, delicioso) contribui para aumentar ainda

mais a intensidade, que atinge o clímax com o emprego do morfema *mesmo* no final do grupo de força enfatizado por um acento prosódico. *Mesmo* dá um argumento suplementar. O locutor atrai a atenção do alocutário sobre a idéia que quer expressar, isto é, sobre a delícia que é a batida de gengibre. Portanto, dizer que uma batida de gengibre é um negócio delicioso! delicioso *mesmo*, é dizer que é extremamente delicioso, expressando com isso uma noção absoluta de intensidade, conforme se demonstra na seguinte escala:

++	^	... delicioso! Delicioso mesmo .
+	↑	... delicioso! Delicioso.
		... delicioso!
		... delicioso.

Disso tudo se conclui que *mesmo* é utilizado como um operador de identificação e de identidade que se quer repetir ou reforçar.

Mesmo pode ainda aparecer com o sentido de *até*, marcando um reforçamento, como se pode observar neste caso:

(20) INF – ... eu, por exemplo, gosto muito de lençol colorido, ou estampado ou lisos **mesmo** [...]

(INQ173, INF224, p.106, LINHAS 789-790)

Aqui, ao se dizer que se gosta muito de lençol colorido, ou estampado ou lisos mesmo, tem-se o propósito de passar as seguintes informações:

- a) Gosto muito de lençol colorido.
- b) Gosto muito de lençol colorido, seja ele estampado ou mesmo liso.

Observa-se, então, a existência de uma determinada ordem progressiva, numa escala argumentativa, onde o termo ao qual se refere *mesmo* (= até) é inferior ao que lhe precede. Pode-se, portanto, interpretar que gostar de lençol até mesmo liso, possui um grau de intensidade, em termos de aceitação, menor do que gostar de lençol colorido. Sendo assim, pode-se dizer que *mesmo* explicita um limite mínimo de preferência da informante quanto à intensidade, ou melhor, quanto ao aspecto cromático do lençol, de modo que dizer que se gosta muito de lençol colorido, ou estampado ou liso mesmo, corresponde a dizer que *se gosta muito de lençol colorido*, sem se importar que ele seja estampado ou até liso.

Para uma melhor compreensão do funcionamento do grama *mesmo*, não se pode deixar de fazer referência ao procedimento de localização circular apresentado por CULIOLI (1974), *apud* MALHEIROS-POULET (1983: 202), para quem “les énoncés circulaires comportent toujours un terme qui est repéré par rapport à lui-même; et on construit ainsi une valeur référentielle qui, n’étant rapportée à aucun repère externe particulier, parcourt la classe infinie de toutes les valeurs possibles dans toutes les situations possibles”².

² “os enunciados circulares comportam sempre um termo que é situável em relação a si mesmo; e se constrói dessa maneira um valor referencial que, não se relacionando com nenhuma marca externa particular, percorre a classe infinita de todos os valores possíveis em todas as situações possíveis”.

BASTANTE

Este intensificador admite dois sentidos, conforme as condições de emprego e as intenções do locutor. É o que se pode constatar nos seguintes exemplos transcritos:

(21) DOC – Sim. E qual a disposição dessas casas dentro da cidade?

INF – Bom, as ruas são **bastante** largas, talvez com dez metros, mais ou menos; traçados são sempre perpendiculares, né, e avenidas mais ou menos de quatro a cinco quilômetros de extensão.

(INQ100, INF118, p.108, LINHAS 35-40)

(22) INF O Brasil importa **bastante**, né?

(INQ356, INF452, p.260, LINHA 59)

(23) INF – Bom, o carro é (superp) amarelo, é um Chevette. Por sinal, está novo, (rindo) troquei a semana passada.

DOC – Oba! (risos)

INF – É um carro pequeno, mas espaçoso. [...] **Bastante** econômico; está fazendo doze quilômetros com um litro, dentro de Salvador.

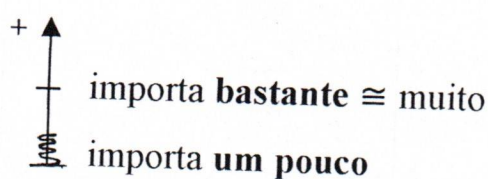
(INQ277, INF354, p.27-28, LINHAS 108-115)

Em (21), o gramema grifado conserva o sentido que lhe é próprio, de intensidade satisfatória, de suficiência, de modo que dizer que “as ruas são *bastante* largas” significa dizer que elas são suficientemente largas, que elas têm uma largura que basta, que satisfaz.

Já em (22) e em (23), incidindo, respectivamente, sobre um verbo e sobre um adjetivo, há um deslizamento semântico do sentido

original (intensidade satisfatória) para o sentido derivado (intensidade que atinge o máximo). De fato, dizer que o Brasil importa *bastante* e que o Chevette é um carro *bastante* econômico, nesses contextos, é dizer que o Brasil importa muito, com o máximo de sua capacidade de importação, e que o Chevette é muito econômico, consegue atingir um grau elevado de economia em termos de consumo de combustível.

A propósito, cabe observar que, na maioria dos casos encontrados, *bastante* é empregado para expressar o grau superior, ou médio-superior, de uma noção, como se pode verificar aplicando o exemplo (22) na seguinte escala:

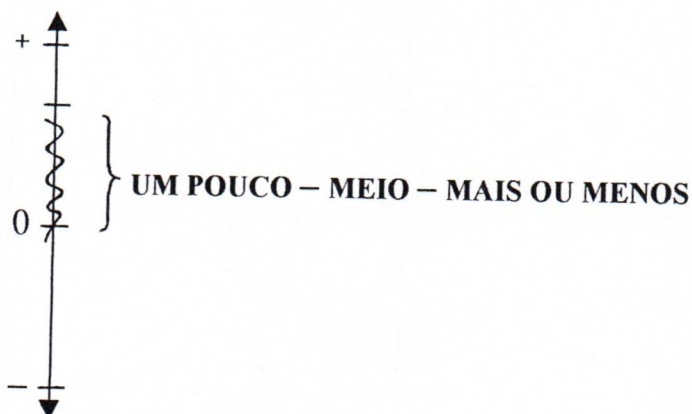


Bastante situa-se aqui num nível de intensidade superior, na zona de muito, enquanto que *um pouco*, estando orientado para mais, corresponde a uma litotes dirigida para o pólo positivo da escala, mas num nível de intensidade imediatamente abaixo de *bastante*, correspondente a uma zona imprecisa, fluídica.

UM POUCO

O intensificador *um pouco* pode ser definido em relação com os seus pares (*um tanto*, *meio* e *mais ou menos*), tendo em comum o fato de expressarem um grau aproximativo-superior de intensidade, situado numa zona imprecisa de escala gradativa, o que caracteriza uma modali-

dade de intensificação atenuada do tipo aproximativa, como demonstra a seguinte escala:



O caráter impreciso desses intensificadores às vezes é percebido pelos usuários da língua portuguesa. Para ilustrar isso, basta ler os seguintes trechos da crônica de MOTA (1991: 4), em que aparece o intensificador *mais ou menos*:

Há poucos dias, por exemplo, Oto Lara Resende chamava a atenção para o pouco gosto dos brasileiros pela exatidão. Somos o país do mais ou menos. [...].

.....

A tese do mais ou menos, aplicada ao presidente Fernando Collor, pode ajudar a compreender muito do que está acontecendo. Tudo nele cada vez mais se esclarece à luz desse traço de caráter impreciso e ambíguo. É moderno esse presidente, como ele tanto gosta de se autoproclamar? Mais ou menos. [...]

.....

Collor é parlamentarista? Mais ou menos. Ou melhor, é num dia e deixa de ser no outro, comprometendo a palavra empenhada de um presidente da República. [...].

Um pouco (ao contrário de *um tanto*, que indica um grau impreciso forte de intensidade localizado próximo do grau superior) pode indicar um grau impreciso fraco (atenuado) de intensidade, próximo do grau médio, isto é, da base sobre a qual incide, conforme se constata lendo o seguinte trecho extraído do *corpus*:

- (24) INF – E não, isso... não há aparelhos, não... ôh... que eu saiba, não há aparelhos; pela explicação... – porque eu gosto... eu sou **um pouco** curioso, gosto de ver essas coisas – eles fazem a ligação direta na caixa; quando eles tiram o fio direto da caixa para o aparelho elétrico ao qual se destina, evidentemente não há nenhuma queda, não há necessidade disso.

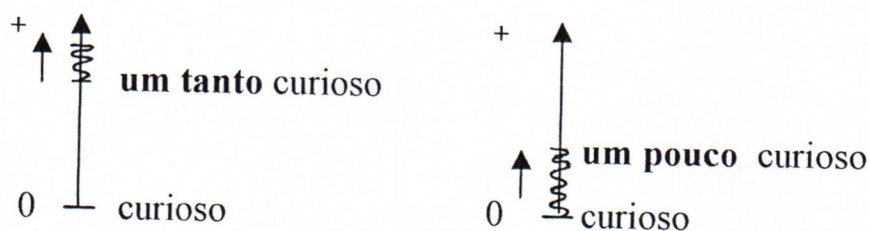
(INQ094, INF109, p.214, LINHAS 713-719)

De fato, *um pouco curioso* expressa um grau reduzido de curiosidade do informante orientado para o pólo positivo de uma escala de valores e pressupõe *curioso*, correspondente ao grau médio, situável imediatamente abaixo de *um pouco*.

Pode-se dizer, então, que *um pouco* possibilita uma orientação a partir de uma noção de baixo grau de intensidade, e sua posição na escala gradativa se define em relação aos demais intensificadores da série (*pouco curioso, quase curioso, curioso, um pouco curioso, um tanto curioso, bastante curioso,...*), embora *um pouco* esteja situado numa zona fluídica da escala e traduza uma intensidade fraca, atenuada.

Confrontando o intensificador *um pouco* com o intensificador *um tanto*, tomando-se por base o exemplo (24), observa-se que *um pouco curioso* atenua a curiosidade do informante em relação a *um tanto curioso*, que direciona a noção de curiosidade para um grau elevado, sem ne-

nhum deles estabelecer com precisão o grau de apreciação, como se pode comparar abaixo:



Um pouco é uma locução intensificadora que induz o alocutário a hesitar entre diversas interpretações na tentativa de identificar as intenções do locutor. Outrossim, três possibilidades de interpretação foram identificadas nesta pesquisa, conforme exemplificam as seguintes passagens:

- (25) INF – Agora, a cidade, embora seja muito bonito o traçado, eu percebi que é... ela está **um pouco** abandonada; quer dizer, o... os... as ruas estão mais ou menos es... esburacadas, não sabe?

(INQ100, INF118, p.112, LINHAS 215-218)

- (26) INF Melhorou **um pouco** a linha de ônibus de Federação, mas até hoje ela, por exemplo, não tem o... o ônibus desse tipo, o com ar condicionado, que chamam de frescão.

(INQ277, INF354, p.32, LINHAS 285-288)

- (27) INF Tem... tem praias onde... eh... se vê centenas de guarda-sóis, principalmente onde tem crianças e onde tem pessoas mais velhas, compreendeu, pessoas carecas, entendeu, que gostam de ficar se... se protegendo **um pouco**.

(INQ135, INF164, p.136, LINHAS 354-358)

Em (25), *um pouco* assume um papel atenuativo (eufêmico). O locutor recusa considerar a hipótese de aceitar a realidade nua e crua comunicada pela expressão *cidade abandonada*, principalmente depois de considerar muito bonito o traçado da cidade. Nesse caso, *um pouco* atenua a carga sêmica do elemento modificado (*abandonada*), o qual adquire um aspecto imperfectivo, e o locutor se recusa a assumir um compromisso sobre o conteúdo expresso no enunciado de modo categórico, fato este comparável ao do emprego atenuativo do pretérito imperfeito (ex.: Eu *queria* falar com você) pelo presente do indicativo (ex.: Eu *quero* falar com você).

O mesmo tipo de explicação vale para o intensificador *meio* em certas ocorrências, isto é, naquelas em que assume um valor eufêmico, atenuativo, como se verá adiante.

Em (26), *um pouco* expressa uma intensidade reduzida, razão pela qual “linha de ônibus de (*sic*) Federação” que “melhorou *um pouco*” quer dizer linha de ônibus da Federação que obteve uma pequena melhora, apesar de não ter ainda ônibus com ar condicionado, o denominado frescão. Nesse caso, o intensificador opera uma diminuição da carga sêmica do elemento modificado (*melhorou*) sem a negar.

Em (27), *um pouco* tem o sentido de grande intensidade, como resultado do efeito de litotes existente neste caso. Por conseguinte, “crianças e [...] pessoas mais velhas [...] que gostam de ficar se... se protegendo *um pouco*” são crianças e pessoas mais velhas que gostam de se proteger. Neste exemplo a intensidade aumenta e o intensificador, apesar de estar situado numa zona imprecisa (fora de foco) da escala graduada, se aproxima de *muito*. O efeito de litotes produz uma atenuação de muito, razão pela qual *protegendo um pouco* substitui *protegendo muito*.

Nota-se, contudo, ser pouco freqüente este caso, em virtude de *um pouco* ser portador da marca de redução interna.

MEIO

Apesar de *meio* admitir, dentre outros, um sentido pertencente ao domínio dimensional, como se encontra em *Ele ficou no meio da praça*, aqui interessa, particularmente, os casos em que ele adquire valor intensivo, marcando o grau aproximativo-superior situado numa zona intermediária imprecisa da escala gradativa, geralmente correspondente a *um pouco*, *mais ou menos*, conforme aparece no seguinte trecho:

- (28) INF – Bom, vai ser **meio** difícil falar sobre viagem de trem, porque acho que a última vez que eu fiz viagem de trem foi... eu era bem pequeno, quando ia pra Usina Cinco Rios.

(INQ277, INF354, p.25, LINHAS 7-10)

Aqui, dizer que vai ser *meio difícil* falar sobre viagem de trem não significa dizer que não vai ser difícil nem fácil falar sobre viagem de trem, indicando, assim, uma noção intermediária, equidistante, entre tais asserções opositivas. Pelo contrário, dizer que vai ser *meio difícil* falar sobre viagem de trem quer dizer que vai ser *muito difícil* falar sobre viagem de trem. Apesar de *meio* vir originalmente localizado numa zona imprecisa de intensidade imediatamente acima do grau médio, nesse caso assume uma conotação intensiva a mais próxima possível de *muito*. Isso se explica em virtude do efeito de litotes resultante da atenu-

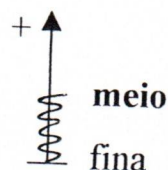
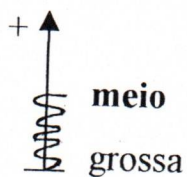
ação de *muito*, se for levado em conta que *meio difícil* está por *muito difícil*. Nota-se, pois que *meio* eleva a intensidade do elemento modificado (*difícil*).

Outro caso de ocorrência de *meio* com adjetivos antônimos, tem-se no seguinte trecho:

- (29) INF Bom, sobre pães, inclusive, eu lhe digo outra coisa interessante: que nós temos na Itália um pão bem grande, aquele pão é servido, assim, no centro da mesa e ele é cortado... – vocês devem ter visto isso também muito aí em cinema, se é que não foram por lá ainda, que eles pegam o pão, juntam aqui assim e cortam, porque o pão é um pouco duro, não sabe, a massa é **meia** grossa e sustentam aqui e cortam; aquilo é verídico, é verídico.

(INQ081, INF089, p.188, LINHAS 448-456)

Ao se dizer que “a massa é *meia (sic) grossa*”, observa-se que não se deseja com isso informar que a massa seja média (nem fina nem grossa), ou melhor, que o sentido de *meio* corresponda ao de uma noção intermediária entre *fina* e *grossa*, pois tanto em “massa *meio fina*” quanto em “massa *meio grossa*”, cada expressão, separadamente, admite uma gradação, a partir de seus respectivos adjetivos tomados separadamente. Assim:



Constata-se, pois, que, apesar de ser possível estabelecer uma escala única em relação à série “*grossa, média, fina*”, o mesmo não se pode dizer a respeito de *meia*, em “a massa é *meia (sic)* grossa”, em confronto com o seu antônimo, *a massa é meio fina*. A noção de equidistância desaparece, pois *meio*, nesse caso, não marca a metade, o estado intermediário entre dois adjetivos avaliativos antônimos (*grossa* \leftrightarrow *fina*). Sozinho, subsiste o valor intensivo aplicado separadamente a cada um deles (*meio fina* e *meio grossa*). Sendo assim, em “a massa é *meia (sic)* grossa”, o gramema destacado funciona como um intensificador situável numa zona imprecisa (não claramente definida) da escala gradativa cujo sentido é direcionado para o pólo positivo dessa escala.

Também não se pode ignorar que *meio*, em algumas ocorrências, assume um valor atenuativo, eufêmico, no lugar de uma maneira mais direta, mais engajada, mais dura de se exprimir, como se encontra abaixo:

- (30) INF Agora, no carnaval, o que eu não senti é que... num... ainda... o pessoal antigo, você sabe, ainda exerce, assim, uma certa... carrancismo, são **meio** quadrados, entendeu?

(INQ100, INF118, p.116, LINHAS 373-376)

A atribuição de *quadrados* (adjetivo da gíria juvenil que tem o sentido de *ultrapassado*) ao pessoal antigo é atenuada pelo intensificador *meio*, razão pela qual dizer “pessoal antigo *meio* quadrados” agride menos do que dizer *pessoal antigo quadrados*. *Meio* não informa com precisão o grau da apreciação. Está situado numa zona fluídica, fora de foco, não claramente definida.

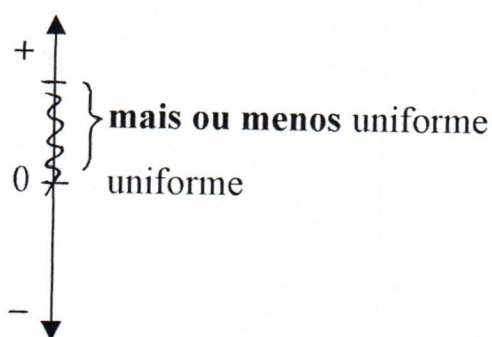
MAIS OU MENOS

Mais ou menos é uma locução intensificadora semelhante em muitos casos aos intensificadores *um pouco* e *meio*, conforme se pode constatar no seguinte trecho:

- (31) INF Corcel – sempre ele... o pneu dianteiro gasta mais rápido do que os outros. E no Chevette o gasto é **mais ou menos** uniforme.

(INQ277, INF354, p.30, LINHAS 215-217)

Aqui, gasto *mais ou menos* uniforme do Chevette é um gasto um pouco uniforme, aproximadamente uniforme, com um grau aproximativo-superior de uniformidade, situável numa zona vaga de intensidade, entre o grau médio e o grau médio-superior, entendido aqui por grau médio-superior àquele marcado pelo morfema *bastante* em determinados contextos:

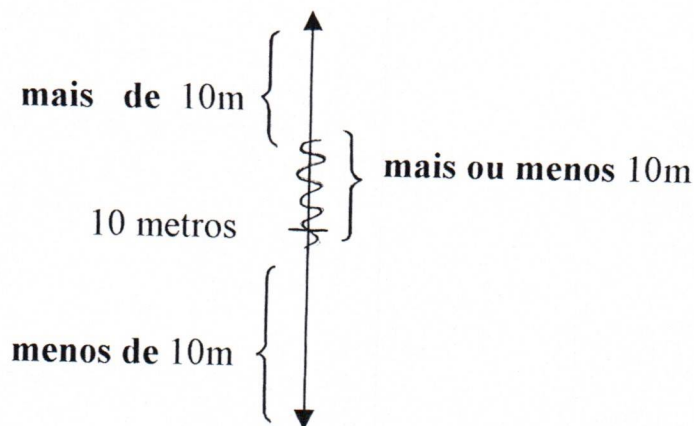


Mas é bom esclarecer que nem sempre *mais ou menos* tem o sentido encontrado em (31), como se vê no seguinte trecho:

(32) INF – Bom, as ruas são bastante largas, talvez com dez metros, **mais ou menos** [...].

(INQ100, INF118, p.108, LINHAS 37-38)

Nesse caso, *mais ou menos* opera sobre um quantificador (dez) que modifica o substantivo metros e se caracteriza por reduzir o grau de comprometimento do locutor acerca da exatidão da largura da rua. Sendo assim, em “dez metros, *mais ou menos*” não se tem propriamente uma intensificação, mas sim uma quantificação aproximativa que aparece numa frase disjuntiva dirigida para um número superior ou inferior a dez, mas não muito superior ou inferior a dez, isto é, para um número próximo de dez, um pouco acima ou um pouco abaixo dele, conforme ilustra o seguinte gráfico:



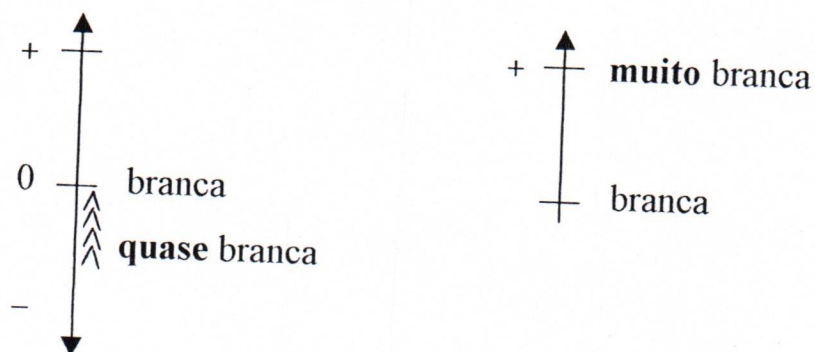
QUASE

Quase marca uma progressão cujo grau de intensidade se aproxima da base intensificada:

- (33) INF Não, a neve eu não peguei, é. Tanto que eu não estou falando a neve porque eu não peguei neve, eu peguei aquela n... aquela... eh... eh... neblina **quase...** compreendeu, branca, branca, mas não caía nada de neve. Não peguei.

(INQ135, INF164, p.145, LINHAS 719-723)

Nesse exemplo, neblina quase branca não é uma neblina branca nem pouco branca mas sim uma neblina que se aproxima da cor branca sem ser branca. *Quase*, muito menos se localiza nas proximidades de *muito*. A zona de localização de *quase* situa-se imediatamente antes do limite inferior do elemento modificado (branca) no grau médio, como se nota no seguinte esquema:



O gramema *quase* aparece ainda atenuando um intensificador, conforme se pode observar no seguinte trecho:

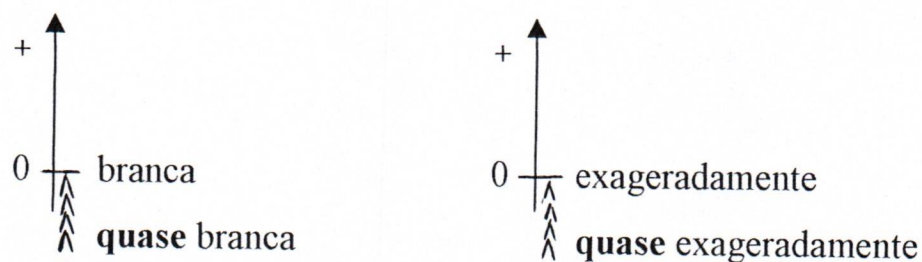
- (34) INF Bem, anteriormente a essa leitura, eu quase não comia banana. [...]. Entretanto, como é, assim, um tipo de alimentação que tem tantas propriedades, eu estou fazendo uso **quase** que exageradamente.

(INQ081, INF089, p.193, LINHAS 649-655)

Em (34), “estou fazendo uso *quase* que exageradamente (de banana)”, o intensificador *quase* opera uma intensificação atenuativa sobre *exageradamente*, reduzindo o efeito superlativizante desse morfema.

Aplicando-se o teste do pressuposto, tem-se que o posto (estou fazendo uso *quase* que exageradamente de banana) pressupõe que o informante não está fazendo uso exageradamente de banana, onde o posto indica a proximidade do limite (exageradamente/não-exageradamente). Por outro lado, admitindo-se a hipótese de, no mesmo enunciado, ter sido empregado o intensificador *muito* no lugar de *quase*, aplicando-se o teste do pressuposto ter-se-ia, então, que o posto (estou fazendo uso *muito* exageradamente de banana) pressuporia, nesse caso, outra conclusão, a de que o informante está fazendo uso exageradamente de banana, onde o posto indica que a intensidade do exagero é grande (bem além do limite comumente aceito). Daí se poder concluir que com *muito* é a intensidade de uso da banana que é aumentada, resultando disso uma amplificação, enquanto que com *quase* a intensidade nasce da proximidade do limite, resultando disso uma atenuação.

Ao contrário de *meio*, que tem um valor descritivo estático em “*meio* difícil”, no exemplo (28), *quase* possui um valor descritivo dinâmico em “*quase* [...] branca” e “*quase* que exageradamente”, nos exemplos (33) e (34), respectivamente. O elemento modificado marca um limite (branca/não-branca, exageradamente/não-exageradamente) de modo que *quase* branca e *quase* que exageradamente situam-se exatamente para cá deste limite:



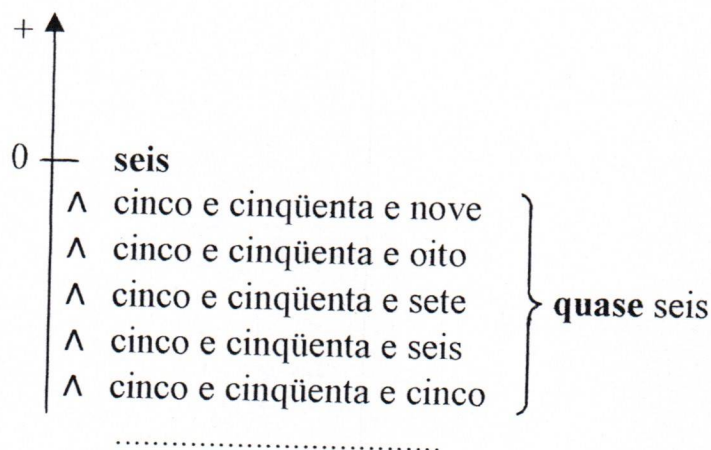
Quase marca aqui a evolução de uma gradação de intensidade para um alvo não ainda alcançado (a brancura e o exagero).

Outro emprego de *quase* ocorre em relação a uma base numeral, quando tal gramema funciona mais propriamente como um quantificador aproximativo do que como um intensificador, exemplificável no seguinte trecho:

- (35) INF Pois bem, e eu sei que eu saí desse dia **quase** seis horas da tarde, né?

(INQ100, INF118, p.113, LINHAS 241-243)

Ao se dizer *quase* seis horas da tarde se quer dizer um número de horas próximo de seis, inserido numa progressão de natureza subjetiva, pois o que pode ser quase seis horas para um locutor, como, por exemplo, cinco e cinquenta, pode não ser para outro que venha a admitir como pertencente a tal escopo um número superior a cinco e cinquenta e quatro, na seguinte progressão:



Como facilmente se percebe, tem-se mais propriamente aqui, além de uma quantificação de natureza subjetiva, uma gradação de natureza indefinida.

POUCO

O morfema *pouco* marca o grau inferior de uma escala de valores, situando-o, pois, no pólo negativo dessa escala, conforme se pode verificar no seguinte exemplo:

(36) INF – Bom, a lua... onde eu mo... onde eu moro hoje, no... eu **pouco** vejo a lua.

DOC – É?

INF – Só vejo a lua, quando ela está bem em cima.

(INQ135, INF164, p.137, LINHAS 392-395)

“*Pouco* vejo a lua” significa aqui pouco tempo disponível para se ver a Lua, em virtude, provavelmente, da existência de prédios

altos que impedem o acompanhamento por mais tempo do deslocamento dela em sua trajetória pela abóbada celeste.

De certa forma, assim como *muito*, *pouco* se define em relação a *muito*, situando-se, pois, numa mesma escala de valores.

Em outro trecho, *pouco* tem o sentido nitidamente oposto ao de *muito*, como se encontra abaixo:

(37) DOC – Agora, como se prendem as... as camisas ou as blusas femininas também? Qual é, em geral, o processo de fechar?

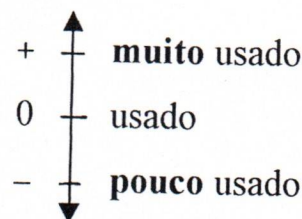
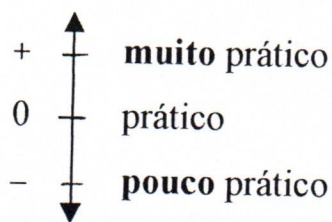
INF – O processo mais comum é o clássico botão.

DOC – Hã.

INF – Agora, nós podemos ter eclair ou aquele fechozinho magnético. Aquilo também é **muito** prático, mas **pouco** usado; pelo menos aqui no Norte, eu quase não encontro.

(INQ159, INF203, p.246, LINHAS 373-381)

Pode-se dizer que a visão do locutor é relativa. *Muito* corresponde ao pólo positivo da escala de valores e *pouco* ao pólo negativo. Em (37), *muito* e *pouco* aparecem modificando bases distintas para representar esta mesma escala intensiva, conforme se vê abaixo:



A utilização de *pouco* com um intensificador de grau elevado (muito) faz com que a noção de pequena quantidade seja acentuada, acentuação esta possível de se dirigir progressivamente rumo a uma intensidade nula, isto é, rumo à negação da base intensificada. Realmente, “aquilo (fechozinho magnético) também é muito prático, mas pouco usado” significa dizer que aquilo (fechozinho magnético) também é muito prático, mas praticamente não usado, isto é, onde o grau de uso localiza-se no nível mais baixo da escala graduada. Há uma oposição gradual estabelecida de um reforço intensificacional entre *prático* e *usado*, com o primeiro admitindo grau superior; e, o segundo, grau inferior.

Na realidade, *muito* e *pouco* servem para o locutor, partindo de um grau médio de intensidade, optar por seguir um dos seguintes caminhos ou uma das seguintes direções: operar a *amplificação* (com o intensificador servindo não só para aumentar ou amplificar uma noção, como também para manifestar o ponto de vista de adesão do locutor em relação ao conteúdo enunciado) ou operar a *atenuação* (com o intensificador servindo não só para restringir ou atenuar uma noção, como também para manifestar o ponto de vista de menor grau de adesão do locutor em relação ao conteúdo enunciado), a depender do propósito enunciativo dele. Por conseguinte, longe de ser um fenômeno aleatório e inconsequente, a intensificação estará indubitavelmente a serviço de uma determinada intenção elocutiva. Quanto aos demais gramemas livres apreciados, o mesmo pode ser dito, *mutatis mutandis*.

A análise dos gramemas livres operadores da intensidade por natureza permite sistematizá-los distribuindo-os em cinco subconjuntos, todos eles localizáveis na mesma escala gradativa mencionada no início deste capítulo. O primeiro subconjunto, constituído pelos intensificado-

res *demais, mesmo*, têm uma orientação que ultrapassa o limite superior da escala, exatamente por marcarem um grau de intensidade excessivamente elevado, além de poderem funcionar como intensificadores absolutos para marcar uma posição assumida pelo locutor; o segundo, constituído pelos intensificadores *muito, bastante, bem*, têm uma orientação positiva situável no limite ou zona superior da mesma escala, e podem funcionar como reforço da posição assumida pelo locutor; o terceiro, constituído pelos intensificadores *um pouco, meio, mais ou menos*, têm uma orientação positiva, cada qual situável numa zona intermediária imprecisa ou fluídica, entre os pólos positivo e negativo da referida escala, quase sempre com uma orientação direcionada para o pólo positivo, a partir do ponto correspondente ao grau médio, e podem funcionar como reforço da posição assumida pelo locutor; o quarto, constituído pelo intensificador *quase*, marca uma gradação intensiva orientada para um alvo não ainda atingido situável no ponto médio correspondente ao grau médio, equidistante dos pólos positivo e negativo da escala graduada; e, finalmente, o quinto, constituído pelo intensificador *pouco*, tem uma orientação negativa situável no extremo inferior da escala gradativa, e pode funcionar como reforço de uma limitação ou afastamento do locutor.

Estabelecidos esses subconjuntos, não se pode negar, todavia, que os critérios de gradação da intensidade não são tão simples de serem estabelecidos, como pode parecer para alguns, pois dependem de uma série de fatores, dentre os quais, os ligados às condições de emprego, isto é, à visão que o locutor tem da realidade, às intenções do locutor e ao rumo para o qual ele quer levar o alocutário, sendo que o conjunto desses valores é que permitirá determinar as escalas de valores.

Por outro lado, convém observar que os gramemas supracitados, combinados entre si ou com outros intensificadores, resultam num

reforçamento intensificacional de uma expressão já intensificada, como foram vistos nos exemplos (5), (6), (7), (8), (9), (14), (15), onde aparecem os grupos intensificacionais *muito pouco*, *muito bem*, *muito mal*, *muito mais*, *muito menos*, *bem pouco*, *bem mais*.

Examinando os gramemas apreciados, percebe-se que eles desempenham o papel de atualizadores de um sema qualitativo, ao mesmo tempo que intensificam. Um lexema destituído do traço semântico /intensidade/ o adquire por transferência de sentido, a exemplo do lexema substantival *homem*, em *Sou homem*, que adquire um valor qualitativo no enunciado *Sou homem mesmo*, ao ser modificado pelo intensificador *mesmo*.

Comutações do intensificador *mesmo* podem ser efetuadas com os demais intensificadores, do que resulta a seguinte série gradativa decrescente:

- a) Sou homem **demais**
- b) Sou **muito** homem
- c) Sou **bem** homem
- d) Sou **um tanto** homem
- e) Sou **um pouco** homem
- f) Sou **meio** homem
- g) Sou **pouco** homem
- h) Sou **quase** homem

A característica apontada acima não é exclusiva dos intensificadores constituintes dos subconjuntos mencionados, podendo aparecer também em outros gramemas operadores da intensidade por natureza, dentre outros tipos de intensificadores .

Finalmente, resta tecer considerações acerca dos denominados advérbios de tempo freqüenciais (ou com valor freqüentativo) considerados por BOMFIM (1988), NEVES (1996) e ILARI (1996-B) como sendo do tipo *aspectuais*, os quais compõem a série gradativa “*sempre* ← *muitas vezes* (ou *várias vezes*), *às vezes* (ou *por vezes* / *de vez em quando*), *poucas vezes* → *nunca*”. Exemplos:

(38) INF – As provas (superp) eram **sempre** descritivas, tipo redação.

(INQ231, INF301, p.168, LINHAS 755-756)

(39) INF – Temos a copa, que é a parte do chapéu que cobre ou envolve a cabeça, e a aba, presa na parte inferior da copa. A... a copa, **muitas vezes**, é, não sei, enfeitada por uma fita...

(INQ159, INF203, p.255-256, LINHAS 766-769)

(40) DOC₂ – E às vezes (superp) nestes motores a gente apenas substitui uma peçazinha redonda, redonda não, é cilíndrica. (superp)

DOC – Cilíndrica. (superp)

INF – Cilíndrica. É o... eles chamam, denominam de... (risos) isso eu tenho mudado **várias vezes**. (rindo)

(INQ094, INF109, p.213, LINHAS 678-683)

(41) INF – Então, eu, **às vezes**, vou no Alex, eu vou no Pileque; [...], porque eu me dou muito com o proprietário, e é gostoso a gente ficar lá [...]

(INQ100, INF118, p.126, LINHAS 802-806)

(42) INF [...] frutas frescas, também, **por vezes**, nós encontramos desse tipo [...]

(INQ081, INF089, p.187, LINHAS 404-405)

- (43) INF Agora estavam iniciando uma “operação formiga”: é a rede de... de eletricidade, esses fios de alta-tensão, que ficam suspensos; quer dizer, é arriscado, não é, (rindo) a ter um... como **de vez em quando** acontece, tem acidentes, né, um fio daquele parte, por aí e coisa.

(INQ100, INF118, p.120, LINHAS 545-551)

- (44) INF **Nunca** corri.

(INQ125, INF151, p.84, LINHA 561)

Observando atentamente as lexias grifadas das transcrições (38), (39), (40), (41), (42) e (43), percebe-se que elas comunicam mais propriamente o número de vezes que um fato se repete (e são capazes, portanto, de responder à pergunta *Quantas vezes?*) do que a localização no tempo. De fato, o que se percebe é a marcação de uma frequência ou reiteração cíclica de um fato sujeito a uma gradação constituída de pelo menos três níveis, o de *altíssima frequência*, o de *alta frequência* e o de *média frequência*.

Exemplo de *altíssima frequência* tem-se em (38), no trecho “as provas eram *sempre* descritivas”, isto é, as provas eram *todas as vezes* (sem exceção) descritivas, onde *sempre* marca uma frequência universal positiva; de *alta frequência*, em (39) e (40), ao se referir, respectivamente, à copa (do chapéu) que *muitas vezes* é enfeitada e a uma peça cilíndrica que o informante muda de nome *várias vezes*, onde as locuções adverbiais *muitas vezes* e *várias vezes* são intercambiáveis; e, de *média frequência*, em (41), (42), e (43), nos trechos “às vezes vou no Alex”, “*por vezes*, nós encontramos desse tipo (de fruta)” e “*de vez em quando* acontece, tem acidentes”, onde as locuções adverbiais *às vezes*, *por vezes* e *de vez em quando* são também intercambiáveis. Já em (44),

“*Nunca corri*” quer dizer *nenhuma vez corri*, onde *nunca* funciona como marcador da frequência universal negativa ou *frequência nula*.

Pelo exposto, cabe fazer dois esclarecimentos. O primeiro deles é reconhecer que, a rigor, inexistem aspectualidade nos advérbios de tempo indicadores de frequência, como pode parecer para alguns. De fato, segundo COSTA (1990: 82), “a repetição em si, assim como a habitualidade, não deve ser considerada como uma possibilidade aspectual, em essência, porque a avaliação aspectual *stricto sensu* só pode ser estabelecida sobre um fato verbal singular”. O segundo deles, é reconhecer que os casos examinados são mais propriamente quantificadores do que intensificadores, apesar de não se descartar a hipótese de poderem traduzir uma noção de intensidade freqüencial, como se pode exemplificar com o enunciado “*Nunca corri*”, visto anteriormente, em que *nunca* se relaciona com os outros elementos da série gradativa freqüencial à qual pertence e com os quais comuta, demonstrável nos seguintes enunciados dispostos em ordem gradativa *decrecente*:

- a) **Sempre corri** → ALTÍSSIMA FREQUÊNCIA
- b) **Muitas vezes / várias vezes corri** → ALTA FREQUÊNCIA
- c) **Às vezes/por vezes/de vez em quando corri** → MÉDIA FREQUÊNCIA
- d) **Poucas vezes corri** → BAIXA FREQUÊNCIA
- e) **Nunca corri** → FREQUÊNCIA NULA

Sobre a natureza indefinida da quantificação freqüencial referida, se esclarece confrontando-a com a quantificação definida, exemplificável nos enunciados abaixo, com a substituição dos circunstanciais

sublinhados da série gradativa anterior por um número definido de vezes, admitindo-se que os enunciados tenham sido expressos por um corredor e que o número doze corresponda ao número máximo de vezes que ele possa participar de uma competição desportiva:

- a) Corri doze vezes → **ALTÍSSIMA** FREQUÊNCIA
- b) Corri nove vezes → **ALTA** FREQUÊNCIA
- c) Corri seis vezes → **MÉDIA** FREQUÊNCIA
- d) Corri três vezes → **BAIXA** FREQUÊNCIA
- e) Corri zero vezes → **FREQUÊNCIA NULA**

Concluindo, resta ainda esclarecer que alguns dos circunstanciais estudados, a depender das condições de emprego, adquirem sentido inequivocamente intensivo, como é exemplificado no seguinte enunciado dito por um locutor ao se dirigir a alguém que o tenha decepcionado:

- a) Sair com você? **Nunca!**

Nesse caso, mais do que expressar uma simples quantificação ou número de vezes, que aqui seria *vez nenhuma*, *nunca* funciona como um intensificador da negação, parafraseável por *de jeito nenhum*. Trata-se, pois, de um *nunca* enfático, ou melhor, intensivo.

A propósito, no *corpus* aparece a locução negativa *de jeito nenhum* com conotação intensiva, portadora de um efeito de sentido que se aproxima do *nunca* enfático, como se pode constatar no seguinte trecho:

- (45) INF – Bom, há termos prefixados, que normalmente eu não tenho necessidade de usar e o único padre, assim, que eu falo, que tenho amizade e intimidade é, assim, muito liberal e **de jeito nenhum** nós o enxergamos como padre; então, o tratamento não difere dos demais.

(INQ125, INF151, p.74, LINHAS 116-121)

De fato, dizer que “*de jeito nenhum* nós o enxergamos como padre” não significa simplesmente dizer que nós *não* o enxergamos como padre, mas, sim, que nós *absolutamente não* o enxergamos como padre, com a locução *de jeito nenhum* expressando uma intensificação absoluta da negação. Mas, tanto em relação ao *nunca* enfático quanto em relação à locução negativa *de jeito nenhum*, o que se tem, a rigor, não é intensificação das bases sobre as quais tais gramemas reforçados incidem, pois, em ambos os casos, há apenas reforço da negação. Sendo assim, o que se tem, portanto, é *intensificação nula* em relação às bases “sair com você” e “nós o enxergamos como padre” às quais se referem, respectivamente, *nunca* e *de jeito nenhum*, principalmente se for levado em conta o que a esse respeito diz CHARAUDEAU (1992: 276), para quem “*l’intensité nulle appliquée aux propriétés et aux processus se confond avec le phénomène de la négation puisque dans un cas comme dans l’autre il s’agit de nier l’existence de la propriété ou du processus*”³.

Considerando o fato de que *nunca* e *de jeito nenhum* são formas variantes reforçadas do *não*, é plausível admitir que ambas formas servem para *anular* uma intensificação ou uma simples afirmação, assim como outras variantes da negação reforçadas ou não reforçadas,

³ “a *intensidade nula* aplicada às propriedades e aos processos se confunde com o fenômeno da *negação*, já que tanto num caso como no outro trata-se de *negar a existência da propriedade* ou do *processo*”.

A introdução da noção de proporcionalidade da parte do locutor tem por propósito acentuar o caráter evolutivo e dinâmico das intensidades referidas em oposição à natureza estática de certos intensificadores. Daí o contraste existente entre dizer que está se tendo *muita necessidade* de explorar espaço (onde se tem uma intensidade pontual, estática) e dizer que está se tendo *cada dia mais necessidade* de explorar espaço (onde se tem uma intensidade evolutiva, dinâmica).

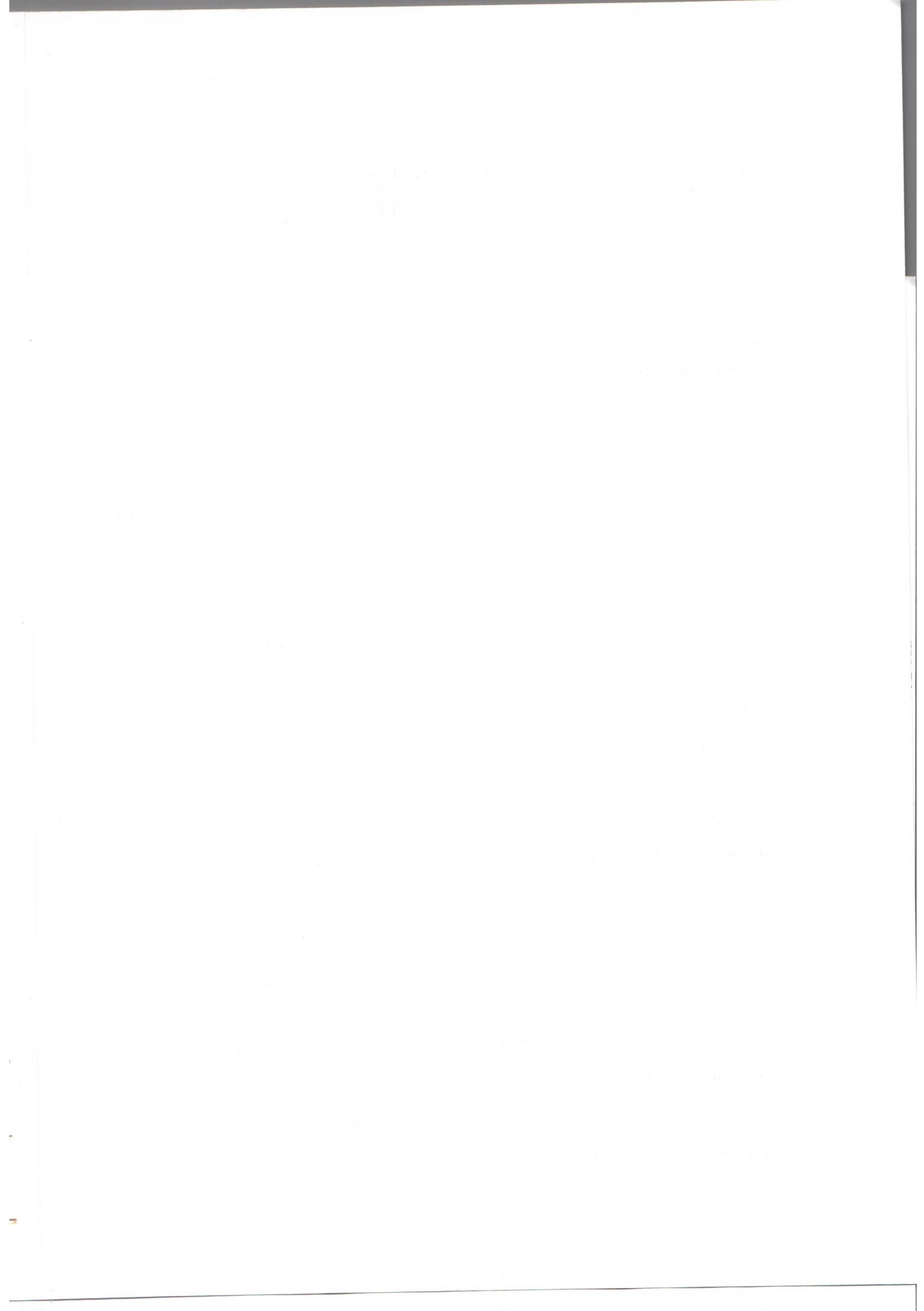
10.2 ADITIVOS

Por gramemas livres reforçadores da intensidade aditivos, entendem-se os morfemas que funcionam como um reforço produzido pelo resultado da adição de dois argumentos, como é o caso do morfema *também* que aparece a seguir:

- (7) INF Então, além do doce, como nós falávamos, de figo, ela faz, **também** muito saboroso, licor de figo.

(INQ081, INF089, p.194, LINHAS 701-703)

Nesse emprego, *também* tem a função de estabelecer um paralelismo com outra apreciação (ela faz licor de figo muito saboroso) que se situa no mesmo nível da primeira (ela faz doce de figo muito saboroso). O valor argumentativo (a mais) procede da soma desses dois argumentos e tem um efeito nitidamente cumulativo que resulta no aumento da intensidade com o propósito de valorizar as qualidades culinárias da pessoa referida na interlocução, isto é, como não se bastasse o fato de



Ao utilizar *aliás*, o locutor emite um novo julgamento (sempre a buzina no centro do volante), que é acrescido ao primeiro (a buzina fica no centro) já intensificado por natureza, levando-se em conta o fato de que o substantivo *centro* expressa o grau máximo de uma escala bipolar cujos graus (superior e inferior) são marcados, respectivamente, pelo par opositivo *centro* \leftrightarrow *periferia*.

Esse morfema (*aliás*) permite ao locutor se inserir mais uma vez no discurso, embora de maneira diferente. Realmente, primeiro, ao dizer que a buzina fica no centro do volante, o locutor revela um fato observado por ele. Depois, ao dizer “*aliás*, já é tradicional nesse carro, sempre a buzina no centro do volante”, o locutor toma posição, fornece um argumento a mais, deixando transparecer um conhecimento pessoal dele de que não é só no carro objeto da apreciação que a buzina fica no centro, mas em todo carro dessa marca, sem exceção, conforme revela o advérbio *sempre*, que intensifica a noção de frequência do fato observado.

10.4 INVERSORES DE ARGUMENTO

Por gramemas livres reforçadores da intensidade inversores de argumento, entendem-se os morfemas portadores de uma inversão de argumento, de contradição, como é o caso de *mas*, presente no seguinte trecho:

- (9) INF Compensação, o avião grande, ele é bem mais seguro, tem muito mais alternativa, mas não pousa... hum... a não ser em pistas relativamente grandes. **Mas** é o meio de transporte

mais rápido, mais seguro, mais tranqüilo. Na minha opinião, o melhor dos... de todos os meios de transporte.

(INQ277, INF354, p.39, LINHAS 592-599)

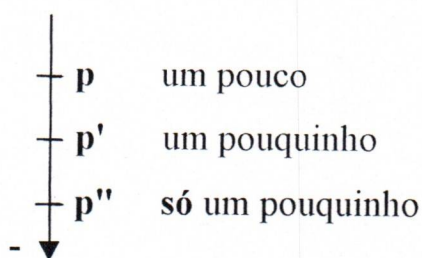
A princípio, após afirmar as vantagens do avião grande (ser “bem mais seguro”, ter “muito mais alternativa”), contrapõe tais argumentos com o argumento implícito de que ele não pousa em pistas pequenas, para logo em seguida operar uma inversão desse último argumento, com a introdução do morfema *mas*, que reforça e intensifica o argumento inicial reiterado, o de ser o avião grande mais seguro, além de acrescentar outros, tais com o de ser o avião grande mais rápido e mais tranqüilo.

10.5 RESTRITIVOS

Por gramemas livres reforçadores da intensidade restritivos, entendem-se os morfemas que indicam uma restrição, reforçando, assim, os intensificadores que têm uma orientação decrescente, direcionada para o pólo negativo, isto é, para a negação do elemento modificado, como é o caso do morfema *apenas*, assim como do morfema *só*, sinônimo dele. Exemplo:

(10) DOC Eu pergunto *só* um pouquinho mais.

(INQ138, p.62, LINHAS 532-533)



Ao se dirigir ao informante, o documentador age sobre ele de forma a persuadi-lo a continuar respondendo o inquérito. Para tanto, emprega um argumento forte constituído de uma intensificação atenuativa reforçada, situada no extremo da seguinte progressão direcionada para um questionamento mínimo do locutor: *pergunto mais* → *pergunto um pouco mais* → *pergunto um pouquinho mais* → *pergunto só um pouquinho mais* (= *quase não pergunto mais*).

Além da noção de restrição, aparece o ponto de vista do locutor. Outrossim, a coincidência entre *só* e *pouquinho*, portadores do sema de *redução*, produz um reforço no mesmo sentido, reforço este direcionado para um mesmo alvo, a redução do semantismo do elemento modificado. E isso ocorre inclusive porque *só* tem como efeito a exclusão de tudo o que está no seu escopo, isto é, o que está em seu escopo é tomado exclusivamente, com a eliminação de qualquer outra coisa que poderia ser considerada.

Algo semelhante ocorre com a locução restritiva *pelo menos* no seguinte trecho:

- (11) INF Os Salesianos, por exemplo, nós estamos lá com trinta e quatro alunos, a maioria deficientes mentais e outros deficientes auditivos.

DOC – Hum, hum. (superp)

.....

INF – ...trabalhando nas oficinas gráficas; sendo que os deficientes auditivos já em tipografia, porque requer, realmente, que saibam ler, não é? E os deficientes mentais, aqueles que sabem, **pelo menos** um pouco, os números e têm alguma leitura, na parte da encadernação.

(INQ356, INF452, p.279, LINHAS 808-820)

	p	sabem (números)
	p'	sabem um pouco (números)
	p''	sabem pelo menos um pouco (números)
↓		

A coincidência entre *pelo menos* e *um pouco*, portadores do sema de *redução*, produz um reforço no mesmo sentido e direciona a intensificação do saber dos deficientes mentais para um grau mínimo indispensável para a realização da tarefa de encadernação. *Um pouco* é um atenuante do *saber*. *Pelo menos um pouco* reforça essa atenuação, ao restringir esse *saber*.

Esta apreciação dos gramemas livres reforçadores da intensidade comprova a conclusão a que chegou também MALHEIROS-POULET (1991: 510-511), partindo-se de uma visão mais generalizada de que o argumento **p''** deve ter sempre a mesma orientação do argumento **p'**, o que significa dizer que o reforço opera insistentemente sobre uma noção já enfatizada por um intensificador e de que os morfemas de reforço contribuem (por orientarem explicitamente as conclusões do locutor) para melhor situar os intensificadores numa escala de valores e numa escala argumentativa, formando, assim, uma *isotopia intensiva*.

Todavia, o que dessa análise não se pode ignorar é o fato de os operadores de reforço aumentarem significativamente a força ilocutória do enunciado, contribuindo desse modo para se alcançar um alto grau de persuasão discursiva, tanto por amplificação quanto por redução (ou atenuação) dos conteúdos modificados, razão pela qual se diz que eles desempenham o duplo papel de *argumentadores* e de *amplificadores ou atenuadores* da intensificação, além de conduzirem informações relativas ao valor argumentativo da base modificada de modo mais evidente do que os intensificadores propriamente ditos.

11 CONSTRUÇÕES SINTAGMÁTICAS ENFÁTICAS COM CONOTAÇÃO INTENSIVA

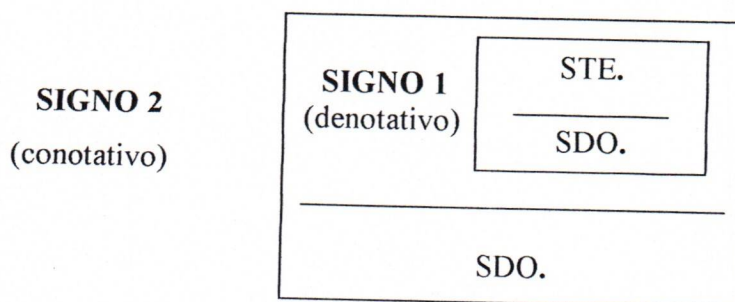
11.1 POR INVERSÃO

11.2 POR INSERÇÃO DE UMA EXPRESSÃO ENFÁTICA

11.3 POR REPETIÇÃO

Este capítulo, como o próprio título informa, tem o propósito de analisar, na situação enunciativa, os efeitos de sentido de certas estruturas sintáticas enfáticas, observando, todavia, que tais efeitos de sentido são portadores de natureza não só intensiva como também conotativa.

E por falar em conotação, nada mais oportuno do que deixar claro que se entende aqui por *conotação* um sentido derivado adquirido pelo signo, sobreposto ao sentido primitivo encontrado na língua, isto é, na gramática e nos dicionários. Isso possibilita admitir a existência de um novo signo nesses casos (o signo derivado), pois se verifica a articulação de um significante já existente a um novo significado, conforme ilustra o seguinte esquema:



Aqui interessa, particularmente, examinar as construções sintagmáticas enfáticas por *inversão*, por *inserção de uma expressão enfática*, e por *repetição*, as quais, muitas vezes, ligadas a determinadas situações enunciativas, adquirem uma conotação intensiva, ou melhor, um sentido secundário intensivo. Isso significa dizer não só que uma estrutura enfática pode assumir um valor intensivo como também que a

ênfase não se confunde com a intensificação, apesar de servir para se aumentar a intensidade de uma noção.

De fato, a ênfase não se constitui numa modalidade de intensificação, como pode parecer para alguns. Tratar-se-ia, então, de um *destaque* (É *ela* que viajará e não você) ou de um *reforço* (Ela é bonita e *também* talentosa). No primeiro caso destacou-se *ela*, sem intensificar. Já, no segundo caso, além do destaque, houve reforço da intensificação mediante o reforçador *também*.

Para POTTIER (1975: 48) “el énfasis consiste en dar más positividad (++) a un elemento del enunciado”¹. Assim, a ênfase seria apenas um reforçador capaz de transformar, por exemplo, uma amplificação de grau superior numa amplificação de grau máximo.

Posição semelhante tem LOFFLER-LAURIAN (1975: 92) quando diz que “a ênfase se caracteriza pelo uso de intensivos, de processos de reforço destinados a colocar em destaque um ou vários elementos de um enunciado, de processos de exageração ou de acentuação – nos níveis lexical, sintático, morfológico e tático – visando a aumentar o valor ou o impacto afetivo de um enunciado”.

Examinando as diversas ocorrências de estrutura sintática de ênfase no *corpus*, não se pode negar ser esta um recurso lingüístico que tem o propósito de dar relevo ao enunciado, relevo este que contribui não só para aumentar a intensidade de uma apreciação como também para criar uma isotopia intensiva. Outrossim, nessa perspectiva, conforme afirma DUBOIS *et alii* (1978: 214), baseando-se em teoria mais recente, “a ênfase é um dos elementos facultativos da modalidade da frase”. Sendo assim, além de uma escolha imperativa entre os elementos *declarati-*

¹ “a ênfase consiste em dar mais positividade (++) a um elemento do enunciado”.

vo, *interrogativo*, e *imperativo*, é possível selecionar facultativamente um ou mais dentre os seguintes constituintes: *negação*, *ênfase* e *passivo*.

Aqui interessa limitar a análise apenas às estruturas sintáticas enfáticas portadoras de um efeito de sentido intensivo, ou melhor, de uma conotação intensiva, entendendo-se por *conotação intensiva* a operação que permite pôr em relação os juízos de valor com as reações emocionais do locutor (conotações afetivas), segundo MALHEIROS-POULET (1984: 95). Tais reações emocionais se manifestam nos processos intensivos que, ao permitirem diminuir ou aumentar a carga semântica de um signo, informam sobre a disposição favorável ou não do locutor.

Observando o que a respeito deste assunto discorre GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ (1997: 33-39) dá para se concluir que as estruturas sintáticas enfáticas referidas nada mais são do que procedimentos focalizadores da linguagem possíveis de assumir uma conotação intensiva. Tais procedimentos são empregados com o propósito de atuar sobre o alocutário, tanto para persuadi-lo contra uma predisposição contrária nele existente, quanto para chamar-lhe a atenção, advertindo-o acerca da carga semântica de uma magnitude.

11.1 POR INVERSÃO

As construções sintagmáticas enfáticas serão por inversão, quando houver qualquer alteração da ordem usual (denominada ordem direta) dos constituintes de um sintagma, alteração esta capaz de expressar uma conotação intensiva.

Tais inversões têm o propósito de operar o relevo ou destaque de um constituinte, resultando disso a ênfase, segundo TRAVAGLIA (1996: 172), sem esquecer que são fornecidas também informações acerca das intenções do locutor ao se empregar tais construções, como se pode verificar em, por exemplo, “*Ao Marcos dei um livro*”.

Esse tipo de procedimento está certamente ligado à situação discursiva, não só por transmitir uma dada informação como também por manifestar o envolvimento do locutor, isto é, sua apreciação subjetiva.

Tais estruturas enfáticas reforçam as apreciações em virtude de uma ruptura na organização sintática habitual do enunciado, conforme revela o seguinte caso, em que ocorre *transposição de funções gramaticais*:

(1) INF **O melhor do macarrão** não é o macarrão em si [...].

(INQ081, INF089, p.184, LINHA 287)

→ *O macarrão (não) é o melhor*

Nesse exemplo há uma inversão que faz do adjetivo qualificativo (melhor) o termo principal ao colocá-lo em relevo:



No exemplo (1) tem-se, após a inversão, uma substantivação do adjetivo (*melhor*) que se exprime gramaticalmente pela colocação do artigo antes do adjetivo. Como *melhor* já é um intensificador adjetival, a sua inversão resulta em ênfase intensiva que possibilita intensificar mais ainda, por reforço, a qualidade atribuída ao macarrão.

A ruptura da ordem linear habitual do enunciado supõe uma distinção semântica, uma colocação em relevo do elemento destacado capaz de produzir um reforçamento intensivo por *anteposição do adjetivo no sintagma nominal*, como muito bem ilustram as inversões abaixo transcritas:

- (2) INF Eh... na época daquele... daquele **grande desastre** de abril de setenta e um, daquelas chuvas, a umidade na Bahia chegou a noventa e oito.

(INQ135, INF164, p.145, LINHAS 693-696)

- (3) INF – Muito raro um... um carro desse dar problema. Eu já tive dois e já rodei bastante com os dois que tive e nunca tive a **mínima dor de cabeça** com o carro.

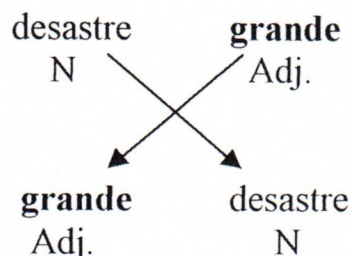
(INQ277, INF354, p.28, LINHAS 125-128)

- (4) INF Então, além do doce, como nós falávamos, de figo, ela faz, também **muito saboroso, licor de figo**.

(INQ081, INF089, p.194, LINHAS 701-703)

Em (2), (3) e (4), a anteposição dos adjetivos intensivos *grande*, *mínima* e *saboroso* reforça mais ainda a sua intensidade, contaminando-os afetivamente, razão pela qual “um *grande desastre*”, “nunca tive a *mínima dor de cabeça*” e “ela faz, também *muito saboroso, licor de figo*” são portadores de uma carga intensiva muito maior do que se

dissesse, respectivamente, “um *desastre grande*”, “nunca tive a *dor de cabeça mínima*” e “ela faz também *licor de figo muito saboroso*”. Isso ocorre porque o deslocamento do adjetivo para o início da frase destaca e, ao destacar, reforça a intensidade expressa por ele, conforme se demonstra no seguinte esquema feito a partir do exemplo (2):



A anteposição do adjetivo no sintagma nominal é o tipo de inversão mais freqüente, dentre as encontradas no *corpus* e está sem dúvida alguma relacionada com o estado emocional do locutor, fato este constatado também por MONTEIRO (1991: 58), para quem há duas possibilidades de posição do adjetivo em português: “Anteposto, carrega-se de noções afetivas. Posposto, situa-se num plano objetivo ou denotativo”. A propósito, diz NEVES (2000: 203) que, “em geral, a anteposição do *adjetivo* cria ou reforça o caráter avaliativo – mais subjetivo – da *qualificação*”.

O terceiro caso de inversão consiste na anteposição do predicativo com ou sem apagamento do verbo de ligação, conforme aparece nos seguintes trechos:

(5) DOC – Hum, ótimo. E pra abrir... (superp)

INF – **Difícil isso!** (superp)

(INQ159, INF203, p.258, LINHAS 859-860)

(6) INF – Eu ach... (rindo) acho **bonito a casaca**.

(INQ159, INF203, p.251, LINHA 599)

Em (5), o enunciado “**Difícil** isso!” é resultado da inversão dos constituintes da construção na ordem direta “Isso é **difícil**” (correspondente ao padrão frasal SUJEITO + VERBO DE LIGAÇÃO + PREDICATIVO DO SUJEITO) com apagamento do verbo de ligação. Tal inversão não só destaca o predicativo como também produz um reforçamento do intensificador nele contido, de forma a se alcançar um significativo aumento da carga sêmica, acentuado mais ainda pela entonação exclamativa.

Em (6), algo semelhante acontece, só que se tem aqui não um *predicativo do sujeito*, como no exemplo anterior, mas sim um *predicativo do objeto* que, a rigor, nada mais é do que resíduo de uma oração de predicado nominal (A casaca é bonita) que se incorpora a outra oração (Eu acho a casaca), de modo que *Eu acho a casaca + A casaca é bonita = Eu acho a casaca bonita*. Sendo assim, ao se dizer “Eu acho bonito (*sic*) a casaca”, não só se destaca um atributo da casaca, para se obter ênfase, como também se obtém um aumento da intensidade, observando que a discordância de gênero entre o substantivo e o adjetivo predicativo é explicável, levando-se em conta não só a inversão do atributo, como também o fato de se tratar da língua falada, que apresenta peculiaridades distintas da língua escrita.

Concluindo, pode-se dizer que os casos de inversão encontrados são, praticamente todos, resultantes da colocação da base adjetiva em relação a um núcleo substantivo a que se refere e com o qual contrai uma relação de dependência unilateral, podendo ser *imediate anteposta*

avaliativa (úteis informações), *imediate anteposta não-avaliativa* (vermelhas flores), *mediata antecipada* (*Distraído*, ele perdeu os livros), etc.

Aqui importa observar que, salvo em relação aos adjetivos demonstrativos, quantitativos e a quase totalidade dos relacionais, ou às expressões cristalizadas, a anteposição do adjetivo cria ou acentua um matiz afetivo. De fato, lendo MARTINEZ AMADOR (1973: 78-79), COHEN (1974: 158-159) e ALCINA FRANCH & BLECUA (1982: 508-510), parece ser consensual a opinião de que a anteposição do adjetivo acentua nele o caráter subjetivo, conotativo e enfático. E, por ser a posposição a ordem normal em português, a anteposição vai se caracterizar como um desvio, como um destaque, como um realce, como uma ênfase; podendo funcionar, dessa forma, como um reforço da intensificação, quando não toma ela própria uma conotação intensiva, a exemplo de “*perfecto* idiota”, citado por MARTINEZ AMADOR (1973: 79), ou quando não muda de significado, como acontece nos seguintes exemplos: “*Pobre* homem” x “Um homem *pobre*”; “Num local *certo*” x “Num *certo* local”.

11.2 POR INSERÇÃO DE UMA EXPRESSÃO ENFÁTICA

As construções sintagmáticas enfáticas com conotação intensiva serão por inserção de uma expressão enfática, quando ocorrer a introdução, dentre outros, de um marcador do tipo *é que* na estrutura sintática, conforme aparece nas seguintes passagens:

- (7) INF – Outros usam... (superp) vamos dizer, quem pertence a algumas... alguns clubes, como o Rotary, tem o escudo do próprio clube, isso em ouro ou em outro metal; pode ser também com uma pedra qualquer. E sempre uma correntinha, né, ligando. Uma parte, em geral, é assim compridinha, lisa, e a outra, então, **é que** é trabalhada.

(INQ159, INF203, p.245, LINHAS 338-344)

- (8) INF No curso de Medicina, **é** o sétimo ano **que** é o pior, né?

(INQ231, INF301, p.172, LINHAS 925-926)

Em (8), observa-se que, inserido no meio do marcador *é que*, aparece o sintagma nominal “o sétimo ano”, evidenciando desse modo a versatilidade de tal marcador, com o destaque incidindo sobre *o sétimo ano* do curso de Medicina.

Marcadores tipo *é que* e similares são expressões enfáticas por inserção com conotação intensiva, denominados *expressões expletivas* (ou *de realce*) pela gramática normativa tradicional, os quais são constituídos, basicamente, pelo verbo *ser* mais *que* (ou *quem*). Mais recentemente, todavia, conforme PERINI (1996: 47), tal fenômeno tem recebido a denominação de *clivagem*², que, conforme foi demonstrado, tem o propósito de tomar uma posição em relação ao *dictum* e, desse modo, influenciar o alocutário, conduzindo-o para uma certa direção escolhida pelo locutor. Em (7), como foi visto, a outra parte da correntinha é *que é trabalhada* (e não esta ou aquela); e, em (8), é o sétimo ano (de Medicina) *que é o pior* (e não o primeiro, o segundo, o terceiro, o quarto, o quinto ou o sexto).

² Palavra oriunda de *clivar*, cujo significado é “partir, fragmentar segundo os planos de clivagem” (CUNHA, 1982: 190), foi tomada para designar, por analogia, o procedimento lingüístico constituído do verbo SER + QUE (ou QUEM) utilizado para pôr em relevo um termo antecedente dito *clivado*.

11.3 POR REPETIÇÃO

As construções sintáticas enfáticas com conotação intensiva serão por repetição, quando a intensificação acontecer em virtude da reiteração do próprio sintagma ou de seus elementos constituintes, podendo tal repetição ser *contígua* ou *não-contígua*.

A repetição referida aqui tem a ver com a *redundância*, mais especificamente com a redundância enfática referida por STAUB & REGUEIRA (1973: 73), que se caracteriza por funcionar como um aumento ou reforço de uma apreciação já intensificada, como é o caso de “pequeninho”, onde há, além de redundância semântica, reduplicação sufixal intensiva; e de “Tenho estudado *muito MESmo*”, em que a intensidade é marcada cumulativamente, pelos intensificadores *muito* e *mesmo*, recebendo ainda, este último, um reforço intensivo mediante um acento de intensidade silábico. Não se confunde, pois, tal redundância, com a que visa neutralizar os ruídos comunicativos, facilitando a decodificação da mensagem, e que, segundo PINILLA (1979: 23) “visa a assegurar às mensagens lingüísticas uma certa imunidade em relação aos meios de transmissão”, o que é característica da linguagem em todos os níveis.

Baseando-se nas estruturas sintáticas enfáticas com conotação intensiva por repetição encontradas no *corpus*, é possível classificá-las em repetição *semântico-formal intra-oracional* (contígua ou não), em repetição *semântico-formal transoracional* (contígua ou não) e em repetição *semântica* (contígua ou não).

As repetições *semântico-formais intra-oracionais* são as mais freqüentes. Limitam-se ao âmbito de uma oração e se subdividem,

principalmente, em *reduplicação* (ou *epizeuxe*) e *diácope*³.

A *reduplicação* se caracteriza pela repetição de uma mesma palavra ou grupo delas numa oração sem outra(s) de permeio, sendo que, dentre as reduplicações existentes, as mais comuns são as do tipo *redobro*, de forma binária, em que a palavra se projeta além de si, como uma sombra, ou como um eco, a exemplo da repetição que ocorre no seguinte trecho:

- (9) INF Não, a neve eu não peguei, é. Tanto que eu não estou falando a neve porque eu não peguei neve, eu peguei aquela n... aquela... eh... eh... neblina quase... compreendeu, **branca, branca**, mas não caía nada de neve. Não peguei.

(INQ135, INF164, p.145, LINHAS 719-723)

Observa-se facilmente o valor intensivo atribuído ao adjetivo *branca*, referindo-se à neblina, de modo que “neblina quase... compreendeu, *branca, branca*”, corresponde a dizer neblina quase... compreendeu, muito branca, branquíssima.

Quanto à triplicação, mais rara, difere da duplicação em termos de grau, visto que, prolongando-se o processo reiterativo por mais tempo, obtém-se mais amplitude de intensificação e sugestão. Exemplo:

- (10) INF Eu vou lhe dizer uma coisa: lá em Paris, encontramos o maior queijo do mundo, uma coisa **linda, linda, linda**.

(INQ081, INF089, p.187, LINHAS 424-426)

³ Salvo exceção, a nomenclatura empregada aqui foi tomada da Retórica, que adota uma terminologia abundante e rebuscada para denominar os diversos tipos de repetição por ela classificados.

De fato, dizer ter encontrado em Paris o maior queijo do mundo, uma coisa *linda, linda, linda*, significa (mais do que uma coisa linda) dizer que o queijo referido é uma coisa lindíssima.

É importante observar que a repetição não é inócua, isto é, a palavra que se repete não é exatamente igual à primeira palavra da série reiterada. Não fosse assim, a repetição num discurso político, por exemplo, não seria um recurso patético, não comoveria ninguém. O certo é que a segunda palavra repetida tem uma carga afetiva que contribui inclusive para modificar a prosódia do vocábulo, sendo pronunciada com mais altura e ênfase; e, a terceira, mais ainda, portadora que é de uma força intensiva maior capaz de atingir o clímax, razão pela qual o sentido da primeira palavra não corresponde ao da última, na série reiterativa *linda, linda, linda*.

Tratando de um caso similar, diz BOUSOÑO (1956: 120-121) que isso se verifica porque o primeiro adjetivo destila, no segundo, boa parte de seu conteúdo; e este, já enriquecido, golpeia, por sua vez, com todo o seu volume aumentado, o terceiro, do qual insufla mais ainda o seu caudal de qualificação. Assim, continua o mesmo autor, “al terminar la serie, el adjetivo postrero se halla denso, pletórico de sustancia heredada”⁴. E, em seguida, reconhece o fato de que o que acontece com o adjetivo vale para toda palavra, pois se alguém diz que, do alto, vê *flores, flores, flores, flores*, o sintagma já não se refere vagamente a *flores*, “sino concretamente a una gran cantidad de ellas, a un inmenso *jardin*”⁵.

⁴ “ao terminar a série, o adjetivo derradeiro se acha denso, repleto de substância adquirida”.

⁵ “senão concretamente a uma grande quantidade delas, a um imenso *jardin*”.

Daí, conclui “que toda reiteración posee virtudes intensificadoras del significado”⁶.

Para LAPA (1965: 109-110), esse tipo de repetição “é um processo estilístico que serve para exprimir, com alvoroço do sentimento, a quantidade ilimitada”, sendo que a “repetição do nome não só dá intensidade à representação, mas ainda a envolve de certo mistério e perturbação afetiva”.

Também, lendo RAMOS (1932: 39), VANNUCCHI (1976: 26), BECHARA (1999: 152) e GONZÁLEZ CALVO (1985: 127), parece ser consensual entre eles a noção de que a reiteração do lexema (mais particularmente do lexema adjetival) tem a função de superlativá-lo, como foi o caso do exemplo (10), referindo-se ao maior queijo do mundo como uma coisa *linda, linda, linda*, equivalente a uma coisa *lindíssima*.

OLIVEIRA (1962: 91) abre uma exceção para a repetição verbal, a qual, segundo ela, “nem sempre é intensiva; tem correntemente valor cursivo, isto é, indica a continuidade da ação”. Depois conclui: “É apenas da simples repetição do adjetivo, do advérbio ou do pronome que ressalta claramente a força intensiva do processo” (*Id.*: 96).

É bem provável que os autores mencionados tenham se limitado apenas à apreciação de uma das funções da repetição, a intensiva. Todavia, não se pode ignorar que a repetição, além de funcionar como recurso modulador da linguagem, pode desempenhar também outras funções, dentre as quais a *textual coesiva* e a *textual formulativa*, ambas estudadas por MARCUSCHI (1992).

Tratando ainda acerca da reduplicação, de notável efeito expressivo é a constituída por um grupo de duas ou mais palavras num

⁶ “que toda reiteración possui virtudes intensificadoras do significado”.

sintagma que, por apresentar peculiaridades próprias, merece destaque, como se pode observar abaixo:

- (11) INF Hoje não, hoje as faculdades estão organizadas sob a forma de institutos e, conseqüentemente, o aluno... o aluno ou o estudante evidentemente já tem... já exerce as suas atividades como estudante **em vários locais, em vários locais.**

(INQ094, INF109, p.205, LINHAS 350-354)

Em vez de apenas uma palavra, tem-se um grupo delas (*em vários locais*) que se repete, desdobrando-se como uma onda sonora, de efeito intensivo tal, que reverbera como um eco: *em vários locais, em vários locais.*

Como facilmente se constata, ao se confrontar uma palavra (ou expressão) com a mesma palavra (ou expressão) o seu conteúdo torna-se espesso, denso, intensivo, tal como uma imagem sobre outra imagem idêntica, ou uma demão de esmalte sobre outra demão de esmalte da mesma cor, capaz de produzir um sintagma ou uma palavra longa que, segundo PIGNATARI (1969: 55), informa mais, exatamente por possuir “maior taxa de informação”.

Tratando agora acerca da *diácope*, ela se caracteriza pela repetição de uma mesma palavra ou grupo delas numa oração com outra(s) de permeio, como se encontra a seguir:

- (12) INF Agora, **muito concorridas**, né, **muito concorridas** as missas.

(INQ100, INF118, p.116, LINHAS 386-387)

A repetição do sintagma (*muito concorridas*) intercalado pelo marcador conversacional (*né*) tem incontestável efeito reforçador, enfáti-

co, razão pela qual dizer “*muito concorridas, né, muito concorridas as missas*”, é mais do que dizer apenas “*muito concorridas as missas*”; observando, contudo, que, apesar de a diácope ter efeito intensivo inegável, o efeito intensivo dela é mais atenuado em relação ao da *reduplicação* e funciona mais como um reforço, como uma reafirmação, salvo exceção, como ocorre no seguinte caso:

- (13) INF Alimentação, então, há **famílias e famílias** que não fazem uso da carne, porque não têm condições de comprar, não é; e o pro... é um produto de primeira necessidade, que vem subindo sempre mais.

(INQ356, INF452, p.273, LINHAS 590-594)

Em virtude de o vocábulo que aparece de permeio na série reiterativa ser uma conjunção aditiva capaz de aumentar a força intensiva da repetição, tem-se nesse caso uma diácope hiperbólica, uma vez que ao se dizer que “há *famílias e famílias* que não fazem uso da carne” corresponde a dizer que há muitas, muitíssimas, inúmeras famílias que não fazem uso da carne. Isso se dá pelo acúmulo de processos intensificadores numa só expressão (tais como a repetição, a conjunção aditiva, a flexão de número), processos estes empregados com uma nítida intenção persuasiva sobre o alocutário, de modo a convencê-lo sobre o estado de penúria de inúmeras famílias diante do aumento do custo de vida.

As repetições *semântico-formais transoracionais* transcendem o âmbito de uma oração e se subdividem em *anadiploses*, *epímones*, etc.

A *anadiplose* consiste em iniciar uma oração repetindo a palavra ou expressão final da oração anterior, como se pode observar no seguinte trecho:

- (14) INF Ah... até agora, eu... agora, digo, nesses dias, eu conheci uma batida de gengibre, que é, não sei se você conhece, é um negócio **delicioso! Delicioso** mesmo.

(INQ081, INF089, p.194, LINHAS 721-724)

Apesar de serem semelhantes, a anadiplose difere da reduplicação pela pausa maior, incisiva, entre os elementos repetidos, a qual pode funcionar como um reforço da intensidade, apesar de haver quem não faça distinção entre uma coisa e outra. É o que ocorre no exemplo acima, já mencionado anteriormente, por ocasião do estudo do intensificador *mesmo*. Aqui, a última palavra da oração “Batida de gengibre é um negócio *delicioso*” é repetida no início da oração seguinte (“*Delicioso mesmo*”) na qual houve apagamento do verbo ser, após ter ocorrido uma pausa incisiva marcada por um ponto de exclamação que vem reforçar o processo intensivo. Trata-se, pois, de uma retomada enfática do fio da meada após uma pausa decisiva com conotação intensiva.

Quanto à *epímone*, é uma repetição difusa de palavra ou expressão nas várias orações de um período, como se tem na seguinte transcrição:

- (15) INF Isso é que é um... um estudante que a gente pode pensar num estudante interessado, um estudante que está ali **sempre** no hospital, no caso do hospital, o do... o estudante está **sempre** no hospital, está **sempre** prestando atenção, **sempre** querendo fazer alguma coisa. Isso é que eu acho que a gente tem que ver o aproveitamento do estudante. Não por nota. Nota é muito relativo.

(INQ231, INF301, p.175, LINHAS 1014-1021)

Discursivamente falando, a repetição de *sempre*, com o sentido intensivo de *sem cessar*, funciona como recurso persuasivo capaz de



caracterizar o estudante interessado, isto é, aquele que está *sempre* no hospital, *sempre* prestando atenção, *sempre* querendo fazer alguma coisa. Trata-se de um recurso eficaz na configuração de isotopias intensivas. E é nesse ponto que a repetição se conflua com a intensificação, se for considerado o fato de que em muitos casos a repetição funciona como recurso reforçador, intensificador, modulador e amplificador da linguagem, que vai variar a depender do estado emotivo do emissor, da sua intenção, e, até mesmo, do seu estilo; o que leva qualquer um a concluir que a repetição tem mais a ver com o estilo ou com a subjetividade dos falantes do que com a gramática, com a Lógica e com a língua como uma realidade abstrata, independente dos seus usuários.

Cabe observar ainda que a repetição intermitente do advérbio *sempre* tem um efeito intensivo e persuasivo incontestável, pela fixação da noção de perenidade de um comportamento caracterizador do bom estudante de Medicina, do estudante interessado, uma vez que o martelar constante de uma idéia tem o poder de penetrar fundo na consciência a ponto de, mesmo após ter ouvido o discurso do locutor, suas palavras continuarem ecoando na consciência do alocutário: "a gente pode pensar num estudante interessado, um estudante que está ali *sempre* no hospital, no caso do hospital, o do... o estudante está *sempre* no hospital, está *sempre* prestando atenção, *sempre* querendo fazer alguma coisa".

Quanto às repetições *semânticas*, consistem na reiteração de palavras ou expressões com sentido igual ou semelhante mas formalmente diferentes, fenômeno este conhecido, respectivamente, por sinonímia ou parassinonímia, a exemplo do que se pode constatar na seguinte passagem:



(16) INF Alguns fazem pesquisa, os que gostam; então, eles fi... entram mais na área da pesquisa; outros **apenas** ficam **somente** na parte clínica...

(INQ231, INF301, p.166, LINHAS 670-672)

Neste caso, a conversa continua girando em torno dos estudantes de Medicina, mencionando que, ao contrário de alguns, “outros *apenas* ficam *somente* na parte clínica”, com o emprego redundante dos reforçadores sinônimos (*apenas* e *somente*) que resulta na atenuação, por restrição, das atribuições dos outros estudantes de Medicina, limitados apenas à parte clínica. A redundância semântica (*apenas* ficam *somente*), além de reforçar uma restrição, contribui para intensificar uma noção.

Refletindo acerca do fenômeno da repetição estudado aqui, nota-se, a princípio, que, muito mais do que o resultado de uma simples hesitação, um vício de linguagem tautológico ou uma indesejável disfluência, ela objetiva muitas vezes imprimir uma imagem na mente mediante o martelar constante de determinadas palavras ou frases para persuadir o receptor da mensagem, envolvendo-o emocionalmente.

Por meio da repetição, os vocábulos adquirem um forte efeito sugestivo, além de serem carregados não só de uma acentuada força emocional *estimulativa* como também semântica, porque ela resulta na multiplicação, ou melhor, na amplificação do signo lingüístico.

Igualmente, como muito bem observou LAMÍQUIZ (1971), *apud* GONZÁLEZ CALVO (1985: 127), “la repetición formal del lexema no sólo subraya, sino que superlativiza lo semántico del semantema”⁷, cabendo observar, todavia, que o autor referido deve estar se refe-

⁷ “a repetição formal do lexema não só destaca, como também superlativiza a significação do semantema”



rindo, é claro, a um tipo específico de repetição, e não a qualquer tipo de repetição.

Finalmente, resta fazer uma observação acerca da repetição de sintagmas frasais, tais como o que se encontra abaixo:

(17) INF – **A sede é muito bonita, é. É muito bonita.**

(INQ100, INF118, p.116, LINHA 371)

Este exemplo é muito expressivo. Referindo-se à sede do clube América, em Salvador, o informante constrói uma sentença intensificada, reafirma o *dictum* com o emprego do verbo *ser*, após uma pausa, para, em seguida, repetir a mesma frase que surge, então, com o sujeito apagado. A natureza subjetiva e o efeito intensivo com propósito persuasivo de tal construção são inevitáveis.

A propósito, oportunas são as palavras de OLIVEIRA (1962: 93), para quem geralmente não há, na repetição do sintagma frasal, superlativação de um dos seus elementos (verbo, adjetivo ou advérbio) em especial. O que acontece é que “todo o conjunto recebe uma acentuação emotiva e, mais do que um processo de intensificação, a repetição da frase é uma maneira de exprimir um estado de alma violentamente afetivo”.

12 LEXIAS COMPLEXAS METAFÓRICAS COM CONOTAÇÃO INTENSIVA

12.1 O TIPO DE ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS

12.2 A IMAGEM ASSOCIADA COMO PRODUTO DE UMA COLETIVIDADE

12.3 A IMPLICAÇÃO DO LOCUTOR E DO ALOCUTÁRIO

Quando da apreciação dos lexemas substantivais, adjetivais e verbais operadores da intensidade, foram apresentados alguns casos de mudança de sentido ligados ao seu conteúdo semântico, isto é, às transferências de sentido capazes de possibilitar a certas unidades lingüísticas o desempenho do papel de operadores de intensidade por deslizamento semântico.

Neste capítulo, o alvo das atenções será a apreciação de lexiemas complexas metafóricas com conotação intensiva, observando, contudo, que seu efeito intensivo se manifesta na situação de enunciação.

A propósito, bem vindas são as palavras de MOSCA (1997: 38) para quem

a grande reformulação na maneira de abordar as figuras de retórica reside no fato de que passam a ser examinadas como *figuras de discurso* e não como figuras de palavras ou construção. São, portanto, figuras de texto, por desempenhar um papel na produção geral de sentido que nele se dá, isto é, participam de um procedimento discursivo de *construção de sentido*.

De fato, o efeito de sentido da linguagem figurada se manifesta no discurso, na enunciação, e, além de veicular informações, serve para expressar emoções do locutor compartilhadas pelo alocutário.

A linguagem figurada (por transferência semântica) se constitui no meio privilegiado de conotação intensiva, que, conforme MALLHEIROS-POULET (1984: 121), “est avant tout une connotation affective car la prise de position du locuteur est beaucoup plus marquée que lorsqu’il utilise une expression dans laquelle l’intensité appartient à la dénotation”¹.

¹ “é antes de tudo uma conotação afetiva, pois a tomada de posição do locutor é muito mais marcada do que a de quando ele utiliza uma expressão na qual a intensidade pertence à denotação”.

A seguir serão apreciados os procedimentos de transferência semântica com conotação intensiva de lexias complexas encontradas no *corpus*, observando-se, porém, que tais procedimentos nada mais são do que intensificadores metafóricos integrados ou não na base, os quais têm como característica o fato de expressarem uma visão global do locutor, levando-se em conta algumas peculiaridades, tais como *o tipo de associação de idéias, a imagem associada como produto de uma coletividade e a implicação do locutor e do alocutário.*

12.1 O TIPO DE ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS

O tipo de associação de idéias das transferências semânticas de lexias complexas com conotação intensiva se define mediante distintas formas de relação, isto é, por *analogia* (1), por *conseqüência* (2), e por *complementação* (3), encontradas, respectivamente, nos seguintes trechos:

- (1) INF Quer dizer, então eu comentei com ele: “Então, se um artista pusesse num quadro um mar nessas... com essas nuances de azul e... e a pessoa que nunca tivesse visto ao natural: ‘Esse mar... não existe um mar **dessa maneira.**’ ” Como tem aqui o pôr-do-sol de Salvador, né, porque eu não conheço coisa igual como tem aqui o... o... o pôr-do-sol de Salvador.

(INQ100, INF118, p.117, LINHAS 423-430)

- (2) INF – “Eu estou com **arrepio de frio.**”

(INQ135, INF164, p.143, LINHA 609)



- (3) INF [...] eu ainda queria lhe dizer melhor, me falhou aqui a memória, mas é usado enormemente o... lá na Rússia, a água-de-coco. Então, para eles, é **de uma preciosidade a toda prova**. Inclusive, eles estão tentando uma maneira de industrializar a água-de-coco e vocês sabem que lá é de... **de uma dificuldade a toda prova**.

(INQ081, INF089, p.193, LINHAS 667-673)

No *primeiro caso*, tem-se uma metáfora intensiva por *analogia*, visto que a estrutura manifesta (não existe um mar dessa maneira) é proveniente de um símile em que elementos da estrutura similar (belo como é belo o mar) foi apagado, como se demonstra a seguir:

- a) Não existe um mar belo (como é belo o mar) **dessa maneira** → Não existe um mar **dessa maneira** (= Não existe um mar *tão belo*).

Trata-se de uma transferência de sentido com intensificador não-integrado (*dessa maneira*) em que se recorre ao mecanismo da imagem associada. A similitude apela para um juízo qualitativo, situando-o numa intensidade maximal. Parafraseando, é como se se quisesse dizer que não existe um mar tão belo quanto é belo o mar em Salvador ao pôr-do-sol.

No *segundo caso*, tem-se uma metáfora intensiva por *consequência*, considerando o fato de ser a estrutura manifesta (eu estou com *arrepio de frio*) semelhante à uma frase consecutiva da qual algum elemento da sua estrutura (*tanto*) foi apagado, como se demonstra a seguir:

- a) Eu estou com arrepio de (tanto) frio → Eu estou com **arrepio de frio** (= Eu estou com *muito frio*).



Esse caso é semelhante ao das lexias complexas variáveis tipo *morrer de fome*, *morrer de sede*, *arrebentar de rir*, *arrebentar de raiva*, etc., de livre curso no português coloquial e que se constituem em metáforas hiperbólicas.

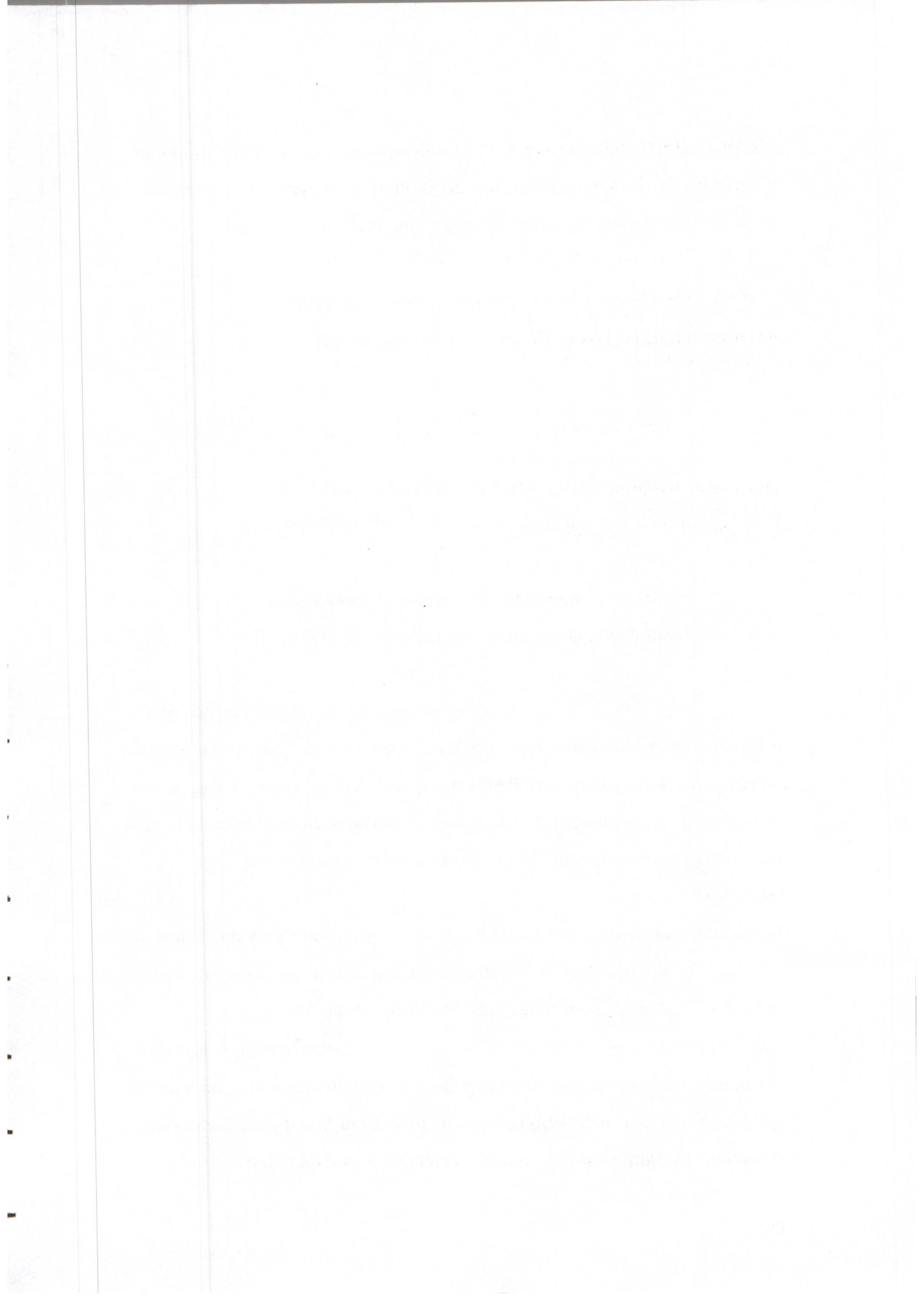
Em (2), ao se dizer que está com *arrepio de frio*, a consequência (*arrepio*) atinge um grau extremo, resultando daí o efeito de intensidade que possibilita a seguinte paráfrase: “Eu estou com *muito frio*”.

No *terceiro caso*, tem-se duas metáforas intensivas por *complementação*, caracterizadas por serem constituídas de duas partes, uma fixa (*a toda prova*) e outra variável (*preciosidade e dificuldade*, respectivamente), com a parte fixa, de valor intensivo, completando a parte variável, como se demonstra abaixo:

- a) Na Rússia, a água-de-coco... é de uma *preciosidade a toda prova* (= muita *preciosidade*)
- b) (Industrializar a água-de-coco na Rússia) é de uma *dificuldade a toda prova* (= muita *dificuldade*)

12.2 A IMAGEM ASSOCIADA COMO PRODUTO DE UMA COLETIVIDADE

A imagem associada como produto de uma coletividade se manifesta em relação a uma série de procedimentos, tais como a *metáfora apagada* (4), o *eufemismo* (5), a *verossimilhança da imagem*



associada (6) e a *conotação de um estatuto sócio-cultural* (7), conforme exemplificam, respectivamente, as seguintes passagens:

(4) DOC – Então, como é que as pessoas reclamam da ação do sol?

INF – Bom, tem pessoas que dizem: “**O sol está de rachar!**”

(INQ135, INF164, p.142, LINHAS 568-571)

(5) DOC – Hum. E normalmente, fora de... fora de sua experiência pessoal, há tratamentos específicos para religiosos?

INF – Creio que “Vossa Reverendíssima”, né?

DOC – Hum. E a chefes de Estado? Isso não é aula de Português não, é que eu (inint) (superp)

INF – Sim. (risos) (superp)

DOC – (inint) (risos)

INF – A chefes de Estado? **Puxa!** “Vossa Excelência.”

(INQ125, INF151, p.74, LINHAS 122-130)

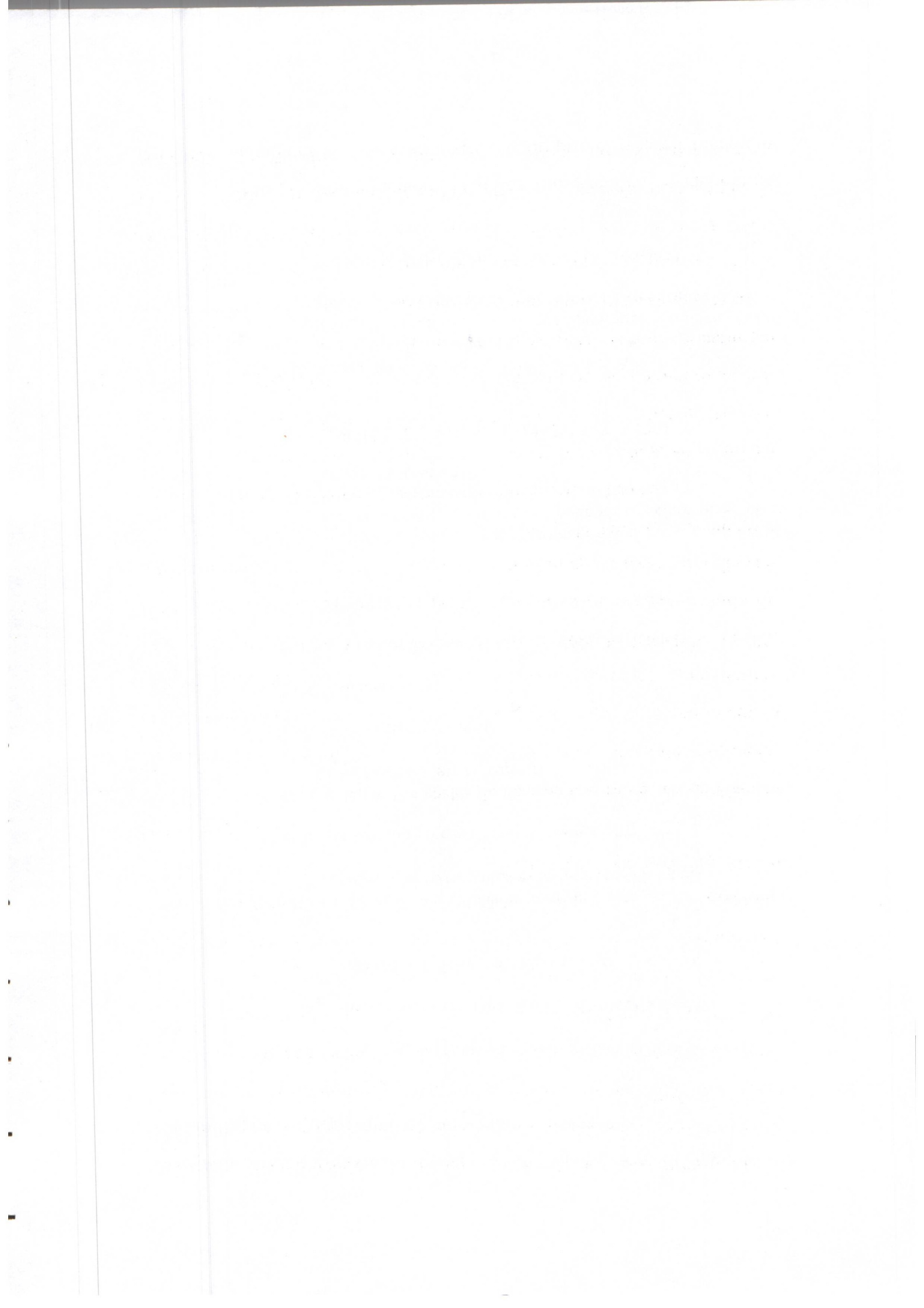
(6) INF – E são as pessoas que constituem realmente **a alma do filme**, né, porque, se um filme... pode ser o melhor possível, se nos au... os atores não forem... não forem bons, então o filme também não será bom.

(INQ138, INF167, p.62, LINHAS 522-526)

(7) INF Agora, toda vez que há o jogo entre o América e o ABC, há **um verdadeiro carnaval** na cidade, né? Eles fazem uma passeata e... automóveis na rua, paralisam o tráfego, vamos dizer... É uma verdadeira... **um verdadeiro carnaval**, né?

(INQ100, INF118, p.115, LINHAS 346-351)

Em (4), no enunciado “O sol está *de rachar!*”, o vínculo associativo da lexia *de rachar* com o seu sentido primeiro (abrir fenda em)



desaparece, e a expressão referida passa a significar *muito intenso, muito forte, muito quente*. Assim, dizer que o sol está de rachar corresponde a dizer que o sol está muito quente, ou muitíssimo quente, visto que nesse caso a intensificação é excessiva, sendo reforçada pela entonação exclamativa frasal. Tal emprego metafórico se lexicaliza pelo uso que dele faz uma coletividade lingüística, não mais restando, na etapa final do processo, um sentido conotado, mas sim um sentido denotado que aparece também em “uma fome *de rachar*”, “um calor *de rachar*”, etc. Aí, então, a expressão, inicialmente metafórica, passa a catacrética, por desgaste ou apagamento.

Em (5), ao ser perguntado pelo documentador acerca do tratamento que recebe chefes de Estado, o informante, antes de responder, faz um esforço de concentração para encontrar a resposta reagindo com a interjeição intensiva “Puxa!”, reforçada pela entonação exclamativa. Tomando por base o que acerca de *puxa* revela FERREIRA (1975: 1161), isto é, como sendo uma possível *forma eufemística* oriunda do espanhol *puta*, então, neste caso, tem-se uma imagem associada desviada, porque a comunidade lingüística (movida pelo tabu de decência) a rejeita. Daí a interjeição *eufêmica* resultante: Puta! → Puxa!

Em (6), a verossimilhança da imagem associada, ao se referir às pessoas como sendo realmente a *alma do filme*, não é necessária. Ao contrário, depende do consenso entre os membros da comunidade lingüística. De fato, ao se dizer que “são as pessoas que constituem realmente a *alma do filme*”, pressupõe-se que tanto as pessoas quanto o filme têm alma. Há, pois, inverossimilhança da imagem associada, já que *alma* possui o sema /humano/ enquanto *filme* possui o sema /não-humano/, sendo ambos incompatíveis. Ocorre, todavia, outro tipo de associação ligado à função da alma (ser a essência mesma das pessoas).



Conseqüentemente, alma do filme tem, metaforicamente, no trecho objeto de apreciação, o sentido de *muito importante*, razão pela qual considerar as pessoas a alma do filme é considerá-las muito importantes, a coisa mais importante do filme.

Em (7), no sintagma “um *verdadeiro carnaval*”, a imagem associada (muita desordem) conota o estatuto sócio-cultural, o conceito que a sociedade tem do carnaval, razão pela qual dizer que toda vez que há o jogo entre o América e o ABC há um *verdadeiro carnaval* corresponde a dizer que toda vez que há o jogo entre o América e o ABC há muita desordem, muita confusão. Tal lexia faz referência a uma noção reconhecida por uma coletividade, a de que no carnaval há confusão, bagunça, desordem. O efeito de sentido resultante é intensivo, com o propósito inequivocamente persuasivo.

12.3 A IMPLICAÇÃO DO LOCUTOR E DO ALOCUTÁRIO

A linguagem figurada é pessoal, expressiva e viva, razão pela qual funciona não só como instrumento revelador das emoções mas também da criatividade do alocutário, conforme se viu claramente no exemplo (1), em que o informante, referindo-se à beleza do pôr-do-sol em Salvador, diz, peremptoriamente, não existir um mar dessa maneira, semelhante ao mar de Salvador. Isso evidencia como um estado emocional particular de alguém que aprecia muito um pôr-do-sol à beiramar em Salvador pode contaminar emocionalmente o seu discurso, sendo a intensificação o veículo por excelência de tal subjetividade.



Quanto à implicação do alocutário, cabe esclarecer que, se, por um lado, um dos aspectos do caráter argumentativo dos intensificadores é o desejo do locutor de compartilhar suas emoções com o alocutário, por outro lado, para a captação sem equívocos da mensagem transmitida pelo locutor se requer competência para decifrá-la. Isso pode ser exemplificado no seguinte trecho:

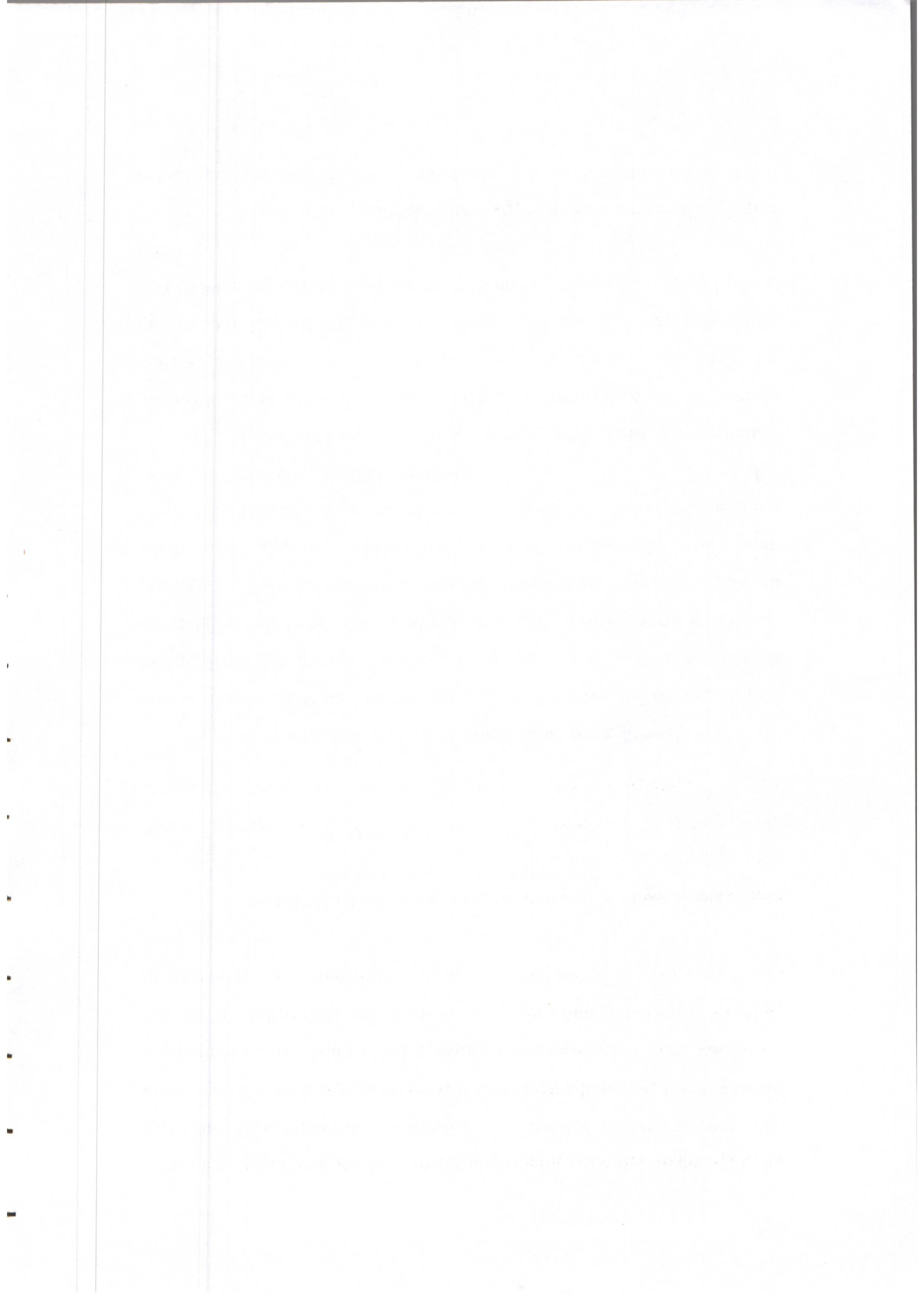
(8) INF – Não conhecia ainda Natal. E vim, e adorei aquela cidade, sabe? É uma coisa **fora de série**, né?

(INQ100, INF118, p.107, LINHAS 7-8)

O informante considera Natal uma coisa *fora de série*, em que o sentido da lexia grifada (*fora de série*) deve ser distinguido da mesma lexia que aparece em “Toda produção *fora de série* das empresas de Natal é reciclada”. Nesse último emprego, *fora de série* quer dizer produção em escala restrita e segundo padrões próprios, diferente do exemplo (8), que tem o sentido de *incomum, excepcional, muito bom*. Por conseguinte, dizer ser Natal uma cidade fora de série corresponde a dizer que Natal é uma cidade muito boa.

Fora de série assume, pois, neste caso, um sentido metafórico com conotação intensiva que, resultando do efeito de sentido que as palavras assumem na própria interlocução, não deve ser interpretado literalmente pelo alocutário; caso contrário, não conseguirá apreender a riqueza de sentido encontrada em expressões desse tipo no texto.

Concluindo, pode-se dizer que a apreciação das lexias complexas metafóricas com conotação intensiva revelam não só a



fecundidade de tais dispositivos como também a sua expressividade manifestada na língua viva, na boca do povo.

A propósito, tem razão CARVALHO (1999: 85) ao reconhecer “que a finalidade das metáforas na feira, no cotidiano, não é estética. É reforço da expressão para argumentar com os outros”, ao contrário do que ocorre na obra literária, em que a metáfora tem finalidade artística.

Conseqüentemente, as lexias complexas metafóricas com conotação intensiva têm uma força ilocutória bastante acentuada, o que lhes possibilita funcionar como operadores pragmáticos da linguagem por excelência, dentre outros existentes na situação enunciativa.



13 ESTRUTURAS COMPARATIVAS COM CONOTAÇÃO INTENSIVA

- 13.1 POR REPETIÇÃO OU ACUMULAÇÃO DO ELEMENTO
COMPARANTE
- 13.2 PELO EMPREGO DO COMPARATIVO DE IGUALDADE
- 13.3 PELO EMPREGO DO COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE
- 13.4 PELO EMPREGO DO SUPERLATIVO RELATIVO

Entende-se aqui por *estrutura comparativa com conotação intensiva* um tipo de estrutura sintática com intensificador não-integrado à base, capaz de acrescentar um sema de intensidade modificador da substância sêmica sem alterar o sentido do signo modificado, isso ocorrendo dentro de uma construção na qual a intensidade resulta não propriamente do confronto entre o *comparado* e o *comparante* separados comumente pelo *nexo comparativo*, mas sobretudo pelo efeito de sentido intensivo manifesto numa determinada situação enunciativa.

Dentre outros detalhes que serão apreciados, não se pode deixar de reconhecer que uma estrutura comparativa se caracteriza ainda por expressar uma *visão relativa* do locutor e, ao contrário de todos os processos de intensificação estudados até aqui, por adotar um procedimento de intensificação *por relação* capaz de pôr em relevo estruturas correlativas.

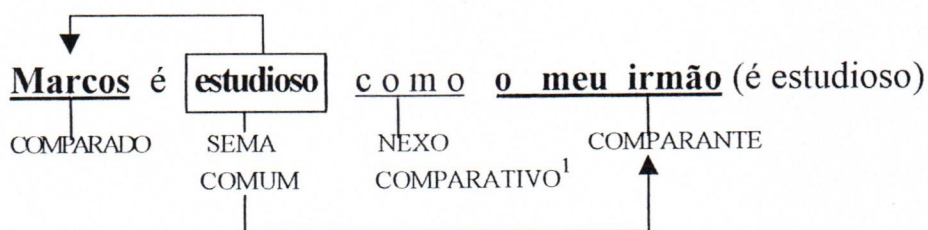
A estrutura comparativa pode, em decorrência de suas próprias características, ser por *desigualdade* (para mais ou para menos) ou por *igualdade* (equivalência). Daí a tradicional classificação em *comparativo de superioridade*, *comparativo de inferioridade* e *comparativo de igualdade* para o impropriamente denominado *grau comparativo*.

Como a estrutura comparativa expressa uma comparação, necessário se faz definir bem o que vem a ser isso.

CÂMARA Jr. (1978) entende por *comparação* a “uma construção sintática de dois membros, em que um é posto em cotejo com outro, definindo-se em função do que se sabe desse outro”.

Diz MARTINS (1967: 179) ser a comparação o “confronto entre dois seres ou grupos de seres, duas qualidades, estados ou ações”. Sendo assim, a forma clássica da comparação compreenderia o *comparado*, o *sema comum*, o *nexo comparativo* e o *comparante*, visualizáveis

no seguinte exemplo:



Mas, para que a comparação seja de fato intensiva, é necessário que o comparante (o meu irmão) possua uma carga intensiva, e que tal intensidade se constitua num sema comum aos dois termos referidos (**Marcos** e **o meu irmão**). É nisso que reside a força de intensidade incorporada no comparado, porque se o comparante (o meu irmão) for nem muito nem pouco estudioso não haverá, nesse caso, nenhuma intensificação.

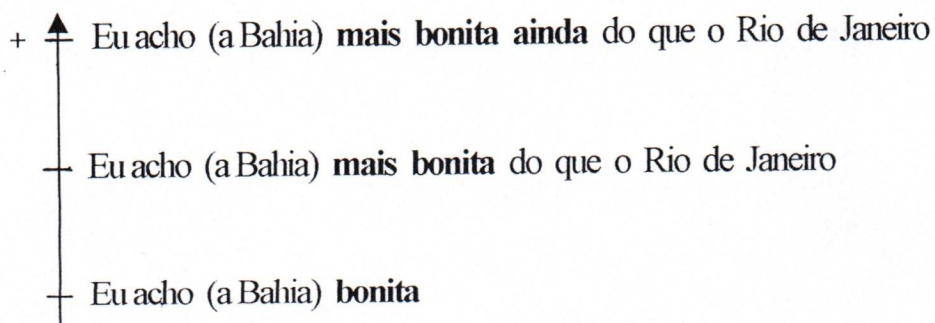
Em outras palavras, uma construção comparativa será de fato intensiva desde que possua um elemento **A** (denominado comparado) portador de uma qualidade intensiva em relação à do elemento **B** com o qual se relaciona (denominado comparante); observando-se nessa relação que se, por exemplo, o elemento **B** for considerado possuidor de alto grau de uma determinada qualidade, o elemento **A** passa a possuí-la em grau elevado também ou mais elevado ainda. É o que se constata observando a estrutura comparativa encontrada no seguinte trecho:

¹ O nexos comparativo pode ser expresso por verbos, adjetivos ou locuções da área semântica do confronto, como é o caso de “Ele caminha *direitinho* o pai” e “Ficou alegre *exato* um palhaço”, além das costumeiras conjunções ASSIM COMO, TAL COMO, TANTO COMO, TAMBÉM COMO, TÃO/TANTO... QUANTO, QUAL, TAL, TAL QUAL, TAL... TAL, TAL E QUAL, TALEQUAL, TALQUALMENTE, QUE NEM, NEM, FEITO, ASSIM FEITO, MESMO QUE etc.

- (1) INF Bom... eh... pra mim, a Bahia é a cidade mais linda do mundo! **Eu acho mais bonita ainda do que o Rio de Janeiro**, porque o Rio de Janeiro tem muita coisa artificial, feita pelo homem, não é, enquanto que Salvador, não [...].

(INQ100, INF118, p.117-118, LINHAS 437-441)

Em “Eu acho (a Bahia) mais bonita ainda do que o Rio de Janeiro”, o efeito de sentido na situação de enunciação é hiperbólico, dado sobretudo pelo termo comparante (Rio de Janeiro). Isso se explica não só pela fama de cidade linda que o Rio de Janeiro tem como também pela opinião consensual dos que a conheceram de que o Rio de Janeiro possui de fato a qualidade da beleza em alto grau, razão pela qual recebeu os epítetos laudatórios de *Belacap* e de *Cidade Maravilhosa*. Dizer, por conseguinte, que a Bahia é mais bonita ainda do que o Rio de Janeiro, corresponde a dizer que a Bahia é extremamente bonita, entendendo-se por Bahia, é claro, à cidade de Salvador, nome pelo qual é mais conhecida. Cabe observar, contudo, que o emprego do reforçador (*ainda*) contribui sobremaneira para amplificar a noção de beleza da cidade da Bahia, já hiperbolizada sem ele, e, conseqüentemente, para persuadir o alocutário, conforme se demonstra a seguir:



Nesse caso, o comparativo de superioridade, acompanhado do reforçador (ainda), provoca uma amplificação capaz de conotar a intensificação de uma apreciação (a beleza da cidade) por ultrapassagem do grau médio.

Sobre a construção comparativa, ALCINA FRANCH & BLECUA (1982: 582) diz que ela “es una sobreestrutura montada sobre el adjetivo mediante la cual se fija la intensidad con que se da el adjetivo por contraste con un término que se llama segundo término de la comparación”². E acrescenta, mais adiante: “El adjetivo constituye la *base* de la comparación y actúa de primer término de la comparación. Va acompañado de un *intensivo*, [...], según que en la comparación se subraye la *superioridad, inferioridad o igualdad*”³.

Ao tratarem da comparação, CUNHA & CINTRA (1985: 247) observam que ela pode indicar que um ser possui determinada qualidade em grau superior, igual ou inferior a outro ser (João é mais alto do que Antônio) ou que num mesmo ser determinada qualidade é superior, igual ou inferior a outra que possui (João é mais apressado do que pontual). São os mesmos autores que, confundindo *grau* com *processo*, cometem o equívoco terminológico, comumente aceito pela gramática tradicional, com o patrocínio da Nomenclatura Gramatical Brasileira, de afirmar serem “dois os GRAUS do adjetivo: o COMPARATIVO e o SUPERLATIVO”. Ocorre, porém, conforme já foi elucidado, que o *superlativo* não se constitui num tipo de grau, por ser apenas um intensificador destituído de tal sema; e muito menos o *comparativo*, por ser a compara-

² “é uma sobreestrutura estabelecida sobre o adjetivo através da qual se manifesta a intensidade por ele expressa, em contraste com o que se denomina segundo termo da comparação”.

³ “O adjetivo constitui a *base* da comparação e atua como primeiro termo dela. É acompanhado de um *intensivo*, [...], conforme se pretenda sublinhar na comparação a *superioridade, inferioridade ou igualdade*”.

ção um processo sintático através do qual se manifestam os graus relativos (*superior, médio e inferior*) e não propriamente um tipo específico de grau denominado *comparativo*, como se verá na análise que adiante se fará dos exemplos retirados do *corpus*.

Por outro lado, diz MARTINS (1967: 179), com muita propriedade, que a comparação “serve não só para tornar mais claras e precisas as idéias para as quais não encontramos uma definição ou descrição satisfatória, como também para imprimir mais ênfase, vigor, graça, colorido, pitoresco ou originalidade aos fatos que desejamos transmitir”.

Além disso, não se pode ignorar o fato de que na estrutura comparativa a noção de aspecto pode estar também presente, a exemplo da frase “Ele estava ficando cada dia mais magro”, onde se tem aspecto *imperfectivo cursivo* numa construção do tipo *comparação progressiva*. A propósito, ver MARTINS (1967: 194-195), para quem a comparação progressiva é uma construção muitíssimo usada.

Pelo exposto torna-se evidente o fato de que esta pesquisa se limitou a apreciar apenas as estruturas comparativas que, além de estabelecerem, denotativamente falando, relações de superioridade, inferioridade ou igualdade entre os elementos que se comparam, expressam também uma conotação intensiva na situação de enunciação, estruturas estas possíveis de serem sistematizadas em estruturas conotativas com conotação intensiva por *repetição ou acumulação do elemento comparante*, pelo *emprego do comparativo de igualdade*, pelo *emprego do comparativo de superioridade* e pelo *emprego do superlativo relativo*, como se verá a seguir.

13.1 POR REPETIÇÃO OU ACUMULAÇÃO DO ELEMENTO COMPARANTE

A repetição ou acumulação do elemento comparante consiste, como o próprio título informa, na reiteração de um dos componentes da estrutura comparativa denominado comparante, através da qual se obtém um evidente efeito intensivo, conforme se encontra destacado no seguinte trecho:

- (2) INF Um avião pequeno, ele pousa em qualquer lugar [...]. Compensação, o avião grande, ele é bem mais seguro, tem muito mais alternativa, mas não pousa... hum... a não ser em pistas relativamente grandes. **Mas é o meio de transporte mais rápido, mais seguro, mais tranquilo.** Na minha opinião, o melhor dos... de todos os meios de transporte.

(INQ277, INF354, p.39, LINHAS 588-598)

Nesse caso, embora se tenha uma estrutura comparativa que, denotativamente falando, conforme revela HERNÁNDEZ ALONSO (1992: 440), apenas estabelece uma correlação semântica entre dois elementos da cadeia que, por si só, isoladamente, não intensifica; ao se afirmar que o avião grande é o meio de transporte mais *rápido*, que o avião grande é o meio de transporte mais *seguro* e que o avião grande é o meio de transporte mais *tranquilo* (do que os demais meios de transporte), o efeito de sentido resultante daí é o de intensidade. Isso se dá devido ao fato de o avião grande possuir cumulativamente qualidades em grau mais elevado do que as dos demais aviões, que são a *rapidez*, a *segurança* e a *tranqüilidade*, fato este comparável, metaforicamente falando, a várias demãos de tinta que se dá sobre um objeto com o propósito de escurecê-lo mais ainda, aumentando-lhe a tonalidade cromática. A

propósito, ver as construções sintagmáticas com conotação intensiva por repetição, já apreciadas no Capítulo 11.

Concluindo, é plausível, então, se dizer que o enunciado “avião grande [...] é o meio de transporte *mais rápido, mais seguro, mais tranqüilo*” tem o sentido de *avião grande é um meio de transporte muito bom, excelente*. Tal estrutura comparativa com acumulação do elemento comparante traduz, pois, uma certa visão da noção de grau elevado da parte do locutor, como resultado de uma conotação intensiva. É claro que, ao lançar mão de tal mecanismo lingüístico, o informante, consciente ou inconscientemente, evidencia a intenção de influenciar o alocutário, movendo-o a aceitar o avião grande, a reconhecer que o avião grande é um veículo de transporte muito bom e que, por conseguinte, deve merecer a primazia e a preferência sobre os demais meios de transporte.

13.2 PELO EMPREGO DO COMPARATIVO DE IGUALDADE

O comparativo de igualdade se opõe ao comparativo de desigualdade e, como toda comparação, “es una correlación, sobre una base o criterio, entre dos términos, el segundo de los cuales funciona como nexus adyacente del cuantificador que lleva el primero”⁴ (HERNÁNDEZ ALONSO, 1992: 132).

Sobre tal construção vale a pena consultar VOGT (1977: 63),

⁴ “é uma correlação entre dois termos aplicada a uma base (ou juízo de valor) na qual o segundo funciona como elo contíguo do quantificador que incide sobre o primeiro”

para quem “é preciso levar ainda em conta [...] a própria ambigüidade argumentativa da estrutura”. De fato, tomando-se por exemplo o enunciado “Valmir é *tão* inteligente *quanto* Agnaldo”, é impossível saber se Valmir tem um QI alto, baixo ou médio sem conhecer o grau de inteligência do comparante (Agnaldo).

Por conseguinte, em razão de nem todo comparativo de igualdade possuir sentido intensivo por si mesmo, importa apreciar apenas os que assumem conotação intensiva em determinados contextos, como ocorre com o que aparece na seguinte passagem:

(3) INF – Eu devo lembrar a vocês uma coisa interessante, vocês já devem ter provado o doce de tomate. É uma delícia! Minha irmã, inclusive, faz doce de tomate cristalizado. E **é também tão bom quanto o outro**. Doce de tomate cristalizado. (superp)

DOC – Além do cristalizado, (superp) ela prepara de outro modo o doce de tomate?

INF – Em calda. Aliás doce de tomate em calda e ainda aquele doce batido, ela chama doce batido, sem calda, mas ele fica pastoso... hã... pastoso, não é de cortar.

(INQ081, INF089, p.192, LINHAS 609-619)

Neste exemplo observa-se que o informante, ao comunicar que o doce de tomate cristalizado é tão bom quanto o outro, isto é, quanto o outro tipo de doce de tomate (em calda ou batido), não tem a intenção apenas de comunicar aquilo que, segundo TULLIO (1997: 339-340), seria precisar “el grado de una magnitud [...] a lo largo de una escala con referencia a un punto tomado como norma”⁵ e que corresponde

⁵ “o grau de uma magnitude [...] ao longo de uma escala com referência a um ponto tomado como padrão”

à equivalência qualitativa do doce de tomate cristalizado com o doce de tomate em calda (ou batido). A intenção do informante exorbita o sentido denotativo de equivalência, típico de uma estrutura comparativa de igualdade, para conotar intensidade. Realmente, se o doce de tomate (em calda ou batido) é uma delícia e se o doce de tomate cristalizado é tão bom quanto o outro (em calda ou batido), então, o raciocínio lógico que resulta dessas duas premissas só pode ser o de que o doce de tomate cristalizado é uma delícia também, o que, em outras palavras significa dizer que é excelente, que é muito bom. Logo, dizer que o doce de tomate cristalizado é tão bom quanto o outro (doce de tomate em calda ou batido) corresponde a dizer que o doce de tomate cristalizado é excelente.

Tal procedimento evidencia que o comparativo de igualdade pode assumir, dentre outros, um sentido superlativo. Aqui, inequivocamente, com o propósito argumentativo de exaltar as qualidades do doce de tomate cristalizado. Ocorre, então, que “la significación literal es de igualdad o semejanza entre los elementos relacionados, aunque el sentido no es de comparación”⁶, conforme revela GONZÁLEZ CALVO (1985: 139) ao analisar um caso similar.

13.3 PELO EMPREGO DO COMPARATIVO DE SUPERIORIDADE

Examinando os comparativos de superioridade encontrados no *corpus* percebe-se que a maioria deles se limita a estabelecer uma

⁶ “a significação literal é a de igualdade ou semelhança entre os elementos relacionados, mesmo que o sentido não seja de comparação”

correlação semântica entre o comparante e o comparado, o que vem confirmar a opinião de HERNÁNDEZ ALONSO (1992:440) a esse respeito, segundo a qual tais estruturas comparativas não quantificam por si mesmas “el contenido de la forma básica”⁷. Portanto, dizer, por exemplo, que *Mário é melhor do que Marcelo* não implica asseverar que a bondade de Mário haja aumentado ou seja maior do que quando se afirma simplesmente que ele é bom. Apenas se estabelece com tal estrutura comparativa uma relação entre dois elementos sobre a base da bondade.

Todavia, não se pode negar que alguns comparativos de superioridade podem adquirir uma conotação intensiva, fato este observável quando correspondem a uma dupla perspectiva (*extensão maximal X extensão minimal*), conforme revelam os seguintes trechos:

- (4) INF – Bom, (superp) avião, em princípio, me parece o meio de transporte mais seguro, inclusive, porque **é mais difícil o camarada ser um comandante de jato do que se formar pela universidade.**

(INQ277, INF354, p.39, LINHAS 576-579)

- (5) INF Bom, sobre pães, inclusive, eu lhe digo outra coisa interessante: que nós temos na Itália um pão bem grande, aquele pão é servido, assim, no centro da mesa e ele é cortado... – vocês devem ter visto isso também muito aí em cinema, se é que não foram por lá ainda, que eles pegam o pão, juntam aqui assim e cortam, porque o pão é um pouco duro, não sabe, a massa é meia grossa e sustentam aqui e cortam; aquilo é verídico, é verídico. Bom, claro que num restaurante mais sofisticado, na Itália, você não faria isso, porque também eles sofisticam mais o servir. Mas, geralmente, em casa de família, **isso é mais do que comum.**

(INQ081, INF089, p.188, LINHAS 448-460)

⁷ “o conteúdo da forma básica”.

- (6) INF Bem, mas falando em outras bebidas alcoólicas, citaremos, assim, uísque, que, pra mim, nessas bebidas alcoólicas... logicamente, deixando-se um pouco de lado a batida, que eu acho que **não tem mais nada saboroso**, mas em doses, em doses pequenas, porque geralmente essas batidas me deixam muito abatida... (rindo)

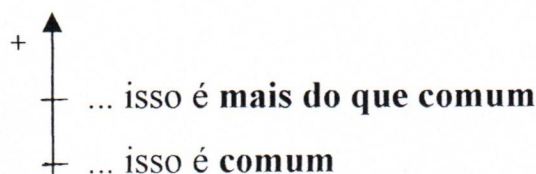
(INQ081, INF089, p.194-195, LINHAS 724-730)

Tanto em (4) quanto em (5) ocorre que as estruturas comparativas com conotação intensiva resultam do *efeito de extensão maximal dado ao termo comparante*, razão pela qual, estando ligadas a uma visão generalizante, seria válido denominá-las comparações hiperbólicas.

Em (4), a conotação intensiva resulta de uma *expressão de alto grau* dada pelo termo comparante (se formar pela universidade), apresentando, assim, características típicas da superlativação, similares às de certas construções, comumente encontradas na conversação coloquial, do tipo “você está mais por fora do que umbigo de vedete” com o sentido de *você está muito por fora* ou *você não entende nada*. Nesse caso, dizer que é mais difícil o camarada ser um comandante de jato do que se formar pela universidade significa dizer que é muito difícil ser um comandante de jato, levando-se em conta o consenso que se tem acerca da dificuldade de se concluir um curso universitário no Brasil, dificuldade esta acentuada pelo obstáculo do vestibular que, por eliminação dos menos aptos, frustra muitos aspirantes ao ingresso na universidade de concretizar tal desejo.

Já em (5), a conotação intensiva resulta de uma *expressão de valor absoluto*. Nesse caso, o comparativo de superioridade provoca uma amplificação capaz de conotar a intensificação de uma apreciação por ultrapassagem da norma ou do grau médio, razão pela qual dizer que “isso (de na Itália um pão bem grande ser servido, assim, no centro da

mesa) é mais do que comum” é o mesmo que dizer que isso é muito comum, comuníssimo, conforme se ilustra abaixo:



Mais do que admite ser parafraseado pela expressão *pra lá de* (isso é pra lá de comum) onde o sema de ultrapassagem está presente. Em casos como esse, a amplificação da intensidade é tal que vai além mesmo do alto grau, o que vem confirmar a posição firmada por MALLEIROS-POULET (1984: 148) segundo a qual “ce procédé d’intensification prouve que la notion de haut degré est relative, car elle peut toujours être dépassée selon les intentions du locuteur, elle est donc liée à la notion d’échelle argumentative”⁸.

Por outro lado, no exemplo (6) constata-se que a estrutura comparativa com conotação intensiva resulta do *efeito de extensão minimal*, por anulação do termo comparante. Assim, como tal estrutura comparativa está ligada a uma visão particularizante, seria válido dizer que ela traduz uma noção singularizante. Isso se explica porque a estrutura comparativa comporta sempre (explícita ou implicitamente) dois elementos da comparação (o elemento comparante e o elemento comparado) e, nesse caso, a negação anula um deles. De fato, ao se dizer que não tem mais nada saboroso (do que batida), a negação impossibilita a comparação. E é a impossibilidade de comparação que torna o termo

⁸ “esse procedimento de intensificação prova que a noção de alto grau é relativa, pois pode ser sempre ultrapassada segundo as intenções do locutor, estando então ligada à noção de escala argumentativa”.

comparante (batida) único, singular, sendo tal noção de singularidade que produz a conotação intensiva. Daí a estrutura comparativa “Acho que não tem mais nada saboroso (do que batida)” ser parafraseável por “Acho a batida *saborosíssima*” ou “Acho que não há *coisa igual*, em termos de sabor, do que a batida”.

Concluindo a apreciação dos comparativos de superioridade, resta reconhecer que um mesmo tipo de expressão comparativa pode aparecer ligado tanto à visão *generalizante* quanto à visão *particularizante*, como se ilustra abaixo:

- a) **Batida é a melhor (bebida) que há** → Comparação hiperbólica
- b) **Não tem mais nada saboroso (do que batida)** → Singularidade

Este último caso, dotado de um elevado grau de expressividade e argumentatividade transmitido pela noção de singularidade, assemelha-se não só com o emprego do *artigo* como operador da intensidade, visto no Capítulo 9, como também com a falsa *interrogação polêmica* do tipo *Você já viu cidade mais suja do que esta?*, cujo efeito intensivo de sentido só ocorrerá se o alocutário perceber que o locutor não espera uma resposta afirmativa.

13.4 PELO EMPREGO DO SUPERLATIVO RELATIVO

O superlativo relativo é comumente conhecido como um tipo especial de comparativo de superioridade. Na realidade, o *superlati-*

vo (Ele é o mais estudioso da turma) não indica um grau superior ao do *comparativo* (Ele é mais estudioso do que João e Maria), mas sim o mesmo grau em outra perspectiva. Nos dois casos houve comparação, mas, no primeiro, o resultado é dado em relação à *turma toda*, enquanto que, no segundo, em relação a *João e Maria*. Portanto, o que se denomina *superlativo relativo* nada mais é do que um comparativo mais extenso, isto é, um comparativo de superioridade *absoluto* ou *total*, distinto dos outros, que seriam *parciais*. Essa é também a opinião de MELO (1978: 72), SILVA (1973: 62) e ALCINA FRANCH & BLECUA (1982: 583).

Alertando para a inconveniência da nomenclatura, CÂMARA Jr. (1978: 131) esclarece que “os comparativos de superioridade e inferioridade total são chamados impropriamente SUPERLATIVOS RELATIVOS, porque em latim tinham o mesmo sufixo que os superlativos propriamente ditos, chamados, por isso, *absolutos*”. E termina a sua apreciação citando como exemplo “*felicissima matrum*” que, traduzido, significa *a mais feliz das mães*.

VANNUCCHI (1976: 64-66), ao negar a existência do superlativo relativo, revela que o determinante *o*, colocado na estrutura superficial, antes de *mais*, nada tem a ver com o intensificador. E acrescenta: “Na realidade, ele está anteposto a um substantivo, que existe na estrutura profunda e que foi omitido, por desnecessário, na estrutura superficial” (*Id.*: 65). Para ilustrar, cita como exemplo “João é o *aluno* mais alto de todos os alunos da classe” em que o substantivo *aluno* pode ser suprimido, por já estar superficializado à direita: “João é o mais alto de todos os alunos”.

Todavia, é importante observar que sempre o denominado *superlativo relativo* funciona como uma frase comparativa. Segundo

OLIVEIRA (1962: 194-195), “quando o termo da comparação é demasiado vasto e perde o seu valor real, deixa de haver comparação e, o superlativo relativo passa a ser absoluto”. É o que se pode constatar lendo os exemplos citados por ela: “Isto é a carta mais descabida *do mundo!*” (*Id.*: 195). “É, [...], um dos mais belos filmes *de todos os tempos!*” (*Id.*: 197). “[...] era a coisa mais dinâmica *que há!*” (*Id.*: 198). “Este pregado de mangas é *o mais moderno possível!*” (*Id.*: 200). Mais adiante a mesma autora esclarece que

sempre que se apaga o sentido da composição, toma o primeiro plano o papel de superlativo e ele é então um verdadeiro intensificador. Quando é que este sentido de relatividade enfraquece, indicam-no o contexto e as formas empregadas. Por vezes é difícil saber, na língua escrita, se o autor tinha em mente a intenção de comparar ou a de intensificar, ou as duas (*Id.*: 202).

Sistematizando as estruturas comparativas com conotação intensiva pelo emprego do superlativo relativo encontradas no *corpus*, é perfeitamente possível reuni-las em *três grupos*, todos eles contendo expressões por comparação com um conjunto não-mensurável. No primeiro grupo, tem-se superlativos relativos nos quais *um elemento, por suas qualidades ou por uma qualidade, se destaca dos outros elementos de um mesmo conjunto*; no segundo, superlativos relativos *expressos por comparação com um conjunto não-mensurável cuja idéia do conjunto é alargada*; e, no terceiro, superlativos relativos *expressos por comparação com um conjunto não-mensurável cuja idéia do conjunto é amplificada ao máximo*, conforme se pode constatar, respectivamente, nas seguintes transcrições:

- (7) INF – Orvalho. Mas o orvalho... isto... precipitação que se tem diariamente à noite, principalmente, em lugar úmido como na Bahia, porque **a Bahia é um dos lugares mais úmidos do Brasil.**

(INQ135, INF164, p.145, LINHAS 689-692)

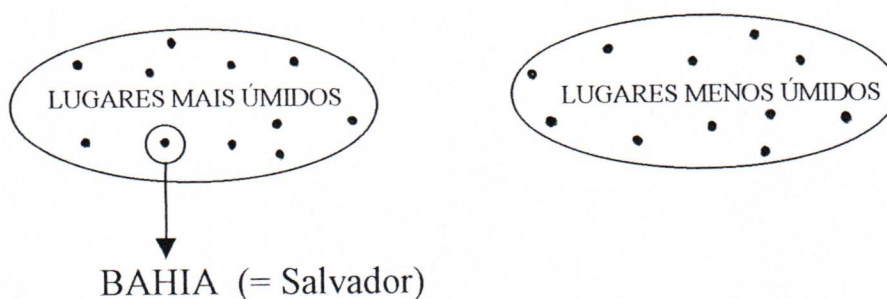
- (8) INF Compensação, o avião grande, ele é bem mais seguro, tem muito mais alternativa, mas não pousa... hum... a não ser em pistas relativamente grandes. Mas é o meio de transporte mais rápido, mais seguro, mais tranquilo. Na minha opinião, **o melhor dos... de todos os meios de transporte.**

(INQ277, INF354, p.39, LINHAS 592-598)

- (9) INF Bom... eh... pra mim, **a Bahia é a cidade mais linda do mundo!**

(INQ100, INF118, p.117, LINHAS 437-438)

Em (7), há um jogo comparativo mais complexo, com um elemento em destaque, que pode ser ilustrado através do seguinte gráfico:



Aqui, um elemento (Bahia) por sua qualidade (ser úmida) se destaca dos outros elementos do mesmo conjunto, isto é, dos outros lugares do Brasil portadores da mesma qualidade (a umidade). Portanto, a

Bahia tem valor de elemento em destaque dentre os lugares mais úmidos do Brasil, de modo que dizer ser a Bahia um dos lugares mais úmidos do Brasil é dizer que a Bahia é um lugar muito úmido.

Convém observar, contudo, que continuaria havendo um elemento em destaque se a estrutura comparativa fosse *A Bahia é o lugar mais úmido do Brasil*, com a diferença de que, nesse último caso, a força intensiva é maior, em razão de a noção de destaque vir reforçada pela noção de singularidade.

Já em (8), ao se afirmar que o avião grande é o melhor de todos os meios de transporte, a idéia do conjunto (meios de transporte) é ampliada, por abarcar não só os meios de transporte aéreos mas também outros meios de transporte, tais como os meios de transporte terrestres e os meios de transporte aquáticos, e o sentido de tal construção resulta em se passar a noção de que avião grande é um meio de transporte muito bom, noção esta que vem acompanhada de uma grande força persuasiva.

Em (9), ao se dizer que a Bahia é a cidade mais linda do mundo, a idéia do conjunto (mundo) é ampliada ao máximo, e o sentido daí resultante é o de ser a Bahia extremamente linda, lindíssima. Tal sentido resulta do sema superlativizante existente na expressão *do mundo*, comumente encontrável em certos enunciados do tipo “Ele é o melhor do mundo”, enunciados estes portadores de uma noção hiperbólica capaz de transmitir uma força ilocutória com alto grau de persuasão, maior ainda do que a dos casos anteriormente estudados de comparação relativa.

Fenômeno similar é, de certa forma, encontrável na variante do exemplo (9) que aparece sublinhada no seguinte trecho:

- (10) INF Esse problema de puxar pela criança – “Ah, não deve puxar pela criança.” – , eu acho que isso não funciona muito, porque a criança vai à maternal somente pra brincar, ser educada, aprender a fazer coisas que, em casa, a mãe, às vezes, não tem condições de ensinar – como eu, eu não tinha condições de ensinar muita coisa a ela, porque eu m... passo o dia inteiro na rua, trabalhando; então, ela, na escola, aprendeu muita coisa que eu não tive condições de ensinar a ela: aprendeu a comer, não é, sozinha, porque eu ainda dava comida na boca; aprendeu a fazer o xixi dela no sanitário, que ela não fazia, fazia na fralda. Então, eu acho válido **botar a criança o mais cedo possível na escola.**

(INQ231, INF301, p.152, LINHAS 93-107)

Nos três tipos de superlativo relativo representados pelos exemplos (7), (8) e (9), observa-se ter havido um movimento que vai do *particular* ([...] um dos lugares mais úmidos do Brasil) para o *geral* ([...] a cidade mais linda do mundo). De fato, em “*a Bahia é um dos lugares mais úmidos do Brasil*”, *Brasil* compreende um conjunto bem preciso, particularizante, enquanto que em “*a Bahia é a cidade mais linda do mundo!*”, a noção do conjunto (mundo), amplificada ao máximo, coloca em relevo o elemento comparado (Bahia).

Para concluir, cumpre observar que, de acordo com CUNHA & CINTRA (1985: 253), “a função de superlativo relativo pode ser também desempenhada por um numeral ordinal ou por adjetivos que denotam posições extremas”; e cita dois exemplos (“Bartolomeu Dias foi *o primeiro* navegante que dobrou o Cabo das Tormentas” e “*O Amazonas é o principal* rio do Brasil”) aos quais se pode acrescentar: “Ele foi *o derradeiro* representante do Modernismo”.

14 FRASES INTENSIVAS

14.1 CONSECUTIVAS

14.2 PROPORCIONAIS

14.3 CONCESSIVAS

Frases intensivas são estruturas sintáticas com intensificadores não-integrados à base, capazes de assumir uma conotação intensiva na situação de enunciação. Subdividem-se em frases *consecutivas*, em frases *proporcionais* e em frases *concessivas*, as quais se caracterizam por possuírem um operador de intensidade que possibilita acrescentar um sema de intensidade modificador da substância sêmica sem alterar o sentido do signo modificado, por adotar um procedimento de intensificação *por relação* que põe em relevo estruturas correlativas, e por expressar uma *visão relativa* do locutor.

14.1 CONSECUTIVAS

Entende-se por frase intensiva consecutiva uma estrutura frasal correlativa com conotação intensiva em que o fato expresso na oração subordinada é conseqüência do que se enuncia na oração principal intensificada por um intensificador, conforme ilustra o seguinte exemplo:

- (1) INF E os homens usavam também um traje para festas – eu estou esquecendo agora o nome –, era um paletó branco, avulso, quer dizer, usado com uma calça de qualquer cor, vamos dizer, né, e mangas compridas, naturalmente, né, uma gola assim inteira, parecendo um traje de garçom.

DOC – Hum.

INF – Meu marido tinha, até, (rindo) **esse paletó** e eu... mas **já tem tanto tempo, que eu esqueci o nome.** (rindo)

(INQ159, INF203, p.252, LINHAS 604-614)

Quanto ao exemplo referido, dizer que já se tem tanto tempo (de uso desse palitó), que eu esqueci o nome (dele), corresponde a dizer que se tem muitíssimo tempo de uso desse palitó a ponto de já se ter esquecido o nome dele. Nesse caso tem-se um sintagma intensificador descontínuo, cujo segundo elemento (que eu esqueci o nome dele) indissociável do primeiro (já se tem tanto tempo de uso desse palitó) contribui para reforçar mais ainda a intensidade da noção de tempo, capaz de operar um efeito de sentido hiperbólico extremamente persuasivo.

Nem sempre, porém, a estrutura de frases consecutivas corresponde ao modelo anteriormente descrito, pois podem ocorrer variações, a exemplo da relação consecutiva sem intensivo (Pequeninho que impressiona todos), da frase consecutiva introduzida por DE (Ele parecia um elefante *de* tão gordo) e da relação consecutiva sem QUE (Ele não corria, voava. Não se podia ouvir, tão fraca era a sua voz).

Tem, pois, razão, CALÇADA (1980: 252), ao concluir que

nas consecutivas, com correlativo ou sem ele (gramaticais ou semânticos), a intensificação decorre do conteúdo lexical da subordinada, cujo sentido literal não corresponde à realidade, caracterizando-a por um tom enfático, cujo alto grau é anunciado pelo correlativo presente ou subentendido na oração principal.

14.2 PROPORCIONAIS

Frases intensivas proporcionais são aquelas constituídas de uma estrutura frasal correlativa com conotação intensiva em que o termo antecedente superlativado por um intensificador vai determinar uma in-

tensificação semelhante ou oposta, mas proporcional, no termo consequente. A rigor, seria válido enquadrá-las dentre as comparativas, levando-se em conta o fato de se estabelecer nelas uma comparação dinâmica e gradativa. Essa é a opinião não só de CALÇADA (1980: 235) como também de MARTINS (1967: 213), para quem a frase proporcional ou comparação proporcional “ocorre quando se estabelece entre duas orações com advérbio de intensidade indicando ação progressiva, uma proporção direta ou inversa”.

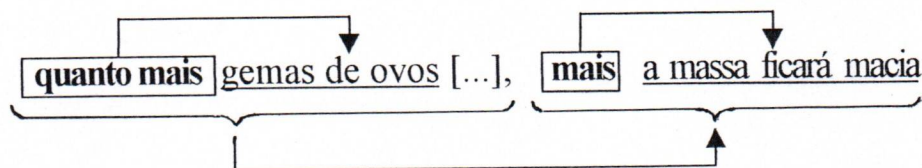
No *corpus*, encontram-se, dentre outros, poucos, o seguinte tipo representativo de frase intensiva proporcional:

- (2) INF E gema de ovo, **quanto mais gemas de ovos forem colocadas nessa massa, mais a massa ficará macia.**

(INQ081, INF089, p.183-184, LINHAS 274-276)

Aqui, a informante está se referindo à massa com a qual se faz o ravióli, conhecido prato da cozinha italiana, revelando que a intensidade da suavidade da massa está diretamente relacionada com a quantidade de gemas de ovos que se coloca nela.

Aspectualmente falando, percebe-se, nesse tipo de frase, a natureza progressiva do intensificador, conforme revela o seguinte esquema:



Nesse exemplo não há como negar a presença da gradação no processo de desenvolvimento da suavidade da massa, que cresce em relação a um momento anterior tomado como ponto de partida, com a intensificação decorrendo da presença do intensificador responsável pela progressão, atuando sobre a base intensificada (gemas de ovos). Daí se poder concluir, afirmando com MARTINS (1967: 213), que a frase proporcional nada mais é do que uma comparação proporcional correlativa que indica uma ação progressiva. Para ela, tais construções se prestam para a “expressão de contradições, paradoxos, ironia”. Aqui, particularmente, funciona como mecanismo altamente sugestivo, capaz de mover o alocutário a aderir à opinião da informante sobre a importância de se aumentar a dosagem das gemas de ovos para se obter uma massa bem macia e, portanto, excelente.

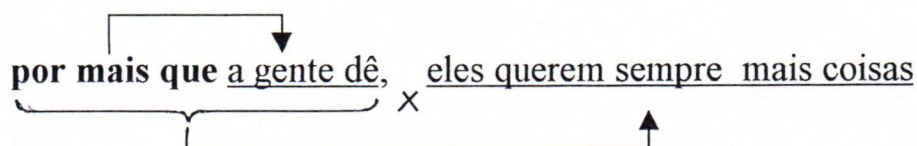
14.3 CONCESSIVAS

Frases intensivas concessivas são aquelas constituídas de uma estrutura frasal correlativa com conotação intensiva em que a oração antecedente superlativada por um intensificador vai se opor à oração conseqüente, como ilustra o seguinte trecho:

- (3) INF – Agora, condições do hospital não ter pra oferecer ao estudante, isso aí precisava que o estudante também... Exige muita coisa, né? Eles querem sempre... **por mais que a gente dê, eles querem sempre mais coisas, né?**

(INQ231, INF301, p.155-156, LINHAS 234-238)

As concessivas intensivas, segundo SAID ALI (1927: 191), *apud* KURY (1985: 93), “se referem a uma qualidade ou modalidade qualquer, consideradas em grau intensivo e sem limites. Caracterizam-se pelas expressões *por mais... que*, *por muito... que*, ou simplesmente *por... que*, eliminando as palavras *mais* ou *muito*”. Nesse caso tem-se, segundo FÁVERO (1991), um mecanismo de coesão seqüencial *stricto sensu* denominado operador discursivo do tipo *contrajunção*, exatamente por articular seqüencialmente frases cujos conteúdos se opõem. Tais frases, conforme esclarece FUENTES RODRÍGUEZ (1996: 31), “suponen una estructura causativa violada por los hechos”², além de operarem “una contraposición entre la conclusión esperada y la que se produce”³, como muito bem elucidada o seguinte esquema:



O efeito de sentido resultante da construção sintática concessiva nesse enunciado é inequivocamente intensivo. De fato, dizer que por mais que a gente dê, eles (os estudantes de Medicina) querem sempre mais coisas, corresponde a dizer, conotativamente falando, que eles querem muito, que eles querem demais. A noção que o enunciado passa é a de que eles (os estudantes) são insaciáveis, possuem um elevado grau de exigência em termos de condições de trabalho no hospital. Tal noção hi-

² “supõem a existência de uma estrutura causativa violada pelos fatos”

³ “uma oposição entre a conclusão esperada e a que se produz”

perbólica é possível não só em decorrência do jogo opositivo típico de tais construções, conforme foi comentado anteriormente, como também pela inserção do intensificador freqüencial *sempre* na parte terminal do enunciado, procedimentos estes evidentemente argumentativos, dotados que são de uma elevada força ilocutória.

A apreciação das frases intensivas aqui mencionadas revela não só o quanto tais construções são altamente expressivas como também que a própria língua dispõe de mecanismos argumentativos próprios para realizar a interação ou persuasão interpessoal na situação de interlocução, reforçando, assim, a “tese defendida por Ducrot, Anscombre e Vogt de que a argumentatividade não constitui apenas algo acrescentado ao uso lingüístico, mas, pelo contrário, está inscrita na própria língua” (KOCH, 1996: 104).

CONCLUSÃO

A sistematização dos processos de intensificação encontrados na norma urbana culta de Salvador oferece a descrição, se não completa, pelo menos bem ampla, do fenômeno da intensificação no português falado por uma faixa representativa de falantes cultos entrevistados no período de 1974 a 1978. Tal pesquisa revela não só a alta incidência de intensificadores na conversação, levando-se em conta que em apenas oito horas e quarenta e quatro minutos de diálogo gravado dos doze inquiridos do *corpus* foram encontrados aproximadamente dois mil intensificadores, numa frequência média de quase quatro intensificadores por minuto, como também a riquíssima variedade e a grande quantidade de operadores da intensidade existentes na língua portuguesa, bem superior à encontrada na gramática tradicional. Além disso, serve também para evidenciar tanto a importância quanto a verdadeira natureza dos processos de intensificação no português coloquial, conforme se verá sumariamente nos próximos parágrafos, veiculadores de não todas (para não ser tautológico ou redundante) mas das principais conclusões às quais se chegou no decorrer deste trabalho.

Sobre os lexemas operadores da intensidade, apesar de serem comumente ignorados pela gramática escolar, com exceção de alguns adjetivos, viu-se que são intensificadores por natureza ou por transferência de sentido (ou de categoria), dentre os quais se destacam os adjetivos, não só pela variedade como também por sua numerosa quantidade, capazes até de formarem séries gradativas complexas, a exemplo de “*divino* ← *deslumbrante, espetacular, belo, lindo, gracioso/formoso, bonito, simpático, feio* → *horroroso*”. Tais lexemas nada mais são do que lexias simples, reveladoras de uma visão global ou relativa do locutor, que se caracterizam por possuir um intensificador integrado na base. Outrossim, não se pode ignorar que os *lexemas verbais* operadores da intensidade,

sendo, a rigor, *categoria do discurso*, e não *classe de palavra*, têm um comportamento similar ao dos *lexemas adjetivais* operadores da intensidade, o que vem confirmar a opinião defendida por GOMES (1994: 3), fundada na visão aristotélica das categorias gramaticais do discurso, de que ambos desempenham o mesmo papel discursivo, isto é, são termos *secundários* e determinantes do termo *primário* (o substantivo ou SN), como acontece, respectivamente, em “crianças *sadias*” e “crianças *sadias dormem*”.

Os gramemas presos prefixais, da mesma forma que os *lexemas adjetivais*, podem funcionar tanto como operadores de intensidade não-integrados à base quanto como operadores de intensidade integrados à base, e se caracterizam por expressarem uma visão global ou relativa do locutor. Além disso, apresentam um comportamento similar ao dos adjetivos, se for considerado o fato de que o prefixo está para o radical ao qual se prende assim como o adjetivo está para o substantivo, além de se organizarem também em séries gradativas através das quais expressam diversos níveis de intensificação, como é o caso da série “*hiperdesenvolvido, superdesenvolvido, desenvolvido, semidesenvolvido, subdesenvolvido*”.

Os gramemas presos sufixais comparativos, dentre os quais os mais comuns são -INHO e -ÃO, são mecanismos que se prestam muito mais para a expressão de outros aspectos da linguagem, tais como a subjetividade e a afetividade do locutor, do que para a expressão apenas da intensificação. No *corpus*, a ocorrência do sufixo -ÃO é rara, enquanto que a do sufixo -INHO é predominante, principalmente entre informantes do sexo feminino que o empregam quatro vezes mais do que os informantes do sexo masculino, caracterizando desse modo uma

inquestionável peculiaridade sexoletal, principalmente levando-se em conta a natureza emotiva de tais sufixos.

Os gramemas presos sufixais superlativos são intensificadores por natureza (*boníssimo*) ou por transferência gramatical (*doidamente apaixonado*) que se caracterizam (na maioria dos casos) por expressarem uma visão global do locutor e serem de natureza hiperbólica. A análise dos dados revela ainda que o superlativo absoluto sintético, comumente formado pelo prefixo -ÍSSIMO, apesar de ser menos usado, é portador de uma força intensiva maior do que a do superlativo absoluto analítico formado pelo intensificador MUITO, fato este observável também no espanhol, segundo depoimento de REBOLLO TORÍO (1983: 194). Por outro lado, os gramemas presos sufixais superlativos por transferência (-MENTE), possíveis de serem subdivididos em *totalizantes*, *absolutos*, *relativos* e *reforçadores*, evidenciam não só serem mais complexos do que os por natureza, como também o fato de nem sempre serem formadores de advérbios, e muito menos de advérbios de modo, como comumente se pensa. Isso se explica levando-se em conta que algumas lexias em -MENTE são, na realidade, *denotativos de intensidade* (ou *intensificadores*) e não advérbios, uma vez que apresentam características próprias que os impedem de serem enquadrados dentre os advérbios propriamente ditos (os de *lugar*, *tempo* e *modo*). Outrossim, tais sufixos, além de formarem intensificadores que têm afinidade com os adjetivos e de poderem funcionar como modalizadores do discurso, a exemplo de “*Felizmente* ela chegou”, nem sempre desempenham o papel de superlativos, como ocorre em “Criança *gravemente* enferma”, já que podem funcionar tanto como reforçadores da intensidade (Melhoraram muito *realmente*), quanto como atenuadores da intensidade (Remédio *praticamente* abolido).

Os gramemas livres operadores da intensidade por natureza, comumente tidos como advérbios de intensidade, não são, a rigor, advérbios, como facilmente se pode observar ao se fazer uma análise dos exemplos encontrados no *corpus*. Apesar de terem afinidade com os adjetivos, assim como ocorre com os prefixos intensivos, melhor seria incluí-los, de acordo com BOMFIM (1988: 68), dentre “as palavras denotativas, como *intensificadores*”. Também, caracterizam-se por serem os mais numerosos dentre os intensificadores; por subdividirem-se em *indefinidos*, passíveis de se organizarem numa escala gradativa de valores a partir de um ponto neutro (ou médio) de partida (*demais, muito, bastante, meio, quase, pouco*), e em *comparativos* (*mais, tão/tanto, como, menos*), que respondem por uma série de efeitos de sentido; e por serem comumente encontrados em construções superlativas ou comparativas e no interior de estruturas mais complexas do tipo *Estou mais endividado do que você*.

Os gramemas livres operadores da intensidade por transferência de sentido são constituídos no *corpus* por artigos no singular, certos pronomes demonstrativos (*aquela, aqueles*), certos pronomes indefinidos (*cada, todo*) e certos numerais susceptíveis de funcionarem como intensificadores.

Os gramemas livres reforçadores da intensidade, ao contrário dos intensificadores anteriormente mencionados, não operam por si mesmos a intensidade, conforme ficou evidente nos trechos examinados, antes desempenham o duplo papel de *argumentadores* e de *amplificadores* ou *atenuadores* da intensificação mediante o reforço de uma intensidade dada a uma apreciação, reforço este capaz de criar uma *isotopia intensiva*. Dentre eles, foram registrados ATÉ, NEM, ALÉM DE, AINDA, ENTÃO, POUCO A POUCO, CADA VEZ, CADA DIA (que in-

introduzem um argumento mais forte do que o precedente, dando uma orientação progressiva); TAMBÉM (que funciona como um reforço produzido pelo resultado da adição de dois argumentos); ALIÁS (que aparece como um parêntese que se abre para se fazer um esclarecimento); MAS, ANTES (que funcionam como morfemas capazes de realizar uma inversão de argumentos); e SÓ, APENAS (que indicam restrição). Daí serem classificados em *progressivos*, *aditivos*, *parentéticos*, *inversores de argumento* e *restritivos*, respectivamente.

As construções sintagmáticas enfáticas com conotação intensiva analisadas foram as por inversão, por inserção de uma expressão enfática, e por repetição. Tal análise serviu para confirmar a hipótese de que tais construções, ligadas a determinadas situações enunciativas, adquirem uma conotação intensiva, fato este igualmente observável em relação às lexias complexas metafóricas com conotação intensiva, às estruturas comparativas com conotação intensiva e às frases intensivas.

As lexias complexas metafóricas com conotação intensiva serviram para mostrar a sua força ilocutória bastante acentuada, o que lhes possibilita funcionar como operadores pragmáticos da linguagem por excelência, dentre outros encontrados na situação enunciativa. Tais lexias nada mais são do que intensificadores metafóricos integrados ou não na base que têm como característica o fato de expressarem uma visão global do locutor, levando-se em conta algumas peculiaridades, tais como o tipo de associação de idéias, a imagem associada como produto de uma coletividade e a implicação do locutor e do alocutário.

As estruturas comparativas com conotação intensiva mostram um tipo de estrutura sintática com intensificador não-integrado à base capaz de acrescentar um sema de intensidade modificador da substância sêmica sem alterar o sentido do signo modificado. Isso ocorre

dentro de uma construção na qual a intensidade resulta sobretudo do efeito de sentido intensivo manifesto numa determinada situação enunciativa. Tais estruturas estão sistematizadas em construções conotativas com conotação intensiva por repetição ou acumulação do elemento comparante, pelo emprego do comparativo de igualdade, pelo emprego do comparativo de superioridade e pelo emprego do superlativo relativo. Caracterizam-se, ainda, por expressarem uma visão relativa do locutor e, ao contrário de todos os processos de intensificação mencionados anteriormente, por adotarem um procedimento de intensificação por relação capaz de pôr em relevo estruturas correlativas. Isso posto, não cabe, então, a designação *grau comparativo*, comumente usada, e muito menos *grau superlativo relativo*, já que comparação não é grau, mas sim um processo mediante o qual é possível expressar determinado grau.

As frases intensivas, subdivididas em *consecutivas*, *proporcionais* e *concessivas* (sem falar nas *comparativas*, estudadas em capítulo à parte, dada a sua complexidade) se caracterizam não só por serem estruturas sintáticas com intensificadores não-integrados à base, capazes de assumir uma conotação intensiva na situação de enunciação, como também por adotarem um procedimento de intensificação por relação que pode, às vezes, pôr em relevo estruturas correlativas. Entre elas, as consecutivas evidenciam serem estruturas correlativas em que o fato expresso na oração subordinada é conseqüência do que se enuncia na oração principal intensificada por um intensificador. Observa-se, todavia, que a intensificação decorre, nesse caso, do conteúdo lexical da subordinada. As proporcionais demonstram serem mais propriamente comparações proporcionais correlativas que expressam ação progressiva. Já as concessivas, constituídas de uma estrutura frasal correlativa com conotação intensiva em que a oração antecedente superlativada por um intensi-

onar com um conjunto de pontos sistematicamente ordenados numa escala de valores.

Sobre a intensificação, os fatos mostram ainda que ela pode ser *neutra*, ao corresponder ao ponto neutro (ou grau médio), como se tem em “pimentão *vermelho*”, isto é, *nem muito nem pouco vermelho*; e *nula*, ao corresponder a uma negação de uma noção semântica expressa por qualquer elemento lingüístico intensificável, como se encontra no enunciado “pimentão *nada* vermelho”.

A análise dos processos de intensificação na norma urbana culta de Salvador conduz à conclusão de ser a língua falada não só veiculadora de ideologia como também particularmente afetiva, com tal afetividade refletindo o desejo que tem o locutor de interagir no meio social, influir persuasivamente o alocutário de modo a impressioná-lo, empolgá-lo, comovê-lo, envolvê-lo, apaixoná-lo, seduzi-lo e instigá-lo. Assim ele poderá induzir o ouvinte a mudar de conduta e/ou de opinião e/ou de atitude, enfim, a agir de conformidade com o propósito do locutor. Isso explica a natureza argumentativa da linguagem, a qual se manifesta através de inúmeros recursos lingüísticos denominados operadores argumentativos ou discursivos, dentre os quais merecem destaque os processos de intensificação (abundantes na conversação), e conduz à conclusão da dupla característica (*afetiva* e *argumentativa*) dos intensificadores.

Nos textos analisados ficou evidente que os *processos de intensificação* nada mais são do que *operadores pragmáticos* da linguagem, isto é, *estratégias retóricas* intimamente relacionadas com a atividade argumentativa, mais precisamente com a idéia de *força argumentativa*, empregados com o propósito, dentre outros, de expressar o grau de apreciação, manipular (impressionando o alocutário) e persuadir; reve-

lando, desse modo, a intenção da fala. Eles se inserem na linguagem racional, a qual “nos permite pensar con palabras y comunicar esos pensamientos, o palabras pensadas, en procesos interactivos de comunicación, con los que realizamos acciones que afectan y dejan sedimento en nuestros prójimos”¹ (LÓPEZ EIRE, 1998: 24).

A intensificação possui a capacidade de impactar o alocutário, de provocar estranhamentos, ou melhor, inovações insólitas, e, desse modo, sem comprometer a compreensibilidade da mensagem, conseguir que o ouvinte, preso à admiração e deleite de tal procedimento, dê maior crédito ao conteúdo da mensagem intensificada; escute-a com atenção e prazer; tenha boa disposição para julgar as opiniões nela defendidas; e chegue até a comover-se, ao perceber argumentos cheios de emotividade. Por conseguinte, conteúdos de certas mensagens não têm, necessariamente, a ver com a realidade, em termos de traduzirem-na fielmente, mas com a verossimilitude. A propósito, diz RAITER (1995: 87) que “en un análisis macrosocial del funcionamiento del lenguaje, el lingüista debe prestar atención a las estrategias empleadas para la construcción de verosimilitudes; la determinación de la falsedad o la verdad de los enunciados formará parte de un análisis que excede el ámbito del lenguaje”², denominando esse tipo de verossimilitude, presente nas imagens que os ouvintes constroem a partir dos estímulos lingüísticos, de *para-realidade discursiva*, e observando que todo labor de persuasão parte dessa para-realidade compartilhada.

¹ “nos permite pensar con palabras e comunicar esses pensamentos, ou palavras pensadas, em procesos interativos de comunicação, através dos quais realizamos ações que afetam e deixam marcas em nossos próximos”

² “numa análise macro-social do funcionamento da linguagem, o lingüista deve prestar atenção às estratégias empregadas para a construção de verossimilitudes; a determinação da falsidade ou a verdade dos enunciados fará parte de uma análise que ultrapassa o âmbito da linguagem”

Ante o exposto, não há como negar que o emprego de um intensificador revela, além da noção de grau, certa subjetividade e certa relatividade decorrentes de parâmetros ligados à experiência de cada um, da posição que o locutor assume perante uma determinada apreciação, que pode tomar uma dentre duas direções, a partir de um ponto neutro: para cima, quando o locutor transmite de forma veemente seus sentimentos, destacando ou intensificando uma noção com ênfase ou exagero, como ocorre nas hipérboles; e, para baixo, quando atenua uma noção para expressar cortesia, como acontece no eufemismo. Esse caráter relativo intimamente ligado à subjetividade dos intensificadores (que faz com que, por exemplo, para um mesmo trabalho escolar feito por um aluno, um professor o considere bom e outro o considere regular) é que vai fazer com que a apreciação adquira um valor argumentativo. É por isso que se diz que paralelamente a uma escala gradativa ou de valores (ligada ao componente lingüístico) há uma escala argumentativa (ligada ao componente retórico, às intenções do locutor).

O estudo da intensificação, como facilmente se pode perceber, revela que os operadores de intensidade são dotados de valor conotativo, por ser a conotação o sentido afetivo do discurso, isto é, a capacidade de impressionar favoravelmente ou desfavoravelmente. Nesse caso, a intensificação se insere no âmbito da Estilística, pois, de acordo com CÂMARA Jr., *apud* MARTINS (1967: 3), o “estilo é a linguagem que transcende do plano intelectual para carrear a emoção e a vontade”; observando, todavia, que, ao *plano intelectual*, corresponde a função referencial; à *emoção*, a função emotiva; e à *vontade* (ou intenção do falante para influir sobre as pessoas), a função apelativa. Daí, com base nos enunciados colhidos no *corpus*, pode-se concluir não só acerca da existência da conotação no discurso, a partir de um *grau médio* (denotação)

que é puramente teórico, uma vez que é difícil se conseguir obter enunciados absolutamente neutros, como também que os processos intensificacionais desempenham as funções *referencial*, *emotiva* e *conativa*.

Os procedimentos analisados permitem reconhecer afinidades existentes entre os intensificadores e os modalizadores, pois assim como os modalizadores (ou *modus*) constituem estratégias mediante as quais o sujeito falante manifesta o seu julgamento sobre o *dictum*, os intensificadores constituem estratégias mediante as quais o sujeito falante manifesta a sua opinião em termos intensificacionais sobre o enunciado ou parte dele, variável da intensidade máxima, onde se dá a entender mais do que realmente se diz, para a intensidade mínima, onde se mitiga a força ilocutória de uma ação, palavra ou expressão. Sendo assim, é possível se afirmar que a intensificação seria uma variedade de modalização capaz de aumentar ou mitigar a força ilocutória de, por exemplo, um enunciado, como se tem em “Choveu *copiosamente*”; e também de possibilitar a marcação do grau de adesão ou distanciamento do enunciatador em relação a um determinado conteúdo proposicional, a exemplo de “Choveu *bastante*”, “Choveu *pouco*”, “Choveu *pouquíssimo*”, etc.

No âmbito da sintaxe, ao contrário dos advérbios, esta pesquisa serviu também para confirmar não terem os intensificadores relevância, exatamente por não serem constituintes indispensáveis da estrutura oracional. Frases como “Berenice comprou banana *demais*”, “Berenice comprou *muita* banana”, “Berenice comprou *bastante* banana” e “Berenice comprou *pouca* banana”, se forem analisadas sintaticamente, irão refletir uma mesma estrutura, correspondente à encontrável na frase “Berenice comprou banana”. Todas elas pertencem ao mesmo padrão frasal, representado pelo esquema S + VT + OD (SUJEITO + VERBO TRANSITIVO + OBJETO DIRETO). Por conseguinte, os intensificadores

(muitas vezes empregados subjetivamente e/ou impressionisticamente) podem ser suprimidos do contexto frasal sem grande comprometimento para a mensagem formulada.

Finalizando esta já longa conclusão, pode-se dizer que a intensificação tem o seu lugar e a sua importância, reveladora que é tanto da natureza racional quanto da natureza emocional do ser humano; tanto da argúcia argumentativa, de certa forma impregnada também de emoção, quanto da criatividade na manipulação desses recursos.

BIBLIOGRAFIA

- ALBALADEJO MAYORDOMO, Tomás. **Retórica**. Madrid, Síntesis, 1991. (Colección Lingüística, 14)
- ALCINA FRANCH, Juan & BLECUA, José Manuel. **Gramática española**. 3. ed. Barcelona, Ariel, 1982.
- ALMEIDA, Maria Lúcia Pacheco de. **Como elaborar monografias**. Belém, Universidade Federal do Pará, 1981.
- ALONSO, Amado. "Noción, emoción, acción y fantasía en los diminutivos". In: _____. **Estudios lingüísticos: temas españoles**. 3. ed. Madrid, Gredos, 1967, p.161-187.
- ÁLVAREZ MARTÍNEZ, Maria Ángeles. **El adverbio**. 2. ed. Madrid, Arco/Libros, 1994. (Cuadernos de Lengua Española)
- ALVES, Ieda Maria. Observações sobre a prefixação intensiva no vocabulário da publicidade. **Alfa**. Marília, 24: 9-14, 1980.
- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Trad. de Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro, Tecnoprint [s.d.]
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: história e literatura**. São Paulo, Ática, 1995. (Série Princípios, 246)
- BACK, Eurico & MATTOS, Geraldo. **Gramática construtural da língua portuguesa**. São Paulo, FTD, 1972.
- BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lahud *et alii*. São Paulo, Hucitec, 1979.
- BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. 3. ed. Paris, Klincksieck, 1951.
- BARANOW, Ulf Gregor (coord.). **Bibliografia indexada de dissertações e teses em letras e lingüística defendidas em universidades brasileiras**. Recife, ANPOLL, 1990.
- BARBOSA, Maria Aparecida. **Língua e discurso: contribuição aos estudos semântico-sintáticos**. 2. ed. rev. São Paulo, Global, 1981.

- BARBOSA, Osmar. **Grande dicionário de sinônimos e antônimos.** Rio de Janeiro, Tecnoprint [s.d.]
- BARRETO, Mário. **Novos estudos da língua portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro, Presença, 1980.
- BARROS, Diana Luz Pessoa. **Teoria semiótica do texto.** São Paulo, Ática, 1990. (Série Fundamentos, 72)
- BARROS, Eneas Martins. **Nova gramática da língua portuguesa.** São Paulo, Atlas, 1985.
- BARROS, Maria Ruth de Souza. **O sufixo -INH(O) no português moderno: seu emprego por Raul Bopp.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1974.
- BAYLON, Christian & FABRE, Paul. **La semántica** (con ejercicios prácticos y sus soluciones). Trad. de Maria Teresa Valbuena. Barcelona, Paidós Ibérica, 1994.
- BEAUD, Michel. **L'art de la thèse: comment préparer et rédiger une thèse de doctorat, un mémoire de DEA ou de maîtrise ou tout autre travail universitaire.** Paris, Éditions la Découverte, 1990.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Lucerna, 1999.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral.** Trad. de Maria da Glória Novak e Luiza Neri; rev. do Prof. Isaac Nicolau Salum. São Paulo, Nacional/EDUSP, 1976. (Biblioteca Universitária, 8)
- BERTHELON, Christiane. **L'expression du haut degré en français contemporain.** Berne, A. Francke, 1955.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Dicionário contemporâneo de português.** Petrópolis, Vozes, 1992.
- BOBES NAVES, María del Carmen. **La semiología.** Madrid, Síntesis, 1989. (Colección Lingüística, 12)

- BOMFIM, Eneida. **Advérbios**. São Paulo, Ática, 1988. (Série Princípios, 129)
- BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos lingüísticos**. 9. ed. São Paulo, Nacional, 1986. (Letras e Lingüística, 3)
- BOSQUE, Ignacio. **Las categorías gramaticales: relaciones y diferencias**. Madrid, Síntesis, 1991. (Colección Lingüística)
- BOUSOÑO, Carlos. **Teoría de la expresión poética**. Madrid, Gredos, 1956.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 4. ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 1995.
- _____. "Pragmática Lingüística: delimitação e objetivos". In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo, Humanitas/FFLCH-USP, 1997, p.161-182.
- BRIZ, Antonio. Los intensificadores en la conversación coloquial. In: SIMPOSIO SOBRE ANÁLISIS DEL DISCURSO ORAL (Pragmática y gramática del español hablado), 2, Valencia, 1995. **Actas**. Zaragoza, Libros Pórtico, 1996-A, p.13-36.
- _____. **El español coloquial: situación y uso**. Madrid, Arco/Libros, 1996-B. (Cuadernos de Lengua Española)
- BUENO, Francisco da Silveira. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 5. ed. São Paulo, Saraiva, 1958.
- CALÇADA, Guiomar Franganiello. **Processos de intensificação na linguagem das farsas de Gil Vicente**. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1980.
- _____. O valor intensivo dos demonstrativos nas farsas de Gil Vicente. In: SEMINÁRIOS DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 18, São Paulo, 1989. **Anais**. Lorena, FATEA, 1989, p.204-212.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. Noções de estilística (súmula). **Littera**, Rio de Janeiro, 1 (2): 87-92, maio/ag. 1971.

- _____. **Estrutura da língua portuguesa.** 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1972.
- _____. **História e estrutura da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, Padrão, 1975.
- _____. **Dicionário de lingüística e gramática.** 8. ed. Petrópolis, Vozes, 1978.
- _____. **Problemas de lingüística descritiva.** 11. ed. Petrópolis, Vozes, 1984.
- CARREIRA, Maria Helena Araújo. **Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais.** Paris, Éditions Peeters, 1997. (Bibliothèque de l'Information Grammaticale, 37)
- CARVALHO, Castelar de. **Lógica e psico-lógica dos diminutivos.** Dissertação de Mestrado. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1976.
- CARVALHO, Nelly. **A palavra é.** Recife, Liber, 1999.
- CASADO VELARDE, Manuel. **Introducción a la gramática del texto del español.** 2. ed. Madrid, Arco/Libros, 1995. (Cuadernos de Lengua Española)
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de & CASTILHO, Célia M. M. de. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo. **Gramática do português falado II.** 3. ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 1996, p.213-260. (Série Pesquisas)
- CHARAUDEAU, Patrick. **Grammaire du sens et de l'expression.** Paris, Hachette, 1992.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão.** 4. ed. São Paulo, Ática, 1989. (Série Princípios, 17)
- _____. **O texto argumentativo.** São Paulo, Scipione, 1994. (Série Ponto de Apoio)

- COHEN, Jean. **Estrutura da linguagem poética.** Trad. de Álvaro Lorencini e Anne Arnichaud. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1974.
- COSERIU, Eugenio. **Lições de lingüística geral.** Trad. de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980. (Coleção Lingüística e Filologia)
- _____. **O homem e a sua linguagem.** Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro, Presença/EDUSP, 1982.
- COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português.** São Paulo, Contexto, 1990. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)
- COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo.** São Paulo, Ática, 1991. (Série Princípios, 199)
- CRESSOT, Marcel. **O estilo e as suas técnicas.** Trad. de Madalena Cruz Ferreira. Lisboa, Edições 70, 1980.
- CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética.** Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís Felipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- DANTAS, Francisco de Assis. "Muito", em face da quantificação e da intensificação. **Cadernos do Mestrado em Letras.** João Pessoa, 1 (1): 36-44, jul. 1986.
- DEQUI, Francisco. **Sintagramática: identificação de determinantes e determinados.** 3. ed. Canoas, EDIPUC, 1981.
- DUARTE, Paulo Mosânio Teixeira. **A formação de palavras por prefixo em português.** Fortaleza, EUFC, 1999.

- DUBOIS, Jean *et alii*. **Dicionário de lingüística**. São Paulo, Cultrix, 1978.
- DUCROT, Oswald. **Dire et ne pas dire: principes de sémantique linguistique**. Paris, Hermann, 1972.
- _____. **La preuve et le dire**. Paris, Mame, 1973.
- _____. **O dizer e o dito**. Trad. de Eduardo Guimarães. Campinas, Pontes, 1987. (Linguagem/Crítica)
- EZARANI, Elza Sayegh. **Formações X-inho na fala carioca**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.
- FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo, Ática, 1991. (Série Princípios, 206)
- FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Lingüística textual: uma introdução**. 3. ed. São Paulo, Cortez, 1994.
- FERRAZ MARTÍNEZ, Antonio. **El lenguaje de la publicidad**. Madrid, Arco/Libros, 1996. (Cuadernos de Lengua Española)
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Leitura crítica da gramática escolar sob a ótica lingüístico-ideológica**. **Letras & Letras**, Uberlândia, 2 (1): 47-62, mar. 1986.
- FILINICH, Maria Isabel. **Enunciación**. Buenos Aires, EUDEBA, 1999. (Enciclopedia Semiológica)
- FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo, Ática, 1988. (Série Princípios, 137)
- _____. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo, Contexto/EDUSP, 1989. (Repensando a Língua Portuguesa)

- _____. **As astúcias da enunciação:** as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo, Ática, 1996. (Ensaio, 144)
- FIORIN, José Luiz & SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de texto:** leitura e redação. São Paulo, Ática, 1996.
- FROMKIN, Victoria & RODMAN, Robert. **Introdução à linguagem.** Trad. de Isabel Casanova. Coimbra, Almedina, 1993.
- FUENTES RODRÍGUEZ, Catalina. **La sintaxis de los relacionantes supraoracionales.** Madrid, Arco/Libros, 1996. (Cuadernos de Lengua Española)
- GALERY, Ivana V. **Os prefixos intensivos em “Grande Sertão: Veredas”.** Tese de Doutorado. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1969.
- GOMES, José Maria Barbosa. “O advérbio: uma categoria gramatical mal compreendida”. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 1994. [Cópia xerografada].
- GONZÁLEZ CALVO, José Manuel. Sobre la expresión de lo “superlativo” en español (I). **Anuario de Estudios Filológicos,** Cáceres, 7: 173-205, 1984.
- _____. Sobre la expresión de lo “superlativo” en español (II). **Anuario de Estudios Filológicos,** Cáceres, 8: 113-146, 1985.
- _____. Sobre la expresión de lo “superlativo” en español (III). **Anuario de Estudios Filológicos,** Cáceres, 9: 129-153, 1986.
- _____. Sobre la expresión de lo “superlativo” en español (IV). **Anuario de Estudios Filológicos,** Cáceres, 10: 101-131, 1987.
- GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira. Sobre alguns caminhos da Pragmática. **Sobre Pragmática,** Uberaba, 0: 15-29, 1983.
- GUIMARÃES, Elisa. **A articulação do texto.** São Paulo, Ática, 1990. (Série Princípios, 1982)

- _____. "Figuras de Retórica e Argumentação". In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo, Humanitas/FFLCH-USP, 1997, p.145-160.
- GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, Salvador. **Introducción a la semántica funcional**. Madrid, Síntesis, 1992. (Colección Lingüística, 20)
- _____. **Temas, remas, focos, tópicos y comentarios**. Madrid, Arco/Libros, 1997. (Cuadernos de Lengua Española)
- HAUILA, Antonio. **Alguns aspectos da expressividade sufixal em Vila dos Confins**. Dissertação de Mestrado. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1977.
- HAVERKATE, Henk. **La cortesía verbal: estudio pragmalingüístico**. Madrid, Gredos, 1994. (Estudios y Ensayos, 386)
- HAYAKAWA, Samuel Ichiyé. **A linguagem no pensamento e na ação**. Trad. de Jane A. Perticarati. 3. ed. São Paulo, Pioneira, 1977. (Biblioteca Pioneira de Arte e Comunicação)
- HERNÁNDEZ ALONSO, César. **Gramática funcional del español**. 2. ed. Madrid, Gredos, 1992.
- ILARI, Rodolfo. "Sobre os advérbios aspectuais". In: _____ (org.). **Gramática do português falado II**. 3. ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 1996-A, p.151-192. (Série Pesquisas)
- _____. "Sobre os advérbios focalizadores". In: _____ (org.). **Gramática do português falado II**. 3. ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 1996-B, p.193-212. (Série Pesquisas)
- ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. **Semântica**. São Paulo, Ática, 1985. (Série Princípios, 8)
- ILARI, Rodolfo *et alii*. "Considerações sobre a posição dos advérbios". In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Gramática do português falado I**. 3. ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 1996, p.63-141. (Série Pesquisas)

- JAKOBSON, Roman. **Lingüística e comunicação.** Trad. de Izidoro Blinkstein e José Prado Paes. 5. ed. São Paulo, Cultrix, 1971.
- JOTA, Zélio dos Santos. **Dicionário de lingüística.** Rio de Janeiro, Presença, 1976.
- KEHDI, Valter. "As conjugações vivas da língua portuguesa". São Paulo, Universidade de São Paulo, 1991. [Cópia xerografada]
- KEMPSON, Ruth M. **Teoria semântica.** Trad. de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, 1980.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **La connotación.** Trad. de Sara Vassallo y Eduardo Villamil. Buenos Aires, Hachette, 1983. (Colección Hachette Universidad)
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A inter-ação pela linguagem.** 2. ed. São Paulo, Contexto, 1995. (Repensando a Língua Portuguesa)
- _____. **Argumentação e linguagem.** 4. ed. São Paulo, Cortez, 1996.
- _____. **O texto e a construção dos sentidos.** São Paulo, Contexto, 1997. (Coleção Caminhos da Lingüística)
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual.** São Paulo, Contexto, 1990. (Repensando a Língua Portuguesa)
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça *et alii*. "Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado". In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.). **Gramática do português falado I.** 3. ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 1996, p.143-184. (Série Pesquisas)
- KUAE, Laura Kikue Nasuno *et alii*. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses.** São Paulo, Escola Politécnica da USP/Serviço de Bibliotecas, 1991.
- KOVACCI, Ofelia. **El comentario gramatical II.** Madrid, Arco/Libros, 1992. (Colección Bibliotheca Philologica)

- KURY, Adriano da Gama. **Novas lições de análise sintática.** São Paulo, Ática, 1985. (Série Fundamentos, 2)
- KURY, Adriano da Gama *et alii*. **Elaboração e editoração de trabalhos de nível universitário** (especialmente na área humanística). 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.
- LAPA, M. Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa.** 4. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965. (Biblioteca Brasileira de Filologia)
- LEITE, Sandra Semeghini Próspero Gentil. **Processos de intensificação em algumas peças de Martins Pena.** Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1980.
- LEMLE, Miriam. Os quantificadores em português. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA, 2, São Paulo, 1969. *Atas...*, p.93-99.
- LOBATO, José Renato Monteiro. **Fábulas.** 41. ed. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- LOFFLER-LAURIAN, Anne-Marie. "A ênfase na imprensa". *In*: LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro *et alii*. **Análises lingüísticas.** Petrópolis, Vozes, 1975, p.92-147.
- LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. **A intensificação no português: o intensificador e sua expressão.** Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1992.
- _____. "A repetição na língua portuguesa". Salvador, Universidade Federal da Bahia, 1997. [Cópia xerografada]
- LOPES, Oscar. **Gramática simbólica do português.** 2. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.
- LÓPEZ EIRE, Antonio. **La retórica en la publicidad.** Madrid, Arco/Libros, 1998. (Cuadernos de Lengua Española)

- LOUREIRO, Hilma Maria. **Um estudo do morfema intensificador {-íssim-}**. Dissertação de Mestrado. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 1979.
- LUFT, Celso Pedro. **Dicionário gramatical da língua portuguesa**. Porto Alegre, Globo, 1972.
- MAC, María Isabel de Gregorio de & MARTÍNEZ, Esther F. A. **Los actos de lenguaje: más allá de lo dicho**. Buenos Aires, A-Z Editora, 1995.
- MADERO KONDRAT, Maribel. La gradación del adjetivo en el habla culta de la ciudad de México. **Anuario de Letras**, México, 21: 71-118, 1983.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. de Freda Indursky. 2. ed. Campinas, Pontes, 1993. (Linguagem-Crítica)
- MALHEIROS-POULET, Maria Eugênia. **Les expressions d'intensité en portugais du Brésil: étude sémantico-syntaxique**. These de Doctorat. Paris, EHESS, 1983.
- _____. **Les expressions d'intensité en portugais du Brésil: étude sémantico-syntaxique**. Lyon, Université Lyon II, 1984.
- _____. A vitalidade dos sufixos comparativos -ÃO e -INHO. **Palavras**, Lisboa, 9: 1-28, 1986.
- _____. Le suffixe -INHO et la notion d'aspect en portugais. **Les Langues Modernes**, Paris, 0: 124-134, 1989-A.
- _____. La relativité de la valeur sémantique des expressions d'intensité. **Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale**, Paris, 7 (2): 527-537, 1989-B.
- _____. O caráter argumentativo das expressões de intensidade posto em evidência pelos morfemas de reforço. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSISTAS, 3, Coimbra, 1990. **Actas**. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1991, p. 497-511.

- _____. O semantismo das expressões de intensidade em português: efeitos ligados às transformações negativa e interrogativa. **Revista Brasileira de Lingüística**, São Paulo, 8 (1): 81-89, 1995.
- MANNA, Aloizio. **Alguns aspectos da redundância**: comentários estruturais e estilísticos. Dissertação de Mestrado. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1975.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Análise da conversação**. São Paulo, Ática, 1986. (Série Princípios, 82)
- _____. **A repetição na língua falada**: formas e funções. Tese para concurso de Professor Titular. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 1992.
- MARI, Hugo. **A noção de quantidade na língua portuguesa**: estudo das possibilidades de representação formal de alguns de seus aspectos. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1979.
- MARQUES, Maria Emilia Ricardo. **Introdução aos estudos lingüísticos**. Lisboa, Universidade Aberta, 1996.
- MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à semântica**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.
- MARTINEZ AMADOR, Emilio M. **Diccionario gramatical y de dudas del idioma**. Barcelona, Ramón Sopena, 1973.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. Meios de exprimir a comparação no português atual do Brasil. **Alfa**, Marília, 12: 179-224, 1967.
- _____. **A língua portuguesa nas obras infantis de Monteiro Lobato**. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1972.
- _____. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. São Paulo, T.A. Queiroz/EDUSP, 1989. (Biblioteca Universitária de Língua e Lingüística, 8)

- MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra, Almedina, 1983.
- MAURER Jr., Th. Henrique. "Um sufixo de comportamento original: o diminutivo em -zinho (I)". *In*: BARBADINHO Neto, Raimundo (org.). **Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)**. Rio de Janeiro, Simões [s.d.], p.235-246.
- MEILÁN GARCÍA, Antonio José. **Construcciones locativas y cuantitativas**. Madrid, Arco/Libros, 1998. (Cuadernos de Lengua Española)
- MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978.
- MEYER, Michel. **Lógica, linguagem e argumentação**. Lisboa, Teorema, 1982.
- MEYER-HERMANN, Reinhard. Atenuación e intensificación (análisis pragmático de sus formas y funciones en español hablado). **Anuario de Estudios Filológicos**. Cáceres, 11: 275-289, 1988.
- MONTEIRO, José Lemos. **A estilística**. São Paulo, Ática, 1991. (Série Fundamentos, 52)
- MORAIS, Clóvis Barleta de. O comparativo e o superlativo em português. **Alfa**, Marília, 7/8: 89-120, 1965.
- MORENO CABRERA, Juan Carlos. **Fundamentos de sintaxis general**. Madrid, Síntesis, 1994. (Colección Lingüística, 4)
- MOSCA, Lineide do Lago Salvador. "Velhas e novas retóricas: convergências e desdobramentos". *In*: _____ (org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. São Paulo, Humanitas/FFLCH-USP, 1997, p.17-54.
- MOTA, Jacyra & ROLLEMBERG, Vera (orgs.). **A linguagem falada culta na cidade de Salvador: materiais para seu estudo**. Salvador, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, 1994.

- MOTA, Lourenço Dantas. O país do mais ou menos. **Jornal da Tarde**. São Paulo, 13 nov. 1991, p.4.
- MOTTA, Othoniel. **O meu idioma**. 4. ed. São Paulo, Ferraz, 1927.
- NÁÑEZ FERNÁNDEZ, Emílio. **El diminutivo**: historia y funciones en el español clásico y moderno. Madrid, Gredos, 1973.
- NEVES, Maria Helena de Moura. "Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo". In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do português falado II**. 3. ed. Campinas, Editora da UNICAMP, 1996, p.261-296. (Série Pesquisas)
- _____. **Gramática de usos do português**. São Paulo, Editora UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, Maria Manuela Moreno de. **Processos de intensificação no português contemporâneo**. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Filológicos, 1962.
- OLIVEIRA, Mariângela Rios de. **Os processos frásicos de intensificação em Macunaíma**: reiteração e gerúndio. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.
- OLÍVIA, Madre. **Treinamento em análise semântica** (Conjunto 1). 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1979.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2. ed. rev. e aum. Campinas, Pontes, 1987. (Linguagem-Crítica)
- _____. **O que é lingüística**. 4. ed. São Paulo, Brasiliense, 1990. (Coleção Primeiros Passos, 184)
- PEDRO, Emília Ribeiro. "Interação verbal". In: FARIA, Isabel Hub *et alii* (orgs.). **Introdução à lingüística geral e portuguesa**. Lisboa, Caminho, 1996, p.449-475.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva**. 46. ed. São Paulo, Nacional, 1926.

- PERELMAN, Chaim & OLBRECHTS-TYTECA, L. **Traité de l'argumentation**: la nouvelle rhétorique. Bruxelles, Ed. Univ. Bruxelles, 1976.
- PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 2. ed. São Paulo, Ática, 1996.
- PETRI, Maria José Constantino. **Argumentação lingüística e discurso jurídico**. São Paulo, Selinunte, 1994. (Coleção Processos Expressivos da Linguagem)
- PIGNATARI, Décio. **Informação. Linguagem. Comunicação**. São Paulo, Perspectiva, 1969.
- PINILLA, Maria da Aparecida Meireles de. **A intensificação como recurso lingüístico da ficção infantil de Luís Jardim**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979.
- PINTO, Milton José. **As marcas lingüísticas da enunciação**: esboço de uma gramática enunciativa do português. Rio de Janeiro, Numen, 1994.
- PORTO DAPENA, José Álvaro. A propósito de los grados del adjetivo: aportación al estudio del sistema de cuantificación en el adjetivo español. **Boletín del Instituto Caro y Cuervo**, 27: 344-357, 1973.
- POTTIER, Bernard. **Gramática del español**. Trad. de Antonio Quilis. Madrid, Alcalá, 1975.
- _____. **Lingüística geral**: teoria e descrição. Trad. de Walmírio Macedo. Rio de Janeiro, Presença, 1978.
- POTTIER, Bernard *et alii*. **Estruturas lingüísticas do português**. 2. ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.
- PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 2. ed. São Paulo, FFLCH/USP, 1996. (Projetos Paralelos, 1)

- QUIRK, Roudolph *et alii*. **A comprehensive grammar of the english language**. London, Longman, 1985.
- RAITER, Alejandro. **Lenguaje en uso: enfoque sociolingüístico**. Buenos Aires, A-Z Editora, 1995. (Série Ciências del Lenguaje)
- RAMOS, Eládio dos Santos. Grau dos adjetivos. **Revista de Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro, **12** (4): 33-40, mar. 1932.
- REALE, Analia *et alii*. **La argumentación**. Buenos Aires, ARS Editorial [s.d.]
- REBOLLO TORÍO, Miguel A. Cuestiones sobre el grado en español. **Anuario de Estudios Filológicos**, Cáceres, **6**: 191-195, 1983.
- RECTOR, Monica & YUNES, Eliana. **Manual de semântica**. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1980. (Coleção Lingüística e Filologia)
- REHFELDT, Gládis Knak. **Monografia e tese: guia prático**. Porto Alegre, Sulina, 1980.
- REYES, Graciela. **El abecé de la pragmática**. Madrid, Arco/Libros, 1995. (Cuadernos de Lengua Española)
- RISSI, Lurdes Theresinha & FONSECA, Maria Marília Alves da. Estudo sincrônico da prefixação em língua portuguesa. **Legenda**, Rio de Janeiro, **5** (10): 5-13, jan./jul. 1985.
- RIO-TORTO, Graça Maria O. S. Operações derivacionais que envolvem os sufixos -ÃO em português. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, **2**, Lisboa, 1986. **Actas...**, p.105-145.
- _____. Estruturas léxicas de intensificação no português contemporâneo. *In*: CONGRESSO SOBRE A SITUAÇÃO ACTUAL DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO, **1**, Lisboa, 1983. **Actas**. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, p.87-113, vol. II.

- RIVARA, René. **Le système de la comparaison.** Paris, Les Éditions de Minuit, 1990.
- ROCA-PONS, J. **Introducción a la gramática.** 4. ed. Barcelona, Teide, 1976.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português.** Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998. (Coleção Aprender)
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 22. ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1972.
- ROSA, Margaret de Miranda. **Marcadores de atenuação.** São Paulo, Contexto, 1992. (Repensando a Língua Portuguesa)
- ROSA, Maria Carlota Amaral Paixão. **Formação de nomes aumentativos: estudo da produtividade de alguns sufixos portugueses.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.
- _____. Os processos flexional e derivacional. **Legenda.** Rio de Janeiro, **5** (10): 15-18, jan./jul. 1985.
- ROSETTI, Mabel V. Manacorda de & MAC, María I. de Gregorio de. **Los operadores pragmáticos y el acto de lenguaje.** Buenos Aires, Plus Ultra, 1992. (Colección Didáctica del Lenguaje y la Comunicación)
- SAID ALI, Manuel. **Gramática histórica da língua portuguesa.** 7. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971.
- _____. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa.** 3. ed. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1964.
- SANDMANN, Antônio José. O morfema de grau. Sufixo flexional ou derivacional? **Revista Letras,** Curitiba, 20: 134-146, 1972.
- _____. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo.** Curitiba, Scientia et Labor/Ícone, 1988.

- _____. A expressão da pejoratividade. **Revista Letras**, Curitiba, 38: 67-82, 1989-A.
- _____. Gradação. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 18, São Paulo, 1989. **Anais**. Lorena, FATEA, 1989-B, p.565-575.
- _____. **Morfologia geral**. São Paulo, Contexto, 1991. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)
- _____. **Morfologia lexical**. São Paulo, Contexto, 1992. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)
- SANTOS, Irenilde Pereira dos. **Alguns aspectos da estruturação sintático-semântica da quantificação na linguagem literária em português**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1975.
- _____. Para o estudo do quantificador em português. **Leopoldianum**, Santos, 12 (35): 121-126, dez. 1985.
- SAPIR, Edward. "O grau: estudo de semântica". In: _____. **Linguística como ciência: ensaios**. Trad. de J. Mattoso Câmara Jr., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1961. p. 161-203.
- SAYEG, Vilma. **O interrelacionamento semântico-gramatical na quantificação lingüística**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1978.
- SENNA, José Antônio. **Eça de Queiroz e a estilística do adjetivo**. Dissertação de Mestrado. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1980.
- SEPHIHA, H. Vidal. Introduction à l'étude de l'intensif. **Langages**, Paris, 18: 104-120, jun. 1970.
- SIEBERT, Christa Karin. **Contribuição para o estudo dos processos de intensificação da língua portuguesa no Brasil: uma aplicação em "Quincas Borba" de Joaquim Maria Machado de Assis**.

- Dissertação de Mestrado. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1978.
- SILVA, Carly. **Gramática transformacional: uma visão global**. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978. (Linguística e Filologia)
- SILVA, Mônica Rector Toledo. Para uma sistematização do adjetivo. **Littera**, Rio de Janeiro, 3 (7): 60-63, 1973.
- SILVEIRA, Álvaro Ferdinando de Souza da. **Lições de português**. 3. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1937.
- SKORGE, Silvia. Os sufixos diminutivos em português. **Boletim de Filologia**, Lisboa, 16 (1/2): 50-90, 1956.
- _____. Os sufixos diminutivos em português. **Boletim de Filologia**, Lisboa, 16 (3/4): 222-305, 1957.
- _____. Os sufixos diminutivos em português. **Boletim de Filologia**, Lisboa, 17 (1/2): 20-53, 1958.
- SOBEJANO, Gonzalo. **El epíteto en la lírica española**. 2. ed. Madrid, Gredos, 1970.
- SOUZA, Iracema Luiza de. "As problemáticas da enunciação. Breves notas introdutórias". Salvador, Universidade Federal da Bahia [s.d.]. [Cópia xerografada].
- SPINA, Segismundo. **Normas para os trabalhos de grau: um breviário para o estudante de pós-graduação**. 2. ed. melhorada e ampl. São Paulo, Ática, 1984.
- STAUB, Augustinus & REGUEIRA, Pedro Bonilha. A estrutura do superlativo absoluto sintético português. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, 13/14: 70-75, dez. 1973.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo, Ática, 1986. (Série Princípios, 6)
- TAVARONE, Domingo. **Fundamentos de lingüística para maestros y estudiantes de magisterio**. Buenos Aires, Guadalupe, 1992.

- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A repetição na língua oral: tipos, causas e funções. *In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO*, 17, Taubaté, 1988. *Anais*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1989, p.227-238.
- _____. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo, Cortez, 1996.
- TRUJILLO, Ramón. **Introducción a la semántica española**. Madrid, Arco/Libros, 1988. (Colección Biblioteca Philologica)
- _____. **Principios de semántica textual**: los fundamentos semánticos del análisis lingüístico. Madrid, Arco/Libros, 1996. (Colección Bibliotheca Philologica)
- TULLIO, Ángela di. **Manual de gramática del español**. Buenos Aires, EDICIAL, 1997.
- UPPENDAHL, Klaus Hinrich. **A negação em português** (com referências a outras línguas, especialmente o espanhol). Porto Alegre, Editora da UFRS, 1979.
- VANNUCCHI, José Duarte. **Gradação do adjetivo**. Dissertação de Mestrado. Campinas, Pontifícia Universidade Católica, 1976.
- VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**. Trad. e adapt. bras. São Paulo, Martins Fontes, 1979.
- VIEIRA, Leopoldina. **Processos de intensificação nos sermões do Pe. Antônio Vieira**: gramática e léxico. Dissertação de Mestrado. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 1977.
- VIGARA TAUSTE, Ana Maria. **Aspectos del español hablado**: aportaciones al estudio del español coloquial. Madrid, Sociedade General Española de Librería, 1980. (Colección "Problemas Básicos del Español")
- VOGT, Carlos. **O intervalo semântico**: contribuição para uma teoria semântica argumentativa. São Paulo, Ática, 1977.

_____. **Linguagem, pragmática e ideologia.** São Paulo, HUCITEC/FUNCAMP, 1980.

ZAGURY, Eliane. **A palavra e os ecos.** Petrópolis, Vozes, 1971.

ÍNDICE DE AUTORES CITADOS

- Ali (Manuel Said) – v. Said Ali (Manuel)
- Albaladejo Mayordomo (Tomás): 19
- Alcina Franch (Juan) & Blecua (José Manuel): 55, 230, 257, 283, 293
- Alonso (Amado): 119, 122, 135, 141-142
- Anscombe (J. C.): 16, 305
- Aristóteles: 15
-
- Barreto (Mário): 79, 152
- Barros (Eneas Martins): 122, 125, 142, 155
- Bechara (Evanildo): 30, 106, 114, 145, 176, 262
- Benveniste (Émile): 26
- Biderman (Maria Tereza Camargo): 57, 69, 186
- Blecua (José Manuel) – v. Alcina Franch (Juan) & Blecua (José Manuel)
- Bomfim (Eneida): 155, 164, 170-171, 209, 310
- Borba (Francisco da Silva): 16
- Bousoño (Carlos): 261
- Briz (Antonio): 32, 34
- Bueno (Francisco da Silveira): 106
-
- Calçada (Guiomar Franganiello): 230, 232, 301-302
- Câmara Jr. (Joaquim Mattoso): 39, 79, 226, 280, 293, 316
- Carreira (Maria Helena Araújo): 140
- Carvalho (Castelar de): 142
- Carvalho (Nelly): 278
- Castilho (Ataliba T. de) & Castilho (Célia M. M. de): 165, 167
- Castilho (Célia M. M. de) – v. Castilho (Ataliba T. de) & Castilho (Célia M. M. de)
- Charaudeau (Patrick): 25, 29-30, 32, 213
- Cintra (L. F. Lindley) – v. Cunha (Celso) & Cintra (L. F. Lindley)
- Citelli (Adilson): 19
- Cohen (Jean): 257

- Coseriu (Eugenio): 120, 135
Costa (Sônia Bastos Borba): 128, 211
Coulthard (Malcolm): 130
Cressot (Marcel): 120
Culioli (A.): 189
Cunha (Antônio Geraldo da): 86, 258
Cunha (Celso) & Cintra (L. F. Lindley): 106, 114, 283, 297
- Duarte (Paulo Mosânio Teixeira): 110, 114
Dubois (Jean): 28, 251
Ducrot (Oswald): 15-16, 19, 41, 236, 305
- Fávero (Leonor Lopes): 304
Ferreira (Aurélio Buarque de Holanda): 87, 275
Filinich (Maria Isabel): 214
Fiorin (José Luiz): 15-16
Fuentes Rodríguez (Catalina): 304
- Gomes (José Maria Barbosa): 94, 155, 170, 308
González Calvo (José Manuel): 262, 267, 288
Guimarães (Eduardo Roberto Junqueira): 17
Gutiérrez Ordóñez (Salvador): 252
- Haverkate (Henk): 130, 140
Hernández Alonso (César): 285-286, 289, 300
- Ilari (Rodolfo): 158, 170, 185, 209

- Jakobson (Roman): 119
- Koch (Ingedore G. Villaça): 15, 305
- Kovacci (Ofelia): 214
- Kury (Adriano da Gama): 304
- Lakoff (George): 94
- Lamíquiz (Vidal): 267
- Lapa (M. Rodrigues): 155, 262
- Lima (Carlos Henrique da Rocha) – v. Rocha Lima (Carlos Henrique da)
- Lobato (José Renato Monteiro): 123
- Loffler-Laurian (Anne-Marie): 251
- Lopes (Oscar): 43, 129
- López Eire (Antonio): 315
- Lyons (John): 94
- Mac (M^a Isabel de Gregorio de) & Martínez (Esther F. A.): 32
- Malheiros-Poulet (Maria Eugênia): 33, 36, 40, 42, 44-48, 50-51, 55, 57, 125, 131, 133, 145, 151, 160, 186, 235-236, 247, 252, 270, 291
- Marcuschi (Luiz Antonio): 262
- Martínez (Esther F. A.) – v. Mac (M^a Isabel de Gregorio de) & Martínez (Esther F. A.)
- Martinez Amador (Emilio M.): 257
- Martins (Nilce Sant'Anna): 47, 122, 135, 280, 284, 302-303
- Mattoso Câmara Jr. (Joaquim) – v. Câmara Jr. (Joaquim Mattoso)
- Meilán García (Antonio José): 170, 300
- Melo (Gladstone Chaves de): 293
- Meyer-Hermann (Reinhard): 20, 28, 40
- Monteiro (José Lemos): 255
- Monteiro Lobato (José Renato) – v. Lobato (José Renato Monteiro)

- Mosca (Lineide do Lago Salvador): 19, 270
Mota (Jacyra) & Rollemberg (Vera): 17-18
Mota (Lourenço Dantas): 192
Motta (Othoniel): 39
- Náñez Fernández (Emilio): 121, 124, 141-142
Neves (Maria Helena de Moura): 209, 255
Nunes (J. Joaquim): 106
- Olbrechts-Tyteca (L.) – v. Perelman (Chaim) & Olbrechts-Tyteca (L.)
Oliveira (Maria Manuela Moreno de): 141, 156, 262, 268, 294
- Pedro (Emília Ribeiro): 41
Pereira (Eduardo Carlos): 106
Perelman (Chaim) & Olbrechts-Tyteca (L.): 19
Perini (Mário A.): 258
Pignatari (Décio): 263
Pinilla (Maria da Aparecida Meireles de): 55, 141, 259
Pinto (Milton José): 27
Pottier (Bernard): 23-24, 38, 55, 222, 251
- Raiter (Alejandro): 315
Ramos (Eládio dos Santos): 262
Rebollo Torío (Miguel A.): 309
Regueira (Pedro Bonilha) – v. Staub (Augustinus) & Regueira (Pedro Bonilha)
Rio-Torto (Graça Maria O. S.): 30, 38, 44, 107, 115, 121, 128, 137
Roca-Pons (J.): 50
Rocha (Luiz Carlos de Assis): 119

- Rocha Lima (Carlos Henrique da): 106, 114
Rollemberg (Vera) – v. Mota (Jacyra) & Rollemberg (Vera)
Rosa (Margaret de Miranda): 18
Rosa (Maria Carlota Amaral Paixão): 119
Rosetti (Mabel V. Manacorda de) & Mac (M^a Isabel de Gregório de): 34
- Said Ali (Manuel): 146, 304
Sandmann (Antônio José): 39, 49, 107, 114, 120, 123, 125, 127-128, 139, 150, 153, 227
Sepiha (H. Vidal): 33
Silva (Mônica Rector Toledo): 293
Silveira (Álvaro Ferdinando de Souza da): 222
Silveira Bueno (Francisco da) – v. Bueno (Francisco da Silveira)
Skorge (Silvia): 128, 141, 143
Souza da Silveira (Álvaro Ferdinando de) – v. Silveira (Álvaro Ferdinando de Souza da)
Staub (Augustinus) & Regueira (Pedro Bonilha): 259
- Travaglia (Luiz Carlos): 16, 23, 41, 70, 253
Tullio (Ángela di): 287, 300
- Uppendahl (Klaus Hinrich): 177
- Vannucchi (José Duarte): 150, 262, 293
Vogt (Carlos): 16, 243, 286, 305

ABSTRACT

This research describes the intensification processes in spoken Portuguese by cultured informers in Salvador and has the intensification as the appreciation object which situates in the *Argumentative Semantics* scope. Here the intensity operators are considered in their double nature the *formal* and the *functional*. The comprehended universe by this study belongs to the *corpus* of NURC Project/Salvador considered as DID (dialogue between informer and documentator) in textual category. It comprehends twelve inquests six of which with female informers and the other six with male informers in such a way that each inquest corresponds to an average of 40 minutes of engraving and all they have been accomplished from 1974 to 1978. The observation and data collection technique consisted of the printed material reading and in the identification and card register of all found intensifiers in the *corpus*. The intensification in Portuguese language constitutes a very much rich and expressive linguistic mechanism endowed with connotative value among others and has affinity to the modalization. It deals with the subject whose research puts in stave its use directly related to the emotivity grade by language users. Among the raised hypothesis, it's well accentuated the one that in oral discourse besides revealing the speaker's subjectiveness the intensification performs the predominantly persuasive function composing of a manipulative and complex game that has a purpose to let the listener believes in what the speaker announces; and the other one has the intensification besides functioning as a *modulated resource language* (in a referential perspective) can also run as one of *pragmatic language operator* (in an enunciative perspective).

Esta obra foi impressa em papel A-4
pelo sistema de xerocopiagem
e encadernada em Artes Gráficas A Palavra
Pça. Getúlio Vargas, 20 tel (74)621-6771
Jacobina - BA.

Terminou de imprimir-se em dezembro de 2000